

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

KAROLINE BATISTA GONÇALVES

**MIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O PARAGUAI:
TERRITÓRIOS E IDENTIDADES NA COLÔNIA *NUEVA ESPERANZA*
(YBY YAÚ – CONCEPCIÓN)**

**DOURADOS-MS
JULHO 2012**

KAROLINE BATISTA GONÇALVES

MIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O PARAGUAI:
TERRITÓRIOS E IDENTIDADES NA COLÔNIA *NUEVA ESPERANZA*
(YBY YAUÚ – CONCEPCIÓN)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação-
Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências
Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados,
como requisito final para a obtenção do título de Mestre
em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert

Área de Concentração: Produção do Espaço Regional e
Fronteira.

DOURADOS-MS
2012

KAROLINE BATISTA GONÇALVES

**MIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O PARAGUAI:
TERRITÓRIOS E IDENTIDADES NA COLÔNIA *NUEVA ESPERANZA*
(YBY YAÚ – CONCEPCIÓN)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG/UFGD

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador:

Prof. Dr. Jones Dari Goettert (UFGD) _____

1º Examinador:

Prof. Dr. João Fabrini (UNIOESTE) _____

2ª Examinadora:

Profª. Drª. Silvana de Abreu (UFGD) _____

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho só foi possível graças à colaboração de pessoas importantes e especiais que auxiliaram e deram-me forças para alcançar os objetivos dessa pesquisa, pois graças à troca de informações e conhecimento, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o Paraguai, bem como entender os processos que permeiam a trajetória migratória de brasileiros para aquele país.

Primeiramente, agradeço a Deus por me ter dado sabedoria e a oportunidade de realizar um trabalho como este, que contribuirá para o conhecimento de todos os que se interessarem sobre o tema, já que nos últimos anos foram realizados poucos estudos acerca dos brasileiros que vivem no Paraguai, mais especificadamente na cidade de Yby Yaú no Departamento de Concepción.

Agradeço ao professor Jones Dari Goettert pela orientação, colocando sua sabedoria por alguns momentos à minha disposição no desenvolvimento desse trabalho, pois sua colaboração e sugestões foram de fundamental importância para a consecução de todo o projeto.

À minha família, em especial aos meus pais, Anisio e Cleuza, por sempre estarem ao meu lado e por acreditarem em mim, me incentivando e torcendo para que eu alcançasse meus objetivos. Durante essa pesquisa, por mais que encontrasse barreiras, o apoio e o auxílio de minha família foram de fundamental importância para o desenvolvimento desse trabalho.

Ao meu irmão Jasper, por sua colaboração e dedicação em me acompanhar nos trabalhos de campo realizados durante a pesquisa, por percorrer toda a Colônia *Nueva Esperanza*, bem como por me auxiliar durante as entrevistas que foram realizadas na cidade de Concepción. Agradeço à minha irmã Winnie por seu apoio e auxílio durante o levantamento de dados.

Também são dignos de agradecimento aqueles que de alguma forma me ajudaram fornecendo referências bibliográficas, informações e outros dados para que a realização desse trabalho fosse possível. Quero agradecer em especial a Universidade Federal da Grande Dourados pela oportunidade de cursar o Mestrado em Geografia, oferecendo amplo suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço de todo o meu coração a Eliane Tomaz de Matos, que por dois anos ofereceu todo seu apoio, sua presteza e se dispôs a nos auxiliar durante os trabalhos de campo na Colônia *Nueva Esperanza*, pois sem sua ajuda não seria possível realizar etapas

importantes desse trabalho. E estendo minha gratidão à senhora Luzia Tomas de Matos, ao senhor Deraldino Santos de Matos e a todos os brasileiros e paraguaios que formam a colônia, pelos relatos e histórias compartilhadas.

Sou grata ao senhor Nimio Claudio Almirón Yanes (*in memoriam*), por ter nos auxiliado a reconstruir o processo de formação da colônia através de relatos vivenciados pelo mesmo com riqueza de detalhes e fatos.

Um agradecimento em destaque ao geógrafo paraguaio Fabricio Vázquez, por ter nos recebido em Assunção e ter compartilhado seu conhecimento acerca de diversos assuntos, bem como por ter nos auxiliado a compreender diversas facetas que permeiam as relações entre brasileiros e paraguaios. Agradeço oportunamente a ADEPO (Asociación Paraguaya de Estudios de Población) pelas informações partilhadas.

Agradeço aos meus amigos, em especial as minhas amigas Cecília Costa, Lidiane Almeida, Juliana Mota e Cirlani Terenciani por sempre estarem ao meu lado, por compartilharem experiências durante as disciplinas, na participação em eventos, na convivência do dia a dia e por sempre me esperançarem quanto ao sucesso desse trabalho.

Um obrigado especial aos professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da UFGD, principalmente aos professores Jones Dari Goettert, Claudio Benito de Oliveira Ferraz e as professoras Maria José Martinelli S. Calixto, Flaviana Gasparotti Nunes e Lisandra Pereira Lamoso, que durante o cumprimento das disciplinas nos ensinaram saberes fundamentais. Paralelamente, muito obrigada à professora Silvana de Abreu e ao professor Sedeval Nardoque pelas sugestões e considerações feitas durante o Exame de Qualificação, contribuindo com a produção e finalização dessa pesquisa.

À coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD pela atenção, disponibilidade e auxílio em diversas etapas dessa pesquisa. Ao Ângelo Franco (Laboratório de Geoprocessamento- UFGD/FCH) pelo auxílio durante a confecção dos mapas.

Por fim, faço uma menção especial a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo auxílio financeiro em forma de bolsa de estudos, que garantiu e sustentou o desenvolvimento das diversas etapas desse trabalho.

“Primeiro fazemos nossas casas, depois nossas casas nos fazem”. Assim é o território que ajuda a fabricar a nação, para que a nação depois o afeição.

Milton Santos (2006)

RESUMO

As primeiras trajetórias migratórias de brasileiros para a Região Oriental do Paraguai, no Departamento de Concepción, iniciaram-se em meados de 1960, no qual com o intuito de adquirirem terras e ascensão financeira, muitos migrantes, inicialmente oriundos do nordeste e posteriormente do sul do Brasil, migraram para o país, atraídos por um forte esquema publicitário que divulgava as facilidades para se conseguir terras e maquinários no país vizinho. Nesse contexto, destaca-se a trajetória dos sulistas (gaúchos, catarinenses e paranaenses) que reconstruíram suas vidas no Paraguai com maior agilidade, pois ao migrarem eles levaram um pequeno pecúlio, possibilitando a compra de pequenas propriedades, “levando” também costumes e práticas culturais semelhantes ao do país de origem, contribuindo para o surgimento de comunidades ou colônias na qual destacamos a *Nueva Esperanza* (Yby Yaú – Concepción). Assim, o objetivo principal desse trabalho foi abordar através do diálogo com a migração, território e a territorialidade como os migrantes brasileiros construíram outra realidade e ao mesmo tempo uma nova identidade em território paraguaio como fruto da dinâmica migratória para o país. Partimos da premissa de analisar o território não apenas a partir das relações de poder, mas associa-lo as relações estabelecidas entre os sujeitos dentro do mesmo, e a territorialidade por meio dos laços que foram construídos com o território a partir das ações em ocupar, delimitar e identificar o território. Dessa forma, por meio de entrevistas com migrantes brasileiros, homens e mulheres de distintas faixas etárias, indagando-os sobre como é viver em um país estrangeiro, observando suas trajetórias migratórias bem como as experiências vividas e as relações que porventura ainda estabelecem com o Brasil, foi possível evidenciar como ocorreu a formação da referida colônia, bem como entender por meio dos processos de sociabilidade (o modo de vida em sociedade) e socialização (processo de integração entre os indivíduos) como os brasileiros da colônia reconstruíram suas vidas em território paraguaio. No presente trabalho nossas preocupações e atenções se redobram em relação à afirmação ou negação identitária haja vista que esses migrantes passaram a vivenciar um processo em que (re) produzem velhas/novas representações em relação ao Paraguai, enquanto (re) constroem velhas/novas representações em relação ao Brasil redefinindo uma condição identitária própria na qual o “ser brasileiro” e o “ser paraguaio” acabaram influenciando a formação de novas identidades das quais podemos destacar a figura do *Brasiguai* e do *Paraleño*. Percebe-se enfim, que esses migrantes construíram uma identidade territorial no qual os referenciais foram pautados tanto na dinâmica do território quanto nas relações e diferenças existentes entre os sujeitos.

Palavras- Chave: Migração; Território; Territorialidade; Identidade; Brasileiros; Paraguai.

RESUMEN

Las primeras trayectorias migratorias de los brasileños para la Región Oriental del Paraguay, en el Departamento de Concepción, fue iniciado en 1960 donde con la intención de adquirir tierras y ascensión financiera, muchos migrantes, inicialmente venidos del noreste y más adelante del sur del Brasil, migraron para el país, atraídos por un fuerte proyecto que divulgó las facilidades para obtener tierras y maquinarias en el país vecino. En este contexto, es posible destacar la trayectoria de los *sulistas* (gauchos, catarinenses y paranaenses) que reconstruirán sus vidas en Paraguay con una agilidad más grande, eso porque cuando migraran ellos llevaran una pequeña renta, haciendo posible la compra de pequeñas propiedades, “llevando” también costumbres y prácticas culturales muy semejantes al país nativo, contribuyendo para el surgimiento de comunidades o colonias como la Nueva Esperanza (Yby Yaú - Concepción). Así, el objetivo principal de este trabajo fue abordar a través de un diálogo con la migración, el territorio y la territorialidad como los migrantes brasileños construyeran una otra realidad y al mismo tiempo una nueva identidad en territorio paraguayo como resultado de la dinámica migratoria para el país. Nos embazamos en la premisa de analizar el territorio no solo a partir de las relaciones de poder, pero asociar ello a las relaciones establecidas entre los sujetos que viven en lo mismo, y la territorialidad por medio de las relaciones que han sido construidas con el territorio a través de las acciones en ocupar, delimitar e identificar el territorio. De esta forma, por medio de entrevistas con los migrantes brasileños, los hombres y las mujeres de distintas edades preguntándoles como es vivir en un país extranjero, observando sus trayectorias migratorias, las experiencias vividas y las relaciones que por ventura ellos aún establecen con Brasil, fue posible evidenciar como ocurrió la formación de la colonia citada, así como entender por medio de los procesos del sociabilidad (la manera de la vida en sociedad) y de la socialización (el proceso de integración entre los sujetos) como los brasileños de la colonia reconstruirán sus vidas en territorio paraguayo. En el presente trabajo nuestras preocupaciones y atenciones están redoblados en la afirmación o a la negación de la identidad, eso porque estos migrantes pasaran a vivir un proceso donde (re) producen viejas/nuevas representaciones en relación al Paraguay, mientras (re) construyen viejas/nuevas representaciones en relación al Brasil, redefiniendo una condición identitaria propia donde el “ser brasileño” y el “ser paraguayo” acabaran influenciando la formación de nuevas identidades de las cuales es posible destacar la figura del Brasiguayo y del Paraleño. Por fin fue posible percibir que estos migrantes construyeron una identidad territorial en la cual los referenciales fueran pautados tanto en la dinámica del territorio cuánto en las relaciones y las diferencias existentes entre los sujetos.

Palabras-Clave: Migración; Territorio; Territorialidad; Identidad; Brasileños; Paraguay.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Localização da cidade de Yby Yauú no Departamento de Concepción.....	18
FIGURA 2: Origens Geográficas dos fluxos de colonização brasileira do Paraguai Oriental.....	42
FIGURA 3: Principais Colônias de brasileiros em Concepción no final dos anos 1990.....	58
FIGURA 4: Trajetórias Migratórias dos brasileiros que formaram a Colônia <i>Nueva Esperanza</i>	60
FIGURA 5: Modelo <i>Cartera de Admision Permanente</i> “Migrante”.....	86
FIGURA 6: Modelo Cédula de Identidade Paraguaia.....	87
FIGURA 7: Imagem de Satélite Colônia <i>Nueva Esperanza</i>	93
FIGURA 8: Trajeto <i>Ruta 5</i> e <i>Ruta 3</i>	97

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Triturador de Sementes.....	64
FOTO 2: Torrador de Café.....	64
FOTO 3: Forno	64
FOTO 4 Moedor.....	64
FOTO 5: Forno Tostador de Café.....	64
FOTO 6: Casa de Morador da Colônia.....	77
FOTO 7: Casa de Morador da Colônia.....	77
FOTO 8: Casa de Morador da Colônia.....	77
FOTO 9: Casa de Morador da Colônia.....	77
FOTO 10: Casa de Morador da Colônia.....	77
FOTO 11: Casa de Morador da Colônia.....	77
FOTO 12: Modelo Casa Alvenaria.....	78
FOTO 13: Modelo Casa Alvenaria.....	78
FOTO 14: Casa de Morador da Colônia.....	78
FOTO 15: Casa de Morador da Colônia.....	78
FOTO 16: Casa de Morador da Colônia.....	78
FOTO 17: Casa de Morador da Colônia.....	78
FOTO 18: Estrada de terra que separa os lotes.....	94
FOTO 19: Caminho que dá acesso a <i>Ruta 3</i>	94
FOTO 20: Foto do retrato da <i>Ruta 5</i> ainda em estrada de chão em 1970.....	95
FOTO 21: Foto do retrato da pavimentação <i>Ruta 5</i>	96
FOTO 22: Estrutura do Frigorífico Concepción.....	107
FOTO 23: Plantação de Milho.....	110
FOTO 24: Plantação de Banana.....	110
FOTO 25: Plantação de Mandioca.....	111
FOTO 26: Horta cultivada ao redor das casas.....	111
FOTO 27: Criação de Gado.....	112
FOTO 28: Estrutura Externa da Farinheira.....	114
FOTO 29: Maquinários da Farinheira.....	114
FOTO 30: Armazenamento da Farinha.....	114
FOTO 31: Etapas de Processamento da Mandioca.....	114

FOTO 32: Faixada Externa da Escola "Pedro Juan Caballero".....	115
FOTO 33: Foto Sala de Aula.....	117
FOTO 34: Mural Informativo.....	118
FOTO 35: Comemoração do Bicentenário do Paraguai.....	118
FOTO 36: Centro de Saúde de Yby Yaú.....	120
FOTO 37: Igreja Católica.....	122
FOTO 38: Igreja Assembleia de Deus.....	123
FOTO 39: Igreja Congregação Cristã	123
FOTO 40: Centro Comunitário Colônia <i>Nueva Esperanza</i>	126
FOTO 41: Mercearia.....	129
FOTO 42: Farmácia.....	129
FOTO 43: Loja de Confeção.....	129
FOTO 44: Mercearia Opção.....	129
FOTO 45: Comércio do Centro da Colônia.....	129
FOTO 46: Armazéns e Empacotadora.....	129
FOTO 47: Borracharia.....	130
FOTO 48: Posto de Gasolina.....	130
FOTO 49: Bandeiras do Brasil e Paraguai hasteadas em torre de um lote da colônia.....	152

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADEPO- Asociación Paraguaya de Estudios de Población

Art.- Artigo

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino

DGEEC- Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censo

Has.- Hectáreas

IBR - Instituto Bienestar Rural

IMAGRO- Impuesto a la Renta de Actividades Agropecuarias

INDERT - Instituto de Bienestar Rural

IVA- Impuesto al Valor Agregado

MERCOSUL- Mercado Comum do Sul

PIB- Produto Interno Bruto

PY - Paraguai

RFO - Región Fronteriza Oriental

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
------------------------------	----

CAPÍTULO I

TERRITÓRIO E MIGRAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS DE BRASILEIROS PARA O PARAGUAI	24
---	----

1.1 Do Brasil ao Paraguai: a formação de uma sociedade pioneira	33
1.2 A expansão agrícola do Brasil e o desenvolvimento da Região Oeste do Paraná.....	41
1.3 Territorialidade e Migração: uma análise sobre os processos de desterritorialização e reterritorialização.....	49
1.4 O Processo de formação da Colônia <i>Nueva Esperanza</i>	55

CAPÍTULO II

PRODUÇÃO ESPACIAL E PRÁTICAS COTIDIANAS NA COLÔNIA <i>NUEVA ESPERANZA</i>	70
--	----

2.1 A construção de casas na colônia e os primeiros desafios	74
2.1.1 As experiências e desafios advindos do processo de legalização da situação de migrante brasileiro no Paraguai.....	80
2.1.2 O atual cenário da Colônia <i>Nueva Esperanza</i> e as práticas cotidianas	90
2.2 O modo de vida e o processo de sociabilidade dos migrantes brasileiros na Colônia <i>Nueva Esperanza</i>	98
2.2.1 A organização dos lotes e as atividades agrícolas.....	99
2.2.2 O atendimento as necessidades básicas: Educação e Saúde.....	114
2.2.3 As Igrejas e os trabalhos comunitários.....	122
2.2.4 O comércio e as atividades locais.....	127
2.3 A convivência entre brasileiros e paraguaios e o processo de socialização	130

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO MIGRANTE BRASILEIRO NA COLÔNIA <i>NUEVA ESPERANZA</i>: “SER BRASILEIRO” OU “SER PARAGUAIO”	134
---	-----

3.1 O Processo de Identificação/ Diferenciação	138
3.2 A Construção da Identidade Territorial	140

3.3 As relações entre brasileiros e paraguaios na Colônia <i>Nueva Esperanza</i>	143
3.4 Ser Brasileiro, <i>Brasiguayo</i> ou <i>Paraleño</i> : a multiterritorialidade como multiplicidade geracional.....	157
3.4.1 Os “Brasileiros”: a geração migrante.....	159
3.4.2 Os “ <i>Brasiguayos</i> ”: a segunda geração.....	164
3.4.3 Os “ <i>Paraleños</i> ”: a terceira geração.....	170
3.5 As relações com os Brasileiros do Brasil	175
3.6 A vida no Paraguai: as conquistas e os sonhos realizados e o retorno de alguns.....	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
SOBRE FONTES ORAIS	194
REFERÊNCIAS	195
ANEXO	202
Ley N° 1100/1984.....	202

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As diversas trajetórias migratórias que ocorreram entre o Brasil e o Paraguai a partir dos anos de 1960 têm sido abordadas por diversos autores como Wagner (1990), Laino (1979) Sprandel (1998), Bárbara (2005), Souchaud (2007) e Albuquerque (2010), sob vários aspectos, tendo como destaque estudos de cunhos jornalísticos e históricos, que em sua maioria tratavam de apresentar a história dos migrantes brasileiros¹, que ao chegarem ao país, não conseguiram reconstruir suas vidas, e depois de diversas tentativas optaram por retornar ao Brasil. Na tentativa de compreender a dinâmica migratória de brasileiros para o Paraguai o presente estudo terá como objetivo analisar os migrantes que formaram a Colônia *Nueva Esperanza*, apontando de que maneira eles produziram um território e construíram uma identidade pautada nas relações estabelecidas entre brasileiros e paraguaios.

A migração de brasileiros para o Paraguai destaca-se comparando aos outros grupos estrangeiros pelo seu poder econômico advindos dos bens vendidos no Brasil, pela forma de se organizar e por sua superioridade numérica, pois de acordo com a Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos- DGEEC (2002, p. 28) entre os anos de 1973 a 1982 o número de estrangeiros no Paraguai era de 30.814 pessoas, no qual eram: 21.101 brasileiros, 6.254 argentinos, 515 uruguaios, 262 alemães e 2.682 de outras nacionalidades.

Grande parte dos estudos dedicados a compreender os movimentos migratórios considera o migrante como um cidadão do Sul, que se instalou num país do Norte, no entanto, a perspectiva que privilegiaremos nesse estudo é observar um fenômeno migratório de orientação *Sur-Sur*², ou seja, Sul-Sul, no qual o migrante se desloca de um país do hemisfério sul, com destino a um país do mesmo hemisfério, sendo justificado pela proximidade geográfica, pela formação de redes comunitárias e familiares, além dos baixos custos da migração resultantes das facilidades do trânsito, o que pode ser evidenciado na migração dos brasileiros para o Paraguai.

¹ Optamos por utilizar o termo “migrante brasileiro” e não “imigrante” ao tratarmos dos brasileiros que migraram para o Paraguai por entender e concordar com Sayad (1998), que um imigrante é essencialmente uma força de trabalho e muitas vezes provisória, temporária, em trânsito, e a ideia de imigrar esta ligada a ideia de força de trabalho. Assim, optamos por utilizar o termo migrante por estarmos analisando um grupo cuja migração, além de estar condicionada à ideia de força de trabalho, está condicionada a uma ideia de pertencimento, de organização territorial e de adaptação, como salienta Goettert (2010), em que o termo migrante refere-se a aquele que parte e aquele que chega, sendo no movimento da migração e entre lugares, o mesmo/outro simultaneamente. Sendo assim, mais do que um sujeito *atopos* o migrante é um ser de lugares, em que pode estar em um lugar no instante mesmo em que se sente pertencente a muitos outros. Dessa forma, muito além de analisar o migrante brasileiro como uma força de trabalho, assim se buscará analisar como esses migrantes construíram uma nova vida e passaram a estabelecer novas relações no país vizinho.

² Sobre Migração de orientação *Sur-Sur* consultar (SOUCHAUD, 2005, p. 16).

De acordo com Fabricio Vázquez (2010)³, a migração de brasileiros para o Paraguai foi um momento histórico e muito particular para o país, porque o mesmo tinha que ocupar o seu território e os colonos brasileiro contribuiu não apenas para o desenvolvimento do espaço fronteiriço da Região Oriental, mas também na dinâmica econômica de todo o território nacional e, como resultado desse processo, o Paraguai adotou algumas medidas que acabaram permitindo a entrada desses migrantes, como a venda de terras a estrangeiros, visando desenvolver a agricultura no país.

É importante salientar que os migrantes brasileiros foram considerados mão de obra fundamental para trabalharem na agricultura do Paraguai, haja vista que entre os anos de 1960 a 1970 o Brasil apresentava uma expansão na mecanização agrícola, cujo objetivo era desenvolver a agricultura.

De acordo com Gregory (2002, p. 206), a partir de 1960 a agricultura brasileira iniciou um importante processo de modernização das suas técnicas de produção. Avançou a mecanização pelo uso mais intenso do trator. Utilizaram-se, sistematicamente, insumos modernos, fertilizantes químicos, agrotóxicos, sementes selecionadas, rações e medicamentos veterinários. Com a modernização foi se modificando a organização da produção. A composição e a utilização do trabalho atingiram-se pela maior utilização da mão de obra assalariada e pela expropriação dos pequenos produtores.

Dessa maneira os pequenos produtores continuaram querendo terras para produzir e a opção feita por muitos foi migrar em busca de novas terras. Paralelo a essa situação o Paraguai vivenciava um período cujo objetivo era criar novos povoados e pequenas cidades, através da abertura da frente pioneira, que em comunhão com Martins (1997, p. 151-152) a mesma pode ser entendida tanto como o deslocamento da população sobre territórios novos, como também a formulação de novas concepções de vida e de mudança social.

Como os pequenos produtores brasileiros estavam em busca de novas oportunidades, os mesmos visualizaram nas empresas colonizadoras a esperança de continuar trabalhando com a terra. Logo surge a opção de migrar para o Paraguai, pois as promessas de terras férteis e baratas atreladas às mudanças ocorridas na agricultura brasileira, sobretudo com a implementação de uma política agrícola de modernização, resultou na migração desses para o país vizinho.

A partir do momento em que se iniciou a elaboração desse estudo identificou-se que

³ Entrevista de Fabricio Vázquez concedida em trabalho de campo a Cecília Aparecida Costa, Karoline Batista Gonçalves e Lidiane Almeida Costa em visita à ADEPO (Asociación Paraguaya de Estudios de Población), realizada no dia 14 de setembro de 2010, em Assunção- Paraguai.

esse fluxo migratório de brasileiros para o Paraguai foi resultado de um período de grandes transformações que ocorriam em ambos os países, tais como: a Marcha para o Oeste, no qual o Brasil desencadeou um processo de colonização e de ocupação de suas terras e, por outro lado, a abertura do Paraguai através da política que ficou conhecida “*Marcha al Leste*”, além das empresas colonizadoras, bem como os projetos de infraestrutura:

A colonização das terras paraguaias pelos colonos brasileiros não foi um movimento populacional espontâneo. Ela foi minuciosamente pensada pelas autoridades dos dois países. Para o Brasil é interessante ter 10% da população do Paraguai composta de brasileiros. Isto, segundo a oposição do governo paraguaio, força o seu país a cumprir qualquer acordo que já tenha sido assinado entre as duas nações. *Es un cuchillo em nuestras espaldas* (É uma facada pelas costas)- costumam dizer. Para o governo paraguaio também foi interessante esta coligação: conseguiram mão de obra altamente especializada em lavouras mecanizadas a um custo muito baixo (WAGNER, 1990, p. 13).

A migração dos brasileiros acabou se tornando um elemento importante nas relações entre Brasil e Paraguai, pois em meados dos anos 1960, ambos os países começaram a trabalhar com a ideia de que se desenvolverem os chamados “espaços periféricos”, que em concordância com Bichir (2001, p. 10) seriam os espaços mais distantes e de menor renda diferencial ocupado pela população de mais baixa renda, reforçariam o seu crescimento.

Dessa maneira, através da presente pesquisa procurou-se estabelecer uma relação entre os processos históricos e geográficos que rodeiam o fenômeno da migração de brasileiros para o Paraguai, bem como observar as condições de vida e trabalho desses migrantes e as relações estabelecidas entre brasileiros e paraguaios.

Com o intuito de compreender um pouco mais da trajetória migratória de brasileiros para o Paraguai, nosso objetivo será investigar uma pequena parcela de migrantes que ficaram no país e formaram a Colônia *Nueva Esperanza* no mesmo, não retornando a viver em sua terra natal, por entender que eles vivenciaram um processo aonde duas culturas distintas tiveram que se unir com um único objetivo: garantir sua sobrevivência.

Para compreendermos os desdobramentos desse fluxo migratório utilizaremos fontes orais, que foram obtidas em trabalhos de campo realizados entre os anos de 2010 e 2011 nas cidades de Yby Yauú, Concepción e Assunção, contextualizando a formação sócio-territorial de um grupo de migrantes, articulando as entrevistas com os textos histórico-geográficos. Assim, por meio de análise das experiências vividas por esses migrantes buscaremos

Durante os trabalhos de campo realizaram-se diversas entrevistas com brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza*, bem como com paraguaios que vivem na cidade de Yby Yaú, no qual por meio da riqueza de detalhes presente em alguns relatos dos moradores da referida cidade, sendo possível compreender a formação e o modo de organização da colônia.

É importante salientar que grande parte dos entrevistados trata-se dos migrantes que ficaram conhecidos como “sulistas” por serem oriundos dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além do mais, muitos são pequenos agricultores brasileiros, homens e mulheres de distintas faixas etárias. Cabe destacar que entrevistar o primeiro prefeito de Yby Yaú e fundador da Colônia *Nueva Esperanza*, o senhor Nimio Claudio Almirón Yanes, foi de grande importância, pois por meio de seus relatos tornou-se possível compreender o processo de formação da referida colônia.

Os depoimentos orais obtidos através das entrevistas foram divididos em duas etapas: as entrevistas semiestruturadas, ou seja, aplicação de questionário visando o levantamento de dados e informações gerais sobre a organização da colônia; e as histórias de vida, em que os migrantes contavam suas trajetórias e de que forma são estabelecidas as relações entre brasileiros e paraguaios. Desse modo, podemos destacar que:

Metodologicamente, o uso de histórias de vida e entrevistas semiestruturadas produz um depoimento primário das visões dos informantes. Nesse sentido, os migrantes, suas mulheres, os administradores e demais entrevistados não são objetos de estatísticas ou planos governamentais, mas sujeitos sociais e, enquanto tais atuam e produzem mudança na arena social. Histórias de vida e entrevistas semiestruturadas fornecem informações sobre o grupo, assim como sobre experiências individuais. O relacionamento entre o indivíduo e o grupo não é entendido como dicotômico, mas, antes como simbioticamente na maioria das entrevistas que a experiência individual é mais rica, contraditória e paradoxal do que a do grupo. Assim a entrevista é um processo que se insere em práticas culturais particulares, sendo informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Assim, não existe uma maneira certa e única de entrevistar, mas antes se trata de um “encontro perigosamente íntimo”, que envolve hierarquias locais, formas de narrar, diferenças sociais como classe, gênero, raça, etnia, região e idade (MENEZES, 2002, p. 40).

Nessa perspectiva, depreende-se que tanto as entrevistas com questionários semiestruturados como as histórias de vida retratam as experiências vividas e as relações estabelecidas ao longo do tempo, seja na descrição de eventos e fatos, ou no relato de diferentes fases que foram vivenciadas.

Entretanto, é importante salientar mesmo que esse estudo tenha como base elementos geográficos tais como: o território, o espaço, a migração e a identidade, faz-se necessário dialogar com questões de ordem sociológica, na medida em que foi com pessoas que as relações de investigação se processaram. A utilização da fonte oral se constituiu como um dos aspectos centrais desse trabalho, assim, nos preocupamos metodologicamente, com a ressalva de Pierre Bourdieu, na qual:

“Não deplorar, não rir, não detestar, mas compreender”. A intervenção do analista é tão difícil quanto necessária: ela deve ao mesmo tempo declarar-se sem a menor dissimulação e trabalhar sem cessar para fazer-se esquecer. Assim, a ordem segundo a qual estão distribuídos os casos analisados visa a aproximar durante a leitura pessoas, cujos pontos de vista, inteiramente diferentes, têm possibilidade de se verem confrontados, mesmo afrontados na existência: permite também trazer à luz a representatividade do caso diretamente analisado. Na transcrição da própria entrevista, que faz o discurso oral passar por uma transformação decisiva, o título e os subtítulos (sempre tomados das palavras dos entrevistados) e, sobretudo o texto que fazemos preceder ao diálogo, estão lá para direcionar o olhar do leitor para os traços pertinentes que a percepção distraída e desarmada deixa escapar. Eles têm a função de lembrar as condições sociais e os condicionamentos, dos quais o autor do discurso é o produto, sua trajetória, sua formação, suas experiências profissionais, tudo o que se dissimula e se passa ao mesmo tempo no discurso transcrito, mas também na pronúncia e na entonação, apagadas pela transcrição, como toda a linguagem do corpo, gestos, postura, mímicas, olhares, e também nos silêncios, nos subentendidos e nos lapsos (BOURDIEU, 2007, p. 10).

Todavia, os discursos orais obtidos por meio das entrevistas permitiram direcionar o leitor para alguns traços pertinentes como as condições sociais que vivenciaram as pessoas interrogadas, dessa forma o pesquisador tem a responsabilidade de evidenciar a representatividade do(s) caso(s) analisado(s) em que o discurso oral passa a ser uma expressão da realidade vivida.

Destarte, a maioria dos entrevistados dessa pesquisa teve sua identidade ocultada nos relatos e são identificados como “Entrevistado (a)” por respeitarmos sua privacidade, porque muitos relataram sua trajetória migratória com riqueza de fatos e detalhes, e dentre eles, ainda há os que mesmo depois de tantos anos no país, não conseguiram regularizar sua situação de migrante. Assim, sendo identificou-se ao longo desse trabalho as pessoas ou autoridades que aceitaram terem seus nomes divulgados, e porque seus relatos tratavam do processo de formação da colônia e não das particularidades de sua trajetória migratória.

Durante o desenvolvimento desse estudo nossas preocupações e atenções se

redobram em relação aos sujeitos principais da investigação: a migração de brasileiros para o Paraguai, a afirmação ou negação identitária e as relações estabelecidas pelos migrantes tanto com os paraguaios quanto com os brasileiros, que só foi possível identificar no contato com os próprios brasileiros.

Tendo em vista tais aspectos o presente estudo está dividido em três capítulos que articularão referenciais histórico-geográficos com histórias de vida dos migrantes, que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* a partir da chegada, do trabalho em família, lazer, solidariedade e das relações estabelecidas.

Deste modo, o primeiro capítulo trata de analisar as peculiaridades do processo de formação da Colônia *Nueva Esperanza* por meio de um diálogo com os elementos históricos que relatam o início das primeiras trajetórias migratórias de brasileiros para o Paraguai, liderada pelos “nordestinos” que tiveram a responsabilidade de trabalhar derrubando matas e florestas para desenvolver a agricultura, e posteriormente pelos sulistas, que implantaram novas formas de cultivo contribuindo para o desenvolvimento da agricultura do país.

Portanto, analisaremos como ocorreu a construção da referida colônia, bem como seu desenvolvimento e expansão ao longo dos seus 45 anos. Além disso, evidenciaremos como esses migrantes se organizaram na referida colônia nos requisitos economia, trabalho e na forma e uso da terra, relatando os principais desafios e dificuldades encontradas nesse novo território, bem como as estratégias adotadas para garantir a sobrevivência em um país com características diferentes ao seu, mas que por outro lado, lhes possibilitava adquirir terras e trabalhar com a agricultura.

Já no segundo capítulo, nos dedicaremos a construir uma discussão acerca da produção do espaço, ou seja, a construção do território para compreendermos como se processaram as relações de sociabilidade (o modo de vida em sociedade) e socialização (processo de integração entre os indivíduos no qual o mesmo assimila valores, normas e expectativas sociais) entre os brasileiros e paraguaios que vivem na Colônia *Nueva Esperanza*.

Dessa forma, apresentar-se-á o contexto dos migrantes que habitam a colônia, as transformações que ocorreram em suas vidas após a chegada em território paraguaio, mostrando por meio das entrevistas como vivem o que conseguiram conquistar, e de que maneira estruturaram suas vidas no país vizinho.

Já no terceiro capítulo trataremos de abordar como ocorreu a construção de uma “nova” identidade levando em consideração a intensidade das relações e o contato que esses passaram a estabelecer com os paraguaios e os brasileiros do Brasil.

Dessa maneira, analisaremos a afirmação identitária, ou seja, o “ser brasileiro” e o “ser paraguaio” que foi construído ao longo dos anos, bem como evidenciar como esses migrantes vivenciam múltiplas relações e sentimentos de pertencimento, além das identificações que foram sendo criadas resultantes de uma construção identitária, tais como: ser Brasileiro, *Brasiguai* ou *Paraleño*.

Tendo em vista a estruturação do trabalho podemos apontar que esses brasileiros vivenciam uma situação onde passaram por distintas transformações no campo cultural e identitário, já que quando o migrante se desloca de um país para o outro, ele não se encontra nem sob uma identidade, nem sob outra, ele está no meio de duas identidades, uma antiga, e a outra que pode ser assumida e, de alguma maneira, as novas relações redefinem, através de processos de identificação/diferenciação, situações e condições de “sínteses” sempre inacabadas entre os lugares de origem e de destino. Nesse sentido, por conviver e acabar participando de duas identidades diferentes onde esses migrantes vivenciou um processo denominado hibridismo cultural.

Em comunhão com Hall (2003, p. 74), o hibridismo cultural não se refere a indivíduos híbridos que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados, mas trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. De forma a complementar é possível evidenciar que o hibridismo cultural significa:

Um momento ambíguo e ansioso de transição, que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a promessa de um fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo. [Ele] insiste em existir, as dissonâncias a serem atravessadas apesar das relações de proximidade as disjunções de poder e posições a ser contestadas; os valores éticos e estéticos a serem “traduzidos”, mas que não transcenderão incólumes os processos de transferência (BHABHA citado por HALL, 2003, p. 75).

Nessa perspectiva, o hibridismo cultural origina algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação e é justamente esse processo que é perceptível na Colônia *Nueva Esperanza* as diversas trocas culturais e identitárias contribuíram para a formação de um processo de diferenciação, pois de alguma maneira as novas relações definem sua identidade:

Eu me sinto um paraguaio e também um brasileiro, eu sou metade brasileiro e metade paraguaio, eu vivi trinta e cinco anos no Brasil e aqui no Paraguai estou há trinta e quatro anos, quase a metade da minha vida (Entrevistado IV, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

A comunidade daqui se parece com as do sul do Brasil, e a propriedade é diferente das propriedades paraguaias, você olha pra cá e se lembra do sul até o modo de plantar é igual a do sul (Entrevistado II, Colônia *Nueva Esperanza* 14/09/210).

A Colônia *Nueva Esperanza* mantém muito viva a cultura brasileira, como o doze de outubro Festa da Padroeira Nossa Senhora Aparecida, as casas são quase do mesmo estilo que no sul do Brasil, algumas, claro, fala-se quase exclusivamente português e as lojas têm placas no mesmo idioma e vende igual que no Brasil, como a pinga e os pratos feitos (Enrique Ramón Galeano, jornalista e escritor do *Blog Hola Vecino*).

Nosso principal objetivo será acompanhar como são estabelecidas as relações entre três sujeitos distintos: os migrantes brasileiros que vivem na Colônia *Nueva Esperanza*, os paraguaios e os brasileiros do Brasil, visando analisar de que maneira o contato com o “outro”, e o processo de identificação/diferenciação contribuíram para a construção de uma nova identidade fundamentada nas escalas territoriais.

Contudo, a análise feita no presente trabalho articula três conceitos em torno da trajetória migratória dos brasileiros para o Paraguai: a migração, o território e a territorialidade. Assim, buscaremos entender de que maneira os brasileiros construíram uma nova identidade e de que maneira o “ser brasileiro” e o “ser paraguaio” passou a ser negociado pelas gerações seguintes de acordo com a situação vivenciada pelos mesmos.

CAPÍTULO I

TERRITÓRIO E MIGRAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS DE BRASILEIROS PARA O PARAGUAI

Para compreendermos o processo de migração dos brasileiros ao Paraguai e a formação da Colônia *Nueva Esperanza* faz-se necessário dialogarmos com o conceito de território, pois através do mesmo é possível encontrar elementos para entender tanto a produção do espaço quanto os sentimentos de pertencimento que acabaram contribuindo na construção da identidade territorial.

Desse modo, o conceito de território tem sido objeto de discussão entre historiadores, cientistas sociais e geógrafos nos últimos anos, sendo que para muitos o mesmo tem sido pensado, definido e delimitado por e a partir de relações de poder, em que a ação e o poder se manifestam por pessoas ou grupos.

Nessa perspectiva, merece destaque o pensamento de Raffestin (1993, p. 143), para o qual o território é um espaço onde se projetou um trabalho, mas não qualquer tipo de trabalho, mas um trabalho que está marcado pelas relações de poder. Assim, o território é composto por ação e poder, e essas características são manifestadas por pessoas ou grupos que produzem, domina e até influenciam o espaço em que vivem. Dessa forma, o território é uma produção a partir do espaço:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator “territorializa” o espaço. Evidentemente o território se apoia no espaço, mas não é espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144).

Observa-se que o espaço se transforma em território a partir do momento em que ocorre a apropriação do mesmo pelos indivíduos, que desenvolvem ações marcadas pelas relações de poder e de produção. Portanto, o território é uma produção a partir da ação de um ator sintagmático.

Nesse sentido, Raffestin (1993, p. 40), define o ator sintagmático como aquele que

combina todas as espécies de elementos para produzir uma ou várias coisas. É aquele que manifesta, com precisão, a ideia de processo e de articulações sucessivas no interior do processo. Destarte, todas as organizações, da família ao Estado, passando pelos partidos, pelas igrejas e as empresas, são atores sintagmáticos.

Ao mesmo tempo, o ator sintagmático articula momentos diferentes da realização de seu programa pela integração de capacidade múltipla e variada, e esses atores são constituídos por atores-indivíduos que se integram ou são integrados num processo programado. Dessa forma, todos esses atores estão envolvidos num jogo relacional onde sobrevivem se desenvolvem e crescem através das relações.

Nessa perspectiva, observa-se que a partir do momento em que o indivíduo constrói uma casa ou um apartamento e/ou efetiva relações de poder, ele se transforma em um ator sintagmático produzindo um território. E é justamente essa produção do território que se inscreve no campo de poder.

Dessa maneira, o território seria a manifestação espacial do poder fundamentado nas relações sociais, no qual o poder em comunhão com Raffestin (1993, p. 53) é a parte intrínseca de toda relação, porquanto o poder não é nem uma categoria espacial nem temporal, mas está presente em toda produção que se apoia no espaço e no tempo. Para definir o poder o autor buscou em Foucault elementos para construir uma definição:

1. O poder não se adquire; é exercido a partir de inumeráveis pontos;
2. As relações de poder não estão em posição de exterioridade no que diz respeito a outros tipos de relações (econômicas, sociais etc.), mas são imanentes a elas;
3. O poder vem de baixo; não há uma oposição binária e global entre dominador e dominados;
4. As relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas;
5. Onde há poder há resistência e, no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder (RAFFESTIN, 1993, p. 53).

A apropriação do espaço pelo indivíduo acaba ocasionando transformações que impõem limites e fronteiras, originando o território. Na perspectiva de Raffestin (1993) o território seria a manifestação espacial do poder fundamentado nas relações sociais determinadas em diferentes graus de ações e estruturas.

Logo, território e poder passam a serem características evidentes nas relações sociais, pois em uma sociedade é possível identificar a necessidade de organizar os sistemas, as ações

e/ou comportamentos:

Os indivíduos ou os grupos ocupam pontos no espaço e se distribuem de acordo com modelos que podem ser aleatórios, regulares ou concentrados. São, em parte, respostas possíveis ao fator distância e ao seu complemento, a acessibilidade. Sendo que a distância pode ser apreendida em termos espaciais (distância física ou geográfica) temporais, psicológicos ou econômicos. A distância se refere à interação entre os diferentes locais. Pode ser uma interação política, econômica, social e cultural que resulta de jogos de oferta e de procura, que provém dos indivíduos e/ou dos grupos que constituem de algum modo o território. Não somente se realiza uma diferenciação funcional, mas ainda uma diferenciação comandada pelo princípio hierárquico, que contribui para ordenar o território segundo a importância dada pelos indivíduos e/ou grupos às diversas ações (RAFFESTIN, 1993, p. 150).

Desse modo, os sistemas de tessituras (de nós e de redes) implicam a noção de limite, onde compreender o território é fazer uma referência ao limite. O ato de caracterizar, definir e classificar uma porção do espaço gera a delimitação que pode ser a manifestação de poder.

Portanto, observa-se uma diferenciação ocasionada pela hierarquia, ou seja, pelo poder que são produzidos para organizar o território, que engloba os indivíduos e/ou os grupos. Essas relações de poder permitem assegurar o funcionamento das diversas ações que mantêm uma ou várias ordens dentro do mesmo.

Em suma, nota-se que na análise de Raffestin (1993), apesar da autonomia do poder e do território, ambos devem ser enfocados conjuntamente na construção do território, pois o poder se manifesta por ocasião a relação, e o território é a cena do poder e o lugar de todas as relações.

O geógrafo Marcelo José Lopes de Souza também faz uma importante contribuição para a conceituação do território, no qual o objetivo é ilustrar o alcance socialmente crítico da análise conceitual sobre o território. Em sua abordagem o território surge na tradicional Geografia Política como um conceito de análise:

O território surge, na tradicional Geografia Política. Como um espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidades: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). E mais: os limites do território seriam, é bem verdade, imutáveis- pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força-, mas cada espaço seria,

enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora da identidade socioespacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território, e por tabela com o poder controlador desse território (SOUZA, 2007, p. 84).

Nota-se que o território pode ser visto como um instrumento para o exercício do poder, pois é através das relações de poder que o mesmo poderá ser dominado, apropriado e transformado por um determinado grupo. Dessa forma, o território abrange relações que estabelecem a ordem e o exercício do poder.

Além do mais, Souza (2007, p. 79), dialoga com a ideia de que o território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, e para entender quem estabelece essa ordem e exerce o poder em um determinado território, é necessário fazer o seguinte questionamento: quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como? Através dessas questões é possível evidenciar quem domina e quem é dominado, além dos meios utilizados pelo poder para essa dominação. Nessa perspectiva, um conjunto de relações de poder acaba resultando no domínio de um determinado espaço configurando um território:

A palavra território normalmente evoca o “território nacional” e faz pensar no Estado, em grandes espaços, em sentimentos patrióticos, em governo, em dominação, em “defesa do território pátrio”, em guerras. A bem verdade, o território pode ser entendido também à escala nacional e em associação com o estado como grande gestor. No entanto, ele não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada à internacional; territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um carácter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica (SOUZA, 2007, p. 81).

Percebe-se que o território não deve ser reduzido apenas à figura do Estado como o “território nacional”, porque ele existe nas mais diversas escalas, além de ser construído e desconstruído nas mais diferentes escalas temporais. Assim, o território pode ter um carácter permanente como também pode mudar a qualquer tempo.

Outro elemento que merece destaque na abordagem de Souza (2007) é a ideia de território e rede, no qual o autor propõe construir uma ponte conceitual entre o território em seu sentido usual e a rede, através do chamado território descontínuo:

O território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos adimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna desses nós, ao passo que, à escala do território contínuo, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura espacial interna precisa ser considerada. Ocorre que, como cada nó de um território descontínuo é, concretamente e à luz de outra escala de análise, uma figura bidimensional, um espaço, ele mesmo um território, temos que cada território descontínuo é, na realidade, uma rede ao articular dois ou mais territórios contínuos (SOUZA, 2007, p. 93-94).

Torna-se evidente que o território-rede ou território descontínuo acaba articulando ao mesmo tempo dois ou mais territórios, no qual o objetivo é superar a exclusividade de um poder em relação a um dado território. O que permite a constante passagem de um território para o outro.

A discussão proposta por Souza (2007), acerca do território ainda comporta uma análise acerca da distinção entre o uso econômico funcional do território e sua identificação cultural simbólica, onde:

Em qualquer circunstância, o território encerra a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo, descontadas as trocas com o exterior. O espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico (SOUZA, 2007, p. 108).

É importante salientar que o território compõe a materialidade que fundamenta o sustento econômico e a identificação cultural de um grupo, pois a partir do momento em que o espaço social é delimitado e apropriado tornando-se um território, o mesmo oferece condições de sobrevivência do sujeito seja econômica, política e cultural.

Dessa maneira, percebe-se que para Souza (2007, p. 106), o território se define a partir de dois ingredientes principais, o espaço e o poder. Aliado a essa vertente o território pode ser apropriado ou ocupado por um grupo social que acaba construindo um sentimento de pertencimento com o mesmo.

Quanto ao que refere a “utilização do território” aliado as redes e técnicas Santos & Silveira (2006, p. 14), dialogam com a ideia de território usado, no qual o território é à base das trocas materiais, do trabalho, da residência dentre outros. Dessa forma, compreende-se que a constituição do território a partir dos seus usos e de seu movimento conjunto e de suas partes, reconhecendo as respectivas complementaridades:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise. Aliás, a própria ideia de nação, e depois ideia de estado nacional decorrem dessa relação tornada profunda, porque uma faz a outra (SANTOS & SILVEIRA, 2006, p. 14).

Dessa forma, o território usado é visto como uma totalidade e acaba revelando, de um lado a estrutura de uma sociedade e de outro o seu uso. O território é onde se desembocam todas as ações e manifestações de existência. Além disso, ele abrange o sentimento de pertencimento, os significados e os signos de uma parcela do espaço.

Santos & Silveira (2006, p. 19), afirma que por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada, em um sentido mais restrito o mesmo pode ser um nome político dado a um espaço de um país. Mas vale ressaltar que o território é uma apropriação e o seu uso esta ligada as técnicas. Portanto, convém destacar que:

O uso do território pode ser definido pela implantação de infraestruturas, para as quais estamos igualmente utilizando a denominação de sistemas de engenharia, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico (SANTOS & SILVEIRA, 2006, p. 21).

Nota-se que o uso do território através dos sistemas e das dinâmicas acaba proporcionando novas funções ao espaço geográfico. De tal modo, a ideia de território usado é uma compreensão do espaço geográfico atual em suas múltiplas dimensões tornando-se um instrumento analítico.

É importante salientar que a abordagem acerca do território feita por Santos (1994, p. 10-11), aponta que é possível fazer uma distinção entre o uso do território e o território usado, no qual o uso do território pode ser compreendido como resultado de projetos particulares, orientados por uma razão que tem vistas somente para finalidades específicas e previamente determinadas, aparecendo assim como um uso indiferente ao meio próximo, alheio ao meio circundante. Já a ideia de território usado, por sua vez, impõe pensarmos o território em sua totalidade – espaço banal, espaço de todos, pois aparece como recurso

analítico pleno de um caráter político e humanista, porque precisa necessariamente contemplar todos os interesses e todas as razões de ser (e de existir), de todos os agentes.

Portanto, para Santos (1994) o território usado se constitui em uma categoria de análise para o futuro, já o uso do território ocorre por meio das dinâmicas do lugar. Dessa forma, o território acaba revelando situações conjunturais e estruturais onde o mesmo deve ser tomado como um todo dinâmico que busca unir processos sociais econômicos e políticos.

Também, no campo da Geografia Brasileira, Marcos Aurélio Saquet (2007, p. 24), tem se dedicado a analisar as diversas concepções de território, no qual segundo ele, muitos pesquisadores atualizam e revisam o conceito de território evidenciando as características da vida dos indivíduos e a essência das relações sociais, visando superar a ideia de território e poder centrado na força e nas ações dos Estados, sem levar em consideração as relações sociais.

Nesse sentido, o autor propõe que o território é resultado de um conjunto de interações estabelecidas pelas pessoas com seu lugar de vida, os espaços sociais, culturais e a utilização dos recursos, em que “um território é produzido, ao mesmo tempo, por relações políticas, culturais e econômicas, em que as relações de poder inerentes às relações sociais estão presentes num jogo contínuo de dominação e submissão [expressando resistências] de controle do espaço geográfico” (SAQUET, 2007, p. 67).

Dessa maneira o território é produzido tanto pelas relações sociais, quanto pelas relações de poder, e ambas acabam controlando o espaço geográfico. Essas relações podem contribuir para o rompimento dos limites político-administrativos por meio de movimentos objetivos e subjetivos, resultando na construção de territórios através da territorialização.

Outro ponto debatido por Saquet (2011, p. 40), é o território apropriado e produzido socialmente no tempo e no espaço, que significa a relação espaço-tempo em movimento de unidade, e é reconstituído tanto espacial quanto temporal, pelas relações sociais unidas no mesmo movimento.

Ademais, o território pode ser visto como um produto ou uma condição da vida em sociedade, caracterizado pelas constantes transformações que ocorrem dentro de um grupo social em cada relação espaço-tempo. Contudo, o que se percebe é que o território acaba sendo produzido por relações sociais inerentes às relações de poder que determinam o controle do espaço geográfico.

Já Haesbaert nos apresenta uma interpretação acerca do território no qual elabora uma classificação pautada em três vertentes:

- a) a jurídico-política, majoritária, inclusive no âmbito da Geografia, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal;
- b) a cultural (ista), que prioriza sua dimensão simbólica e mais subjetiva, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço;
- c) econômica, minoritária, que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, concreta, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho (HAESBAERT, 2007, p. 40).

É possível evidenciar que o território envolve relações entre processos sociais e espaço material e, ao mesmo tempo, estão ligadas as dimensões políticas (das relações de poder), cultural (simbólica) e econômica. No entanto, na atual conjuntura, torna-se cada vez mais difícil definir o conceito de território utilizando apenas uma dessas vertentes.

Partindo desse pressuposto Haesbaert (2010, p. 69), nos apresenta uma discussão mais ampla que as dimensões política, cultural e econômica, onde ele organiza o conceito de território diferenciando as posições materialistas e idealistas. Nessa perspectiva, os materialistas partem da visão de que o território é constituído de características físico-materiais; por sua vez os idealistas definem o território pelo valor territorial no sentido simbólico.

Mediante as distintas concepções o autor propõe uma perspectiva integradora buscando superar a dicotomia material/ideal considerando que o território envolve ao mesmo tempo a dimensão espacial/material das relações sociais e o conjunto das representações sobre o espaço, ou seja, o território deve ser analisado nas diferentes dimensões sociais:

O território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais, e as escalas geográficas que estivermos analisando. Como no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade de eventos, vivencia-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios (HAESBAERT, 2002, p. 121).

Assim, o território seria o entrecruzamento de múltiplas relações de poder, no qual pode estar ligado aos fatores político-econômicos, ou relacionado aos fatores de ordem cultural, ou simbólica, onde o território pode ser visto nas mais diversas escalas-temporais, e abarcando várias formas de apropriação do espaço.

É importante salientar que Haesbaert (2010, p. 76), destaca que muitos debates acerca do território acabam optando pela temática mais conveniente, seja ela de base econômica, política ou cultural, porque não é tarefa fácil definir o território levando em consideração todos os tipos:

Difícilmente encontramos hoje um espaço capaz de “integrar” de forma coesa as múltiplas dimensões ou lógica econômica, política, cultural, natural. Sobrariam então duas possibilidades: ou admitir vários tipos de territórios que coexistiram no mundo contemporâneo, dependendo dos fundamentos ligados ao controle e/ou apropriação do espaço, isto é, territórios políticos, econômicos e culturais, cada um deles com uma dinâmica própria, ou trabalhar com a ideia de uma nova forma de construirmos o território, se não de forma “total”, pelo menos de forma articulada, conectada, ou seja, integrada (HAESBAERT, 2010, p. 75-76).

Desse modo, torna-se evidente que essa visão integradora do território está ligada a interação das múltiplas relações de poder com a sociedade, a política, a economia e a cultura. Para abordar o território sob essa perspectiva é necessário envolver uma relação complexa entre processos sociais e espaço material, no qual o mesmo acaba abrangendo o movimento, a fluidez e as conexões, onde se faz necessário uma articulação com a ideia de “rede”, incluindo as múltiplas escalas.

De acordo com Haesbaert (2010, p. 280), território e rede podem formar um binômio no qual a rede torna-se um elemento fortalecedor do mesmo, principalmente ao promover a interligação de fluxos de transportes, das movimentações financeiras e a comunicação das pessoas. Nesse sentido, o poder exercido por meio das tecnologias de informação faz com que se possa exercer controle sobre territórios muito distantes e a descontinuidade dos territórios se torna muito mais corriqueira:

A rede é o veículo por excelência da maior fluidez que atinge o espaço e, no nosso ponto de vista, o componente mais importante da territorialidade contemporânea. Seguindo o raciocínio de Raffestin (1993) e sua três “invariantes territoriais” (os nós, as malhas ou as redes), enquanto nas sociedades tradicionais o elemento dominante eram as malhas, a dimensão horizontal do espaço, gradativamente as redes vão adquirindo importância, ao ponto de, na sociedade informacional contemporânea, tornarem-se o principal elemento na configuração territorial (HAESBAERT, 2007, p. 58).

Percebe-se, que as redes podem estar presentes nos elementos que estruturam o território, ou seja, nas invariantes territoriais, pois ela ressalta o movimento, o dinamismo e as

conexões do mesmo. A característica mais importante das redes é o seu efeito territorializador e desterritorializador, o que contribuem para que os fluxos que por elas circulam tenham um efeito que pode ser de sustentação, construção do território, ou de desestruturação.

Ainda nesse sentido, Haesbaert (2010, p. 286), aponta que o território-rede está ligado as relações mediadas pelo espaço que enfatizam as dimensões temporal-móveis, buscando dar conta das relações, que se estabelecem, cada vez mais conectadas entre os indivíduos e grupos. Assim, a ideia de território- rede nos permite compreender os processos de relações de poder, de dominação, de apropriação bem como a mobilidade.

Mediante o exposto, nosso principal objetivo foi apresentar algumas das principais conceituações acerca do território. Embora as concepções aqui expostas possam parecer distintas, as mesmas abrem possibilidades para que se possa definir o território a partir de uma perspectiva integradora no qual as dimensões materiais e simbólicas estejam presentes.

1.1 Do Brasil ao Paraguai: a formação de uma sociedade pioneira

Atentando-se para a ideia de que o território integra as dimensões materiais e simbólicas nosso objetivo a seguir será compreender, como os migrantes brasileiros chegaram ao Paraguai e construíram um “novo” território. No entanto, é necessário nos voltarmos para as trajetórias migratórias dos brasileiros para o país vizinho, bem como as características e particularidades que marcaram esse processo.

Em relação às trajetórias migratórias de brasileiros para o Paraguai, essas se iniciaram em meados de 1954, ano que coincidiu com o começo de um novo governo, ocupado pelo general Alfredo Stroessner⁴, cujo mandato foi marcado por alguns mecanismos que o auxiliaram a manter-se no poder dos quais é possível elencar: uma fachada democrática, um sistema de repressão eficaz, a corrupção institucionalizada, o uso de uma ideologia nacionalista e o apoio dos Estados Unidos.

De acordo com Moraes (2000, p. 73), o General Stroessner assume o poder com um discurso de “paz” e de “progresso” valorizando o nacionalismo, através da exaltação dos heróis nacionais na participação da Guerra do Paraguai (1864-1870), procurando despertar o sentimento de patriotismo, o que obtinha sem muito esforço tanto pelas características do

⁴ Segundo (NICKSON, 2010, p. 265) “Alfredo Stroessner Matiuda nació el 3 de noviembre de 1912 en Encarnación, hijo de un inmigrante alemán, Hugo Stroessner, y la paraguaya Heriberta Matiauda, gobernó el Paraguay desde el 15 de agosto de 1954 hasta el 3 de febrero de 1989. También conocido como “El Rubio” fue el jefe de Estado que más tiempo gobernó en la historia de Latinoamérica. Fue también el presidente que gobernó durante más años en la historia paraguaya, y sus casi 35 años de mandato dejaron una marca indeleble en la psique del país”.

povo quanto por sua própria história.

Por conseguinte, o regime utilizou-se muito bem do passado, que era retido e reavivado na memória do povo como glorioso, em contraposição a um presente feito de necessidades não satisfeitas e frustrações. Destarte, havia uma imagem muito bem aproveitada pelo regime que prometia levar a nação a reviver esse passado de glórias.

Ao mesmo tempo, frente a essa política de nacionalismo, o General Stroessner contava com o apoio estadunidense que pode ser considerado um dos mais importantes vetores de influência na implantação e manutenção da ditadura, posta em território paraguaio:

Segundo um Despacho da embaixada norte-americana para o Departamento de Estado, no período compreendido entre 1942 e 1952, os Estados Unidos da América do Norte gastaram 6,1 milhões de dólares para levar a cabo seus programas no Paraguai. O objetivo dessa ajuda era contribuir para a estabilidade econômica, promoção do desenvolvimento e combate às ideias comunistas. Com apoio financeiro externo, Stroessner promoveu certo desenvolvimento no país, dotando-o de uma infraestrutura básica com a construção de estradas, de ponte sobre o rio Paraná e de incentivo às telecomunicações. Isso lhe permitia apresentar-se como modernizador e empreendedor, portanto, diferente dos governantes anteriores (MORAES, 2000, p. 82).

Mediante o exposto, com o apoio financeiro externo e para alcançar seus objetivos, Stroessner começou a colocar em prática um plano de modernização econômico denominado "Plano de Crescimento para Fora", que visava aumentar a presença paraguaia no mercado externo, exportando o que até ali o Paraguai produzia como: a pecuária, a erva-mate, algodão e a madeira.

Entretanto, para colocar em prática seus planos destinados à economia, o Governo Stroessner escolheu a Região Oriental, mais precisamente o Departamento Alto Paraná cuja capital é Cidade do Leste, por estar localizado próximo ao porto marítimo de Paranaguá no Paraná, o que permitiu que a madeira extraída ali pudesse ser comercializada nos estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul:

La Región Fronteriza Oriental (RFO) del Paraguay es una de las pocas zonas fronterizas adecuadas que quedan para realizar una exportación agrícola intensa en el Cono Sur de Latinoamérica. Los recursos naturales de esta región, que comprende el 35% (aproximadamente 5,4 millones de has.) del área del Paraguay Oriental, permanecieron en gran parte inexplorados hasta mediados de los años 60, siendo en sí mismos un reflejo del crecimiento muy limitado alcanzado por la economía paraguaya, durante la mayor parte del siglo XX (NICKSON, 2005, p. 219).

Dessa forma, o General Stroessner assume o poder apostando na permanência de um modelo de sociedade rural e para alcançar esse objetivo uma de suas prioridades foi conseguir, respectivamente, o apoio do Partido Colorado⁵ e das Forças Armadas visando sua sustentação política.

Além disso, partir de 1960 o mesmo decide confiar às colonizadoras brasileiras, norte-americanas e japonesas a tarefa de organizar o processo de colonização, dando origem a “*Marcha al Leste*” cujo objetivo segundo Bárbara (2005, p. 335) consistia em fazer um reordenamento territorial que materializasse os ideais de progresso e modernização capitalista planejado tanto pelo Estado paraguaio quanto pelo capital privado representado pelas empresas colonizadoras (brasileiras, norte-americanas e japonesas). Tal empreendimento ocorreu à custa da desarticulação da territorialização preexistente nesses espaços, não necessariamente vazios. Nos dois lados da fronteira Brasil-Paraguai, um grande contingente de brasileiros e paraguaios foi utilizado como mão de obra nesse projeto de ocupação.

Como o General Stroessner confiou à distribuição das terras as empresas colonizadoras, Wagner (1990, p. 14) salienta que as mesmas distribuíram as terras, em sua maioria, entre os líderes do Partido Colorado e das Forças Armadas, que por sua vez renunciaram a sua missão institucional, ou seja, o controle das fronteiras do país para participar da venda e colonização das terras.

Logo, a comercialização de terras na Região Fronteiriça Oriental acabou resultando na expulsão dos camponeses paraguaios que de acordo com Wagner (1990, p. 17) “eram indolentes para o pesado serviço de derrubar mato”, no qual eles não possuíam o mesmo sentimento em relação à terra que o colono brasileiro, por sua cultura, já que eles apenas chegavam e ocupavam a terra sem se preocupar com registros e escrituras, o que contribuiu para expulsão desses camponeses.

Destarte, fica evidente que a *Marcha al Leste* visava ocupar a fronteira leste do país, tanto que nesse período o governo Stroessner criou o *Instituto Bienestar Rural (IBR)*⁶, que tinha o intuito de retirar tanto os agricultores pobres, como os ocupantes de terras alheias da Zona Central, e assentá-los em novas colônias agrícolas ao norte e ao leste do país:

Con el programa denominado “Eje Norte de Colonización”, desplegado en

⁵ De acordo com Moraes (2000) o Partido Colorado é o nome popular dado a Associação Nacional Republicana fundada em 1887 por personalidades dos quais podemos destacar o General Bernardino Caballero, onde inicialmente seus principais integrantes eram “os proprietários e militares conservadores” sendo que esse partido desde sua fundação procurou apresentar-se como defensor da soberania nacional.

⁶ A partir do ano de 2004 o Instituto de Bienestar Rural- IBR foi substituído pelo INDERT (Instituto Nacional de Desarrollo Rural y de la Tierra), por meio do meio da LEY 2.419 de 2004.

los años sesenta, el Estado Paraguayo se limitó a distribuir tierras, implementos agrícolas y semillas a los colonos instalados allí por el Instituto de Bienestar Rural, hoy INDERT, sin ofrecer un sistema eficiente de capacitación y apoyo a la producción campesina y menos aún de búsqueda de mercados para la producción local. Carentes de estos elementos, los ocupantes de las colonias sobrevivían al abandono estatal o vendían sus parcelas procurando acceder a nuevas tierras en el mismo departamento. De esta forma las colonias raramente presentaron niveles de arraigo y éxito productivo y, por el contrario, fueron sometidas a prácticas agroecológicas ineficientes que a mediano plazo determinaron una alta erosión de sus suelos. Sumado a ello las escasas y malas infraestructuras y servicios básicos, el cuadro final fue de aislamiento y empobrecimiento del campesino (VÁZQUEZ, 2006, p. 94).

Grande parte dos campesinos paraguaios que foram levados pelas colonizadoras à região norte do país não tiveram um êxito considerável na produção, e não conseguiram contribuir para o desenvolvimento esperado pelo General Stroessner. Nesse mesmo período a estratégia adotada foi modificar o Estatuto Agrário de 1940⁷ permitindo a partir de então a venda de terras a estrangeiros, e não somente as companhias agrícolas como anteriormente, o que abriu o caminho para a venda de terras férteis do país aos pequenos agricultores brasileiros e corporações transnacionais:

Durante el decenio de 1967 - 77, casi la totalidad de las tierras fiscales vírgenes que quedaban en la RFO, fueran vendidas principalmente a altos funcionarios de las Fuerzas Armadas y del Partido Colorado gobernante, a precios fiscales muy inferiores a los precios del mercado. A su vez, estos compradores han revendido a compañías agrícolas brasileras con base en Sao Paulo y Curitiba, logrando como consecuencia considerables ganancias especulativas. Por su lado, los principales latifundistas de la región comenzaron a vender grandes áreas de la tierra bajo su control, casi exclusivamente, también a compañías agrícolas brasileras. (NICKSON, 2005, p. 233-234).

Nessa perspectiva, com a retirada dos campesinos paraguaios e pela proximidade geográfica e vínculos econômicos existentes entre Paraguai e o Brasil, foi deste que saiu a maior parte dos colonos para trabalharem na agricultura paraguaia, até porque o país vizinho nunca desenvolveu uma política voltada a beneficiar seus camponeses, como também

⁷ Em comunhão com Riquelme (2005) o Estatuto Agrário ou Lei de Reforma Agrária do Paraguai não existia até 1936. A Constituição Nacional do país não mencionava artigos diretamente ligados a questão do acesso a terra e ao seu uso racional e equitativo. Assim em 1940 foi criado a Lei de Reforma Agrária, que modificada em 1963 e por último em 2003, estabelece em seus artigos como se deve utilizar a terra das propriedades rurais conscientizando os proprietários que medidas serão impostas contra aqueles caso não obedecerem ao presente estatuto.

políticas públicas destinadas aos seus habitantes, o que abria as portas para grupos estrangeiros.

Os primeiros brasileiros a chegarem ao Paraguai foram atraídos pelas amplas possibilidades de adquirirem terras, pois muitos eram desprovidos de posses no Brasil. Esses migrantes inicialmente eram provenientes de estados do Nordeste (Bahia, Pernambuco, Paraíba e Sergipe), e foram chamados pelas empresas colonizadoras que utilizavam o discurso que os paraguaios necessitavam de mão de obra para derrubarem as matas e prepararem a terra para a agricultura:

Estos “negros”, tal como los llama, son actores tradicionales de los frentes pioneros del *sudeste* brasileiro esencialmente. En su gran mayoría mestizos (caboclos) y originarios del *nordeste* del Brasil, desmontadores que han recorrido de Norte a Sur los estados de San Pablo y de Paraná siendo expulsados poco a poco por la especulación de un contingente pionero para el cual preparaban el terreno. Los que encontramos son originarios de los estados de Pernambuco, de Paraíba y sobre todo del sudeste de Bahía y del noreste de Minas Gerais (este último no está administrativamente incluido en el nordeste a pesar de que se asimila con éste en diferentes aspectos). Su papel estaba entonces claramente definido, se encargaban de preparar las tierras forestales para el cultivo (SOUCHAUD, 2007, p. 120- 121).

Nota-se que os nordestinos foram os primeiros migrantes a chegarem ao Paraguai, cujo intuito era trabalhar como agregado dos colonizadores, entretanto, é importante salientar que eles também levavam a esperança de que a renda de seu trabalho lhe proporcionaria o suficiente para adquirirem terras no país. De acordo com Wagner (1990, p. 15), levantamentos feitos por religiosos, entre 1959 a 1960, demonstraram que de cada cem brasileiros que entravam no território paraguaio, cerca de setenta e cinco eram provenientes dos estados do Nordeste.

No Paraguai, os nordestinos começaram seus trabalhos derrubando matas, e vendendo a madeira para garantir seu sustento, muitas vezes por um preço muito baixo aos proprietários das terras, que se encarregavam de negociarem com comerciantes da fronteira, cujo principal objetivo era contrabandear a mesma para o Brasil.

Segundo Wagner (1990, p. 16), entre os anos de 1959 a 1968, esses migrantes viveram com certa tranquilidade, pois a renda resultante do seu trabalho e da comercialização da madeira permitiu aos mesmos conseguirem o necessário para garantirem o seu sustento e o de seus familiares.

Em meados de 1969, o General Stroessner mudou sua política, porque grande parte

das terras já estava desmatada apresentando apenas pequenos tocos das árvores que haviam sido derrubadas, o que agregou um grande valor as terras, pois bastava arrancar os tocos, e ela já estaria pronta para o cultivo mecanizado, que era o principal objetivo do General Stroessner.

Porém, os nordestinos não estavam aptos a trabalhar no desenvolvimento de uma agricultura mecanizada, e nem possuíam capital para adquirir terras, desse modo o interesse pelos mesmos foi posto de lado e outro esquema foi traçado com o intuito de atrair para o Paraguai os pequenos agricultores sulistas. Segundo Wagner (1990, p. 16) montou-se uma propaganda utilizando o seguinte *slogan*: “Com a venda de um hectare no Brasil é possível comprar mais de cinco lá no Paraguai”.

Além desse atrativo, os principais fatores responsáveis pela migração dos sulistas ao Paraguai foram os seguintes:

- Oferta de terras de mucho menor costo que el sur del Brasil;
- Facilidades de crédito ofrecidas por el gobierno paraguayo para la producción agropecuaria;
- Impuestos para exportación de productos muy inferior a los vigentes en el Brasil;
- Interés de los capitalistas brasileños por invertir en Paraguay en compra de tierras y extracción de maderas;
- Expansión capitalista de la agricultura del sur brasileño (soja) generando problemas sociales;
- Mayor acercamiento político-económico entre Paraguay y Brasil a partir de Itaipú y otras obras de ingeniería (BERNALT, 2005, p. 33).

Com todos os benefícios propostos pelo General Stroessner a ideia de migrar para o Paraguai foi uma alternativa encontrada por muitos sulistas que tinham o objetivo de conseguir terras para produzir, e deixar aos seus filhos, já que alguns desses migrantes habitavam no Brasil poucos hectares de terras, muitas vezes improdutivas e não viam nessas perspectivas de crescimento.

De acordo com Souchaud (2007), a maioria dos sulistas era de origem alemã, italiana ou eslava e se distinguia dos nordestinos tanto nas práticas culturais do dia a dia, quanto nas condições financeira, haja vista que muitos levaram um pequeno pecúlio ao migrarem para o país. Além do mais, esses migrantes chegando ao Paraguai não deixaram de seguir as mesmas formas de cultivo da agricultura que desenvolviam no Brasil, bem como também mantiveram sua forma de comercialização e o estilo de vida modificando a paisagem.

Há que se destacar que muitos sulistas ao chegarem ao Paraguai, adquiriram terras

uns próximos aos outros, o que contribuiu para o surgimento de pequenas colônias ou comunidades, no qual desde sua formação contava com um representante religioso ou um líder que se encarregavam de cuidar e prestar assistência aos mesmos, pois, esses migrantes foram para o país vizinho apenas com um pequeno capital e algumas ferramentas, sem uma garantia de que conseguiriam reconstruir suas vidas:

A partir del fin de los años sesenta y el comienzo de los setenta, los colonos se lanzan a la conquista. La parte de la colonización espontánea es difícil de determinar, aunque parece que la asistencia técnica, pública o privada, a los colonos ha sido limitada. Las comunidades se organizan a veces alrededor de un representante religioso, asociación que contribuirá a la ruptura del aislamiento y a limitar la vulnerabilidad de los colonos. En este proceso las Iglesias Reformistas parecen haber sido mucho más eficaces que la Iglesia Católica (SOUCHAUD, 2005, p. 24).

Observa-se que o apoio de religiosos e associações a esses migrantes contribuiu para que eles pudessem ter acesso às necessidades básicas, como também auxiliava os mesmos no processo de regularização da sua situação de migrante.

É importante frisar que esses migrantes ao chegarem a terras paraguaias conseguiram adaptar as mesmas práticas agrícolas que desenvolviam no Brasil, o que contribuiu para que eles desenvolvessem o cultivo com uma maior agilidade:

A diferencia de los *Nordestinos*, atravesaron la frontera con un capital, a veces pequeño, pero suficiente para la adquisición de tierra en Paraguay, entonces aproximadamente diez veces más barata. Las magras economías provenientes de un paciente ahorro, fruto de la venta de una parcela o de algunos bienes mobiliarios, no habrían bastado para acceder a la propiedad inmobiliaria en el Brasil meridional, mientras Paraguay les ofrecía amplias perspectivas. Este acceso rápido a la propiedad de la tierra les permite instalar, en la Región Oriental, un tipo de organización espacial en pleno desarrollo en el sur del Brasil, basado en un monocultivo intensivo fuertemente integrado al mercado agro-industrial internacional (SOUCHAUD, 2007, p. 122).

Contudo, nota-se que os brasileiros sulistas tiveram trajetórias migratórias, que lhes proporcionaram perspectivas diferentes se comparadas aos nordestinos. E foram justamente as condições de migração que permitiram que eles se instalassem no Paraguai e em muitas vezes formassem pequenas comunidades ou colônias, que de acordo com Nickson (2005, p. 232), “se converteram em um ponto de atração para a aceleração da migração brasileira para o

Paraguai”, pois muitos brasileiros ao visitar seus familiares e amigos no país gostavam do lugar e, posteriormente, acabavam adquirindo terras nas proximidades.

Vale ressaltar que ao venderem suas terras no Brasil, os migrantes sulistas chegaram ao Paraguai com um pequeno capital, o que lhes proporcionou comprar certa quantidade de terras, assim como os equipamentos necessários para a produção:

La siguiente experiencia, por lo demás muy generalizada, de un colono brasileño recién llegado (1977) muestra una disparidad en los precios de las tierras. “Vendí 7 alquileres (17,5 has.) que tenía en Terra Roxa, Paraná por 520.000 cruzeiros y con el dinero compré aquí 30 alquileres (75 has.) por 293.000 cruzeiros. Voy a utilizar los restantes 227.000 cruzeiros para construir una casa y pagar los gastos de mudanza, de desmonte y plantación de 10 alquileres (25 has.) de soja, y ahorré el resto para comprar un tractor el próximo año” (NICKSON, 2005, p. 229).

Ao analisarmos a migração de brasileiros para o Paraguai evidenciamos que o país se converteu em um lugar de oportunidades, pois parte dos migrantes que optaram em ir para o país vizinho em busca de terras, conseguiram garantir com a venda de suas terras no Brasil, a reconstrução de suas vidas. Dessa forma, as terras das margens fronteiriças do Paraguai acabaram ficando à disposição do dinamismo dos colonos brasileiros:

En una decena de años (en las postrimerías de los años 60) el ritmo de las transacciones de tierras se dispara y se establecen nuevas reglas del juego. Los brasileños se constituyen poco a poco en la mayoría de los propietarios de la región y sus ambiciones difieren de las de sus predecesores. Éstos quieren desmontar, abrir caminos, plantar cafetales. En suma, como pioneros van a ocupar, rentabilizar y poblar la región fronteriza. Allí tampoco el espacio estaba reservado solamente a colonos brasileños sino que fueron precedidos por especuladores extranjeros y también por el Estado paraguayo que favorecería el movimiento Oeste-Leste (SOUCHAUD, 2007, p. 96).

É importante salientar que muitos migrantes sulistas que foram para o Paraguai se instalaram na Região Oriental do país, se constituíram pouco a pouco na maioria dos proprietários da região, pois ao se instalarem em território paraguaio passaram a ocupar e rentabilizar as regiões fronteiriças, pois à medida que eles necessitavam de alguns instrumentos de trabalho, objetos e alimentos para sua sobrevivência recorriam à região de fronteira das quais podemos destacar as cidades brasileiras de Ponta Porã e Foz do Iguaçu.

Portanto, compreende-se que a trajetória migratória dos sulistas foi bem sucedida se comparada a dos nordestinos, já que ao chegarem ao Paraguai conseguiram adquirir terras e

em muitos casos se organizaram em pequenas comunidades ou colônias, na qual destacamos a Colônia *Nueva Esperanza* formada por migrantes, que em grande parte deixaram o Oeste do Paraná, que será objeto de nossa investigação.

1.2 A expansão agrícola do Brasil e o desenvolvimento da Região Oeste do Paraná

Parte dos migrantes brasileiros que vivem no Paraguai vieram predominantemente do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. É importante ressaltar que a maioria acabou participando de alguns fluxos migratórios que ocorreram no interior do Brasil antes de chegarem ao Paraguai. Sumariamente, podemos definir esses fluxos em três grandes movimentos:

El primero fue lanzado en el estado de San Pablo, en el siglo pasado, a la conquista de las planicies de espigones forestales donde se han desarrollado las plantaciones de café y luego la cría intensiva de ganado. Salido de la región litoral en dirección al Oeste se bifurca rápidamente hacia el Sur para ganar el estado de Paraná que recorre Este a Oeste. El segundo, después de haber colonizado la pradera del Río Grande do Sul meridional se apodera de las tierras forestales del noreste del estado antes de conquistar el Oeste de Santa Catarina y luego el Oeste de Paraná. En el origen se traza una neta demarcación entre ganaderos de la pradera y pequeños agricultores de las tierras altas. El posterior avance norte-sur del frente se acompaña de intercambios entre las dos sociedades. En los años 30 estas dos frentes ganan el estado de Paraná y poco a poco penetran el bosque de Este a Oeste. El encuentro entre las poblaciones del Norte y las del Sur se hace sobre la tercera planicie paranaense, en las proximidades del trópico. El encuentro esta regulado y orientado este-oeste. Cuando comienzan a faltar las tierras en el Estado de Paraná, los colonos súbitamente ganan el Sur del estado del Mato Grosso do Sul [então Mato Grosso, até 1979] o incluso los lejanos frentes amazónicos. Existía otra alternativa, una posible solución de proximidad: a la entrada a Paraguay (SOUCHAUD, 2007, p. 103).

Esses fluxos migratórios que englobavam diferentes estados contribuíram para a entrada dos migrantes brasileiros no Paraguai. Conforme exposto acima, dois movimentos migratórios no interior do Brasil merecem destaque como o movimento vindo do Rio Grande do Sul em direção a Santa Catarina e do Oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul, e outro fluxo oriundo do Nordeste e Minas Gerais em direção a São Paulo, e posteriormente para o Norte e Oeste do Paraná, como pode ser visualizado na figura 2:

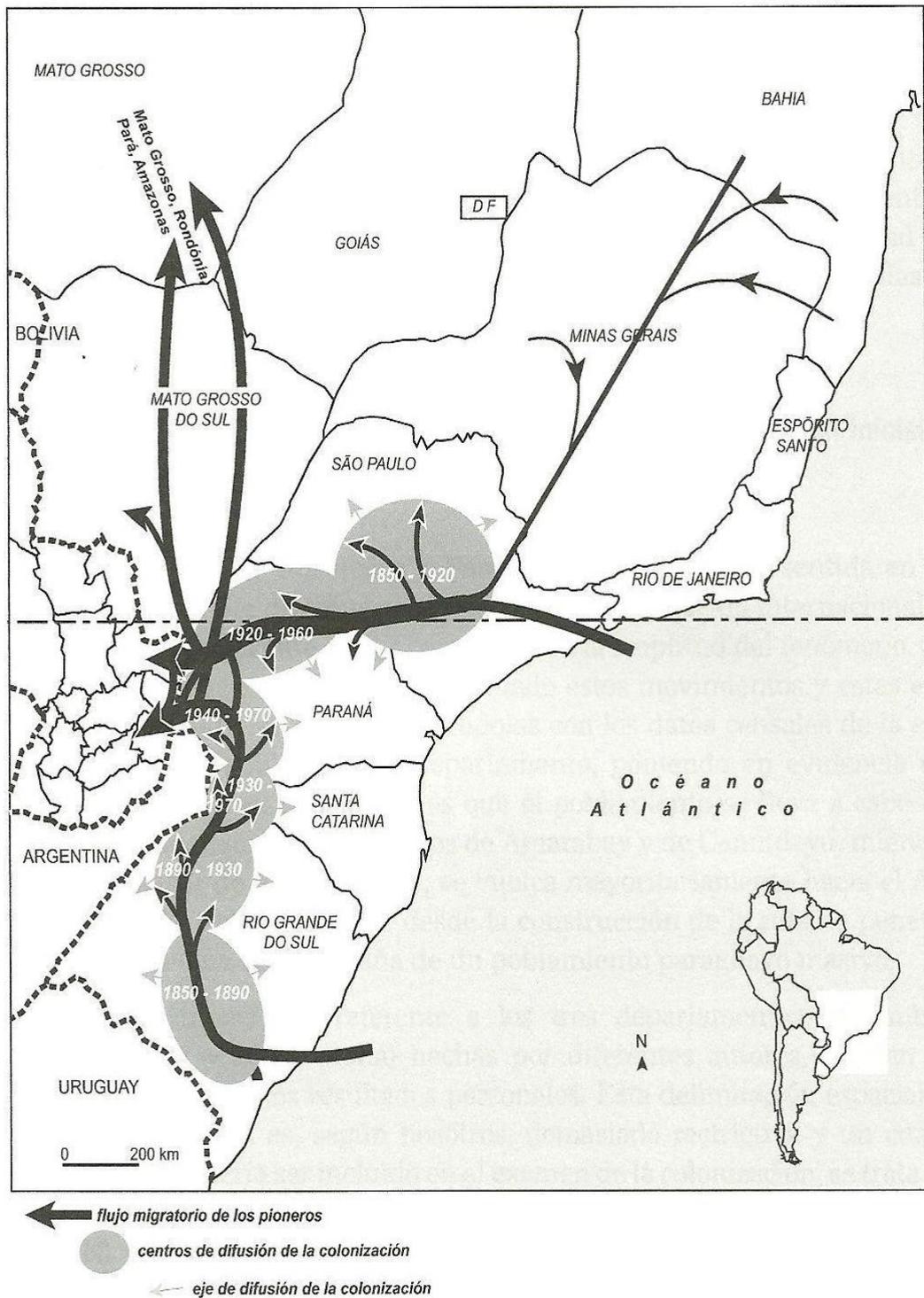


FIGURA 2: Origens Geográficas dos fluxos de colonização brasileira do Paraguai Oriental
 Fonte: Leborgne David (1998) citado por Souchaud (2007)

É possível evidenciar que todos esses fluxos migratórios que ocorreram no interior do Brasil fortaleceram a dinâmica migratória de brasileiros para o Paraguai. Para que possamos compreender como esse processo contribuiu para a formação da Colônia *Nueva*

Esperanza nos limitaremos a abordar os movimentos em direção ao Oeste do Paraná.

Nessa perspectiva, voltemo-nos para meados dos séculos XIX e início do século XX onde o Oeste do Paraná esteve ocupado por empresas colonizadoras e não despertava interesse econômico para os pequenos produtores do Estado, nem em grande parte do país o que contribuiu para que essa região fosse povoada tardiamente.

Na medida em que o Paraná passou a priorizar a expansão agrícola criando estratégias para ampliar o crescimento da agricultura, a região Oeste do estado passou a ser uma área de atração populacional, para muitos catarinenses e gaúchos, que tinham o intuito de adquirirem terras e trabalharem com a agricultura:

No Oeste do Estado do Paraná, a colonização se iniciou nos anos 20 do século XX com o estabelecimento de pequenas propriedades (entre 25 a 40 hectares), adquiridas por compra, principalmente, pelos egressos das colônias alemãs e italianas do Rio Grande do Sul e também, de forma secundária, das antigas colônias catarinenses. Outras regiões, também, atraíram colonos do Sul, mas predominaram, como áreas de atração, as microrregiões Oeste e Sudoeste Paranaenses, que atraíram 30% dos migrantes da Região Sul, constituindo-se nas áreas de destino preferencial de agricultores gaúchos e catarinenses expulsos destas regiões que estão sendo analisadas. Para lá se deslocaram 85% dos gaúchos e 50% dos catarinenses que migraram para o Paraná, somando em torno de 350.000 pessoas (GREGORY, 2002, p. 64).

Percebe-se que, no início dos anos de 1920, o Oeste do Paraná teve o seu apogeu populacional, no qual milhares de colonos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul migraram para a região levando consigo sua família e alguns bens para trabalharem com o corte de madeira e na formação de lavouras.

Com essa grande movimentação de agricultores em busca de melhores condições de vida, o governo do Paraná, através de empresas colonizadoras, decidiu oferecer a esses agricultores áreas de ocupação para se instalarem e desenvolverem a agricultura. No início esses se dedicaram a produzir basicamente para seu consumo, ocasionada pela escassez dos meios de transporte e de comunicação para a comercialização dos produtos.

Dessa forma, a partir do momento que ocuparam o Oeste do Paraná, esses agricultores transformaram a região em uma expansão da cafeicultura paulista, graças às enormes extensões de terras roxas, ideais para essa cultura. Assim muitos gaúchos, catarinenses e paulistas foram para a região em busca de terras para produzir:

A terra era também uma mercadoria possuindo valor de troca, além de valor

de uso. (...). Na fase inicial as companhias de colonização privadas tiveram um papel relevante e contaram com apoio oficial para estabelecerem uma estrutura fundiária onde predominavam as médias e pequenas propriedades. Após a fase de consolidação fundiária, começou a haver uma desestruturação dos pequenos lotes que foram repassados aos grandes proprietários, mudando em muitos casos a atividade do café para a pecuária ou para outras lavouras de exportação (a soja, por exemplo), via de regra poupadora de trabalho. Hoje os locais que foram frentes há duas ou três décadas se tornam expelidores de população (OSORIO citado por SILVA, 1982, p. 91).

Diante desse cenário, a partir do ano de 1960 foram implantadas algumas políticas no estado do Paraná que visavam o desenvolvimento da agricultura da região, em que é possível destacar a modernização e utilização de técnicas para o desenvolvimento da lavoura, dificultando a vida dos pequenos produtores, que apresentaram problemas para se incorporarem a essas novas técnicas de produção.

Quando a agricultura começou a adquirir outras características passou-se a incrementar políticas para o desenvolvimento das exportações por meio da expansão dos cultivos de soja e trigo o que contribuiria para o processo de modernização da agricultura, pois a soja seria produzida para atender a demanda do mercado mundial e o trigo tinha o intuito de diminuir as importações do produto no país:

Tem-se na modernização e tecnificação da lavoura, com maior integração entre o produtor e a produção de mercado, um processo de modificação nas relações sociais de produção. Caracterizou-se pela transformação capitalista da produção onde a agricultura especializou-se e orientou-se para um ou mais produtos. Com o avanço da modernização ocorreu a industrialização do campo (MENEGOTO citado por FIORENTIN, 2010, p. 12).

Obviamente podemos destacar que a produção agrícola do Paraná, nesse período, passou a contar com incentivos financeiros através dos bancos, que atuavam como agentes visando desenvolver a produção de soja, portanto, houve uma grande transformação tecnológica acompanhada de inovações em técnicas agrícolas naquela região:

As instituições bancárias, ao atuarem como agentes financeiros deste processo introduziram novas formas na relação comercial: a agricultura familiar que até este momento comercializava seus produtos, sem a interferência de terceiros, passou a fazê-lo por intermédio de financiamentos bancários, tornando-se ao mesmo tempo um vendedor de produtos agrícolas e um comprador de sementes, insumos, agrotóxicos e equipamentos agrícolas. Assim, novas formas de reprodução das relações de produção

passam a fazer parte do cotidiano do trabalhador agrícola no oeste paranaense, e em grande parte do sul do Brasil (ZAAR, 2001, p. 4-5).

Salienta-se que nesse período a produção mundial agrícola passava por grandes transformações, porque houve a implantação de um novo padrão de produção e consumo e a atividade agrícola teve que adaptar-se às novas exigências de produção e do mercado internacional num processo que ficou conhecido como “Revolução Verde”.

De acordo com Brum (1988, p. 61), a “Revolução Verde” foi à transformação da agricultura, a partir dos anos 40, acarretada pela injeção de tecnologia básica e de um conjunto de práticas e insumos agrícolas que asseguram condições para que os novos cultivares alcançasse altos níveis de produtividade.

Além do mais, a “Revolução Verde” representou a expansão e o fortalecimento das grandes corporações a caminho da transnacionalização e esse processo teve duas fases distintas: a primeira ocorreu por volta de 1943 a 1965 e procurou desenvolver a infraestrutura da produção, através da tecnologia nas sementes, adubos e equipamentos, além de fornecer assistência técnica e de crédito aos produtores.

Já na segunda fase, que ocorreu a partir de 1965 houve uma rearticulação na produção de alimentos no mundo, que contava com o apoio das corporações transnacionais. Além disso, nessa fase ocorreu a implantação de técnicas inovadoras que receberam o nome de pacote tecnológico, no qual Brum (1988, p.61), afirma ter sido as mudanças na política econômica de exportação de cereais introduzida pelo governo norte-americano Lyndon Johnson, além da utilização das novas técnicas de correção de solo, fertilização, combate às doenças e pragas, como também a utilização de equipamentos modernos.

Pode-se afirmar que a “Revolução Verde” contribuiu para a expansão territorial agrícola em diversos países, e também para ampliar as vendas das grandes corporações transnacionais que vendiam insumos e equipamentos agrícolas modernos. No Brasil, essa “revolução” representou um instrumento que permitiu o aprofundamento da internacionalização da economia, em que uma parcela mínima de agricultores se beneficiou nesse caso, os grandes proprietários de terras.

A modernização da agricultura a partir da segunda metade do século XX alcançou espaço internacional da produção mundial de gêneros agrícolas integrando-se ao desenvolvimento da agroindústria e de corporações transnacionais. Ainda, a partir desse momento temos a industrialização da agricultura que é parte da modernização agrícola, no qual por meio dela o agricultor brasileiro passou a utilizar máquinas, equipamentos,

implementos e insumos modernos, ou seja, a produção agrícola começou a passar por grandes transformações.

Observa-se que a modernização da agricultura foi um importante processo de modernização das técnicas de produção, no qual se destaca o uso mais intenso do trator, a utilização de insumos modernos, como fertilizantes químicos, agrotóxicos, sementes selecionadas, rações e medicamentos veterinários.

Gregory (2002, p. 206) corrobora que é normal pensar que a modernização da agricultura se restringiu a modificações ocorridas apenas na base técnica da produção, avaliando-se apenas a evolução dos índices de utilização das máquinas e de insumos agropecuários. A modernização significa muito mais, pois foi se modificando também a organização da produção. A composição e a utilização do trabalho foram atingidas pela maior utilização da mão de obra assalariada e pela expropriação dos pequenos produtores. Foram introduzidos moldes empresariais de organização da produção.

Percebe-se que a agricultura passou por algumas modificações, onde se tornava cada vez maior a dependência da indústria fornecedora de insumos e equipamentos. Nesse contexto, o pequeno produtor começou a enfrentar dificuldades, o que resultou em muitos casos na venda de suas terras aos grandes produtores, por não terem acesso a esses mecanismos que tornavam a agricultura mais cara, bem como por não conseguir aumentar sua produção:

O pequeno produtor, no caso, tendo produzido um volume global menor, terá uma massa de lucro insuficiente, induzindo-o ou forçando-o talvez a vender sua pequena propriedade, desestimulado. Por sua vez, o grande ou médio produtor com um volume global bem maior de produção, obterá sobras que podem ser investidas na aquisição da propriedade do pequeno produtor desestimulado e desesperançado. A necessidade de superar os conflitos entre o capital e o latifúndio, uma vez que a modernização acabou levantando a questão da renda da terra. O latifúndio passa a ser o atraso e o passado; a empresa rural modernizada, a prosperidade e o futuro. Pode-se mesmo afirmar que um dos objetivos da modernização conservadora implantada no Brasil é a viabilização do latifúndio pela sua transformação em empresa rural. Realização dos interesses do complexo agroindustrial, possibilitando sua implantação, consolidação e avanço do país (BRUM, 1988, p. 62).

O que se identifica é que, de certa forma, a modernização da agricultura brasileira beneficiou mais os médios e grandes proprietários rurais, que tendo a necessidade de expandir seus negócios acabaram adquirindo as terras dos pequenos produtores. E é exatamente essa

situação que pode ser perceptível no Oeste do Paraná, a partir de 1970, pois muitos agricultores não conseguiram se adaptar as novas técnicas e para se adequarem às mesmas eles teriam que modificar seu modo de produzir, em alguns casos teria que utilizar maquinários com tecnologia superior a que estavam acostumados a trabalhar, porque o grande objetivo era atender as determinações do mercado. Diante desse cenário a única opção que lhes restou foi vender suas terras e migrarem para outros lugares:

O uso de maquinários foi, sem dúvida, uma das vertentes propulsoras da exclusão de inúmeros agricultores. Este processo em todo o Brasil. Porém no Paraná, e em especial no oeste paranaense, manifestou-se com maior intensidade. Em função disso sobreveio o êxodo rural e a região oeste reduziu seu contingente populacional entre a década de 70 e 80 em 126.451 habitantes (FIORENTIN, 2010, p. 15).

Cabe salientar que a grande dificuldade dos agricultores do Oeste do Paraná, não foi apenas a implantação de novos maquinários na produção, mas a diminuição da demanda pela soja em meados dos anos de 1970, o que contribuiu para a diminuição do auxílio por parte do governo para desenvolver a produção da mesma, pois dessa forma os juros bancários que em grande parte eram subsidiados pelo Estado ficaram mais elevados, contribuindo para o endividamento desses agricultores.

Endividados e sem perspectivas de recuperação, muitos agricultores optaram por vender parte ou em alguns casos até a propriedade inteira. Ao mesmo tempo, outros fatores contribuíram para que os mesmos fossem forçados a venderem suas terras como a frustração das safras por problemas climáticos, como as secas e as geadas esporádicas, que ocorreram entre os anos de 1960 a 1975.

Ressalta-se, que nesse mesmo período muitas plantações de café do noroeste paranaense⁸, começaram a apresentar perdas consideráveis ocasionadas pelas geadas dos anos de 1963 e 1975, que ocorreram na região, causando prejuízos aos pequenos agricultores, que sem perspectivas de recuperação decidiram migrar. É importante salientar que de acordo com Choma (2009), a produção de café no Paraná foi afetada não apenas pela geada, mas também pela erosão em terras arenosas como o caso da cidade de Paranaíba, contribuindo para que houvesse um êxodo rural enfrentado por muitos após a erradicação de grande parte das lavouras de café do estado.

⁸ O Noroeste Paranaense é formado por três cidades polos: Paranaíba, Cianorte e Umuarama que englobam 61 municípios.

Há que se observar que como não conseguiam ter uma boa produção a renda desses agricultores ficou comprometida, o que contribuiu para que eles vendessem suas terras, e fossem para outros lugares a procura de novas oportunidades, ou seja, muitos brasileiros que habitavam a região Oeste do Paraná foram para o Paraguai, em busca de terras, motivados pela escassez de oportunidades e expansão, bem como as dificuldades econômicas do meio rural.

Evidentemente, a migração de brasileiros para o Oeste do Paraná formando a “Marcha ao Oeste” que se iniciou em meados de 1930, durante o governo Getúlio Vargas, com o intuito de desenvolver a região e sua agricultura e, posteriormente a *Marcha al Leste*, do lado paraguaio, foram dois movimentos significativos no fenômeno migratório de brasileiros para o Paraguai:

Dos constantes están en el origen de la reproducción de la dinámica pionera brasileña. En la vanguardia, es decir al Oeste, una amplia explanada de expansión en las tierras vírgenes alimenta las esperanzas de éxito. En la retaguardia, al Este, fuertes presiones especulativas impulsan una estructura agraria recientemente formada. La exacerbación del diferencial entre estos dos extremos confiere a la retaguardia un carácter expulsivo mientras que la vanguardia se vuelve más atractiva; más allá de un cierto nivel se crea el movimiento hacia el Oeste y rápidamente toda la sociedad pionera se convulsiona. Este esquema resumido parece constituir la base de la dinámica espacial brasileña que se articula entre ruptura y reequilibrio, clímax y paraclímax (SOUCHAUD, 2007, p. 96).

Destaca-se que com a ocupação e o consequente esgotamento de algumas “terras virgens”⁹, tanto no Brasil como no Oeste do Paraná, resultou em um crescimento da mão de obra rural. E como nesse momento a Paraguai estava desenvolvendo a agricultura comercial, que os agricultores brasileiros já praticavam há alguns anos através do plantio de soja, e atraí-los para o país para adquirirem terras e trabalharem no desenvolvimento da agricultura se tornou uma estratégia.

Nesse contexto, em concordância com Albuquerque (2010), podemos salientar que o movimento migratório para o Paraguai pode ser visto como uma continuidade da frente de expansão capitalista no Paraná, pois as fronteiras agrícolas ultrapassam as fronteiras nacionais principalmente em meados da década de 1950, em que setores marginalizados da frente de

⁹ De forma um tanto semelhante à ideia de “Modernização agrícola”, entendemos que a de “terras virgens” deve sempre também ser tomada com precauções, pois praticamente todas as terras antes da expansão da fronteira agrícola no século XX (em momentos diferentes a depender dos lugares) eram ocupadas por povos indígenas ou por caboclos. No caso específico do sudoeste e do oeste paranaenses, são elucidativas as análises de MONDARDO (2009) e de GREGORY (2002).

expansão interna “saltaram o rio Paraná”, como também alguns produtores agrícolas do sul do Brasil e começaram a colonizar as terras paraguaias.

Portanto, percebe-se que grande parte dos brasileiros que migrou para o Paraguai participou de algum dos fluxos migratórios internos que ocorreram no Brasil entre os anos de 1930 a 1970, onde foram para o país vizinho com um pequeno capital que lhes permitiu adquirir uma pequena parcela de terras, formando pequenas colônias e comunidades, como a Colônia *Nueva Esperanza* que possui um número estimável de moradores que vieram principalmente do Paraná.

1.3 Territorialidade e Migração: uma análise sobre os processos de desterritorialização e reterritorialização

Ao chegarem ao Paraguai os migrantes brasileiros se organizaram em prol de conseguirem terras para produzir, pois forçados por circunstâncias econômicas a deixarem o Brasil, foram em busca de novas oportunidades em terras estrangeiras. Dessa forma, ao se instalarem em terras paraguaias eles tiveram que reconstruir sua vida em um “novo” país e em muitos casos, se organizaram em comunidades ou colônias. Assim, para que possamos pontuar como os migrantes brasileiros reconstruíram suas vidas é necessário abordar de que maneira eles construíram laços com esse “novo” território por meio da territorialidade.

Nessa perspectiva corroboramos com Saquet (2011, p. 45), ao afirmar que a territorialidade significa as relações cristalizadas entre os sujeitos, e destes com seu lugar de vida, pois os indivíduos se interagem, principalmente, cultural e economicamente e são essas relações que se condicionam:

A territorialidade são todas as relações sociais efetivadas pelos sujeitos entre si e com o espaço de vida; é marcada por elementos de mudanças e processos no movimento de territorialização que, por sua vez, gera o território. A territorialidade corresponde às dimensões sociais do território, ou seja, as relações econômicas políticas e sociais e culturais que os homens estabelecem entre si com sua natureza exterior. Além disso, a territorialidade também pode ser evidenciada como governança, numa espécie de quarta dimensão social do território que enaltece os processos de reunião, planejamento e gestão do território pelas relações cotidianas de certo grupo social com o objetivo de elaborar projetos e programas de desenvolvimento territorial (SAQUET, 2011, p. 46).

A territorialidade acaba sendo o resultado da apropriação e construção do território e

envolve tanto as relações sociais entre os sujeitos quanto às atividades cotidianas. Dessa forma, a mesma pode ser compreendida como um produto do entrelaçamento entre o sujeito e o lugar advindo das relações sociais.

Já para Raffestin (1993), é possível relacionar a territorialidade humana com a multidimensionalidade do vivido, ou seja, com a vivência e significados gerados a partir do momento em que o indivíduo produz um território, assim:

A territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens vivem ao mesmo tempo, processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se tratem de relações existenciais ou produtivas, todas são relações de poder visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores sem se darem conta disso, se auto modificam também, o poder é inevitável e, de modo algum inocente. Enfim é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (RAFFESTIN, 1993, p. 159).

Nesse sentido, observa-se que a territorialidade é definida a partir de um conjunto de relações que são de poder, e acabam modificando tanto o território quanto o próprio indivíduo. Dessa forma, a territorialidade é produzida e manifestada levando em consideração os lugares, suas singularidades, seus ritmos, seus habitantes e suas diferenças.

Outro elemento importante na discussão de Raffestin, (1993, p. 161) é a ideia de que a territorialidade é muito mais do que a relação homem-território, pois a mesma engloba um conjunto de relações tridimensionais que envolvem a sociedade, o espaço e o tempo visando atingir uma maior autonomia com os recursos do sistema. Para se compreender a territorialidade faz-se necessário considerar aquilo que a construiu, bem como os lugares que ela desenvolveu e os ritmos que ela implica.

Já Sack (1986) nos apresenta uma dimensão política da territorialidade, em que a mesma seria um conjunto de relações que coletivamente ou individualmente se estabelecem espacialmente. Sendo assim, pode-se afirmar que a territorialidade é a ação de um determinado grupo em ocupar, usar, controlar e identificar o território em que vivem:

Territoriality, as the basic geographic expression of influence and power, provides an essential link between society, space, and time. Territoriality is the backcloth of geographical context- it is the device through which people construct and maintain spatial organizations. For humans, territoriality is not an instinct or drive, but rather a complex strategy to affect, influence and

control access to people, things, and relationships¹⁰ (SACK, 1986, p. 216).

Observa-se que a territorialidade acaba se tornando uma estratégia para manter uma parcela do espaço através do acesso das pessoas coisas e relações em um determinado espaço. Nesse sentido, ela pode ser pensada como uma estratégia de controle e poder, e é originada a partir do momento em que ocorre o esforço de um indivíduo ou grupo em estabelecer inter-relações uns com os outros.

Para Sack (1986, p. 217), a territorialidade aponta a organização geográfica e seus significados, por meio das histórias que foram e vão sendo construídas a partir dos usos de parcelas territoriais do espaço. Nessa perspectiva, a territorialidade seria o resultado de uma construção social, aonde as relações são formatadas espacialmente.

As proposições realizadas por Sack acerca da territorialidade nos evoca as relações e práticas de controle sobre determinada área, que podem ocorrer em contextos e tempos diferentes. Dessa forma, Haesbaert (2007) em dialogo com Sack (1986), afirma:

A territorialidade humana envolve o controle sobre uma área ou espaço que deve ser concebido e comunicado, mas ela é mais bem entendida como uma estratégia espacial para atingir, influenciar ou controlar recursos e pessoas pelo controle de uma área, e como estratégia, a territorialidade pode ser ativada e desativada. O uso da territorialidade depende de quem está influenciando e controlando quem e dos contextos geográficos do lugar, espaço e tempo. Apesar de centralizar-se na perspectiva política, Sack também reconhece as dimensões econômica (uso da terra) e cultural (significação do espaço) da territorialidade, intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2007, p. 86).

A territorialidade está ligada tanto as dimensões econômicas e políticas, já que é através da mesma que os indivíduos organizam e dão sentido ao espaço. Ademais, pensar a territorialidade é uma tentativa de análise geográfica sobre as identidades culturais, pois a mesma tem uma mistura de elementos culturais, econômicos e políticos, e busca construir uma hegemonia geral sobre uma base territorial.

Nesse sentido, entendemos que a territorialidade é um elemento importante para se compreender de que forma ocorre a construção e a organização do território, pois é através da

¹⁰ Tradução nossa: A territorialidade é uma expressão básica da geografia de influência e de poder, e provém de um vínculo essencial entre sociedade, espaço e tempo. Territorialidade faz parte de um contexto geográfico, e é o dispositivo pelo qual as pessoas constroem e mantêm organizações no espaço. Para os seres humanos, a territorialidade não é um passeio de instinto ou movimentação, mas uma estratégia complexa para afetar, influenciar e controlar o acesso de pessoas, coisas, e relações (SACK, 1986, p. 216).

mesma que os indivíduos criam laços com o território, além de englobar um conjunto de ações e comportamentos combinando representações sociais e práticas espaciais.

Contudo, ao analisarmos a migração de brasileiros para o Paraguai e como esses migrantes passaram a utilizar, controlar e identificar esse novo território através da territorialidade faz-se necessário dialogarmos com os processos de desterritorialização e reterritorialização.

No que tange ao processo de desterritorialização é possível perceber de acordo com Haesbaert (2010, p. 58), que a mesma pode acompanhar a problemática do território e de suas fronteiras, uma vez que estas podem ser estatais por meio do território político, e pela hibridização cultural através do território simbólico:

1) Geralmente não há uma definição clara de território nos debates que focalizam a desterritorialização; o território ora aparece como algo dado, um conceito implícito ou a priori referido a um espaço absoluto, ora ele é definido de forma negativa, isto é, a partir daquilo que ele não é; 2) Desterritorialização é focalizada quase sempre como um processo genérico (e uniforme), numa relação dicotômica e não intrinsecamente vinculada à sua contraparte, a (re) territorialização, este dualismo mais geral encontra-se ligado a vários outros, como as dissociações entre espaço e tempo, espaço e sociedade, material e imaterial, fixação e mobilidade; 3) Desterritorialização significando fim de territórios aparece associada sobretudo, com a predominância de redes, completamente dissociadas de e/ou opostas a territórios, e como se a crescente globalização e mobilidade fossem sempre sinônimos de desterritorialização (HAESBAERT, 2010, p. 59).

Percebe-se que para entendermos a desterritorialização é importante levar em consideração que a mesma não é o fim do território, ou do espaço, pois esses não desaparecem, mas mudam sua localização adquirindo um novo sentido relacional, ou seja, uma transformação.

Outro elemento importante na discussão acerca da desterritorialização é o movimento que determina as múltiplas materialidades e imaterialidades do território, onde o movimento inerente ao território pode ser resultado tanto da territorialidade quanto das relações política, econômicas e sociais.

Dessa forma, a desterritorialização pode ser abordada por diversas perspectivas, no qual a mesma pode ser construída tanto no movimento quanto na imobilização. No entanto, o que acontece é que a crescente mobilidade de pessoas acaba contribuindo para que a desterritorialização se torne um discurso da mesma. Mas Haesbaert (2010, p. 236), questiona até que ponto seria possível associar o movimento da desterritorialização a migração.

De acordo com Haesbaert para responder esse questionamento é necessário primeiramente definir de que sujeitos, e de que mobilidade está se tratando, pois:

Desterritorialização, para os ricos, pode ser confundida com uma multiterritorialidade segura, mergulhada na flexibilidade e em experiências múltiplas de uma mobilidade “opcional” com vários lugares. Enquanto isto, para os mais pobres, a desterritorialização é uma multi ou, no limite, a-territorialidade insegura, em que a mobilidade é compulsória [quando lhes é dada como opção], resultado da total falta de alternativas, de flexibilidade, em experiências múltiplas imprevisíveis em busca da simples sobrevivência física cotidiana (HAESBAERT, 2005, p. 39).

É possível observar que o processo de desterritorialização ocorre de maneira distinta entre ricos e pobres, pois ela pode ser confundida com um fim turístico, como também associado a uma alternativa de sobrevivência. Do mesmo modo, Haesbaert (2010, p. 251) afirma que devemos optar por utilizar o qualitativo desterritorialização muito mais para os migrantes de classe subalternas em relação de exclusão na ordem socioeconômica do que para as classes privilegiadas onde esse processo confunde-se com mobilidade física.

Aliado a isso é possível evidenciar que “a migração pode ser vista como um processo em diversos níveis de des-reterritorialização” (HAESBAERT, 2010, p. 246). Nessa perspectiva, ao associarmos a migração ao processo de desterritorialização também devemos levar em consideração tanto o momento da trajetória migratória quanto os motivos que podem estar ligados a fatores econômicos (como busca por trabalho), políticos, culturais e ambientais.

Assim, ao falar em desterritorialização na migração devemos nos ater para o fato de que é um processo que envolve diferenciações, que de alguma maneira estão ligadas aos seguintes processos:

- a. às classes socioeconômicas e aos grupos culturais a que está referida;
- b. aos níveis de desvinculação com o território no sentido de: presença de uma base física minimamente estável para a sobrevivência do grupo, o que inclui seu acesso a infraestrutura e serviços básicos; acesso aos direitos fundamentais de cidadania, garantidos ainda hoje, sobretudo, a partir do território nacional em que o migrante está inserido; manutenção de sua identidade sociocultural através de espaços específicos, seja para a reprodução de seus ritos, seja como referenciais simbólicos para a reinvenção identitária (HAESBAERT, 2010, p. 250).

Aliás, ao associarmos a migração ao processo de desterritorialização buscamos

analisar tanto os motivos pelos quais os migrantes saíram de seu território de origem, como as relações e situações que foram deixadas, procurando ao mesmo tempo evidenciar como ocorreu o processo de reterritorialização no território da chegada, onde os estranhamentos, as diferenças e os desencontros se tornaram evidentes.

Vale ressaltar que na migração ao abordarmos a desterritorialização (lugar de origem), conseqüentemente é necessário considerar a reterritorialização (lugar da chegada), pois a mesma contribui tanto para a reconstituição de sua vida quanto na afirmação da sua territorialidade.

Dessa forma, a partir de uma análise sobre o processo de des-reterritorialização na migração busca-se entender como os migrantes brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* construíram um novo território levando em consideração o deslocamento, a chegada e as mudanças.

A migração para o Paraguai foi vista por muitos brasileiros como uma oportunidade de adquirir terras a baixo custo para produzir, como também pelas oportunidades que o país lhes oferecia, facilidades para obter créditos e baixos impostos. Muitos decidiram sair de sua terra natal para ir buscar melhores condições financeiras.

O que se observa é que esses migrantes ao se deslocarem para o país vizinho levaram consigo sua mudança, os instrumentos de trabalho bem como os costumes, os valores, as práticas sociais e as relações que eram estabelecidas no território em que viviam, ou seja, os mesmo saíram de seu território de origem para se instalar em outro, vivenciando uma situação de desterritorialização.

Ao chegarem a terras paraguaias esses migrantes encontraram uma realidade distinta a que os mesmos viviam e assim tiveram que se reterritorializar, ou seja, eles tiveram que reconstruir sua vida, em um novo território onde o lugar, as pessoas e as relações eram diferentes das que eles estavam acostumados a viver.

Nesse sentido, esse processo de reconstrução não foi fácil, pois o migrante brasileiro teve que afirmar suas práticas sociais, ou seja, sua territorialidade em terras paraguaias em função de um choque, no qual ele vivenciava ao mesmo tempo as práticas sociais do passado (território deixado) e do presente (território da chegada):

É interessante perceber, contudo, que, ao mesmo tempo em que se manifesta como um dos elementos centrais do processo desterritorializador, é no campo simbólico ou das representações que o migrante pode melhor se “segurar” a fim de manter um mínimo da territorialidade perdida no decorrer do seu deslocamento espacial. Sobram sempre “geografias imaginárias” que, juntamente com outros elementos constituidores de sua cultura, podem ser

revividos/rememorados, reconstituindo assim a identidade do migrante enquanto grupo. Claro que a identidade em seu sentido de origem, mas um amálgama, híbrido, em que a principal interferência é dada pela leitura que o “Outro” faz do indivíduo migrante (HAESBAERT, 2005, p. 40).

Aqui cabe destacar que o migrante brasileiro ao chegar a território paraguaio trazia consigo, na memória as práticas culturais e os costumes de sua terra natal, e ao chegar nesse “novo” território, ele se depara com a figura do outro, que nesse caso poderia ser tanto os paraguaios quanto os brasileiros oriundos de outras cidades.

Portanto, para compreendermos como ocorreu esse processo da construção de um “novo” território de brasileiros em terras paraguaias, faz-se necessário analisarmos como esses migrantes se organizaram ao chegarem ao Paraguai, levando em consideração as dificuldades e desafios que os mesmos enfrentaram e as relações que passaram a estabelecer com os paraguaios.

Logo, iremos analisar os processos que acompanharam a formação da Colônia *Nueva Esperanza* tendo como objetivo fazer uma leitura dos processos e elementos que contribuíram para a reterritorialização em território paraguaio através de uma ressignificação cultural e política no novo território.

1.4 O Processo de formação da Colônia *Nueva Esperanza*

Tomando como referência o fato de que o Paraguai é dividido por Departamentos, centralizaremos nossa investigação no Departamento de Concepción localizado na parte Norte da Região Oriental, que é composto por sete distritos: Concepción, Horqueta, San Lázaro, Loreto, Belén, San Carlos e Yby Yaú, neste último se localizando a Colônia *Nueva Esperanza*.

Para que possamos compreender o processo de formação da referida colônia ilustraremos, através de relatos de paraguaios e alguns migrantes brasileiros as principais características que permearam esse processo, bem como as expectativas e experiências vivenciadas por esses sujeitos ao chegarem a território paraguaio:

La llegada de los brasileños acá data del año de 1966, cuando esta Ruta Asunción llegaba acá. Entonces en el año de 1966 comenzó, y yo era encargado de la firma de tierra Unión Paraguaya, porque era anónima y tenía 117 mil hectáreas en total, una tierra teniente que era muy grande en el Departamento de Concepción y con la abertura de la Ruta 5 [quinta],

entonces como fue posible ya el loteamiento colocar la persona que tiene que trabajar en agropecuaria tanto en la agricultura como en haciendas. Entonces llamamos a una publicación para la gente interesada y aparecerán dos personas el Dr. Hernal Pedroso Martins y el Sr. D'Arbeloff, ambos brasileños, y yo estuve en la representación de la firma Unión Paraguaya y fundamos esa Colonia Nueva Esperanza. Primeramente 13.000 hectáreas la Nueva Esperanza tenía luego se hizo la adquisición de otras 7.000 hectáreas más y completamos 20.000 hectáreas. Entonces podemos decir que la población son los migrantes brasileños, que vienen del Brasil trata del años de 1966 con la abertura da Ruta 5 (Sr. Nimio Claudio Almirón Yanes, Yby Yaú, 11/10/2010).

É possível evidenciar que a chegada dos primeiros brasileiros a área que posteriormente veio a ser Yby Yaú, onde se localiza a Colônia *Nueva Esperanza*, iniciou-se em meados de 1966, período que coincidiu com o processo de colonização das terras paraguaias, no qual as empresas colonizadoras vendiam as mesmas a um baixo valor com o objetivo de povoar algumas áreas da Região Oriental.

Quando os primeiros brasileiros chegaram à área que é a Colônia, em busca de novas oportunidades, essa fazia parte da cidade de Horqueta, mais precisamente na zona rural. É importante destacar que muitos migrantes vieram com o intuito de adquirirem terras e trabalharem nos projetos de infraestrutura como, por exemplo, a abertura da *Ruta 5* (General Bernardino Caballero) que unia os Departamentos de Amambay e Concepción.

Outro fator que serviu de atrativo foi a oferta de trabalho feita pelos brasileiros que haviam adquirido terras na região através da empresa *Unión Paraguaya*, que era responsável por fazer o loteamento, em grande parte, da Região Norte do Departamento de Concepción.

O loteamento das terras que formam a Colônia *Nueva Esperanza* foi feita pela empresa *Unión Paraguaya* que inicialmente adquiriu uma fazenda de 13.000 hectares e dividiu a mesma em pequenos lotes para que parte dos migrantes que estavam na região e ainda não haviam comprado terras, tivessem a oportunidade de adquirir alguns hectares de acordo com o que seu dinheiro proporcionasse.

À medida que os brasileiros começaram a comprar terras na parte norte da cidade de Horqueta, que variavam entre 5 a 65 hectares, a população foi aumentando e a região se desenvolvendo¹¹, o que conseqüentemente contribuiu para que a Colônia *Nueva Esperanza*

¹¹ É importante ressaltar que a região abordada trata-se de uma delimitação criada no trabalho de pesquisa que engloba os 20.000 hectares da Colônia *Nueva Esperanza*. Além disso, a ideia de desenvolvimento utilizada trata-se de um crescimento econômico, acompanhado pela melhoria da qualidade de vida dos migrantes, pois partir do momento em que esses começaram a produzir e a reconstruir suas vidas eles contribuíram para que houvesse um desenvolvimento nas áreas próximas a colônia.

também aumentasse chegando em 1984 a uma totalidade de 320 famílias¹².

Nessa perspectiva, apresentando um considerável crescimento a parte norte de Horqueta foi emancipada em 1984 através do Decreto Lei N° 1100 de 20 de Dezembro de 1984¹³, onde originou o município de Yby Yaú, cujo primeiro prefeito foi o senhor Nímio Claudio Almirón Yanes.

Um dos fatores que contribuiu para muitos brasileiros optar em ir para Yby Yaú foi a sua localização, porque a mesma estava situada a uma distância de 120 quilômetros da fronteira Brasil-Paraguai, mais precisamente das cidades de Ponta Porã- MS e Pedro Juan Caballero- Amambay.

Muitos migrantes afirmavam que ao atravessar a fronteira não poderiam ficar em Pedro Juan Caballero por ser uma capital departamental, e como a maioria ainda não possuía o visto de permanência, o município se apresentava como uma possibilidade, além de possuir um solo fértil para desenvolver diversas atividades agrícolas.

Segundo a Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos (2002) o município de Yby Yaú possui uma superfície de 2.174 quilômetros quadrados, e um total de 19.764 habitantes dos quais 3.331 vivem na zona urbana e os demais na zona rural, conforme último censo realizado em 2002. Localizada em um ponto estratégico, por estar na entrada do Departamento de Concepción, na divisa com o Departamento de Amambay, Yby Yaú está situado a uma distância de 359 km da capital federal Assunção, e abrange o cruzamento de duas rodovias importantes a *Ruta 3* Gral. Elizardo Aquino e a *Ruta 5* Gral. Bernardino Caballero.

A sete quilômetros da zona urbana do município de Yby Yaú está localizado a Colônia *Nueva Esperanza* nas margens da *Ruta 3*, e abrange uma área de 20.000 hectares, nos quais 160 famílias¹⁴ possuem lotes que variam de 5 a 65 hectares.

De acordo com Souchaud (2007, p. 155), analisando a distribuição das colônias de migrantes brasileiros presentes no Paraguai é possível evidenciar que a maioria das mesmas localizam-se próximos aos chamados “*ejes ruterros*”, ou seja, em margens de rodovias, o que acaba facilitando o deslocamento dentro do país. Nesse contexto, o autor apresenta as principais colônias de migrantes brasileiros existentes no Departamento de Concepción no fim dos anos 1990 dentre as quais está a *Nueva Esperanza*, conforme figura 3:

¹² Dados obtidos através de entrevistas e documentos históricos apresentados pelas Irmãs da Divina Providência da comunidade *Nueva Esperanza*.

¹³ Conferir a Lei N° 1100/1984 que criou o distrito de Yby Yaú disponível nos anexos.

¹⁴ Dados obtidos através do Censo Comunitário realizado entre os anos de 2010 e 2011 pelas Irmãs da Divina Providência que desenvolvem trabalhos comunitários dentro da Colônia *Nueva Esperanza*.

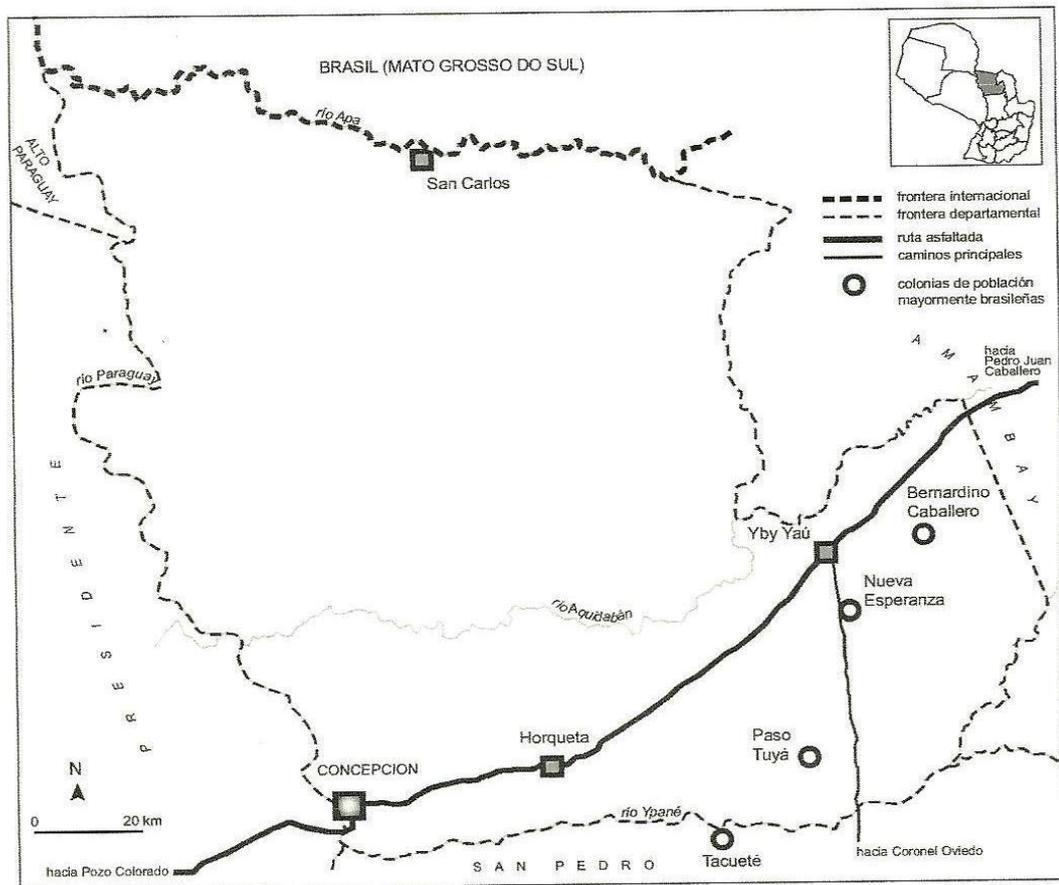


FIGURA 3: Principais Colônias de brasileiros em Concepción no final dos anos 1990

Fonte: SOUCHAUD (2007, p. 157)

Quando os primeiros brasileiros chegaram à região, que posteriormente seria a Colônia, enfrentou-se inúmeras dificuldades porque encontraram uma pequena vila sem as condições básicas para sobrevivência, ou seja, não havia comércio, hospital e nem escola.

Dessa forma, se eles necessitassem de algo ou algum atendimento médico se deslocava até a cidade de Ponta Porã, porque muitos tinham dificuldades em buscar ajuda nas cidades paraguaias das proximidades pelas dificuldades em relação à língua, já que os mesmos alegavam não entenderem o espanhol e muito menos o guarani. Contudo, quando tinham que resolver assuntos relacionados ao Paraguai eles se direcionavam até o centro urbano de Horqueta ou a cidade de Concepción:

Quando nós chegamos aqui era uma vilinha pequena, não tinha prefeito, e nós frequentávamos mais Ponta Porã, toda vida os brasileiros iam mais a Ponta Porã, e só ia a Horqueta se fosse preciso mexer com banco porque aí se tivesse que mexer com banco tinha que ir até Horqueta ou Concepción. Era a força de Deus e assim matar às vezes um pato, uma galinha para fazer

gordura para fazer a comida, porque quando não tinha de onde fazer, você não tinha vizinho, não tinha ninguém para arrumar, porque era todo mundo do mesmo jeito, estava tudo começando a vida. (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Por meio das entrevistas com os migrantes brasileiros foi possível verificar que nem todos os que formaram a Colônia são sulistas, ou seja, nasceram em alguma cidade do Sul do Brasil, pois muitos acompanharam a trajetória migratória de seus pais e familiares de outras regiões do Brasil para o Sul, e foi nesses estados que eles encontraram trabalho e conseguiram juntar dinheiro necessário para adquirirem suas terras no Paraguai.

Dessa forma, ao analisarmos a trajetória que muitos migrantes fizeram para chegarem ao Paraguai, algumas cidades paranaenses acabaram se tornando importantes no processo de migração desses brasileiros, pois a maioria mesmo morando em outros estados, acabou vivendo algum tempo nessas cidades durante sua trajetória migratória, conforme figura 4¹⁵:

¹⁵ As cidades brasileiras que se encontram destacadas na figura 4, são resultados de uma amostragem que foi produzida com base nos relatos dos migrantes que foram entrevistados durante os trabalhos de campo, pois a maioria dos mesmos durante a trajetória migratória viveu ou passou um curto período nas cidades destacadas, o que nos permite salientar que grande parte dos migrantes da colônia são oriundos das mesmas.

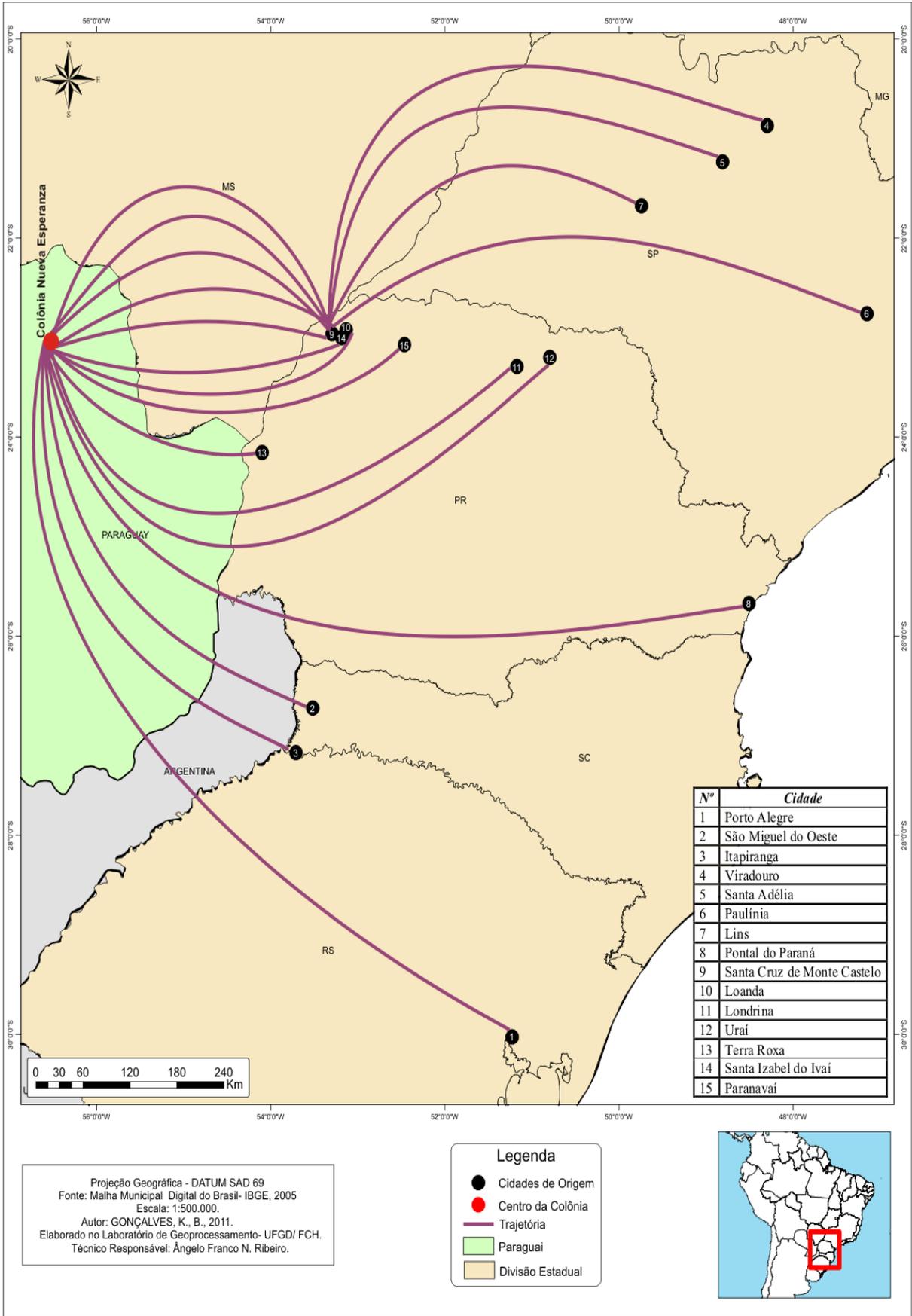


FIGURA 4: Trajetórias Migratórias dos brasileiros que formaram a Colônia Nueva Esperanza

É importante ressaltar que muitos migrantes provenientes de outros estados acabaram vivendo por algum tempo nas cidades paranaenses antes de migrarem para o Paraguai (conforme a Figura 4), desse modo, foi possível identificar por meio das entrevistas que aqueles oriundos de São Paulo foram para a cidade paranaense de Santa Cruz de Monte Castelo, para depois junto com amigos e familiares seguirem para o Paraguai.

Já os migrantes do Paraná tiveram uma trajetória diferente, pois muitos saíram de sua cidade com destino ao Paraguai, e o mesmo ocorreu com os migrantes oriundos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, no qual eles se organizavam em pequenos grupos de amigos e familiares, com destino ao país vizinho.

A maioria desses brasileiros chegou ao país vizinho durante e após a construção da *Ruta 5* “General Bernardino Caballero”, com uma extensão de 355 km, que une as duas principais capitais departamentais do norte paraguaio, que são Concepción e Pedro Juan Caballero:

La ruta número 5, que une Coronel Oviedo con Pedro Juan Caballero y a la cual se integra más tarde Concepción a través de la proyección de esa ruta hacia el Chaco Central pasando por esta ciudad, le imprime esa dinámica regional al constituirse en la vía de entrada y salida de toda su producción. Nótese por ejemplo que la presencia de estancieros brasileños se realiza una vez que la infraestructura se encuentra implantada y sirviendo la misma para orientar la producción del ganado y la exportación de carne especialmente hacia su país de origen (VÁZQUEZ, 2006, p. 77).

Deste modo, por meio da *Ruta 5* grande parte dos brasileiros chegaram inicialmente a parte norte da cidade de Horqueta, que se tornou posteriormente Yby Yaú, e por meio da empresa *Union Paraguaia*, que tinha como objetivo implantar um projeto de loteamento os mesmos conseguiram adquirir suas terras. É importante ressaltar que ao adquirir terras no Departamento de Concepción a empresa nomeou o paraguaio senhor Nimio Claudio Almirón Yanes para dar início a esse projeto.

De acordo com o entrevistado senhor Nimio Claudio A. Yanes¹⁶ quando os primeiros brasileiros vieram para a região, ele juntamente com mais algumas pessoas da cidade desempenhavam o papel de corretor de imóveis junto à *Unión Paraguaia* negociando uma fazenda onde cada brasileiro poderia comprar quantos hectares seu dinheiro lhe permitisse. Foi assim que inicialmente surgiu a colônia de brasileiros que foi denominada *Nueva Esperanza*:

¹⁶ Entrevista realizada no dia 11 de Outubro de 2010 na cidade Yby Yaú/ Concepción-PY.

Bueno, la colonia brasileña yo comencé el loteamiento de datos para casas y después fue se alargando la colonia brasileña que llamamos Nueva Esperanza y se llegó a una estructura a que tenemos hoy con la iglesia, la escuela muy linda se llegó a educar a muchos alumnos de nivel medio que ya llegaron al nivel superior pero ahora con la compra de las mejoras algunos viraran capitalistas y compran, compran pagan cualquier cantidad dinero por un terreno y la propia gente los propios brasileños venden y se van y eso es un motivo un poco de preocupación, llegó a progresar hasta un debido momento y después, ahora ya comenzó a parar porque los asentados comecón a comprar las mejores tierras (Sr. Nimio Claudio Almirón Yanes, Yby Yauú, 11/10/2010).

À medida que os brasileiros se instalaram em terras paraguaias e começaram a produzir eles passaram a construir suas casas e organizar seus lotes, pois inicialmente passaram por situações difíceis, porque quando chegaram ao Paraguai não tinham acesso às necessidades básicas para sua sobrevivência. Todavia, mesmo vivendo em situações adversas esses migrantes começaram a trabalhar organizando seus lotes, e desenvolvendo pequenas plantações para garantirem sua sobrevivência:

Eu tenho mais tempo aqui no Paraguai do que dentro do Brasil, porque a gente chegou aqui em 10 de setembro de 1973. Mas a gente não veio direto. Nós viemos do Nordeste para o Paraná, e de lá que viemos pra cá. Eu saí em 1959 e aí eu fui para o Paraná. O meu marido nesse caso ele era solteiro, ele passou em São Paulo, ficou um tempo, e depois que ele foi para o Paraná, trabalhou muito de peão e no ano de 1970, a gente se conheceu começamos a namorar, casamos e viemos para o Paraguai com duas filhas em 10 de setembro de 1973 e estamos até hoje, nessa colônia, e aqui nasceram mais cinco filhos. Já tinha uns dez anos que essa colônia vinha se abrindo, porque já tinha muita gente entrando. Da família o primeiro que veio foi o José Teles, meu irmão, que tinha uns conhecidos, aí eles entraram aqui já tinha mais outros brasileiros que entraram uns dez anos atrás, que a gente nem conhecia, através dos outros que foram chegando, aí a gente também foi acompanhando. Naquela época no Paraná já estavam tirando a metade dos empregados e estavam formando capim, estava entrando à agropecuária e daí daquele ano pra cá já começou a mudar as coisas, as geadas queimando os cafezais, os fazendeiros plantando capim, e aí o pessoal cada um teve que tomar um rumo na vida. E foi isso que a gente fez naquela época e aqui estamos até hoje. E a gente veio para plantar café porque aqui o café era caro e todo mundo estava vindo pra plantar café. Porque aqui era colônia do café uns 20 anos, foi colônia do café grande mesmo, formado pelos brasileiros. Nós viemos para cá de caminhão mesmo, nós viemos com a mudança porque já tinha conhecido aqui. O pessoal fazia assim, vinha, olhava, gostava e voltava porque já tinha gente conhecida, então os lotes foram comprando, e aí depois foram procurando alguns da família que queria vir, e nesse intervalo todo mundo já estava saindo. A gente também foi procurar um lugar melhor pra comprar um pedaço de chão e nesse nosso caso ficamos aqui (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Ao adquirirem suas terras os migrantes brasileiros começaram a desenvolver técnicas de produção agrícola, com algumas adaptações. Cabe destacar que inicialmente eles se dedicaram a produzir café por estarem acostumados ao cultivo, pois grande parte se dedicava ao plantio no Brasil. Além do mais, os brasileiros utilizavam as mesmas técnicas agrícolas de seu país, que eram desconhecidas dos camponeses paraguaios o que diferenciava a produção:

Cuando los primeros brasileños vinieran para vivir en las tierras de la colonia aprendimos la forma de trabajar en la tierra. Nosotros como paraguayos, anteriormente cuando teníamos un pequeño desarrollo todavía solamente una vez al año hacíamos producir la tierra. Sin embargo, vinieran los brasileños y han enseñado a producir cuatro veces al año la tierra y eso también aprenderán los paraguayos de manera que de muchas cosas nos enseñó la presencia de los brasileños acá (Sr. Nimio Claudio Almirón Yanes, Yby Yaú, 11/10/2010).

Parte dos primeiros migrantes que adquiriram terras na colônia se dedicou a plantação de café que por muitos anos foi exitosa, já que as terras eram férteis e propícias para o cultivo do mesmo, como também porque muitos já dominavam as técnicas a serem utilizadas no plantio, por trabalharem com o cultivo no Brasil.

Souchaud (2007, p. 117), afirma que os colonos brasileiros buscavam encontrar na Região Oriental a terra roxa, ausente em vários departamentos do país, por ser rica em minerais para desenvolver a monocultura do café, e possuir uma grande área florestal onde se encontram as matas que acabam contribuindo para que o cultivo do café se desenvolvesse com êxito.

Muitos brasileiros quando migraram para o Paraguai levaram alguns maquinários para trabalharem com a agricultura, em grande parte para o cultivo de café, e outros para poderem adquirir as ferramentas necessárias se deslocavam até Ponta Porã, ou em algumas vezes a algumas cidades do Paraná.

Dessa forma, como o café foi cultivado na região por vários anos entre 1966-1978, percebe-se que o mesmo garantiu o sustento desses migrantes por alguns anos, e por esse motivo eles ainda guardam as ferramentas que utilizavam no cultivo do café até os dias atuais como é possível visualizar nas fotos abaixo ¹⁷:

¹⁷ As fotos foram tiradas entre os dias 26 a 28 de Outubro de 2011 na Escola Area Educativa Pedro Juan Caballero – Colonia *Nueva Esperanza* no Museo Reminiciencias - La Comunidad y su Historia construído no pátio da Escola Pedro Juan Caballero em comemoração ao Bicentenário do Paraguai no ano de 2011.



FOTO 1: Triturador de Sementes
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 2: Torrador de Café
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 3: Forno
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 4: Moedor
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 5: Forno Tostador de Café
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Por meio do cultivo do café os brasileiros contribuíram para desenvolver a agricultura da região norte do departamento de Concepción, porque utilizavam e acabam trazendo ferramentas que muitas vezes não eram comercializadas na região.

Entretanto, entre os anos de 1988-1994 ocorreram geadas esporádicas, que acabou dificultando o cultivo do café contribuindo para que esses passassem a se dedicar a outras culturas como a pecuária, a plantação de banana, mandioca e o girassol.

O processo de formação da Colônia *Nueva Esperanza* não aconteceu de uma forma tranquila, pois esses migrantes brasileiros encontraram muitas dificuldades ao chegarem ao país vizinho. Desse modo, por meio de alguns relatos é possível identificar os principais desafios que permearam a trajetória migratória como também foram enfrentados por esses ao chegarem a território paraguaio:

Eu vim para o Paraguai com uma tropa de gente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nós viemos por causa de um padre europeu chamado Vendelino Glauber (falecido) que veio da Alemanha e morava no Paraguai, e esse padre ia lá ao Sul nos visitar e aí ele informava aos brasileiros sobre o Paraguai. Até que um dia o padre organizou um ônibus que ia sair de Santa Catarina para a gente visitar o Paraguai, porque ele disse que lá tinha muito fazendeiro que gostava dos peões brasileiros. Então o padre nos levou e nos apresentou a um fazendeiro que tinha 100 hectares, e então nós começamos a trabalhar para ele, abrindo o mato e logo depois começamos a plantar café. Três anos depois de trabalhar nós ajeitamos a terra e começamos a plantar para sobrevivência nossa, fizemos uma roça com arroz, mandioca e feijão. Depois dessa experiência cada um dos brasileiros que tinha terra no Brasil vendeu e comprou outras aqui no Paraguai. No começo quando viemos para cá cada um tinha um pouco de terra no Brasil, mais era mais vantajoso vir para o Paraguai do que ficar lá no Brasil (Entrevistado I, Colônia *Nueva Esperanza*, 14/09/2010).

Quando a gente chegou aqui já tinha muita gente. Tinha o Fábio de Almeida, o Antonio da Silva, o seu João Chambrão, o seu Agenor, tinha muita família brasileira. No meu caso foi o meu sogro quem veio primeiro porque ele tinha uma propriedade lá no Paraná, aí ele vendeu lá, só que lá a terra é muito cara não dava para comprar muita coisa, e aqui no Paraguai estava mais em conta para comprar mais terras, aí ele vendeu lá e comprou aqui. E quando ele chegou aqui estava muito feio, ele e os filhos fizeram um ranchinho que nem existe mais, a casa deles era de madeirinha de pau até eles conseguirem abrir o lote e produzir, aí depois derrubou o mato e começou a plantar soja, milho, algodão, mamona, e depois disso foi onde deu para ele construir uma casa. Além disso, o transporte aqui era muito difícil, a gente precisava levantar duas horas da manhã para ficar esperando ônibus e tinha vez que nem conseguia passar ônibus tinha que voltar para casa, e quando chovia muito aí alguns trechos da estrada fechava porque não era tudo asfaltado. Então quando eu cheguei aqui em 1975 eu vim para plantar café, mas infelizmente

não tive sorte, plantei café e começou a gear (Entrevistado IV, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

O que foi possível identificar através dos relatos desses migrantes é que alguns se organizavam da seguinte maneira: ao migrarem para o país vizinho alugavam um caminhão em que um pequeno grupo de familiares e amigos, em sua maioria duas a três famílias traziam suas mudanças juntamente com seus instrumentos de trabalho em busca de novas oportunidades:

Nós viemos de caminhão três mudanças tudo junto num caminhão, e veio amigos e vizinhos junto, não veio só da família não... Veio outra turma também, um monte de gente... Veio muitas famílias tudo de uma vez, mas foi bom. Quando nós chegamos aqui em Ponta Porã, que foi difícil atravessar pra cá porque a gente não sabia falar nada, e ninguém entendia nada, eles perguntavam as coisas para a gente e nós não sabíamos aí eles mandava a gente voltar, foi então que arrumamos um conhecido que sabia entender a língua deles, aí deu certo atravessamos e viemos parar aqui e estamos até hoje. O que nos levou a vir para o Paraguai foi ganância para ter um pedaço de terra porque na verdade para a gente não sobrava, porque a gente não tinha terra, a gente tocava as terras do meu sogro, então a gente juntou um dinheiro, e como tinha amigos da gente que vieram de lá para cá, nós falamos “vamos lá ver também”. O meu marido veio ver e gostou e aí falou: “O dinheiro que a gente tem dá para comprar cinco alqueires de terra, e no Brasil nós não compramos nada, porque lá no Paraná não dava para comprar nada daquilo né”. Aí a gente falou “vamos”, e veio gente junto, veio minha irmã e o filho dela, veio mais uns irmãos meus tudo com a família. Viemos então em oito famílias, viemos tudo junto e foi por causa da ganância de um pedaço de terra, por querer ter um pedaço de terra da gente, foi por isso. Quando a gente chegou aqui tivemos que derrubar árvores, sabe do comezinho nem casa para morar a gente tinha e a água era de poço. A gente chegou e foi ficar numa casa pequenininha de um amigo que tinha um ranchinho e aí a gente ficou nesse ranchinho até derrubar o mato para poder fazer a nossa casa. A gente ainda levou um ano para fazer a casa porque era longe de tudo, mas a gente não pode reclamar daqui, não, porque compramos cinco alqueires, e aqui a gente nunca teve miséria (Entrevistado V, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Nós morávamos na beira de um rio no Paraná, aí deu uma enchente e estourou tudo, aí o meu sogro veio para cá e gostou daqui, aí viemos todo mundo, genro, nora, filhos e tudo veio em três caminhões e faz 28 anos que estamos aqui. E vir para o Paraguai foi muito bom para nós porque era um lugar novo e tinha muito trabalho, tudo que plantava dava, foi na época do café, e tinha muito café, e plantamos arroz, tinha muito arroz, nós plantávamos arroz e feijão e dava muito, era tudo terra nova, depois vieram os fazendeiros e foram comprando, foram comprando e agora está menos, mais aqui é muito bom até hoje e eu não tenho o que falar, está sendo muito bom. No começo foi muito difícil né... os documentos, nós tivemos que

entrar e fazer tudo, nós já entramos e fizemos todos os documento foi difícil a luta, tivemos que desbravar tudo, enfrentar mato, enfrentar tudo, o caminho de mato muito difícil, muita dificuldade, meu sogro teve que furar um poço de 66 metros para dar água, e ele furou um e não dava nada, e furou outro e deu água (Entrevistada VI, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Observa-se que a maioria dos brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* enfrentou diversas dificuldades ao chegarem ao território paraguaio, pois muitos não encontraram as condições mínimas para garantir sua sobrevivência, e utilizavam a seguinte estratégia: vinham ao Paraguai, observavam como era feita a negociação em troca de uma pequena parcela de terras e depois retornavam ao Brasil para buscarem seus familiares, visando construir uma vida com novas oportunidades.

Há que se destacar que como a maioria dos migrantes veio do Paraná a viagem levava em média de dois a três dias marcado por algumas dificuldades. E quando chegavam à cidade de Yby Yaú, mais precisamente na área que hoje é a Colônia *Nueva Esperanza*, os mesmos tinham que construir barracos de madeira e lona para conseguirem se organizar na pequena parcela de terras que seu dinheiro lhe permitiu, e a partir de então começaram a reconstruir suas vidas.

Ao chegarem ao Paraguai o primeiro desafio era construir uma pequena casa em seus lotes, alguns migrantes relatam que parte dos lotes não estavam preparados para desenvolver a agricultura, pois era necessário arrancar as árvores e retirar os matos, ao mesmo tempo, não tinham água encanada, e como a cidade estava muito distante as dificuldades aumentavam, já que os paraguaios não falavam o português e nem os brasileiros falavam o castelhano ou o guarani, o que dificultava adquirirem alimentos e produtos de necessidades básicas para garantir sua sobrevivência.

Além do mais, havia a dificuldade em conseguir água e energia elétrica, já que não havia água encanada, desse modo, eles tinham que perfurar poços para terem água e em relação à energia elétrica só teve acesso a ela depois que construíram suas casas de madeira ou alvenaria:

Naquela época tudo só era mato, olhava para os quatro cantos do mundo e só era mato. Então meu Deus do céu para derrubar isso aqui e formar, para ver hoje o que está, nossa... Então foi que a gente esperava encontrar dificuldade porque não tinha nada bom, isso aqui era só mato de um lado e do outro, dos que foram entrando só uma boquinha, e foi se abrindo estrada de chão, porque naquela época não tinha asfalto em tudo, o asfalto está com pouco tempo e então a gente vai encontrar o que? Dificuldade né... A gente entrou aqui dentro com aquela força que a gente teve, com aquela esperança

de construir um mundo melhor, de construir uma vida, então a gente entrou com a fé em Deus de falar: “Não agora vamos trabalhar e pedir a Deus para a gente ter o que é nosso também porque entramos com tudo novo, seis anos para começar naquela época um filho atrás do outro, sofri trabalhando”. Pré-Natal não tinha, eu não sei o que é um pré-natal na minha vida para esses filhos. Dificuldades... a barriga desse tamanho, enfrentando a foice e o machado no sol, machado não, mas a foice. O meu marido me dava a foice para a gente plantar e construir a vida pra começar tudo, e foi dificultoso foi só pensar assim, pedir a Deus que desse coragem e força para enfrentar tudo aí dentro do país, só tinha onça aí naquelas matonas (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Cabe ressaltar que muitos dos migrantes que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* antes de decidirem migrar para o país, já conheciam da região porque acabava vindo ao país com outros brasileiros que tinham terras, e muitos aproveitavam a ocasião para negociarem a compra do lote e só depois retornavam para buscar seus familiares.

A maioria dos migrantes sabia das dificuldades e desafios que iriam encontrar em terras paraguaias. Entretanto, é importante salientar que eles acabaram se organizando em grupos na viagem ao Paraguai, o que diminuía os custos e os riscos da viagem, além de facilitar a adaptação dos mesmos em um novo território:

A gente sabia o que ia encontrar, porque a gente veio ver e passear, então não teve surpresa. A gente sabia que ia encontrar água longe, e o problema é que se você fosse para a estrada e chovesse nem para Ponta Porã, nem lugar nenhum você ia. Mas, eu me animei em vim pra cá para plantar café, porque perdi tudo o que eu tinha nas geadas do Paraná (Entrevistado V, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Portanto, verifica-se que chegar a um novo território e reconstruir suas vidas foi um desafio para os brasileiros, que além de enfrentarem dificuldades para formarem seus lotes, ou seja, construir suas casas e começarem a produzir, ainda teve que aprender a conviver com a falta de água encanada e energia elétrica, o que eles não estavam acostumados haja vista que no Brasil eles tinham acesso a esses recursos.

Alguns migrantes ao chegarem ao Paraguai tinham que levar junto alimentos e instrumentos de trabalho, por ser muito difícil ir à cidade para negociar porque muitos não sabiam falar nem o espanhol nem o guarani, o que dificultava negociar os produtos. Vale ressaltar, que até formar os lotes eles tiveram que trabalhar muitas vezes sozinho ou contando com o auxílio de seus familiares:

Nós construímos uma nova vida no Paraguai, derrubando mata, sabe do comecinho, as árvores estavam inteiras, no começo era tudo mato, nem casa para morar a gente tinha. A água era de poço. A gente chegou e foi ficar numa casa pequenininha de um amigo que tinha um ranquinho e aí a gente ficou nesse ranquinho até derrubar o mato para poder fazer casa. A gente ainda levou um ano para fazer a casa porque era longe (Entrevistado VI, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Todavia, é possível perceber que a migração de brasileiros para o Paraguai, mais precisamente os que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* pode ser considerada significativa pelos migrantes, isso porque ao chegarem ao território paraguaio eles passaram a desenvolver a agricultura e a utilizar mão de obra paraguaia, e ao mesmo tempo formaram pequenos comércios nas margens da *Ruta* que corta a colônia.

Apesar de encontrarem inúmeras dificuldades para se organizarem e posteriormente formarem seus lotes, os brasileiros conseguiram reconstruir suas vidas e muitos afirmam o que conquistaram no país vizinho seria muito difícil alcançar no Brasil, com o capital que possuem não seria possível ter o mesmo estilo de vida que possuem no Paraguai.

Contudo, ao migrarem para o Paraguai esses brasileiros chegaram a um “novo” território, e assim tiveram que se adaptar às novas práticas que passaram a vivenciar no mesmo. Para que possamos compreender como eles construíram uma nova vida faz-se necessário analisarmos as relações entre os migrantes e os processos que acompanharam a adaptação deste em um novo território, ou seja, no Paraguai.

CAPÍTULO II

PRODUÇÃO ESPACIAL E PRÁTICAS COTIDIANAS NA COLÔNIA *NUEVA ESPERANZA*

O território é o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 2006, p.13).

A migração de brasileiros para o Paraguai, mais especificadamente a cidade de Yby Yaú onde se formou a Colônia *Nueva Esperanza*, foi um processo acompanhado de mudanças e desafios, porque ao chegar ao país o principal objetivo era reconstruir sua vida em um “novo” território, além de estabelecer novas relações sociais.

Ao analisarmos a trajetória dos migrantes brasileiros que formaram a referida colônia é possível evidenciar que esse processo foi acompanhado pelo objetivo de conquistar terras para produzir, construir uma casa e oferecer à família as condições básicas para a sobrevivência. Nesse contexto, percebe-se que a ideia de produzir está ligada ao ato de produzir um espaço, ou seja, formar por meio dos instrumentos de trabalho e das técnicas o seu espaço, assim destacamos que:

O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço. A promoção do homem animal a homem social deu-se quando ele começou a produzir. Produzir significa tirar da natureza os elementos indispensáveis à reprodução da vida. A produção, pois, supõe uma intermediação entre o homem e a natureza, através das técnicas e dos instrumentos de trabalho inventados para o exercício desse intermédio. O homem começa a produzir quando, pela primeira vez, trabalha junto com outros homens em um regime de cooperação, isto é, em sociedade, a fim de alcançar os objetivos que haviam antecipadamente concebido, antes mesmo de começar a trabalhar. A produção é a utilização consciente dos instrumentos de trabalho com um objetivo definido, isto é, o objetivo de alcançar um resultado preestabelecido (SANTOS, 1980, p. 161-162).

A ideia de conseguir terras no Paraguai para produzir e garantir a construção de uma nova realidade nos remete a evidenciar, que quando esses migrantes começam a se organizar e a produzir em terras paraguaias eles passaram a vivenciar uma dinâmica que contribuiu para a produção de um espaço, pois as terras que antes eram pouco povoadas foram ocupadas e

divididas em lotes, e passaram a produzir diversas culturas através do trabalho humano e das ferramentas de trabalho.

Nota-se que quando esses migrantes chegaram ao Paraguai novas produções foram sendo feitas através da construção das casas, do preparo da terra para a agricultura, bem como as obras de infraestrutura executadas no espaço das quais podemos destacar: as pequenas estradas, a construção de poços, a aquisição de novas ferramentas para a agricultura e a construção da igreja e da escola.

É importante salientar em concordância com Santos (1980, p. 202), que a produção do espaço ocorre a partir do momento em que acontece a utilização consciente dos instrumentos de trabalho, com um objetivo definido, isto é, o objetivo de alcançar um resultado preestabelecido. Assim, é possível perceber que através do ato de produzir mediante técnicas e trabalho o homem está produzindo o seu espaço.

Nesse sentido, percebe-se que a técnica permite produzir o espaço, pois a mesma acaba possibilitando a uma determinada sociedade fixar, expandir e adequar-se as modificações que ocorrem em seu meio. Portanto, a técnica pode ser entendida, em comunhão com Santos (2006) como conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria o espaço:

As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário. Esse imaginário tem uma forte base empírica. O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de "viver bem". A técnica é, pois, um dado constitutivo do espaço e do tempo operacionais e do espaço e do tempo percebido (SANTOS, 2006, p. 36).

Dessa forma, a técnica acaba tornando-se um elemento constituinte do espaço e através dos meios instrumentais e sociais, o indivíduo transforma o seu entorno criando uma segunda natureza, onde o meio natural é modificado diante da velocidade e da necessidade de novas obras dos homens.

Essa participação das técnicas na percepção do espaço e do tempo torna-se evidente a partir do momento em que analisamos o início da história natural do homem, onde o espaço era um meio natural que de acordo com Santos, (2006, p. 157) era o meio utilizado pelo homem sem grandes transformações e as técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da

natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação e era formado por um conjunto de elementos naturais. No entanto, à medida que esses elementos foram sendo substituídos pelas obras dos homens, as técnicas foram transformando esses espaços:

À medida que a história vai fazendo-se, esses espaços que eram apenas complexos naturais vão sendo substituídos pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc.; verdadeiras próteses. Criando um espaço que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada (SANTOS, 2006, p. 38-39).

Nota-se que as técnicas acabam produzindo um espaço com características cada vez mais densas, no qual o meio natural foi sendo substituído pelo meio técnico, que segundo Santos (2006, p. 158) vê a emergência do espaço mecanizado e os objetos que formam esse meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo.

A partir de 1970 ocorre uma interação entre ciência e técnica para atender as necessidades do mercado, cujo objetivo era oferecer uma nova interpretação à questão ecológica já que as mudanças que foram ocorrendo na natureza envolviam essa lógica. Além do mais, os objetos técnicos nesse período tornaram-se técnicos e informacionais produzindo algo novo, que Santos denominou de meio técnico-científico-informacional:

Da mesma forma como participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais), a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato (SANTOS, 2006, p. 160).

Percebe-se que as transformações entre essas diversas relações técnica, ciência e informação acabaram se tornando relevantes nas mudanças relacionadas à organização do espaço, onde de alguma forma passaram a influenciar a estrutura social e física da sociedade.

Todavia, para compreender de que maneira foi possível produzir uma nova realidade na Colônia *Nueva Esperanza* é importante destacar que Santos (1978) salienta quando um espaço é produzido pelo homem, esse desempenha um papel importante no processo de reprodução social, pois é através das análises de organização espacial é que ocorre a estruturação do território:

As relações entre o povo e seu espaço e as relações entre os diversos territórios nacionais são reguladas pela função da soberania. O território é imutável em seus limites, uma linha traçada de comum acordo ou pela força. Este território não tem forçosamente a mesma extensão através da história. Mas em um dado fixo. Ele se chama espaço logo que encarado segundo a sucessão histórica de situações de ocupação efetiva por um povo - inclusive a situação atual - como resultado da ação de um povo, do trabalho de um povo, resultado do trabalho realizado segundo as regras fundamentadas do modo de produção adotado e que o poder soberano torna em seguida coercitivas. É o uso desse poder que, de resto, determina os tipos de relações entre as classes sociais e as formas de ocupação do território (SANTOS, 1980, p. 189).

Por conseguinte, entende-se o território não apenas como uma área delimitada que abrange relações de poder, mas sim se optou por uma análise que leva em consideração sujeitos e relações sociais, bem como de que maneira esse território é utilizado e seu espaço é produzido. Assim, pode-se salientar que essa relação de poder é desempenhada pelos indivíduos no espaço que acaba resultando na produção do território.

Observa-se que o território se torna cada vez mais uma negação da primeira natureza, e passa a ser usado, reorganizado, produzido e redefinido pelos objetos e ações que recortam o espaço. Dessa maneira, torna-se perceptível que na medida em que as histórias e trajetórias vão se desenvolvendo, as mudanças que ocorrem dentro do território sejam através de construções, modificações e reestruturações tornam-se perceptíveis.

Nesse contexto, é justamente esse processo que pode ser percebido na Colônia *Nueva Esperanza* a partir da chegada dos migrantes brasileiros, que tiveram que construir uma nova realidade no qual os trajetos, objetos e imagens não serão os mesmos que o sujeito estava acostumado a encontrar:

O sujeito no lugar estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo. Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes (SANTOS, 2006, p. 222).

A mobilidade acompanha a mudança, porque ao chegar a um novo território o sujeito não encontrará as mesmas práticas, e terá que reconstruir sua vida produzindo um espaço que, posteriormente, através dos laços que forem sendo desenvolvidos será um “novo” território, que não é nem o que esse migrante deixou em sua terra natal, e nem o que foi encontrado

quando ele chegou, mas sim um território que foi construído como consequência da mudança, onde concepções e práticas dialogam.

De acordo com Goettert (2010, p. 31), é possível pensar que toda migração é sempre uma mudança, pois a migração muda quem migra e muda os lugares, porque o sujeito não vivenciará a mesma realidade, e as práticas que são desenvolvidas por ele contribuirá para que o lugar também não seja mais o mesmo.

É importante observar que a migração para o Paraguai foi vista por muitos migrantes como uma oportunidade única de conseguirem terras para produzir, porque alguns não tinham propriedades no Brasil, e outros haviam vivenciado perdas na produção, resultante de problemas climáticos e financeiros. Desse modo, nosso objetivo será apresentar os processos que acompanharam a construção de um “novo” território em terras paraguaias.

2.1 A construção de casas na colônia e os primeiros desafios

Ao decidirem migrar para o Paraguai o primeiro desafio encontrado por esses migrantes, muito além da busca de terras para produzir, refere-se a ter uma casa para morar, e oferecer uma moradia para a sua família. Nesse sentido, logo quando os primeiros migrantes chegaram às terras que seriam a Colônia *Nueva Esperanza*, as condições de moradia nem existiam, e eles tiveram que construir pequenos barracos provisórios para que quando trouxessem seus familiares obtivessem um local para morar, e posteriormente construíssem uma casa.

Dessa maneira, quando esses migrantes vieram para a colônia com seus familiares, grande parte acabou trazendo junto à estrutura de madeira das casas do Brasil, junto com a mudança no caminhão, para que pudessem construí-las na Colônia, porque havia à dificuldade de comprar materiais no comércio paraguaio, bem como pela falta de mão de obra para ajudar na construção:

Quando eu cheguei aqui fui derrubar mato. Depois eu fiz a casa, o barraco para morar. Eu trouxe o material da casa lá do Brasil. O patrão me deu uma casa lá e eu trouxe de caminhão, eu trouxe a madeira era tudo de madeira, porque a mudança nossa era coisa pouca, nós só tínhamos duas crianças e era eu e minha esposa, e aí ele deu a casa, e nós desmanchamos e a trouxemos no caminhão. Quando eu cheguei fui morar na terra do patrão, eu não tinha terra aqui ainda (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Para construir a minha casa nós usamos as folhas do coqueiro e madeira, e trabalhando muito porque naquele tempo a gente trabalhava muito, plantando café, derrubando mato, colhendo café e depois metade do café ficava para o patrão e a outra era minha, para pagar a ajuda que ele nos dava, depois de um tempo veio aquela geada em 1980 e acabou com tudo e aí ele foi embora vendeu as terras, e aí ficamos trabalhando para o dono que comprou. E aí começamos a plantar capim, e foi onde eu saí de lá e vim pra cá e comprei meu lote. Aí eu fui trabalhando para os outros para construir, só não trabalhei de empreite. Eu sofri muito nesse lugar aqui porque eu trabalhava de verdade, criando a família e trabalhando para manter tudo em casa e graças a Deus firme e forte (Entrevistado VIII, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Inicialmente as casas eram construídas de maneira simples, onde a estrutura era feita de madeira, que muitas vezes era trazida do Brasil juntamente com a mudança, e o telhado com folhas de coqueiro e bananeira, e geralmente se localizavam de frente para a *Ruta* (estrada), formando o que podemos chamar de *pueblos rutas*¹⁸.

Além disso, muitas casas tinham um pequeno jardim na frente e os migrantes cultivavam uma horta e um pomar no quintal, e só no fundo do lote que preparavam a terra para o cultivo:

Quando cheguei aqui as casas eram todas de madeira, era tudo bem simples, mas limpinho eu sempre admirei as casas sempre estavam ariadas tudo bem limpinho, quando a gente chegava via as panelas de alumínio era um brilho e tudo pendurado na parede, era tudo limpinho, os móveis também coberto com aqueles panos de crochê, as capas de crochê...era pobrezinho, mas tudo bem limpo. O lote era tudo bem plantado, tudo alinhado eles plantavam uma fileira de café, depois outra de arroz, outra de milho eles intermediavam o cultivo (Entrevistada XVI, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Observa-se que a forma como os migrantes brasileiros cultivavam a agricultura e organizavam seu lote era distinta se comparado aos paraguaios, porque os mesmos acabavam aproveitando todos os espaços para diversificar a produção, ou seja, cultivavam mais de um tipo de atividade, tanto para garantir sua sobrevivência como também para complementar sua renda.

¹⁸ De acordo com Vázquez (2006, p. 35) as décadas de 1960 e 1970 foram palco de algumas mudanças na estrutura territorial da Região Oriental fortalecendo a chamada *red vial* possibilitando intercâmbios comerciais, devido à facilidade de percorrer os trajetos e a duração das viagens, pois a utilização de veículos e maquinários mecanizados se constituiu em novos vetores da economia. Isso posto, permite compreender que a expansão das *rutas* e o melhoramento da pavimentação acabou atraindo povos para as margens das *rutas* onde acabavam construindo suas casas e comércios as margens. Assim, as *rutas* se constituíram em poderosas ferramentas na materialização dos objetivos do processo de ocupação e organização dos territórios da Região Oriental.

No que tange as mobílias das casas, essas eram rústicas, em sua maioria de madeira e foram trazidas pelos migrantes nos caminhões juntamente com algumas ferramentas de trabalho, além das camas, colchões, fogão de lenha, prateleiras e alguns utensílios de cozinha e os integrantes da família:

Trouxemos umas camas e um fogão velho, porque era muito pequeno o caminhão e as coisas vinha tudo uma encostada na outra então não dava para trazer muita coisa, na verdade não tinha muita coisa. Era só uma caminha velha, um colchãozinho velho, não era muita coisa não, era só para viver no mato mesmo porque naquele tempo nem gás a gente tinha, era fogão de lenha e a gente tinha prateleiras e o guarda roupa era um pau de arara (Entrevistado VIII, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Observa-se que muitos migrantes quando vieram para a colônia, eram pequenos agricultores que levavam uma vida simples no Brasil, pois a própria mobília trazida pelos mesmos se adaptava as dificuldades que eles iriam enfrentar para reconstruírem suas vidas no país.

Ao longo dos anos foram poucas as casas que modificaram radicalmente a estrutura, ou seja, foram substituídas por alvenaria, sendo que grande parte ainda são de madeira, e em muitos casos apenas os galpões e algumas partes como cozinha e banheiro foram modificadas para a alvenaria:

Con respecto al hábitat, continúa siendo tradicional, construido en planchas de madera sobre modelos arquitectónicos simples, y con mejoras mínimas, parece marcar el débil arraigo al medio. Los más prósperos construirán en material, pero sus casas continuarán siendo bastante clásicas (plan rectangular, techo de caída doble y de tejas, terraza). Hay un corredor o más bien un espacio abierto encuadrado en dependencias ampliamente separadas y constituidas por hangares para guardar los vehículos. El conjunto, tanto en el exterior como en el interior, está extremadamente cuidado. Adentro de la casa, la cocina continúa siendo la pieza central. Se organiza alrededor del televisor, alimentado por una antena parabólica que permite a los colonos seguir las cadenas brasileñas (SOUCHAUD, 2007, p. 164).

Portanto, é possível perceber que mesmo que esses migrantes tenham modificado parte da estrutura de suas casas, as mesmas ainda permanecem com uma aparência bastante tradicional conforme as fotos a seguir:



FOTO 6: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 7: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 8: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 9: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 10: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 11: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 12: Modelo Casa Alvenaria
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 13: Modelo Casa Alvenaria
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 14: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 15: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 16: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 17: Casa de Morador da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Nota-se que muitas casas são construídas com as mesmas técnicas e materiais que esses migrantes utilizavam no Brasil, o que torna possível afirmar que eles recriam as condições em que estavam acostumados a vivenciar no país de origem, e redefinem o novo espaço, porém as ações que eles vivenciarão não serão mais as mesmas, o lugar não é o mesmo e o significado e valor também não será igual:

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 2006, p. 38).

Nessa perspectiva, salienta-se que por mais que os migrantes tentem reproduzir o estilo de vida que eram acostumados a vivenciar no Brasil já não será possível, pois as relações sociais e econômicas que estabelecem nesse novo espaço acabam recriando novas relações e ações contribuindo para que ocorram algumas mudanças, não apenas na forma como eles constroem suas casas ou na forma em que organizam a produção de seus lotes, mas nas pequenas tarefas e ações do dia a dia.

A partir do momento em que esses migrantes chegaram ao Paraguai e construíram suas casas começaram a estabelecer relações tanto com brasileiros quanto com paraguaios, o que contribuiu para a percepção de que as relações existentes entre os lugares são diferentes. Dessa forma, a maneira como eles produziram uma nova realidade também passa a ser diferente, pois é “a partir do reconhecimento dos objetos no espaço, que somos alertados para as relações que existem entre os lugares” (SANTOS, 2006, p. 45).

Portanto, ao chegar a território paraguaio esses migrantes vivenciaram uma nova realidade, pois construíram suas casas e começaram a produzir desenvolvendo diversos cultivos para garantir o seu sustento e o de sua família. Cabe destacar que reconstruir suas vidas em território paraguaio não foi muito fácil para esses migrantes, pois além de todos os desafios uma das principais dificuldades refere-se à legalização de sua situação de migrante em território paraguaio, que será abordado a seguir.

2.1.1 As experiências e desafios advindos do processo de legalização da situação de migrante brasileiro no Paraguai

Ao decidirem migrar para o Paraguai alguns brasileiros antes de entrarem no país procuravam conseguir a autorização para viverem legalmente, no entanto, como em meados de 1960 havia certa dificuldade em obter esses documentos, muitos acabavam optando pela possibilidade de solicitá-los depois de ingressarem no país.

A Legislação Paraguaia no que diz respeito à migração, criou a *Ley de Inmigración N° 978/ 1996*, com o objetivo de instituir algumas condições para os migrantes ingressarem no país, no qual podemos destacar as seguintes: dar preferência à ocupação das terras pouco povoadas, desenvolver técnicas de cultivo mais avançadas, bem como oferecer emprego aos trabalhadores nacionais.

Nesse sentido, Souchaud (2007, p. 251), salienta que a *ley n° 978/1996 (sobre la inmigración)* apenas reafirma os princípios sempre adotados pelo Paraguai no que se refere à política migratória, ou seja, uma política que contempla o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria, como pode ser observado nos Artigos 1, 2 e 13 da referida lei:

Art. 1. - Esta Ley regula la migración de extranjeros y migración y repatriación de nacionales, a los efectos de promover la corriente poblacional y de la fuerza de trabajo que el país requiere, estableciendo la organización encargada de ejecutar la política migratoria nacional y aplicar las disposiciones de esta ley.

Art. 2. - En concordancia con lo expresado en el artículo anterior, se tendrán especialmente en cuenta:

- a) La Inmigración de recursos humanos calificados cuya incorporación sea favorable al desarrollo general del país; siempre que no se comprometa el empleo del trabajador nacional;
- b) La Inmigración de extranjeros con capital, para el establecimiento de pequeñas y medianas empresas a fin de cubrir las necesidades fijadas por las autoridades nacionales;
- c) La inmigración de agricultores destinados a incorporarse a la ejecución de proyectos de colonización en áreas que determinen las autoridades nacionales, con el propósito de incrementar y diversificar la producción agropecuaria, incorporar nuevas tecnologías o expandir la frontera agrícola;

Art. 13 - Se considerarán útiles al desarrollo del país, entre otras aquellas actividades destinadas a:

- a) Incorporar recursos humanos calificados que requieran el desarrollo industrial, agropecuario, pesquero, forestal, minero, científico, tecnológico y cultural del país;
- b) Ensanchar la frontera agropecuaria;
- c) Incorporar tecnologías necesarias al país;
- d) Generar empleos de trabajadores nacionales;
- e) Incrementar la exportación de bienes y servicios;
- f) Instalarse en regiones de baja densidad de población; y,

g) Reducir las importaciones. (PARAGUAY, 1999, p. 21-22).

O conjunto de elementos que são propostos na lei que regulamenta as atividades dos migrantes nos permite fazer uma interpretação de que além de contribuir para o desenvolvimento da agricultura e do comércio no país, eles devem contribuir para a criação de empregos para os paraguaios e para a redução das importações.

O objetivo em facilitar a migração dos pequenos agricultores ao Paraguai está ligado à possibilidade de que ao se instalarem no país, esses migrantes acabariam incrementando a produção agrícola através da implantação de novas técnicas e ferramentas no cultivo, além de diversificarem a produção.

Nesse sentido, é possível observar que os migrantes brasileiros que vieram para o país com o intuito de desenvolver a agricultura contribuíram para que a muitos desses objetivos fossem alcançados, principalmente no Departamento de Concepción, onde além de trazerem ferramentas agrícolas que não eram utilizadas no país, trataram de diversificar a produção desenvolvendo duas a três culturas distintas ao ano.

Vale ressaltar que no início esses migrantes quase não recorriam a mão de obra paraguaia, pois alegavam que eles não dominavam as mesmas técnicas agrícolas o que dificultava a produção. Se pautarmos o olhar em algumas colônias de brasileiros como a *Nueva Esperanza*, percebe-se que o número de paraguaios que trabalhavam na agricultura entre os anos de 1970 a 1980, não era considerável, pois alguns migrantes acabavam preferindo atrair outros brasileiros para trabalharem em suas terras, haja vista que ainda estavam no início do cultivo e os mesmos já conheciam as técnicas utilizadas na produção:

Los brasileños recurren a empleados principalmente brasileños; favorecen así la inmigración brasileña y desplazan a los paraguayos del mercado laboral. Pero, la marginación de la mano de obra paraguaya se genera en el propio interior de la comunidad paraguaya. Son muchos los paraguayos, comerciantes, empresarios de trabajos públicos o simplemente empleadores del personal doméstico que recurren a los brasileños ya que los consideran más “trabajadores”. La preferencia comunitaria se inclina entonces claramente hacia el campo brasileño. Este desequilibrio es un reflejo de la situación de la producción donde dominan los brasileños, desequilibrio acentuado por un hecho señalado por el acopiador paraguayo que afirmaba que los brasileños eran mejores productores, por tanto, esenciales para la vitalidad de su negocio. Destaquemos igualmente que un paraguayo es el que controla una actividad rural brasileña, signo de que la distribución de poderes puede ser compleja (SOUCHAUD, 2007, p. 316).

Entretanto, à medida que esses migrantes passaram a aumentar a sua produção e os brasileiros que trabalhavam como empregados conseguiram adquirir terras na própria colônia, eles passaram a contratar os paraguaios para auxiliarem no cultivo, sendo que muitos migrantes acabavam ensinando a eles, as mesmas técnicas de cultivo utilizadas no Brasil.

Para o Estado paraguaio a migração de brasileiros para o país, com o intuito de desenvolver a agricultura, representava a criação de empregos para os paraguaios, pois a partir do momento que se iniciasse o cultivo os mesmos se tornariam mão de obra para auxiliarem na produção, e esse foi um dos motivos que levou o país a criar uma política migratória que facilitasse os trâmites de legalização, no intuito de contribuir para o desenvolvimento do país.

No entanto, apesar de que desde os anos de 1970 até a atual *Ley de Imigración* (Lei Nº 978 de 1996) apresentar condições favoráveis para que esses migrantes possam conseguir a autorização que lhes garanta viver no país, salienta-se que o processo para a aquisição dos documentos de residência permanente não é tão fácil, pois é permeado por uma burocracia que acaba dificultando que o mesmo ocorra de maneira rápida, além dos altos gastos advindos das etapas do deslocamento desses migrantes até a capital Assunção.

Contudo, antes de tratarmos como era feita a solicitação da autorização para viver no país, se faz necessário abordarmos quais documentos era e em que consistiam, dando destaque para o *permiso* que era uma autorização provisória e a carteira de *Admisión Permante*, mais conhecida como “migrante”.

De acordo com Fiorentini (2010, p. 58), o *permiso* é um documento provisório emitido nas aduanas, ou seja, nas alfândegas, e exigido de pessoas com mais de 16 anos. Cabe destacar, que o *permiso* era um documento de caráter provisório emitido a todos que almejavam ingressar no país devendo ser renovado a cada 90 dias. O *permiso* possui as informações pessoais de cada migrante tais como nome, número do documento de identidade, data de nascimento e a cidade de destino no Paraguai.

Após entrarem no país, quando findava o período de validade do *permiso* a maioria dos migrantes acabava solicitando a carteira de migrante, mais conhecido como “migrante” pelos colonos e tinha uma validade de dez anos, custando cerca de 30 dólares:

El permiso de turista tiene una validez de 1 hasta 3 meses y es gratuito para todos los ciudadanos del MERCOSUR. Casi todos los inmigrantes entran inicialmente con este permiso, los que tienen algún recurso, después empieza a legalizar la documentación necesaria, otro más pobres viven siempre renovando este permiso. Están hace varios años en Paraguay, pero continúan como turistas. La admisión permanente, conocida como el carné del migrante, tiene una validez de 10 años y costa 648 mil guaraníes y más 261

mil de mora. Existe mucha demora en la entrega de esta documentación. La renovación cuesta 325 mil guaraníes. La célula de identidad civil de la República del Paraguay solo es permitida para aquellos que ya tienen la admisión permanente y cuesta 1 millón y 200 mil guaraníes. Con esta documentación pueden votar para intendente y concejal e incluso candidatearse para concejal (ALBUQUERQUE, 2005, p. 155-156).

Dessa maneira, torna-se perceptível que alguns migrantes viveram por muitos anos apenas com o *permiso* pela demora e dificuldade que encontravam para conseguir a “migrante”. Aliás, o problema na maioria das vezes estava ligado à questão de que eles recorriam às instituições erradas, no qual solicitavam e até pagavam um alto valor, mas nunca chegaram a receber a “migrante”. É possível perceber no relato abaixo os procedimentos que eles faziam para solicitar tal autorização:

Para nós não foi difícil quando a gente entrou porque o meu sogro já reuniu a família, porque toda a vida ele foi sistemático, ele queria tudo certo, então nós já entramos certo. Quando veio ele e o meu marido na fronteira, nós já fizemos a documentação de migrante. E quando nós viemos com a mudança aí já vieram umas pessoas aqui na colônia mesmo e fizeram tudo num dia só nossa documentação, e pela “migrante” naquele tempo nós pagamos 12 mil guarani, e fizeram de todos, e quando nós entramos há 28 anos foi assim (Entrevistada X, Colônia *Nueva Esperanza*, 12/10/2010).

De acordo com Souchaud (2007), os procedimentos para que os migrantes possam conseguir a *Adimisión Permanente* não são tão difíceis como parece, o que acaba dificultando são os trâmites burocráticos agregados à desorganização e deficiências dos representantes e autoridades locais:

Concretamente, los documentos que certifican la adaptación del migrante a las exigencias legales son preparados y entregados por las autoridades consulares del país de origen. A ellos se deben agregar los elementos clásicos (ficha de estado civil, pasaporte, carnet de conducir, aval de solvencia, certificado profesional), mencionados en el Artículo 43. La demanda puede hacerse una vez instalados en Paraguay y hay que tener entonces una justificación de la fecha de entrada al territorio. En resumen, las condiciones a llenar son poco exigentes, lo que dejaría suponer que los inmigrantes brasileños no tienen ninguna dificultad para obtener el título de residente permanente. Por tanto, para poder negar lo bien fundado de la residencia de los brasileños, el aparato de poder paraguayo sabe jugar con la desorganización y las deficiencias de las representaciones locales para llevar al inmigrante hacia situaciones jurídicas impugnables (SOUCHAUD, 2007, p. 253-254).

Nesse sentido, alguns migrantes afirmam que enfrentaram grandes dificuldades para conseguir a “migrante”, porque como faziam a solicitação de maneira errada eles não sabiam como estava o andamento do processo e por esse motivo tinham medo de ir solicitar novamente a autorização e o governo paraguaio acabar tomando suas terras obrigando-os a retornar para o Brasil:

Para conseguir a documentação foi difícil muitas vezes fizemos os documentos e não vinham nada, umas duas vezes que eu fiz os documentos aí não vieram, depois veio. Até pouco tempo eu fiz uma identidade e tive que pagar 300 mil guaranis só para reformar porque eu tinha perdido a minha (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Aqui muitas pessoas vêm para trabalhar e não procura tirar o documento, então eles ganham dinheiro e desvia para outros fins e não tira o documento, e depois a polícia vem e pressiona e tem muita gente que fala “Ah! Não posso tirar porque estou sem emprego”. Tem cara que mora há trinta anos e não conseguiu tirar o documento ainda por falta de cuidado de capricho para mim é assim, porque eu cheguei já fui tirando meus documentos tirei o que tem que tirar, e reformei o que tinha que reformar tudo que tiver que fazer eu faço, quero viver legal aqui no Paraguai para não ter problema eu entro aqui faço parte do Paraguai e no Brasil também (Entrevistado IV, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

É importante salientar que os primeiros brasileiros que chegaram à colônia pagaram um valor maior para solicitar a carteira de migrante, se comparado aos que chegaram algum tempo depois. Agregado a essa dificuldade havia a questão de muitos não conseguirem apresentar os primeiros *permiso*, que seria o documento provisório de entrada ao país, juntamente com os títulos de propriedade que muitas vezes eram falsos porque foram comprados de segunda mão:

Los pequeños agricultores se enfrentan con esta dificultad desde el momento en que sus títulos de propiedad son inexistentes o apelables jurídicamente, porque sus propiedades han sido compradas sin pasar por escribano, que la propiedad anterior era también discutible, que el usufructo proviene de la compra ilegal de la derecha de un paraguayo, que los contratos de arrendamiento son orales. Lo mismo pasa con los empleados del sector terciario que generalmente no están registrados ni en el Servicio de Migraciones, ni declarados como asalariados. En respuesta a las dificultades que deben afrontar los inmigrantes, en la región fronteriza se ve florecer todo un régimen paralelo y fraudulento alrededor de la inmigración. Las autoridades locales, políticas, jurídicas o policiales establecen, sin soporte legal, autorizaciones que no son “válidas” salvo en su región de influencia.

De esta forma se puede obtener un título de residente por un plazo de uno a diez años, mediante 100 a 600 US\$. Los precios están muy lejos de los estipulados por la ley que precisa, Artículo 152 de la ley 978 (República del Paraguay, 1996) que para la residencia permanente, el precio es fijado en diez salarios mínimos y nueve para el estatus de residente temporario. El salario mínimo mensual era 549.198 guaraníes el 1ro. de enero de 1998 (SOUCHAUD, 2007, p. 255).

Nesse sentido, as dificuldades para conseguir a autorização permanente envolvem diversas questões, em que esses migrantes muitas vezes por falta de informação acabavam vivenciando uma situação de espera, e muitas vezes nem chegavam a receber o documento de *Admisión Permanente*. Essa situação era amenizada quando alguns religiosos que desenvolviam atividades na região acabavam acompanhando e orientando os mesmos a fazerem os trâmites necessários para legalizarem sua situação:

No meu tempo quando eu cheguei aqui o maior problema era a documentação, inclusive eu cheguei e fiquei um tempo como intermediária para depois aqui conseguir me documentar, eu era intermediária aí vinha uma irmã scalabriana e nos ajudava, e esse processo corria bem mais rápido com as irmãs scalabriana e elas vinham e acompanhavam o pessoal da imigração. E então houve muita ameaça de expulsão naquele tempo contra o pessoal mais nós não tínhamos muito medo não... e até hoje nunca aconteceu nada. Então vai indo assim, é uma realidade muito distinta há muita dificuldade do povo se regularizar (Entrevistada XV, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Nessa perspectiva, depreende-se que muitos migrantes viveram no Paraguai apenas renovando o *permiso*, até conseguirem a carteira de migrante, sendo assim a cada 90 dias eles retornavam até a aduana das cidades paraguaias Pedro Juan Caballero ou Cidade do Leste para obter outro *permiso* até conseguirem a “migrante”.

No Paraguai, a “migrante”, que é denominado documento de *Admisión Permanente* é válida por dez anos, e é expedida pelo *Ministerio del Interior*¹⁹ através da *Dirección General de Migraciones*²⁰, conforme modelo na figura 5:

¹⁹ O *Ministerio del Interior* pertencente ao Poder Executivo, é uma instituição responsável pela aplicação das Políticas Públicas que permitem promover a segurança do cidadão e a governabilidade democrática, garantindo a ordem interna que possibilite o desenvolvimento do Paraguai, Ministerio del Interior (2012).

²⁰ A *Dirección General de Migraciones* é uma instituição pertencente ao *Ministerio del Interior* sendo responsável pela Política Migratória Nacional prestando informações aos cidadãos nacionais e aos estrangeiros *Dirección General de Migraciones* (2012).



FIGURA 5: Modelo Cartera de Admisión Permanente “Migrante”

Fonte: ABC Color, (2011)

Cabe destacar, que alguns migrantes além de possuírem o documento de *Admisión Permanente* ainda possuem a cédula de identidade paraguaia expedida pela *Policía Nacional del Paraguai*, para terem acesso aos serviços de necessidade básica, pois a mesma lhes garante o direito de abrir conta em banco, estudar em escolas e faculdades paraguaias, bem como exercer outros direitos da cidadania paraguaia.

Muitos filhos dos primeiros brasileiros que nasceram entre os anos de 1965 a 1980 nasceram no Brasil, mais precisamente em cidades dos estados que fazem fronteira com o Paraguai, como Ponta Porã, Dourados e Mundo Novo, em Mato Grosso do Sul, e Foz do Iguaçu, no Paraná, porque esses migrantes tinha o acesso ao atendimento de saúde gratuito e no Paraguai o atendimento era particular e os hospitais eram longe da Colônia.

Além disso, havia os pais que queriam que seus filhos nascessem no Brasil para terem nacionalidade brasileira através do registro e ao mesmo tempo quando retornavam ao Paraguai, eles também registravam como se fossem paraguaios, para terem o direito a cédula de identidade paraguaia.

A legislação paraguaia por meio da Ley N° 2.193/03 “*Que autoriza a la Policía Nacional expedir Cedula de Identidad a los extranjeros cónyuges de paraguayos y a los extranjeros hijos de padre o madre paraguayos*”, afirma que os estrangeiros tem o direito a cédula de identidade paraguaia quando:

Artículo 1°.- La Policía Nacional expedirá Cédula de Identidad a los extranjeros cónyuges de paraguayos y a los extranjeros hijos de padre o madre paraguayos, que se afinquen en forma definitiva en el país y que cumplan los recaudos establecidos en esta Ley.

Artículo 2°.- Son únicos recaudos a cumplirse por los interesados, los siguientes:

- 1) Ambos cónyuges o el hijo declararán bajo juramento o promesa, ante la misma Policía Nacional, que se radicarán definitivamente en el país.
 - 2) Si el hijo fuera menor de edad, la declaración bajo juramento la prestará cualquiera de sus progenitores.
 - 3) La condición de paraguayo del cónyuge o progenitor se acreditará con el certificado de nacimiento o con testimonio de la sentencia que le otorgue la nacionalidad paraguaya por naturalización, la condición de cónyuge con el certificado de matrimonio, y la de hijo, con el certificado de nacimiento.
- Artículo 3°.- La expedición de Cédula de Identidad por la Policía Nacional a las personas indicadas en el Artículo 1°, les conferirá de pleno derecho la condición de residentes permanentes. La Policía Nacional oficiará a la Dirección Nacional de Migraciones comunicándole ese hecho, con copia de todos los antecedentes del caso, a fin de que ésta inscriba a esas personas en sus registros como residentes permanentes, quedando las mismas eximidas de la obligación de realizar los trámites que dispone la Ley N° 978, del 8 de noviembre de 1996, "DE MIGRACIONES", o cualquier otra norma jurídica. (SECRETARIA DE DESARROLLO PARA REPATRIADOS Y REFUGIADOS CONNACIONALES, 1996, p. 01-02).

Torna-se evidente que o direito a cédula de identidade paraguaia acaba facilitando aos filhos e netos dos migrantes terem acesso à nacionalidade paraguaia, bem como a fazerem os seus documentos no país para terem direito as mesmas necessidades básicas do cidadão paraguaio. Desse modo, alguns filhos e netos de brasileiros possuem a nacionalidade paraguaia e a cédula de identidade, conforme modelo, na figura 6:



FIGURA 6: Modelo Cédula de Identidade Paraguaia
Fonte: ABC Digital (2011)

A partir do momento em que o número de brasileiros ilegais no país começou a se tornar expressivo, o governo paraguaio juntamente com o brasileiro passou a realizar as chamadas “jornadas migratórias”, ou seja, uma ação social que reúne autoridades dos dois países com o intuito de regularizar a situação desses brasileiros.

As jornadas migratórias reúnem num mesmo local por um período de dez dias funcionários do Consulado Brasileiro, no Paraguai, Autoridades da *Dirección General de Migraciones* e da *Policía Nacional*, em que os migrantes têm a oportunidade de tirarem a identidade brasileira e/ou paraguaia, o passaporte além do documento de *Admisión Permanente*²¹. As jornadas migratórias foram realizadas em departamentos estratégicos tais como Santa Rita, Pedro Juan Caballero, Katueté e Los Cedrales.

Essas jornadas migratórias ainda não foram realizadas no Departamento de Concepción por sua proximidade com o Departamento de Amambay, no qual as mesmas são realizadas na cidade de Pedro Juan Caballero. Muitos dos migrantes da Colônia *Nueva Esperanza* conseguiram regularizar sua situação de migrante através das jornadas que ocorreram na referida cidade.

De acordo com Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2012), as jornadas migratórias provêm do Programa de Regularização Migratória Brasil-Paraguai e está amparado pelo Acordo de Residência do MERCOSUL²², vigente desde 2009, que prevê aos nacionais dos Estados-parte poder residir, trabalhar ou estudar no território dos demais Estados por um período de dois anos, ao final dos quais seus portadores poderão solicitar o visto permanente.

Cabe ressaltar que nos dias atuais muitos brasileiros que vivem na Colônia *Nueva Esperanza* conseguiram a “migrante” através das jornadas migratórias, principalmente a que foi realizada na capital departamental Pedro Juan Caballero (Amambay).

A maioria das famílias que vivem na colônia encontra-se na segunda ou terceira geração, ou seja, os filhos e netos dos primeiros migrantes e esses em grande parte já conseguiram a carteira de migrante, por já estarem morando no país há um tempo considerável, aliás, muitos têm a dupla nacionalidade, pois foram registrados tanto no Brasil em cidades fronteiriças como Ponta Porã e Foz de Iguaçu, como no próprio Paraguai, em Yby

²¹ Informações obtidas por entrevista com o Cônsul do Brasil em Concepción no dia 26 de outubro de 2011.

²² Segundo o Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL. Decisão CMC Nº 28/02- Acordo Nº 13 nos Art. 3 e Art. 4 “os nacionais de um Estado Parte que desejem estabelecer-se no território de outro Estado Parte e apresentem a solicitação de ingresso no país e a documentação que lhes for requerida perante o Consulado respectivo. Para efeitos da legalização dos documentos, bastará neste caso a notificação de sua autenticidade, conforme os procedimentos estabelecidos no país do qual o documento procede. Além disso, os nacionais de um Estado Parte que já se encontrem no território de outro Estado Parte que desejem estabelecer-se no mesmo e apresentem sua solicitação e documentação perante a autoridade migratória do mencionado estado. Neste caso, para sua legalização, os documentos somente devem ser certificados pelo agente consular do país do peticionário, credenciado no país de recepção. Os filhos dos imigrantes nascidos no território do Estado Parte no qual residem seus pais, terão direito a um nome, ao registro de seu nascimento e a ter uma nacionalidade. Terão também o direito fundamental de acesso à educação em condições de igualdade com os nacionais do país de recepção” (CARTILHA DO CIDADÃO DO MERCOSUL, 2010, p. 19-20).

Yaú, Horqueta e Concepción.

Dessa forma, percebe-se que a dificuldade em relação à regularização da situação de migrante no país está ligada a falta de informação, pois os brasileiros recorriam às pessoas erradas pagando um preço superior ao que era cobrado e acabava nem recebendo os documentos para regularizar a sua situação, o que contribuía para que eles formassem uma opinião de reprovação quanto às dificuldades que encontravam:

A única coisa ruim dos paraguaios é que eles não têm muita responsabilidade nessas coisas de documentos, eles recolhem dinheiro cobram, mas não vem. A documentação é um dos problemas mais sério hoje, porque quando você faz um documento não importa o tanto que você pagou, se você o recebeu tudo bem, o duro quando é uma enrolação desgramada e você nem acaba recebendo (Entrevistado V, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Mediante análise das entrevistas foi possível perceber que esses migrantes ao viverem em situação ilegal acabavam despertando um sentimento de medo e insegurança, pois não foram todas as famílias que conseguiram mudar suas vidas imediatamente, muitos tiveram que vivenciar situações instáveis, e até enfrentavam perseguição por parte de policiais e autoridades locais que cobravam dos mesmos o pagamento de taxas para que permitissem sua permanência no país.

Para Fiorentin (2010, p. 30), a questão da documentação é considerada ainda o maior problema enfrentado pelos migrantes brasileiros que vivem no Paraguai, pois em 1995, cerca de 80% dos imigrantes brasileiros estavam ainda em situação irregular no país, e mais de 50% não possuía a documentação de origem exigida para tramitar o pedido da “migrante”, ou seja, o documento de *Admisión Permanente*.

Todavia, ainda existe a dificuldade de que quando os migrantes brasileiros chegaram com sua família ao país vizinho, alguns acabavam priorizando regularizar apenas sua situação de migrante, já que os gastos com o processo de solicitação da “migrante” eram grandes, o que acabou contribuindo para que suas respectivas esposas e filhos permanecessem por mais tempo no país sem a “migrante” definitiva:

Como eu cuidava da casa eu demorei mais para tentar tirar a migrante até porque o documento é muito caro para fazer, e sabe a minha ficou mais de 3 milhões de Guarani para fazer e até hoje não veio de modo que esse dinheiro praticamente foi perdido. Já faz quatro anos, já caduco aí eu fui na prefeitura de Yby Yaú, e falei com eles lá e me deram essa carteirinha e disseram que

não tem problema, por isso que eu não vou mais atrás. Eu vou gastar mais uns três milhões de Guaranis? Aí fica pesado para nós. Só tem dificuldade aqui no Paraguai porque a gente é migrante, tudo é mais difícil agora não sei se é por que é estrangeiro fica caro assim também (Entrevistada VI, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Portanto, apreende-se que o processo de legalização da situação de migrantes no Paraguai foi acompanhado por muitas dificuldades, justificado pela demora de muitos conseguirem a carteira de migrante definitiva, o que lhes assegura por dez anos a residência permanente.

Há que se destacar que tanto o governo paraguaio, quanto o governo brasileiro têm se empenhado a desenvolver políticas que facilitem a legalização desses migrantes, ainda existem muitos que não possuem a “migrante”, ou seja, o documento de *Admision Permanente*, não apenas na colônia *Nueva Esperanza*, mais em muitas cidades paraguaias. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2012) destacam-se as cidades que se localizam próximo à fronteira com o Brasil, onde o número de migrantes é maior.

O que foi possível perceber durante as entrevistas com os migrantes é que as famílias têm se empenhado em regularizar sua situação de migrante, até para que seus filhos e netos possam estudar no país e para que eles possam viver com tranquilidade é necessário ter a documentação permanente.

Enfim, conseguir a “migrante” garantia aos brasileiros certa tranquilidade em relação à documentação, por um período de dez anos, o que acabava facilitando a vida dos mesmos, pois com os documentos que esses migrantes conseguiam a cédula de identidade paraguaia, além de alguns benefícios como ter uma conta bancária, poder votar nas eleições paraguaias, ou seja, esse migrante acabava exercendo os direitos e deveres de um cidadão paraguaio.

2.1.2 O atual cenário da Colônia *Nueva Esperanza* e as práticas cotidianas

A Colônia *Nueva Esperanza* formada no ano de 1966 é composta por 160 famílias, onde brasileiros e uma pequena parcela de paraguaios habitam 20.000 hectares que são divididos em lotes que variam de 5 a 65 hectares, e desenvolvem diversas culturas que lhes garante o sustento, nos quais se destacam a mandioca, banana, milho, sésamo e a pecuária.

Localizada a sete quilômetros do perímetro urbano da cidade de Yby Yaú a colônia está situada as margens da *Ruta 3* (General Elizardo Aquino), e tem apresentado um grande

crescimento em sua infraestrutura, a partir dos anos de 1990, quando a referida *Ruta* foi pavimentada o que facilitou a estruturação dos lotes, além do surgimento de um pequeno comércio local que possui um posto de gasolina, lojas de confecção, pequenas mercearias, loja de ferramentas, armazéns e empacotadoras, restaurante, lanchonetes, bares além das igrejas, da escola e da Associação de Mulheres, formando o chamado “centro da colônia”.

O chamado “centro da colônia” é o local onde os migrantes recorrem para comprar o que necessitarem no comércio local quando não há possibilidade de ir até Yby Yaú ou as cidades vizinhas é nesse local que se encontra o ponto para tomarem ônibus com destino às cidades paraguaias e às cidades fronteiriças com o Brasil.

Além disso, é o local em que eles acabam comercializando entre si alguns dos cultivos que produzem com destaque para frutas e hortaliças, e é onde se localizam os armazéns e os corretores que comercializam a produção desses migrantes, seja no Paraguai ou no Brasil:

En un primer momento, la demanda de campos impone la formación de un centro del cual depende. Esta dependencia aumenta a medida que la población se desarrolla en el corazón de la colonia, pues la zona rural no está solamente sometida al centro para su aprovisionamiento; éste le brinda igualmente un mercado, fuente de ingreso no despreciable para las familias campesinas que, cada día, venden de puerta en puerta los excedentes agrícolas (mandioca, porotos, arroz, legumbres, leche) o van a proponer servicios puntuales. Aún más, la relación que se instala supera el simple marco de los intercambios comerciales. La dependencia de las zonas agrícolas es aún más evidente según el examen de las estructuras generales de la formación y el desarrollo del mercado agrícola. En el corazón del sistema se encuentran los intermediarios habituales: el propietario del almacén o el comerciante instalado en el centro de la colonia (SOUCHAUD, 2007, p. 129-130).

Depreende-se que o chamado “Centro da Colônia” acaba se tornando uma dos locais mais importantes da colônia, onde os migrantes podem comercializar seus produtos, adquirir o que necessitam e ainda negociarem com os comerciantes sua produção. Esse pequeno centro surgiu a partir do momento em que foram instaladas a igreja e a escola, o que atraiu pequenos comércios para o local.

Dessa forma, o movimento de pessoas próximo a essas instituições era grande o que acabou atraindo para as proximidades comércios para atender os migrantes, surgindo o “centro da colônia” que se tornou um espaço de intercâmbio entre os migrantes, onde eles podem prover-se não apenas de alimentos e pequenos utensílios, mas também produtos

agrícolas como insumos e materiais de construção, formando um espaço de sociabilidade.

Na figura 7, é possível visualizar o “Centro da Colônia” onde se localiza as instituições como as igrejas e a escola, além do pequeno comércio que tenta atender as necessidades dos colonos da região. É possível perceber de que maneira estão localizadas as casas dentro dos lotes que em sua maioria foram construídas próximo a *Ruta 3* (que é a principal via de acesso pavimentada na colônia sendo a rodovia que liga Yby Yaú a Assunção) ou aos caminhos de terra, que foram construídos pelos próprios migrantes, ao longo dos anos no intuito de facilitar a locomoção entre os lotes:

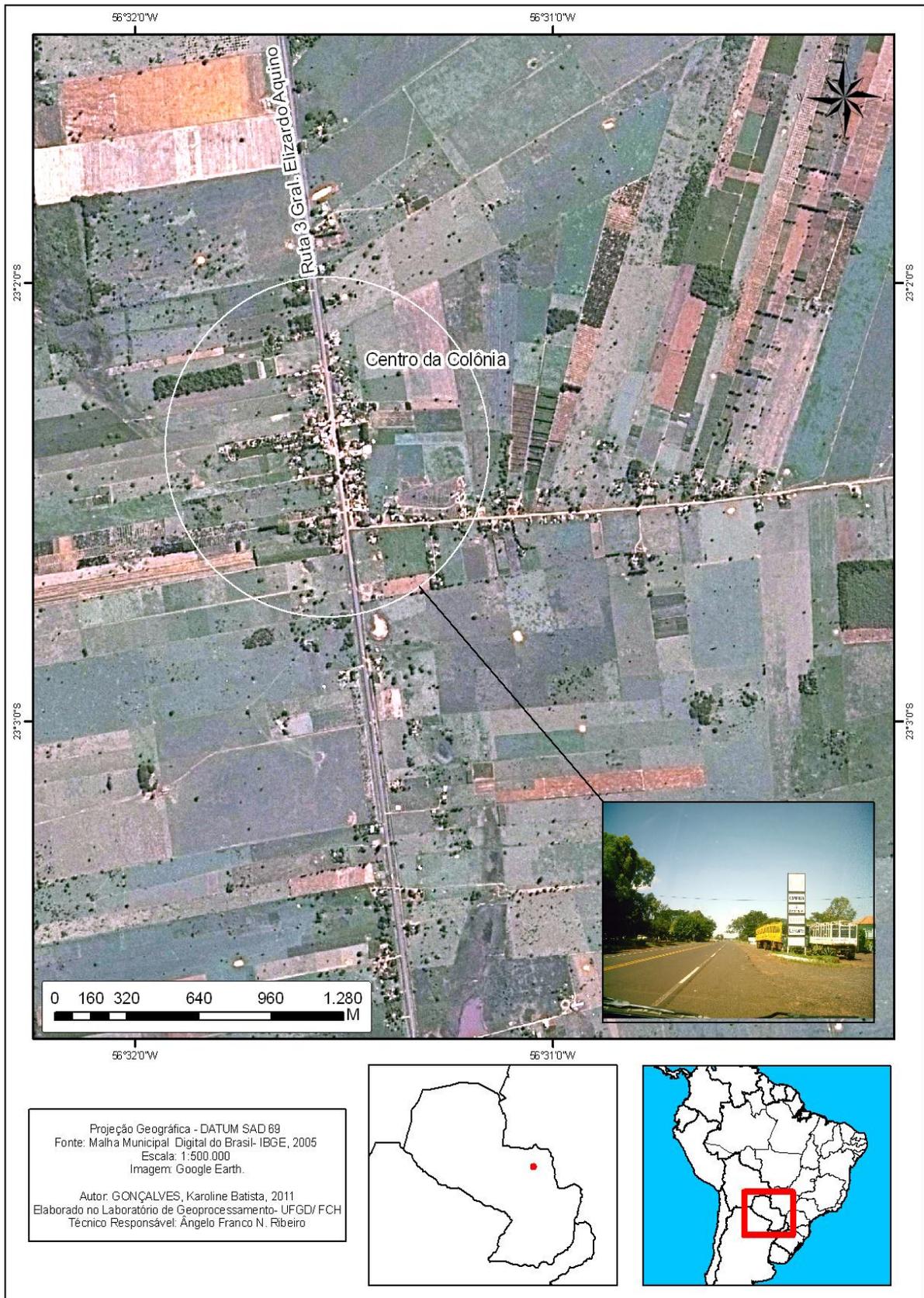


FIGURA 7: Imagem de Satélite Colônia Nueva Esperanza

Ao analisarmos a imagem da colônia é possível identificar que a *Ruta 3* é a principal via de acesso para esses migrantes se deslocarem, tanto as cidades paraguaias como também a fronteira com o Brasil, ou seja, as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

A pavimentação da *Ruta 3* representou um grande benefício para esses migrantes, porque proporcionou uma maior facilidade para eles se deslocarem a fim de comercializarem seus produtos em outras cidades, pois os caminhos que foram feitos dentro da colônia são estradas de terra e uma via pavimentada representa uma maior agilidade no transporte e na logística para a comercialização dos produtos.

Vale ressaltar que as demais estradas e caminhos que existem dentro da colônia, foram feitas pelos próprios migrantes, que em um esforço conjunto abriram caminhos para facilitar o deslocamento, porque até meados de 1980 não havia nenhum interesse por parte do governo paraguaio em estruturar os caminhos para facilitar a produção.

Souchaud (2007, p. 266), salienta que foram os colonos brasileiros que acabaram contribuindo para a estruturação espacial das pequenas cidades e comunidades no Paraguai, pois os esforços em torno da construção da *red rutera* (rodovias) da Região Oriental começaram a partir dos anos 1980, ou seja, nos anos em que grande parte dos brasileiros já haviam se instalado e começado a desenvolver diversas atividades agrícolas, das quais podemos destacar inicialmente o café e depois a pecuária.

As estradas de terra representavam uma grande dificuldade para esses migrantes, porque durante os períodos de chuva era muito difícil se deslocar, e por esse motivo muitos acabavam tendo prejuízos em sua produção. Nas fotos a seguir, é possível visualizar os caminhos construídos pelos próprios migrantes que separam os lotes:



FOTO 18: Estrada de terra que separa os lotes
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 19: Caminho que dá acesso a Ruta 3
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

O relato abaixo revela a dimensão das dificuldades que esses migrantes enfrentavam quando a *Ruta* não era pavimentada:

A *Ruta 5* aquela que vocês vêm de Pedro Juan Caballero para cá foi feita em 1980, agora essa que passa aqui pela colônia foi depois de 90. A *Ruta* já existia só que era estrada de chão. E quando chovia atrapalhava o trânsito. Ficava uns oito dias aí fechado não passava nada. Tinha uma porterona aí que fechava e ninguém passava e ficava ali no Yby Yaú trancado, porque não podia passar para não estragar a estrada porque era de chão e tinha que esperar secar para passar. Tinha que ficar dois três dias ali esperando sair o sol para enxugar a terra para poder os carros começar a funcionar (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

A grande dificuldade encontrada na *Ruta* quando chovia era que os ônibus e carros que se encontravam na estrada não poderiam seguir com a viagem, pois o barro que se formava acabava atolando os veículos, e por esse motivo muitas vezes uma simples viagem a Concepción ou a Ponta Porã acabava levando muitos dias. As fotos a seguir são uma reprodução das fotos originais, e nos permite visualizar a *Ruta 5* em meados de 1970:



FOTO 20: Foto do Retrato da *Ruta 5* ainda em estrada de chão em 1970

Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 21: Foto do Retrato da Pavimentação Ruta 5
 Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Tanto a pavimentação da *Ruta 5* que liga o Departamento de Concepción a Pedro Juan Caballero no Departamento de Amambay, em 1970, quanto a *Ruta 3* que une Concepción a capital nacional Assunção, em 1993, foram acompanhadas pelos migrantes, porque nesse período alguns já haviam chegado ao país, por meio dessas vias, quando ainda eram estradas de chão:

Nós vivenciamos a construção da *Ruta 3* que passa aqui na colônia. Ela começou a construção em 1993-94 os operários moravam numa casinha perto da nossa, nós acompanhamos dia a dia, passo a passo tirar, fazer a terra ficar firme, fazer a construção tudo isso a gente vivenciou então hoje nós vemos como temos conforto e como foi sofrida a mão de obra desses homens (Entrevistada XVI, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

De acordo com Vázquez (2006, p. 31), as *rutras* pavimentadas hoje são as principais vias de comunicação terrestre do país, além de facilitar o sistema de transporte e a organização das colônias e comunidades que se formaram às margens das mesmas, que acabaram se tornando vias de expansão e influência. Na figura 8 é possível identificar o trajeto da *Ruta 5*, desde sua origem na cidade fronteiriça de Pedro Juan Caballero, até a cidade

de Yby Yaú, onde se encontra com a *Ruta 3*, que corta a *Colônia Nueva Esperanza*, e liga o Departamento de Concepción a Assunção:

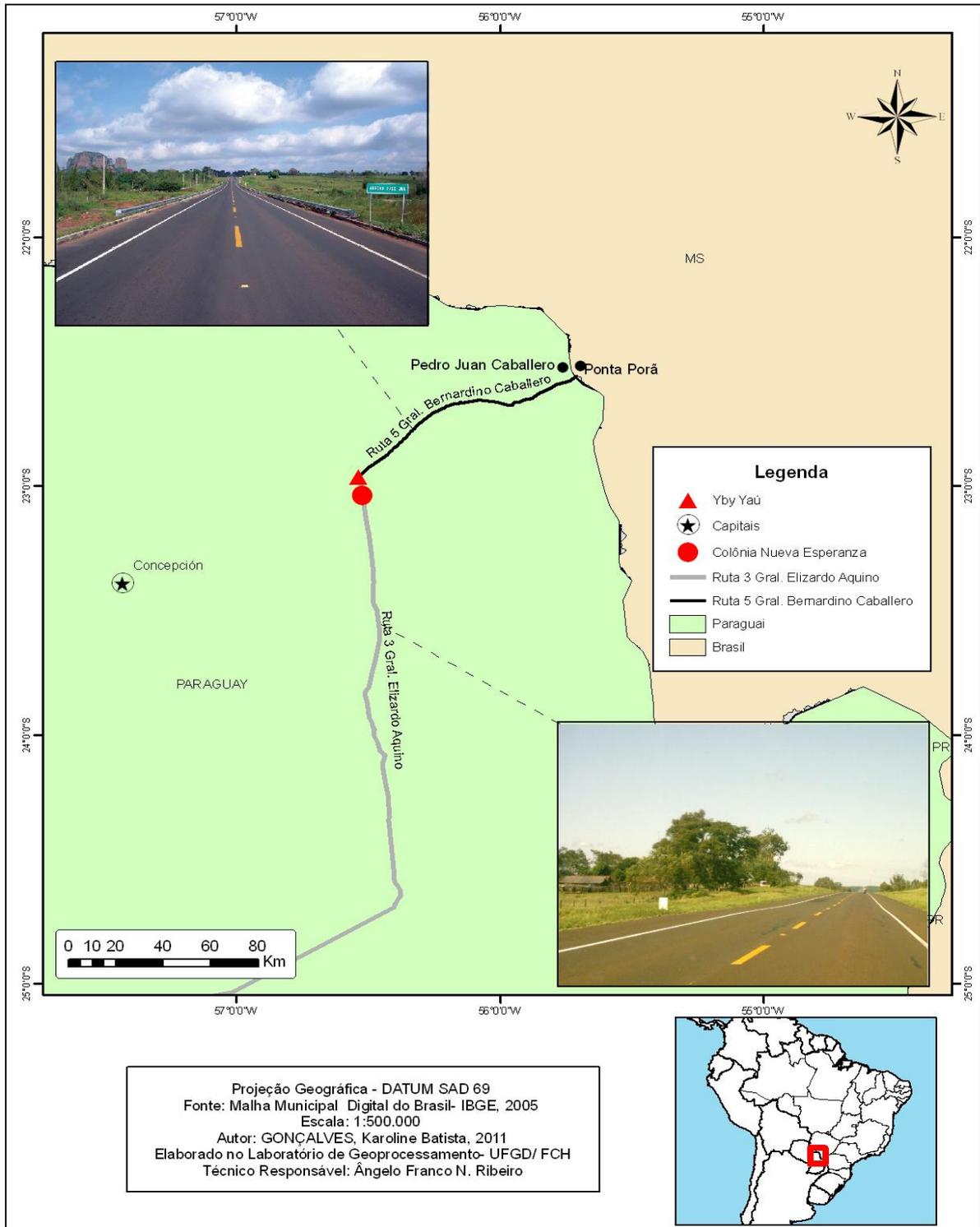


FIGURA 8: Trajeto Ruta 5 e Ruta 3

Na Colônia *Nueva Esperanza* é possível perceber que a dinâmica produtiva, apresentou uma mudança considerável após a pavimentação da *Ruta 3* (que liga Yby Yaú a Assunção), pois foi a partir de então, que se formou o pequeno comércio que atende as famílias dos migrantes, bem como os paraguaios que moram tanto na colônia como nas proximidades.

Desse modo, entende-se que o chamado “centro da colônia” bem como a *Ruta 3* acabaram influenciando no modo como esses migrantes formaram uma nova dinâmica espacial na região. Com o intuito de compreender de que maneira eles produziram uma nova realidade em território paraguaio, faz-se necessário analisarmos como ocorreram os processos de sociabilidade e sociabilização na colônia.

2.2 O modo de vida e o processo de sociabilidade dos migrantes brasileiros na Colônia *Nueva Esperanza*

A sociabilidade é um dos conceitos básicos da sociologia no que tange a análise do processo de adaptação e constituição de um modo de vida ou comportamento social, em uma determinada sociedade, ou seja, a maneira pelo qual os indivíduos, grupos ou comunidades podem coletivizar os meios de produção, comércio, valores e comportamento.

Para Bauman (1997, p. 138) antes de abordarmos o processo de sociabilidade faz-se necessário diferenciar a “sociabilidade” e a “socialização”, onde ambos os processos devem ser compreendidos a partir da interação com a estrutura social, porém se referem a processos distintos, onde socialização visa a criar um ambiente de ação feito de escolhas passível de serem ‘desempenhadas discursivamente’, que se concentra no cálculo racional de ganhos e perdas, enquanto que sociabilidade deve ser compreendida a partir da interação com a estrutura social, e se referem a processos distintos, sendo observada uma emergência da multidão, na qual os indivíduos compartilham ações baseadas no instante em que se vive e nas condições semelhantes nas quais se encontram.

Nesse sentido, a sociabilidade pode ser pensada como um processo que auxilia o homem a se integrar e adaptar plenamente em uma determinada sociedade. A sociabilidade deve ser compreendida a partir da interação com a estrutura social, na qual os indivíduos compartilham ações mediante as condições em que vivem. Assim, é por meio desta que o indivíduo acaba construindo o seu modo de vida, onde novos valores e significados são construídos de acordo com as relações estabelecidas.

Para Santos (2006), na medida em que os indivíduos estabelecem relações numa determinada sociedade às informações e relações acabam criando, alimentando e restabelecendo os laços sociais entre esses e os grupos sociais que habitam o mesmo espaço no qual a sociabilidade pode ser identificada, ou seja, o modo como a vida cotidiana será produzida espacialmente.

Desse modo, a sociabilidade está ligada aos laços sociais que o indivíduo acaba estabelecendo com o espaço por meio de normas, regras e elementos que permitem a convivência em sociedade. Ao analisarmos um grupo de migrantes que se deslocam de um território para outro distinto ao seu, observa-se que a sociabilidade acaba contribuindo tanto na reconstrução de características socioeconômicas como a forma de produção, de comercialização e o acesso as necessidades básicas, quanto às culturais como a religião e a educação.

No que se refere ao processo de reconstrução de vida na trajetória dos migrantes, Martins (2000, p. 18), afirma que o migrante ao chegar a um determinado espaço ele procura a reconstituição de seu cotidiano e de suas práticas, e é através da sociabilidade que o mesmo consegue, pois ela pode ser vista como um processo que estabelece um conjunto de critérios para pôr ordem nesse novo espaço.

Nessa perspectiva, analisaremos de que maneira esses agentes da sociabilidade foram produzidos na Colônia *Nueva Esperanza*, para que possamos compreender como esses migrantes organizaram suas vidas em torno do “Centro da Colônia” e como esses processos de valores, comportamentos e produção de um modo de vida lhes permitiram reconstruir sua vida em um “novo” território.

2.2.1 A organização dos lotes e as atividades agrícolas

No que tange à maneira como esses migrantes organizaram seus lotes quando chegaram ao Paraguai a partir de 1966, grande parte se dedicou ao cultivo do café aliado a outros produtos para garantirem o seu sustento e o de sua família:

Quando chegamos aqui nós viemos trabalhar para os outros, já tinha a casinha construída já só que a casinha era fraca, o poço fundo dificuldade de água, faltava água porque tinha um poço só que era de 93 metros de fundura para nós tirarmos a água, fazer balainho de café e plantar ainda puxando água era difícil. Nós levantávamos mais ou menos quatro horas da manhã e até cinco horas da manhã puxava uns dez ou quinze baldes de água, e depois meu pai ia para roça e ficava regando o café lá com água. E nós plantando

fazendo o balainho no viveiro para depois plantar na roça. E ainda nós plantávamos feijão, arroz, milho, algodão, girassol de tudo nós plantava um pouquinho e tudo nós plantava para consumo nosso (Entrevistado IX, Colônia *Nueva Esperanza*, 22/04/2011).

É na época do café até veio indústria de Cidade do Leste para cá e veio máquina de moer café. Veio à máquina mesmo de limpar o café, então aqui tinha duas máquinas de limpar o café, naquela época. E assim, o pessoal gostava mesmo daqui... Nossa, entrava muita gente mesmo (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

A dificuldade enfrentada por esses migrantes se revela de maneira explícita ao relatarem a situação que vivenciaram quando chegaram ao Paraguai, pois eles não tinham as condições básicas para poderem construir uma nova vida, os mesmos tiveram que vivenciar uma nova realidade. Dessa maneira, o que podemos compreender é que eles tiveram que criar condições básicas para a sobrevivência, que vão desde a construção da casa, a abertura do poço para ter água, além dos primeiros cultivos:

Quando eu cheguei aqui eu já tinha trazido um pouquinho de dinheiro lá do Paraná, então com a roça juntamos um pouquinho de dinheiro aqui. E como estava vendendo esta gleba de terra aqui a gente comprou cinco alqueires na época, doze hectares. Eu comprei de segunda mão do José dos Santos, que na época comprou de um pessoal que estava fazendo um loteamento grande. Eu fui derrubando de pouco a pouco o mato e eu comecei a produzir a mamona, depois o café, plantamos soja, plantava de tudo arroz e de tudo produzia. A primeira formação era café mesmo, depois, no café plantava de tudo dentro do café. É porque no café você plantava uma rua de milho, outra de arroz, e outra de feijão. E assim para não judiar do café, porque o café era o principal. A plantação era igual que no Brasil só que lá o cara já deu a terra para a gente com o mato derrubado, com o café plantado, e aqui nós tivemos que derrubar o mato e plantar o café. Mas na lavoura era a mesma coisa. E os instrumentos a gente já tinha naquela época era o cavalo, o arado ia o cavalo puxando aquele aradinho atrás a gente ia debulhando aquele café e riscava aquela terra para plantar o feijão e o milho e o arroz, porque naquela época colhia muito arroz, mas era gostoso demais era muito bom. Até hoje eu estava falando que a gente tem saudade daquele tempo 30 anos atrás porque a gente plantava mamona, algodão de tudo a gente plantava e de tudo dava (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

A maneira como esses migrantes produziam se assemelhava muito com a forma que cultivavam no Brasil, entretanto, havia algumas diferenças, pois no Paraguai logo no início eles começaram a cultivar o café intermediando a produção com outros cultivos, como o arroz e o feijão que além de ser utilizado em sua alimentação era comercializado na colônia entre os

próprios migrantes.

Além da produção agrícola para a subsistência, também alguns acabavam criando galinha e porco para complementar as alimentações da família, mas mesmo se dedicando a criação de animais muitos ainda caçavam nas matas da região. Todavia, ainda vivendo com dificuldades para garantir o seu sustento eles sempre acabavam ajudando outros que chegavam posteriormente:

Quando eu cheguei aqui eu só comia carne quando matava bicho do mato, porque aqui não tinha carne de vaca para vender. Quando chegava um com carne era difícil porque vinha com aquelas carnes amarrada no cavalo de um lado e de outro, mas era difícil, não era sempre que aparecia. Nós saíamos aqui perto na roça mesmo a gente já matava quando estava derrubando o mato, aí já matava. Tinha muita gente de Santa Catarina do Rio Grande do Sul naquele tempo, tinha muita gente mesmo e fazia churrasco de bicho do mato (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Ah, no começo era difícil comida e a gente tinha que caçar e matar às vezes um pato, uma galinha para fazer gordura para fazer a comida, porque quando não tinha de onde fazer você não tinha vizinho, não tinha ninguém para arrumar, porque era todo mundo do mesmo jeito estava tudo começando a vida. Olha às vezes um ajudava o outro, quando nós chegamos a gente criava muito porco e galinha, isso graças a Deus nunca faltou, nunca passamos falta de comida, roupa calçado essas coisas. Mas que nem quando chegou aquela turma dos baianos, nós tínhamos lata de gordura para emprestar. Nós tínhamos de cinco latas de gordura pendurado na parede, e tinha porque matava porco gordo, e a gente fazia linguiça caseira, tinha carne frita dentro das latas, porque naquele tempo ninguém tinha geladeira mesmo e aí a gente fritava o porco todo e guardava na lata. Então chegaram outras famílias que vieram depois de um ano, dois anos então a gente tinha para emprestar para eles, porque às vezes eles não tinham e a gente tinha e emprestava. E quando eles começaram a ter, eles devolviam para a gente aquilo que eles haviam tomado emprestado. Na colheita, no trabalho também um ajudava o outro, e quando era para colher ia todo mundo junto para colher a roça de um, e quando acabava ia ajudar os outros. E um emprestava material para o outro, arroz para plantar, arroz para comer eles arrumavam e depois que você colhia pagava para eles, aí você pegava um saco pagava dois se você pegasse uma bolsa pagava duas, mas também dava muito, e foi um ajudando o outro, só que tinha uns que devolviam e outros não devolviam, e até tem uns 3, 4 que não pagou, e tinha uns que até tirava sarro da gente porque sabia que a gente colhia e guardava aí o cara pegava e vendia a plantação dele todinha, aí quando chegava a época de plantar eles falavam: Ah! Você tem feijão lá, você me arruma uma e depois eu te pago duas, eu cansei de arrumar, teve uns que devolveram teve outros que não (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 22/04/2011).

O relato acima evidencia que mesmo vivendo em condições de dificuldades os migrantes acabavam ajudando uns aos outros na época de plantar e colher, até porque muitas famílias migraram juntas, há registro de até quatro casais da mesma família que migraram e acabavam ajudando um ao outro na época de plantar e de colher.

Muitos relatos versam sobre as relações que os migrantes estabeleciam inicialmente na colônia e é possível perceber que era uma relação de troca, pois os mesmos sempre acabavam trocando favores, tal como o exemplo citado no relato acima, um grupo de migrantes que tinha uma afinidade maior se juntava para ajudar no plantio e na colheita, para que pudessem construir uma base econômica que lhe garantiria o sustento.

De acordo com Souchaud (2007, p. 164), as colônias de brasileiros no Paraguai se distinguem nitidamente das propriedades paraguaias e formam uma comunidade compacta se destacando na paisagem, pois são espaços verdes que possuem lugares comunitários e associativos e uma cuidadosa arquitetura. No campo agrícola os esforços para organizarem a produção são visíveis até porque é a única atividade econômica que mantêm as famílias que formam a colônia.

Haja vista que uma parte considerável de migrantes chegou ao Paraguai em situações muito semelhantes, ou seja, muitos possuíam um pequeno capital destinado à aquisição de terras, sendo que a grande maioria tinha o intuito de poder reproduzir no País um estilo de vida parecido com que os mesmos tinham no Brasil:

O lote era tudo bem plantado, tudo alinhado eles plantavam uma fileira de café, depois outra de arroz, outra de milho. E havia o cultivo de frutas, coisa que os paraguaios não faziam, porque os paraguaios onde vê uma fruta madura vão lá e colhe, mas não cultiva e isso o brasileiro já tem, por exemplo, ele tem a sua casa cercada por plantas e árvores frutíferas e de flores também. Isso é uma das coisas que chamou nossa atenção quando chegamos aqui. Naquele tempo eles viviam praticamente dos produtos que eles mesmos cultivavam, eles vendiam os seus produtos, e eles não ganhavam tanto dinheiro só o suficiente para conseguirem viver, porque aqui a passagem, as coisas eram muito mais baratas, a passagem por vários anos foi o mesmo preço então até que começou a subir demorou (Entrevistada XV, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

É importante ressaltar que além da preocupação em comprar terras e ter uma casa para morar o grande desafio para esses migrantes era legalizar a documentação de seus lotes, e em alguns casos, eles recorriam aos corretores de imóveis que além de auxiliar na compra das terras também providenciavam a documentação das escrituras.

Segundo Fiorentin (2010, p. 62), geralmente o processo de aquisição legal de terras no Paraguai era simplificado por corretores, assim, grande parte dos brasileiros que adquiriam terras recorriam aos mesmos que podiam tanto ser brasileiros como paraguaios. Estes corretores providenciavam os papéis necessários e cuidavam da tramitação dos documentos até a obtenção da escritura.

Ademais, os corretores de imóveis que eram brasileiros se deslocavam até algumas cidades brasileiras, principalmente do Paraná, com o intuito de conversar com pequenos agricultores acerca dos benefícios de comprar terras no Paraguai, ou até para falar sobre as possibilidades de ir trabalhar para juntar dinheiro e comprar terras no país:

Nós viemos por causa de um corretor de terras mesmo, porque aqui na colônia antigamente tinha um corretor de terras, e aí eu morava com ele em Santa Isabel do Ivaí no Paraná, aí ele comprou terras aqui e veio formar fazenda aqui, isso foi em 1978, já faz trinta e poucos anos. Aí como eu não tinha terras lá no Paraná eu trabalhava na plantação com ele mesmo, porque eu sou do estado de São Paulo não sou do Paraná. Aí esse José dos Santos me trouxe para o Paraná, aí lá no Paraná eu tocava as terras para ele, eu plantava café para ele, aí ele veio para a colônia comprou esse terreno, aí depois ele me trouxe para acompanhar (Entrevistado VIII, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

O processo para conseguir a escritura das terras era acompanhado de dificuldades e levava certo tempo, já que a mesma não era permanente e tinha que ser renovada num período de dez em dez anos, e esses migrantes pagavam uma quantidade considerável para garantirem a propriedade sobre a terra, pois *“las autoridades locales, políticas, jurídicas o policiales establecen, sin soporte legal, autorizaciones que no son “válidas” solo en su región de influencia. De esta forma se puede obtener un título por un plazo de uno a diez años”* (SOUCHAUD, 2007, p. 255).

Além disso, havia aqueles migrantes que acabavam comprando terras de terceiros e não se preocupavam em transferir a escritura para os seus nomes o que acabava trazendo algumas complicações quando eles tentavam regularizar sua situação em território paraguaio, pois as terras não estavam em seu nome.

A procura por corretores para adquirir as escrituras das terras era considerável porque quando o migrante tinha a escritura das terras em seu nome ele tinha mais facilidades para provar as autoridades que residia no país, o que facilitava o processo de aquisição da carteira de *Admisión Permanente*.

Portanto, os migrantes que desde o começo recorreram aos corretores nunca tiveram problemas quanto à legalização de seu lote. Mesmo com todos esses desafios percebe-se que o Paraguai apresenta-se como uma oportunidade para esses migrantes:

Para o pequeno proprietário brasileiro que compra terras no Paraguai, surge a possibilidade de um grande aumento de seu capital. As terras no sul do Brasil - especialmente no Paraná, limítrofes ao Paraguai – valem cerca de cinco a oito vezes mais que do lado paraguaio. Dessa forma, um pequeno agricultor pode transformar seus 10 alqueires brasileiros em 50 ou 80. Aquele que tem 50 ou 80 – que no Brasil ainda é uma pequena propriedade – pode se transformar num fazendeiro paraguaio de 250 a 500 alqueires. A multiplicação torna-se maior quando se sabe que a produção no Paraguai é muito mais barata que no Brasil (CHIAVENATO, 1980, p. 97).

Embora alguns migrantes fossem para o Paraguai com o dinheiro para adquirir suas terras, havia aqueles que inicialmente arrendavam propriedades de outros brasileiros. Há casos de alguns migrantes que ainda vivendo em cidades paranaenses conheceram brasileiros que haviam comprado terras no país, porém não se adaptaram e retornaram ao Brasil. Então esses migrantes arrendavam essas terras por um pequeno período de tempo e com a renda advinda de sua produção acabava se tornando proprietário da terra arrendada.

De acordo com Souchaud (2007, p. 238), a maioria dos brasileiros que arrendavam terras no Paraguai fazia um contrato de uma superfície com uma extensão que poderia variar entre 1,5 a 10 hectares por um prazo de três a seis anos, período suficiente para guardar um dinheiro e conseguirem comprar pelo menos um hectare:

No começo nós pegamos assim arrendado por seis anos para derrubar o mato e plantar o café. Durante os seis anos o que produzisse era nosso. Depois que venceu os seis anos ele deu mais uns dois anos e meio, e depois geou também e acabou com o café. E daí eu comprei a chácara aqui, e aí eu saí de lá e vim aqui para a chácara. Logo em seguida que a gente chegou, eu já comprei a terra, eu fiquei trabalhando lá e meu cunhado quem ficava aqui cuidando da terra porque nós tínhamos comprado de dois, ele ficou trabalhando aqui e eu fiquei trabalhando lá. Como eu estava trabalhando lá fiquei tocando o serviço lá, mas depois da geada que eu deixei e vim pra cá (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Muitos agricultores brasileiros eram atraídos ao país vizinho, tanto pela baixa tributação, quanto pelas possibilidades de créditos. O imposto cobrado pelo governo paraguaio era muito baixo se comparado aos impostos cobrados no Brasil e os bancos

paraguaios não faziam restrições de crédito a esses migrantes por serem de outra nacionalidade:

Además de la disparidad en los precios de las tierras, la disparidad en otros factores - la tributación y el crédito - han contribuido al flujo migratorio del Brasil a la Región Fronteriza Oriental. El impuesto a la renta es virtualmente inexistente en Paraguay, en tanto que las tasas nominales de los impuestos sobre la propiedad inmobiliaria rural son sumamente bajas y los ingresos reales son aún más bajos debido a la corrupción administrativa (NICKSON, 2005, p. 229).

No que se diz respeito aos impostos, ou seja, à arrecadação, os migrantes, geralmente, pagavam dois impostos anuais denominados *Impuesto Inmobiliario* e *Impuesto a la Renta de Actividades Agropecuarias* (IMAGRO)²³ que varia de acordo com o tamanho do lote. Nesse sentido, é possível perceber que mesmo que sejam impostos distintos os valores são muito baixos, no qual podemos evidenciar no relato de um migrante ao afirmar: “aqui o imposto é muito baixo, ele não é muito caro olha eu estava com dois anos atrasado e só paguei 26.000 guaranis”.

De acordo com Laino (1979, p. 213), o tributo paraguaio é baixo se comparado aos que são pagos no Brasil, pois não se onera nenhum produto agrícola, não há impostos sobre a circulação de mercadorias, nem sobre a venda e nem sobre nada. Nos primeiros cinco anos, não se paga imposto pela terra e o crédito é fácil.

Além desse fator havia a possibilidade de dispor de dois mercados para negociarem a sua produção, pois a colônia estava próximo à fronteira com Ponta Porã no Brasil, como

²³ De acordo com GLAUSER (2009, p. 42-43) “Los propietarios de inmuebles rurales tienen la obligación de pagar el Impuesto Inmobiliario y el Impuesto a la Renta de Actividades Agropecuarias (IMAGRO). La recaudación del primero va a los Municipios, y la del segundo a Hacienda. Según el Artículo 115 de la Constitución Nacional, el sistema tributario nacional debería ser concebido de tal forma que “estimule la producción, desaliente el latifundio y garantice el desarrollo de la pequeña y mediana empresa”. La ley 125/91 establece las modalidades de recaudación fiscal; para el sector agropecuario aplica el Impuesto a la Renta de Actividades Agropecuarias (IMAGRO). Se define en esa ley como actividad agropecuaria, no sólo toda actividad que se realiza para la obtención de productos primarios, animales y vegetales, mediante la utilización de la tierra, sino también se incluye la tenencia del inmueble rural. La tenencia de una propiedad, sin el desarrollo de actividad alguna, obliga al pago del IMAGRO. El Impuesto a la Renta de Actividades Agropecuarias corresponde al 1,8% del valor fiscal de la propiedad. Pero además, la ley establece ciertas exenciones que pueden reducir el monto final a pagar, así por ejemplo, contempla la exención al pago de impuesto al valor agregado (IVA) (con lo que se puede lograr una deducción del 30%), o las exenciones por hectáreas ocupadas por bosques naturales o artificiales. De esta manera, el 1,8% del valor fiscal de la tierra, es el impuesto máximo pagado por una propiedad rural. El valor fiscal de la tierra es mucho más bajo que el valor de mercado. Se ha calculado que el primero puede representar menos del 6% del valor del segundo. La segunda obligación hace relación al Impuesto Inmobiliario. A fines de 2008, un informe del Banco Mundial reveló que todos los propietarios de tierras pagan anualmente en concepto del Impuesto Inmobiliario el equivalente al 0,4% del Producto Interno Bruto (PIB) del país. Según los cálculos, cada propietario de tierra rural paga un promedio anual de 620 guaraníes por hectárea”.

também pela demanda do mercado das cidades de Horqueta, Concepción e Pedro Juan Caballero.

Mesmo com grandes possibilidades de comercialização da produção, os migrantes brasileiros enfrentaram grandes dificuldades, inicialmente, quando começaram a se dedicar ao cultivo do café, porque nos anos entre 1975 a 1980 ocorreram geadas, o que acarretou grandes prejuízos a eles, que a partir de então começaram a se dedicar a outros cultivos como a menta e a pecuária:

Por razones climáticas, la región Oriental no puede recibir sin riesgo al cafetal. El límite sur de su cultivo corresponde más o menos al trópico, que atraviesa el extremo sur del departamento de Amambay. Es muy posible observar florecientes plantaciones de café en el sur de esta línea aunque los colonos brasileños establecen allí preferentemente el cultivo de la menta. Ésta no existía anteriormente en Paraguay y en los años setenta su introducción por parte de los brasileños es un gran éxito y se obtienen, en tierras nuevas, hasta tres cosechas anuales. Estando aún más que el café en el origen de la explosión pionera. La misma voluntad de adaptación se observa en la explotación ganadera. Los brasileños, interesados en aprovechar lo mejor posible el potencial inmediato de las tierras, desarrollaron variantes de cría bovina. Si ésta continúa siendo fundamentalmente extensiva en las regiones de sabana abierta y de los pantanos (Norte de Concepción y Norte y Oeste del Amambay), en las zonas de sabana más cerrada así como sobre los suelos forestales derivados de arenas, se ha convertido en semi-intensiva o intensiva en ciertas porciones de tierra roja (ganado de engorde) (SOUCHAUD, 2007, p. 118).

Com a perda considerável que esses migrantes tiveram no cultivo do café em função das geadas, grande parte optou produzir outros cultivares dentre os quais podemos destacar: menta, algodão, girassol, mamona, gergelim, centeio, milho, mandioca, tomate, banana e o limão, além da criação de aves, suínos e bovinos:

Os brasileiros perderam tanto com a geada, de maneira que poucos ficaram aqui. Então muitos voltaram e aí uns começaram a comprar dos outros, quem tinha comprava de quem queria voltar. Então os que ficaram arrancaram aquela plantação de café e começaram a plantar limão ou banana. O limão e a maioria das coisas que eles plantavam aqui vão para Assunção (Entrevistada XVI, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

A produção de frutas e hortaliças garante não apenas a complementação do sustento desses migrantes como também lhes garante uma renda com a venda nos mercados de Yby Yaú, Concepción e até em Ponta Porã, na fronteira com o Brasil.

É importante destacar que a atividade que vem sendo desenvolvida em grande escala pelos brasileiros nos últimos anos é a pecuária. Nota-se que a mesma está presente em diversas regiões do departamento de Concepción, que acabou atraindo para a capital departamental um frigorífico que atende não apenas o mercado paraguaio, mas também exporta para vários países.

O “Frigorífico Concepción” está localizado na cidade de Concepción, capital departamental, às margens do Rio Paraguai e possui uma superfície de terreno com 99.787 m² e uma área construída de 22.181 m². Surgiu como um pequeno matadouro, de propriedade de sócios brasileiros para atender produtores e empresários da região. Apresentando um considerável crescimento em meados de 1999, o matadouro tornou-se um frigorífico começando a exportar para diversos países. Além do mais, o frigorífico possui uma estrutura como podemos visualizar na foto 22:



FOTO 22: Estrutura do Frigorífico Concepción
Fonte: Frigorífico Concepción (2011)

Portanto, percebe-se que o Frigorífico Concepción atende as necessidades dos empresários e produtores de toda a Região Norte da Parte Oriental do Paraguai, inclusive alguns migrantes que comercializam seu gado para o abate por meio deste. Nesse sentido, a

atividade tem se destacado nos últimos anos pelas facilidades que os migrantes encontraram para desenvolver a pecuária na região:

Junto al monocultivo intensivo se encontrarán en el sector fronterizo dos actividades rurales: la ganadería y la pequeña agricultura familiar. A pesar de que su forma de implementación respectiva se desprende, antes que nada, de la división impuesta por la *granja*, una diferencia de peso distingue a una de la otra; mientras que la ganadería justifica su papel en un esbozo de complementariedad regional, la pequeña agricultura familiar continúa siendo marginal y débilmente integrada (SOUCHAUD, 2007, p. 354).

Apesar de a pecuária ser uma das atividades que mais tem se destacado dentro da colônia é importante salientar que a mesma é produzida, sobretudo pelos migrantes que possuem os lotes maiores, que variam entre 10 a 65 hectares. Ao mesmo tempo, alguns acabaram adquirindo terras fora da colônia para aumentar os seus rebanhos como pode ser evidenciado nas palavras de um migrante: “olha aqui na colônia nós temos 12 hectares e em Horqueta tenho 250 hectares para criar gado. E agora aqui na região é só pecuária, a lavoura agora é pouco né... é mais pecuária”.

Mesmo que a pecuária tenha sido desenvolvida em grande escala entre os migrantes da colônia, uma parte considerável ainda dedica-se a desenvolver alguns cultivos de hortaliças e frutas, porque antes não havia o cultivo dessas atividades na região e a partir do momento em que esses começaram a desenvolver as mesmas, eles passaram a comercializar seus produtos no mercado local.

Nesse sentido, torna-se perceptível que, mesmo que a produção agrícola no país seja pequena, pode-se evidenciar que a Parte Norte da Região Oriental, tem apresentado ao longo dos anos um crescimento superior aos outros departamentos do país, tornando-se um atrativo, pelo baixo valor agregado as terras que eram férteis e por apresentar condições climáticas favoráveis:

Paraguay totaliza una superficie agrícola útil de poca importancia a pesar de ser una nación rural. El conjunto de tierras cultivadas sólo representaba 3.977.743 has en 1991, es decir, a penas el 10% del territorio nacional. Las razones de la escasa difusión de la agrícola son históricas. En la región Oriental no se encuentra ningún obstáculo importante a la difusión de la agricultura, salvo tal vez en el extremo suroeste en la confluencia de los ríos Paraguay y Paraná, zona pantanosa, llamada *los bañados* (SOUCHAUD, 2007, p. 180).

Outra característica que merece destaque é a maneira como os migrantes produzem, pois as propriedades dos brasileiros se destacam se comparado às propriedades de paraguaios que possuem terras próximas a colônia, onde geralmente diversas culturas são desenvolvidas no mesmo lote, além da organização:

Os brasileiros que vieram para cá eles ajudaram no progresso especialmente na colonização da terra paraguaia, se você olhar hoje aonde tem alguma plantação maior tem um estrangeiro, porque o paraguaio, eles são de origem indígena, então para eles a cultura é aquilo que a natureza produz. E aqui no Paraguai a gente percebe que eles têm mais ou menos a cultura do viver hoje, então eles não têm o espírito do amanhã, do futuro, como nós brasileiros ou outros povos, eles vivem muito mais o hoje, eles vivem da terra, ou seja, aquilo que a terra produziu hoje (Entrevistada XV, Colônia *Nueva Esperanza* 23/04/2011).

Nessa perspectiva, depreende-se que alguns migrantes acabam formando suas plantações e desenvolvendo outras atividades muito semelhantes à forma como produziam no Brasil. De acordo com Chiavenato (1980), grande parte dos brasileiros formam suas plantações pensando no mercado brasileiro, ou seja, tentando atender as exigências do mercado para poder comercializar seus produtos nas cidades fronteiriças.

Ser um agricultor brasileiro no Paraguai representa uma grande vantagem porque caso não consiga comercializar seus produtos no mercado paraguaio é possível negociá-lo no Brasil. Ao mesmo tempo a mão de obra paraguaia é de baixo custo o que proporciona maiores rentabilidades a esses produtores. O grande objetivo dos brasileiros é construir uma base em capital que garanta o seu próprio sustento e o de sua família, pois:

O paradigma de sucesso na carreira migratória de um homem é estabelecer sua própria família e construir uma base em capital através da aquisição de terras, insumos e equipamentos, para permiti-lo aposentar-se do trabalho de migrante e manter uma reprodução social independente de sua terra natal (MURRAY citado por MENEZES, 2002, p. 76).

Grande parte dos migrantes brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* conseguiu construir no Paraguai uma realidade diferente de sua terra natal, se dedicando a lavoura e a pecuária. Nas fotos a seguir, é possível visualizar algumas das atividades que os migrantes desenvolvem na colônia da qual se destaca o cultivo do milho, da mandioca, da banana, a produção de hortaliças e a pecuária:



FOTO 23: Plantação de Milho
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 24: Plantação de Banana
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 25: Plantação de Mandioca
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 26: Horta cultivada ao redor das casas
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 27: Criação de Gado
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

No entanto, diferente de outras regiões do Paraguai o cultivo da soja não obteve êxito por muito tempo nas terras da colônia. Foram poucos os migrantes que se dedicaram ao cultivo da mesma após as perdas que tiveram com o café. Grande parte dos migrantes que tentaram desenvolver a atividade na região alega que era mais rentável dedicar-se a pecuária, e por esse motivo a atividade foi a mais desenvolvida na colônia nos últimos anos:

La región de Yby Yauú, departamento de Concepción. Es una zona de colonización brasileña antigua (años 60) donde predomina hoy la producción de autoconsumo asociada a una débil agricultura tradicional destinada al comercio. Esta región no conoció la introducción de la soja limitándose a resistir las crisis, a toda costa, para el mantener el cultivo de café. El modelo no sobrevivió a la violenta helada de 1994 que trajo como consecuencia la partida de muchos colonos. La razón principal de la no introducción de la soja se encuentra en la cuestión de que han sufrido un empobrecimiento consecutivo a un largo período de cultivo. Hoy estos suelos no asegurarían los rendimientos de soja estimados como suficientes (SOUCHAUD, 2007, p. 137).

Pode-se corroborar que diferente de outras regiões do Paraguai a produção da soja foi pouco desenvolvida em terras da colônia. Todavia, mesmo que o cultivo do café e a soja

tenham apresentado dificuldades ao longo do tempo, é possível perceber que os migrantes brasileiros ao adquirirem seu lote demonstraram uma rápida capacidade de adaptação e organização em território paraguaio.

Essa crescente capacidade de adaptação pode ser percebida ao analisarmos migrantes que têm se dedicado ao cultivo da mandioca, que nos últimos anos tem apresentado um crescimento tanto que eles construíram uma farinheira destinada à produção de farinha, que tem mercado garantido em Assunção, por ser uma das atividades que como a pecuária tem trazido um retorno financeiro importante:

La mandioca es sembrada por trasplante y su ciclo vegetativo es de un año. Alimento de base en Paraguay, posee la ventaja, una vez madura, de conservarse en tierra varios meses; se la desplanta cotidianamente para las necesidades de la familia o para la reventa en el mercado local. Constituye así una reserva, evitando el acondicionamiento de instalaciones de almacenamiento (SOUCHAUD, 2007, p. 226).

A opção em produzir mandioca feita por muitos migrantes é justificada pelas facilidades e vantagens encontradas no cultivo e armazenamento da mesma, pois uma vez pronta para colheita pode ser conservada por vários meses na terra. É importante destacar que alguns acabaram associando o cultivo desta com o milho e a batata, o que garante a complementação da renda.

A farinheira que existe na colônia é administrada pelos próprios colonos que se dedicam a plantação de mandioca, no entanto, está localizada na propriedade de um dos colonos. As instalações da farinheira não são amplas, mas procura atender a todos aqueles que se dispõem a produzir a farinha de mandioca, sendo que a maior parte da produção visa atender os mercados das cidades de Concepción e Assunção. Assim, é possível visualizar as instalações da farinheira da colônia:



FOTO 28: Estrutura Externa da Farinheira
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 29: Maquinários da Farinheira
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 30: Armazenamento da Farinha
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 31: Etapas de Processamento da Mandioca
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Portanto, é possível perceber que a produção e a comercialização da farinha garante o sustento das famílias que habitam a Colônia *Nueva Esperanza*, além do mais, a maioria dos lotes possui uma ou duas vacas leiteira e alguns cavalos, porcos e galinheiros que permitem a complementação da alimentação dos mesmos, sendo que esses produtos além de serem comercializados nas cidades paraguaias atendem ao mercado de algumas cidades brasileiras como Ponta Porã, Mundo Novo e Dourados no Mato Grosso Sul.

2.2.2 O atendimento às necessidades básicas: Educação e Saúde

Na medida em que a Colônia *Nueva Esperanza* passou a apresentar um crescimento, o acesso às infraestruturas públicas começou a ficar difícil, ou seja, havia a necessidade de

uma escola para atender os filhos dos migrantes que necessitavam estudar, pois até então, eles tinham que se deslocar a Pedro Juan Caballero, Horqueta ou Concepción porque nessa época a cidade de Yby Yaú ainda não havia sido criada, era apenas uma vila com alguns moradores, se tornando distrito apenas em 1984.

Nesse sentido, como o número de filhos de migrantes que se deslocavam até as cidades vizinhas para estudarem era considerável, a *Gobernación de Concepción* construiu a *Escuela Básica* Nº 2450 “Pedro Juan Caballero”, na Colônia *Nueva Esperanza*. A escola oferece a formação básica e média secundária aos alunos, o que equivale ao Ensino Fundamental e Médio no Brasil, seguindo os parâmetros curriculares elaborados pelo *Ministerio de Educación y Cultura*. Na foto abaixo, é possível visualizar a infraestrutura da escola que se localiza no centro da colônia:



FOTO 32: Faixada Externa da Escola "Pedro Juan Caballero"

Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Na Escola Pedro Juan Caballero cerca de 75% dos alunos matriculados são brasileiros ou filhos de migrantes. Entretanto, mesmo levando em consideração que a maioria dos alunos é de nacionalidade brasileira ou descendente, o ensino é oferecido em espanhol e guarani. A grade curricular de ensino seguido pela escola é a mesma aplicada em todo país, o que muitas vezes acaba contribuindo para que os alunos que não aprenderam esses idiomas

em casa apresentem certa dificuldade para serem alfabetizados.

Em uma de nossas visitas à escola, realizada no dia 21 de Abril de 2010, foi possível conversar com alguns filhos e netos dos migrantes que tinham idades que variavam de 12 a 14 anos e cursavam o 6º ano da Educação Básica. E durante a conversa constatamos que dos 21 alunos que formavam a turma todos falavam português, 13 alunos falavam o espanhol e apenas nove alunos falavam o guarani. Alguns desses alunos, já não eram filhos apenas de pais brasileiros, mas tinham um dos pais de nacionalidade paraguaia.

Segundo Souchaud (2007, p. 272), a grande diferença das escolas paraguaias para as brasileiras é que as mesmas ensinam em espanhol e guarani e ainda exigem uniformes escolares completos, além de cobrarem uma pequena taxa escolar e por esse motivo nem todos os filhos de migrantes que vivem na colônia conseguiram cursar a Educação Básica.

É importante salientar que apesar das dificuldades que muitos migrantes brasileiros enfrentam no processo de ensino aprendizagem, ocasionada pela diferença de idiomas, tanto a direção, a coordenação e os professores da escola têm desenvolvido estratégias para que os alunos não tenham tanta dificuldade para aprenderem o espanhol e o guarani, deste modo, grande parte das aulas são ministradas com uma mescla dos dois idiomas oficiais do Paraguai, com o intuito de que as crianças possam associar a língua com as práticas do dia a dia.

De acordo com a Constituição Paraguaia no Art.77 “*La enseñanza en los comienzos del proceso escolar realizará en ambos idiomas oficiales de la República, o se podrá elegir uno de los idiomas oficiales*”²⁴:

Acá en la escuela tenemos algunos problemas, por ejemplo el idioma, pero ya nos acostumbramos con eso. Ya hace cuatro años que estoy trabajando acá y veo que lo principal problema acá es el idioma porque ellos no hablan el español mucho menos el guaraní, lo que ellos mas hablan es en portugués. Nosotros tenemos que buscar adaptarnos a ellos, la verdad que ahora ya es normal, la verdad las profesoras que ya están acá hace tiempo ellas ya saben entender mejor los alumnos brasileños, la gran dificultad se fue en los primeros tiempos en que no se entendía nada. La verdad que hoy ya estamos adaptados a ellos, como ellos a nuestros costumbres e acá ellos también tienes sus costumbres como la Fiesta Patronal que es en 12 de octubre y también se conmemora las fiestas juninas y hacen como allá en Brasil, la verdad que nosotros queremos mucho a nuestros alumnos brasileños. Y acá trabajamos muy cerca con los padres de los alumnos y en la aprendizaje hacemos una pequeña adaptación porque el guaraní es muy difícil para los brasileños, entonces hacemos una mezcla de idiomas y no solo el guaraní, por eso todas la profesoras que trabajan acá en esa institución ya no hablan correctamente porque mezclamos mucho el idioma y los alumnos también. Acá los niños hacen clase en español y aprenden también el guaraní y

²⁴ Artigo extraído da Constitución Nacional de la Republica del Paraguay em (PARAGUAY, 1992, p.46).

cuando pasan al níveo medio hacen ingles. La verdad que habíamos pedido al Ministerio de Educación para pasar a tener el portugués en la estructura de ensino pero no se fue permitido porque se vamos allá en Brasil tenemos que cambiar la forma de hablar y porque ellos se vienen acá y no pueden hablar el idioma de acá? Entonces por eso no se fue posible (Entrevistada XI, Professora Educação Básica, Escola Pedro Juan Caballero, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Nota-se que o principal problema enfrentado por esses migrantes em relação à educação é o problema do idioma, pois muitos não sabem falar nem o espanhol e nem o guarani. Aliás, não foram apenas os idiomas que acabaram se mesclando durante o processo de ensino, mas em várias partes da Escola é possível perceber como essa mescla entre o “ser brasileiro” e “ser paraguaio” ainda é muito forte entre os migrantes. Dessa forma identifica-se nas fotos abaixo, como a escola procura administrar essas diferenças:



FOTO 33: Foto Sala de Aula
Fonte: Trabalho de Campo (2010)



FOTO 34: Mural Informativo
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 35: Comemoração do Bicentenário do Paraguai
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

É possível evidenciar que mesmo que a escola acabe seguindo os parâmetros curriculares do Paraguai a identidade brasileira e paraguaia acabam sendo percebidas e visualizadas nas bandeiras de ambas as nacionalidades espalhadas por diversas salas da Escola. Além do mais, no ano de 2011 a escola estava desenvolvendo atividades comemorativas pelo “Bicentenário do Paraguai”²⁵, o interessante é que a maioria dos alunos que fizeram os cartazes que decorou a escola e participaram das atividades comemorativas foram os filhos dos brasileiros.

Portanto, ainda que a Colônia *Nueva Esperanza* tenha uma escola para que os filhos dos migrantes possam estudar é importante salientar que muitos acabam optando por matricular seus filhos em escolas das cidades de Yby Yaú, Pedro Juan Caballero e Horqueta, tanto pela proximidade da colônia com as referidas cidades como por alegarem que em algumas a qualidade do ensino era diferenciado.

Além do mais, quando terminam o Ensino Médio, os filhos dos migrantes que querem cursar uma faculdade acabam optando por estudar em Concepción ou Pedro Juan Caballero. Alguns por sugestões de seus pais acabam retornando para o Brasil, mas no geral a maioria prefere estudar no Paraguai, por estarem acostumados a viverem no país.

No que tange ao acesso à saúde as dificuldades são maiores se comparados ao acesso à educação, pois no Paraguai os setores de saúde, ou seja, os SILOS (*Sistemas Locales de Salud*) ou hospitais são inexistentes em regiões rurais, no caso da Colônia *Nueva Esperanza* o centro de atendimento de saúde mais próximo está situado em Yby Yaú.

Mesmo que em Yby Yaú tenha um centro de saúde, muitos migrantes preferem recorrer aos hospitais que estão localizados na cidade de Concepción, ou na fronteira em Pedro Juan Caballero, no entanto, o atendimento é em sua maioria é particular, pois apenas alguns centros de saúde são gratuitos, e não atendem a todos os casos de urgência:

El servicio público de salud, se limita a intervenciones puntuales y de urgencia, intentando, mal o bien, practicar la prevención y la asistencia prenatal. A veces se lanzan campañas de vacunación en las que un equipo de funcionarios voluntarios se desplaza a las colonias para una vacunación elemental de niños y ocasionalmente de los padres. A esto se le suma un tratamiento sistemático antiparasitario y una información práctica sobre reglas de higiene elemental (almacenamiento de basuras en la casa, cómo evitar la proliferación de mosquitos, vectores del dengue o la malaria). La naturaleza y los medios destinados a estas intervenciones dan la medida de las deficiencias de las estructuras sanitarias y del estado de salud general de las poblaciones de la región fronteriza. Las acciones son insuficientes y la

²⁵ O Bicentenário do Paraguai foi um conjunto de eventos e festividades que foram realizadas no país durante o ano de 2011, com o intuito de comemorar a celebração dos 200 anos de independência da Espanha em 1811.

tasa de mortalidad materno-infantil es alta debido a complicaciones pre o post-natales, infecciones respiratorias y digestivas, así como a situaciones de malnutrición, reflejando el nivel de subdesarrollo en el que vive la región. Generalmente, la tasa de mortalidad infantil y de las jóvenes embarazadas es un indicador privilegiado para una evaluación en profundidad del estado de subdesarrollo (SOUCHAUD, 2007, p. 271).

Percebe-se que a grande dificuldade em recorrer aos centros de saúde paraguaios está relacionada à questão de que aqueles que são públicos fazem apenas alguns atendimentos pontuais, e em caso de um tratamento mais avançado, é necessário recorrer a hospitais com atendimento especializado que em sua maioria são privados. Na foto abaixo é possível visualizar a infraestrutura do centro de atendimento de saúde da cidade de Yby Yaú, ou seja, o mais próximo da colônia:



FOTO 36: Centro de Saúde de Yby Yaú
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Nas entrevistas realizadas com migrantes da colônia foi possível perceber que poucos recorrem ao sistema de saúde do Paraguai, e quando necessitam de atendimento médico a maioria se desloca até cidades do Mato Grosso do Sul como: Ponta Porã, Naviraí, Mundo

Novo e Dourados, bem como cidades do Paraná como, Loanda, Santa Izabel do Ivaí, Monte Castelo dentre outras, aonde possuem familiares e amigos, o que facilita o acesso ao atendimento:

Quando nós chegamos aqui não tinha hospital não. Era tudo particular e aqui mesmo não havia, e nós tínhamos que ir a Pedro Juan Caballero. O posto de saúde veio chegar aqui em 1984 que era o Dr. Adriano e mesmo assim não tinha outro médico. O primeiro médico que entrou ali foi ele, depois veio o Dr. Luís, o Dr. Silvério, mais antes não tinha doutor não (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Olha, ainda bem que quando chegamos aqui era um lugar sadio, quase as crianças não adoecia. Eu para esses filhos meu nunca fiz um pré-natal, e nem dei vacina, eu trouxe as duas filhas mais velhas do Brasil, uma veio dentro de três para quatro anos, e a outra de dois para três anos, e os outros que nasceram aqui não sabe o que é um pré-natal e nem vacina, nada, Graças a Deus! Não tinha médico aqui não. O primeiro médico que entrou aqui onde é Yby Yaú, que quando eu estava grávida, tinha um médico que era o Dr. Adriano, ele quem me atendeu, que me socorreu de hemorragia, quando estava grávida, aí ele já me passou para Pedro Juan Caballero para outro médico que era primo dele. Ele mesmo que arrumou o carro dele para me levar, graças a Deus, eu tive ajuda dele e aí lá eles me atenderam bem, muito bem, e depois eu fui para Dourados lá para o Brasil já, e aí o Dr. Ricardo que era primo do Dr. Adriano me mandou ter muito repouso para não perder minha filha, e depois eu fui para Dourados, e tive ela em Dourados, e aí depois de um ano e pouco eu já engravidei da outra e fui para Dourados e ganhei a outra também, assim nasceram duas filhas minhas em Dourados (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Observa-se que os problemas enfrentados em relação ao atendimento de saúde ainda são muito precários, e por esse motivo grande parte recorre as cidades brasileiras para serem atendidos. Por serem brasileiros e possuírem os documentos que comprovem sua nacionalidade, muitos migrantes acabam retornando à casa de familiares para fazerem tratamento de saúde no Brasil, que é gratuito, e ainda conseguem os medicamentos que necessitam sem nenhum custo.

Logo, torna-se compreensível que os migrantes da Colônia *Nueva Esperanza* recorram mais às cidades brasileiras para terem acesso ao atendimento médico, por ser gratuito e pelos benefícios que terão acesso se tratados no país, pois no Paraguai é cobrado uma taxa e os custos com tratamentos são muito caros, o que contribui para que esses migrantes deixem de ir buscar atendimento médico nas cidades paraguaias.

2.2.3 As Igrejas e os trabalhos comunitários

Ao analisarmos o processo de formação da Colônia *Nueva Esperanza* é possível evidenciar que a trajetória migratória de muitos acabou sendo acompanhada por alguns religiosos que desenvolviam trabalhos comunitários, ou seja, de assistência a esses migrantes, no intuito de que os mesmos tivessem pelo menos acesso às necessidades básicas para sobreviverem.

Na Colônia existem três igrejas na colônia, que além de realizarem o acompanhamento religioso desenvolvem trabalhos comunitários com os migrantes e seus descendentes, assim podemos destacar a Igreja Católica, Assembleia de Deus e Congregação Cristã, conforme as fotos a seguir:



FOTO 37: Igreja Católica
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 38: Igreja Assembleia de Deus
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 39: Igreja Congregação Cristã
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

A primeira Igreja a ser construída na colônia foi a Igreja Católica, no ano de 1973, a pedido das Irmãs da Divina Providência, que realizavam um trabalho de acompanhamento aos brasileiros que viviam na região, sendo que no início as mesmas acabavam vivendo nas casas dos próprios migrantes, como é possível observar no relato abaixo:

Quando eu cheguei aqui havia várias obras para fazer já tinha uma pequena história e tinha 320 famílias aqui na colônia brasileira. E a maioria, quase a maioria plantava café, que aqui era o sustento da família naquele tempo, inclusive eles pediam oração para fazer no meio do cafezal, para abençoar. E os caminhos para nós chegarmos aqui foram precários, nós chegamos aqui sem luz não tinha energia, tinha aquele motor grande é uma manivela. Cada vez que fazia encontro era aquele motor na comunidade, se tinha reunião tinha que ligar aquele motor. E a minha história é assim, como nós não tínhamos casa nós vivíamos com as famílias, e eu morei com várias famílias, com o Pedro eu morei por dois anos, aí faleceu a esposa, aí depois ele casou de novo, aí com outra mulher eu tinha que arrumar outro espaço. Aí morei no Miro por nove meses e aí depois que eu estava mais ou menos uns três ou quatro anos veio a irmã Judite para fazer companhia aqui na colônia brasileira. Aí nós moramos lá com o Jarbas que tinha um comércio e uma chácara, e ele era muito acolhedor, mas era caro morar ali. Aí depois nós alugamos a casa da Izolina e aí como a Pastoral era bastante fraca não tinha dinheiro e a minha intenção ao chegar ao Paraguai era mais trabalhar com um grupo de mulheres, questão de hábito, mas como a necessidade era urgente de formar líderes de catequese, então teve que ser o mais forte e é até hoje. E aos poucos a gente vai se dedicando as mulheres, e também a juventude que estava bastante solta, e aí como eu falei trabalhar com a juventude. E o povo sabe tinha muito respeito naquele tempo, não ficava nenhuma família que não participava dos encontros, e das reuniões era tanta gente, de maneira que nós tivemos que aumentar a igreja aqui da colônia, aí nós construímos uma igreja grande e linda com a ajuda de um Projeto da Alemanha Chamado ADVENIA, então recebemos ajuda de material da Alemanha com qualidade, e o pessoal daqui ajudou com mão de obra para fazer a igreja (Entrevistada XVI, Colônia *Nueva Esperanza* 23/04/2011).

Grande parte dos trabalhos realizados pelas Irmãs da Divina Providência possuía recursos estrangeiros, por meio do Projeto ADVENIA que significa Advento, mantido pela Alemanha, cujo objetivo é investir em projetos que garantiam o bem-estar a comunidades e povos de países do Hemisfério Sul. Os recursos advindos desse projeto vinham de pessoas que fazem o advento, ou seja, renunciam suas finanças durante a quaresma, e esse dinheiro da renúncia é destinado aos coordenadores que selecionam alguns projetos para financiarem.

Assim, tanto a Igreja Católica quanto a Casa da Divina Providência localizada na colônia que abriga as irmãs, e ainda é o escritório dos trabalhos que elas realizam, foram construídas por meio dos recursos advindos do Projeto ADVENIA.

Além disso, as Irmãs da Divina Providência tem desenvolvido alguns trabalhos

comunitários de acompanhamento às famílias, ou seja, através do centro comunitário que foi criado para atender os migrantes brasileiros, desenvolvem atividades que visam ensinar profissões às mulheres, jovens e crianças da colônia:

Foi fácil fazer o nosso trabalho porque nós conseguimos apoio e as famílias eram o centro do nosso trabalho porque na Pastoral a família é a base. E aí também formamos grupos de famílias para trabalhar, grupos de mulheres para trabalharem na organização da colônia. Nesses grupos nós orientávamos as mulheres na questão de costura, trabalhos manuais e confecção, e agora aos poucos nós estamos trabalhando com a questão de alimentos também, que é uma necessidade muito forte do lugar. Nós temos uma necessidade muito forte em formar grupos então o que necessitava na comunidade, agora a gente conseguiu verba através de um irmão que veio nos visitar aqui que conversou com mulheres da Alemanha, que se uniram fizeram tipo uma corrente e mandaram a ajuda. Aí deu para fazermos alguns poços normais, comunitários e construímos um pequeno centro comunitário aonde as mulheres pudessem se reunir e depois elas conseguiram também máquinas de costura, e mais umas peças que não tinha (Entrevistada XVI, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Nota-se que alguns trabalhos realizados na colônia como a abertura de poços, e os e os cursos realizados para ensinar as mulheres artesanatos acabaram contribuindo para que muitas famílias pudessem construir uma realidade diferente a que estavam vivenciando no Brasil.

Tanto as Irmãs da Divina Providência, como as autoridades religiosas de outras igrejas tem desenvolvido um trabalho com o intuito de auxiliar os migrantes a regularizar sua situação no país, dessa forma, o principal objetivo é acompanhar a situação desses migrantes, lhes informando sobre os procedimentos que os mesmos devem adotar para terem direito a carteira de “migrante”:

Acá hay una pastoral, por lo menos en los documentos hay una pastoral y tiene gente que necesita y nosotros acompañamos y los ayudamos con los documentos para que las autoridad puedan hacer alguna cosa más rápidamente y que cuestione a las autoridades, pero hay muchos indocumentados y en Paraguay hay muchos que por la amistad por conocer vienen y entonces hay una especie de amiguismo de las autoridades de acá que no san tan rígidas porque se conoce alguien de la policía todo se queda más fácil, y las personas de la Aduana y de las Migraciones no san tan exigentes porque los brasileños se van encontrar en toda la parte norte del país en toda parte se van encontrar familias que en su casa tienen un brasileño en un negocio o en su camino y ya se acostumbra con la presencia de los brasileños y ya hay una cultura creada por la presencia de los

brasileños que normalmente en esa región viven (Padre Eustaquio Augusti Galeano, Yby Yauú 23/04/2011).

Portanto, o trabalho comunitário desenvolvido por alguns religiosos dentro da colônia acabou contribuindo para que esses migrantes conseguissem reconstruir suas vidas, e ao mesmo tempo tivessem acesso às necessidades básicas, pois esses religiosos acompanhavam as famílias e acabavam orientando-lhes a respeito de como deveriam proceder para legalizarem sua situação de migrante e como deveriam se relacionar com os paraguaios da região.

Sobretudo, verifica-se que até os dias atuais os trabalhos comunitários realizados pelas Irmãs da Divina Providência são de grande importância, onde o centro comunitário tem realizado diversas atividades para ensinar aos jovens e mulheres atividades que posteriormente poderão se tornar uma profissão e até contribuir para o sustento de suas famílias.



FOTO 40: Centro Comunitário Colônia Nueva Esperanza
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

2.2.4 O comércio e as atividades locais

Nos primeiros anos que viveram no Paraguai esses migrantes tiveram que produzir para sua sobrevivência, a grande maioria ia em média uma ou duas vezes por ano às cidades para comprarem o que necessitavam, porque as “*rutas*” não eram pavimentadas e por esse motivo nem sempre os ônibus passavam próximos à colônia:

Ah a gente só comprava as coisas quando colhia, quando a gente colhia feijão, milho aí a gente comprava essas coisas que precisava, e a gente comprava as coisas aqui mesmo. Aqui tinha loja do finado Penha tinha uma loja, e também os paraguaios vinham vender roupa, e também a gente ia a Ponta Porã uma vez por ano. Tinha um mascateiro que vendia arroz, óleo, açúcar e sal. Uma vez faltou sal para nós, e aí a gente foi comprar lá só que ele só vendia 250 gramas de sal por pessoa não vendia mais que isso se você quisesse comprar um quilo ou mais ele não vendia e não tinha papel para enrolar o sal, aí a gente não levou vasilha, aí chegando na estrada tinha uns pés de mamonas aí nos arrancamos as folhas do pé de mamona e fomos lá buscar o sal, e chegando lá ele mediu aquele sal, pesou e enrolou na folha de mamona e aí a gente trouxe. E o duro que quando chovia os mascateiros não vinha porque trancava a estrada. Os mascateiros eram de Pedro Juan Caballero mesmo. Mais aí depois colocaram uns bolicho aqui, mais mesmo assim, ainda eram eles que traziam as coisas e se acabava e os mascateiros não vinha ficava a mesma coisa. (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

A grande dificuldade para os habitantes da colônia era que os mesmos não tinham acesso a todos os produtos e utensílios de que necessitavam em sua vida cotidiana, ou seja, os produtos que eles não tinham como fabricar como, por exemplo, o sal, o açúcar, os utensílios de cozinha e instrumentos de trabalho.

As dificuldades que esses migrantes enfrentavam por não terem alguns produtos para o uso do dia a dia, atraiu para a colônia pessoas que vinham comercializar alimentos e utensílios os chamados “mascateiros”, pois nem sempre os migrantes tinham condições de irem comprar os produtos que necessitassem nas cidades vizinhas e muitas vezes quando se deslocavam até a fronteira corriam o risco dos policiais tomarem suas mercadorias na estrada:

Teve um tempo que comprava mais dos mascateiros do que na cidade, porque teve uma época que se a gente fosse em Ponta Porã e trouxesse açúcar, eles tomavam na estrada se trazia o comprava mercadoria na estrada os policia tomavam trigo, açúcar um par de coisas eles tomavam na estrada porque dizia que era mercadoria brasileira, e aí não ia deixar entrar (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Com o aumento do número de migrantes que formavam a colônia começaram a surgir os primeiros estabelecimentos comerciais localizado próximo à igreja e a escola para que todos tivessem acesso aos mesmos e vendiam inicialmente alimentos e alguns utensílios de cozinha e ferramentas de trabalho, além de bebidas alcoólicas e cigarros.

Ademais, junto com as mercearias foram surgindo pequenas lojas de roupas e pequenos armazéns que vendiam produtos e ferramentas agrícolas e posteriormente um posto de gasolina se instalou para garantir combustível aos migrantes que utilizavam tratores e veículos automotivos.

É importante ressaltar que a partir do momento em que esses pequenos estabelecimentos comerciais se instalaram na colônia a vida e a produção de muitos migrantes acabou sendo facilitada, porque quando necessitassem de algum produto e não pudessem se deslocar até outras cidades, tornou-se possível adquirir os produtos dentro da própria colônia:

A questão aqui de alimentação e comércio também não tinha e depois que surgiu a colônia já começou a crescer o que facilitou porque aí o pessoal já não precisava mais se deslocar para comprar as coisas. No começo era difícil porque o pessoal tinha que produzir o que eles queriam comer. E a maioria quando precisava de alguma coisa o mais perto era Ponta Porã quando precisava fazer compra ia para lá, hoje ainda continua muito tem gente que vai direto para lá, quem tem comércio mesmo para abastecer vai tudo em Ponta Porã é a continuação daquele tempo, porque pra cá ainda falta um depósito que vá abastecendo (Entrevistada XVI, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

No que tange ao comércio existente na colônia nos dias atuais, podemos destacar que grande parte está localizado no centro da colônia às margens da *Ruta 3* junto às igrejas, à escola e ao ponto de ônibus, ou seja, encontram-se em um ponto estratégico onde não apenas os colonos podem ter acesso, mas também os paraguaios que moram próximo a área, como é possível visualizar nas fotos a seguir:



FOTO 41: Merceria
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 42: Farmácia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 43: Loja de Confeção
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 44: Merceria Opção
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 45: Comércio do Centro da Colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 46: Armazéns e Empacotadora
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 47: Borracharia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)



FOTO 48: Posto de Gasolina
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Percebe-se que os pequenos estabelecimentos comerciais que se instalaram ao longo dos anos na região contribuíram para produzir um espaço de sociabilidade na colônia, onde a vida desses migrantes passou a se organizar em torno das atividades que são estabelecidas nesse espaço. Além disso, esse espaço permite armazenar e empacotar a produção para a comercialização. Dessa forma, muitos acabam avaliando positivamente o crescimento do pequeno comércio local:

Hoje tem o comércio aqui na colônia e em Yby Yaú. Você não precisa ir em Ponta Porã atrás de nada, o que você precisar aqui tem, e tem uma coisa eles entregam na sua casa. Você compra dois sacos de cimentos eles vêm trazer na sua casa, e a gente é muito bem atendido nos bancos que tem aqui (Entrevistado V, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2011).

Portanto, à medida que o centro da colônia se desenvolveu com a instalação dos pequenos estabelecimentos comerciais, os migrantes passam a organizar suas casas mais próximas ao centro, que acaba se tornando um marco de intercâmbio comercial contribuindo para o desenvolvimento da região.

2.3 A convivência entre brasileiros e paraguaios e o processo de socialização

Sabe-se que o processo de sociabilidade é o meio pelo qual o indivíduo constrói uma realidade em uma sociedade através de conteúdos materiais ou individuais que permite a ele organizar-se em um determinado espaço. Dessa forma, a partir do momento que a

sociabilidade se desenvolve em um espaço a socialização passa a existir, pois os indivíduos em um mesmo espaço passam a interagir e estabelecer relações.

Em concordância com Peter (1975), a socialização é o processo de imposição de padrões sociais à conduta e a organização individual, ou seja, busca transmitir ao sujeito princípios, valores e costumes. Nesse sentido, podemos aplicar o princípio da socialização para analisar como os migrantes brasileiros construíram uma nova realidade em território paraguaio.

Para Costa (2000), a socialização seria o processo pelo qual o indivíduo assimila os valores e as normas e as expectativas de um grupo ou de uma sociedade. Além disso, é possível perceber que a mesma introjeta os valores sociais de maneira a se tornarem integrantes da personalidade do indivíduo, portanto a socialização é responsável por desenvolver nos membros de uma sociedade ideias e sentimentos correspondentes à cultura do grupo que esses indivíduos irão viver.

Todavia, a socialização permite a integração entre os indivíduos em um território, no qual, eles passam a estabelecer relações que contribuem para a construção do sentimento de pertencer a um determinado território, onde diversas práticas sociais podem ser identificadas.

É importante salientar que o processo de socialização é responsável pela assimilação dos valores, normas e expectativas por um indivíduo em um grupo de uma determinada sociedade, pois é através dessa que os valores sociais, a cultura e a identidade se tornam integrantes das relações que são construídas em um território.

Nessa perspectiva, utilizaremos o processo de socialização para analisarmos as relações estabelecidas na Colônia *Nueva Esperanza*, inicialmente formada por migrantes brasileiros que conviviam com os paraguaios, proprietários de terras próximos à colônia, bem como com os próprios brasileiros advindos de diferentes cidades, cujas diferenças entre esses acabavam gerando algumas dificuldades nas relações sociais.

As relações entre brasileiros e paraguaios é uma das características da socialização que é possível evidenciar na colônia. Logo no início os desafios enfrentados pelos brasileiros foram muitos, pois quando chegaram ao Paraguai esses se depararam com um território distinto ao que estavam acostumados a viver.

Inicialmente a grande dificuldade enfrentada por esses migrantes foi o idioma, porque muitos entraram no país sem saber o espanhol e nem o guarani, o que acabava dificultando o processo de integração desses com os paraguaios:

É muito difícil falar das relações entre brasileiros e paraguaios. Dificuldade mesmo porque às vezes tinha brasileiro que detestava escutar o castelhano não queria e nem o guarani, mas outros sim queriam aprender para se comunicar melhor. Então a gente via dos dois lados uns com gosto e alegria querendo se comunicar e buscava aprender para se comunicar melhor e outros não conversava em castelhano. Então a gente até presenciou situações meio tensas com a comunicação (Entrevistada XVI, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Muitos migrantes vieram para o país com o intuito de adquirirem terras e produzir, e esses acabaram tendo que contratar paraguaios para auxiliarem no cultivo de alguns produtos. No que se refere às relações de trabalho, eles afirmam que quando contratavam alguns paraguaios para trabalharem em sua produção, tinha que ensinarem eles a produzir, porque não utilizavam as mesmas técnicas que os brasileiros estavam acostumados, dessa forma foi necessário ensiná-los para dar continuidade aos processos da produção.

É importante destacar que muitos brasileiros acabavam recorrendo aos paraguaios para legalizarem a documentação de suas terras por meio dos corretores de imóveis, e além desses havia os que comercializavam os produtos cultivados por esses migrantes. À medida que os brasileiros começaram a produzir, passaram a estabelecer relações comerciais com muitos paraguaios da região da colônia, pois não havia outra maneira de comercializar seus produtos se não fosse recorrer aos comerciantes paraguaios:

Nós trabalhamos com um paraguaio na plantação de algodão, ele trabalhou uns cinco, seis anos porque nós éramos freguês dele para colher algodão e vender para ele, e ele tinha essa fábrica onde ele comprava para revender, ele foi muito bom pra gente, bom pagador e a gente não pode reclamar daquele paraguaio, ele sempre foi uma boa pessoa nunca tivemos problema com ele (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Nota-se que com todas as diferenças existentes entre brasileiros e paraguaios, os migrantes que formaram a colônia procuraram estabelecer boas relações com os paraguaios, já que estavam em um novo território, e mesmo que a colônia fosse formada por brasileiros esses ainda necessitavam dos paraguaios, não apenas para a comercialização de seus produtos, como também para terem acesso às necessidades básicas.

Nesse sentido Hall (2003), salienta que as identidades nacionais não são substâncias e essências dadas e consolidadas. Elas são relacionais, situacionais e instáveis, pois elas são sempre redefinidas conforme os jogos de interesse e de visões de mundo acionados em cada

circunstância histórica. Depreende-se que as identidades nacionais sempre estão em adaptação, pois um migrante ao chegar a um novo território, ele se relacionará com grupos sociais distintos.

Ao analisarmos as relações estabelecidas entre brasileiros e paraguaios é perceptível que as situações e as relações distintas vivenciadas por esses migrantes resultaram em uma busca de mecanismos para uma boa convivência, já que eles estavam em um novo território, com diferentes costumes e valores, então a opção feita por muitos era tentar viver com os paraguaios procurando respeitar as diferenças.

Desse modo, a socialização acabou contribuindo para que brasileiros e paraguaios pudessem conviver no mesmo território apesar das inúmeras diferenças que os cercam, pois é possível identificar formas ambivalentes de integração nas relações cotidianas que acabam se tornando uma complexa mistura de situações de domínio econômico, político e social, assimilando “os valores culturais que variam muito conforme a localidade e as mudanças que têm ocorrido nas cidades colonizadas pelos migrantes” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 203).

Ademais, em relação à integração de brasileiros e paraguaios Vázquez (2010)²⁶, nos afirma que existe um processo de integração crescente entre brasileiros e paraguaios, graças ao aumento do número de descendentes brasileiros no Paraguai, pois hoje se analisarmos as gerações de brasileiros no país é possível perceber que esses migrantes encontram-se na terceira geração, sendo que essa já nasceu no Paraguai e já possui a nacionalidade paraguaia.

O contato diário entre brasileiros e paraguaios acabou intensificando e aumentando as trocas culturais e as atividades cotidianas, no qual podemos destacar as atividades comerciais de brasileiros e paraguaios, o casamento entre pessoas de ambas as nacionalidades, tornando-se perceptíveis como esses fatores acabam se tornando agentes da socialização.

Portanto, cabe salientar que por meio do processo de socialização o migrante brasileiro foi adaptando-se a condição onde ele se relacionará não apenas com brasileiros que formam a Colônia *Nueva Esperanza*, mas também com os paraguaios e com os brasileiros que permaneceram no Brasil, o que contribuirá para a construção de novos referenciais identitários que serão abordados no capítulo a seguir.

²⁶ Entrevista de Fabricio Vázquez concedida em um trabalho de campo a Cecília Aparecida Costa, Karoline Batista Gonçalves e Lidiane Almeida Costa em visita à ADEPO (Asociación Paraguaya de Estudios de Población) realizada no dia 14 de setembro de 2010, em Asunción/ Paraguai.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO MIGRANTE BRASILEIRO NA COLÔNIA *NUEVA ESPERANZA*: “SER BRASILEIRO” OU “SER PARAGUAIO”

Bom aqui é o lugar onde a gente está morando, mais não é nosso país, é outro país estrangeiro... Nunca a pessoa está no seu lugar certo porque não é do mesmo jeito que você estar no Brasil, é o país do outro, agora os meus filhos já se sentem paraguaios pra mim eles já são uma mistura porque viveram a vida inteira aqui. (D. S. M., morador da Colônia Nueva Esperanza há 35 anos).

Quando o migrante se desloca de um país para o outro, ele não se encontra nem sob uma identidade, nem sob outra, pois ele está no meio de duas identidades, uma antiga, e a outra que pode ser assumida. Na tentativa de enfatizar de que maneira o processo de identificação/diferenciação pode ser percebido nas relações entre brasileiros e paraguaios é importante discutir o conceito de identidade para se compreender como a diferença, ou seja, a alteridade pode ser percebida nas relações estabelecidas na Colônia *Nueva Esperanza*.

Na discussão acerca do conceito de identidade optamos por abordar a mesma em concordância com Haesbaert (1999, p. 172), como um movimento de identificação em curso, por estar sempre em um processo/relação no qual ela nunca é uma, mas múltipla. Desse modo, toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações positivas e negativas.

Assim, determinadas identidades manifestam-se em função das condições espaço-temporais em que o grupo está inserido. Nesse sentido, as identidades implicam na busca de reconhecimento que se faz frente à alteridade, isto é, frente à diferença, pois é no encontro com o outro que se busca a afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue.

Á medida em que o migrante brasileiro passa a estabelecer relações seja com paraguaios ou com brasileiros dentro da Colônia *Nueva Esperanza*, torna-se perceptível que o outro é diferente e que as práticas sociais e de produção adotadas por esse também são distintas, e é a partir desse momento de percepção é que a identidade pode ser percebida, porque acaba se tornando um processo de classificação ou até em alguns casos de distinção:

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias”, suas “paisagens” características, seu sentido de “lugar”, de “casa/lar”, ou *heimat*,

bem como suas localizações no tempo- nas tradições inventadas que liga passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes (HALL, 2004, p. 71-72).

Nota-se que existe um tempo e um determinado território nos quais as identidades atuam e se destacam de acordo com a situação e o tempo que o indivíduo vivencia, pois a necessidade de identificação se reflete a partir do momento em que o mesmo estiver frente a um indivíduo ou grupo.

É possível pensar que a identidade oscila entre dois movimentos distintos no qual de um lado seria o processo que tende a fixar ou estabilizar a identidade, ou seja, o processo de afirmação, e o outro seria o processo que tende a modificar e desestabilizar a mesma através do processo de diferenciação. No que tange ao encontro com esse processo de diferenciação existe uma separação na identidade entre *nós* e os *outros*:

As três possibilidades que se abrem no encontro com a diferença cultural, com o *outro*: as instituições dos outros podem ser consideradas como superiores, como inferiores, ou como equivalentes. O primeiro caso representará “uma contradição lógica e um suicídio real”. Restam então duas possibilidades: “os outros são inferiores” ou “os outros são iguais a nós”. Considerar o outro como inferior, historicamente, é o que quase sempre tem prevalecido, pois “dizer que os outros são ‘iguais a nós’ não poderia significar iguais na indiferenciação”, mas na incomparabilidade. O que em hipótese alguma significa que se trata de uma “fatalidade” ou de uma “necessidade lógica”, mas de uma simples “probabilidade”, uma “vertente natural” das instituições humanas, que sempre se pretendem superiores e mais “verdadeira” que as demais (CASTORIADIS, 1990 citado por HAESBAERT, 2007, p. 45).

Compreende-se que a partir da diferença é possível identificar o diferente e o oposto, e é exatamente esse sentimento que permite afirmar que as relações estabelecidas entre “nós” e os “outros” interferem na formação da identidade, o que acaba justificando a mesma estar em movimento conforme o tempo e o espaço.

Por conseguinte, a figura do outro pode estar ligado ao estrangeiro, como ocorre na migração, pois esse tem língua, religião, hábitos e culturas diferentes, contribuindo para o surgimento da alteridade:

Não é diferente com o “sujeito” – eu ou nós- quando o consideramos como uma grandeza *sui generis* a constituir-se do ponto de vista de sua

“identidade”. Também ele condenado, aparentemente, a só poder construir-se pela diferença, o sujeito tem necessidade de um ele- dos “outros” (eles)- para chegar à existência, e isso por suas razões. Com efeito, o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, que a encaremos no plano da vivência individual ou como será o caso aqui- da consciência coletiva, a emergência do sentimento de “identidade” parece passar necessariamente pela intermediação de uma “alteridade” a ser construída (LANDOWSKI, 2002, p. 4).

O contato com o outro, seja no modo de vida dos lugares diferentes como também o cotidiano e outros lugares acabam contribuindo para influenciar as práticas sociais que estão ligadas a identidades. Nessa perspectiva, por meio das relações entre os diferentes sujeitos constrói-se uma relação “entremeios” ou de “entre-lugares”.

Segundo Bhabha (1998), o “entre-lugar” é concebido como um terceiro espaço, híbrido, que permite a emersão de outras posições, no caso, a constituição de novos sujeitos. Esse terceiro espaço desloca as histórias que o constituem e geram novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas. Desse modo, eles passam a se configurar não como meros espaços de dominação, mas o terreno de trocas, intersubjetivas individuais e coletivas, em que anseios comuns e outros signos de valores culturais são negociados.

Bhabha (1998, p. 16) nos aponta que os entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração das estratégias de subjetivação, singular ou coletiva, dando assim novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e constatação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. Logo, eles se constituem como uma soma das “partes da diferença”.

Nessa perspectiva, o entre-lugar seria um espaço onde múltiplas culturas e identidades se cruzam, o que permite a constituição de novos sujeitos, em que identidades e diferenças podem ser constituídas através dos binarismos, nesse caso o *eu* e o *outro*. Desse modo, esse meio termo entre as relações encontradas no entre-lugar pode gerar aquilo que Bhabha (1998, p. 22) denomina hibridismo cultural, que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta.

Para Hall (2003), o hibridismo cultural não seria apenas um processo de adaptação, mas sim um processo de revisão dos valores e referências do indivíduo no qual a diferença com o outro pode ser negociada:

O hibridismo significa um momento ambíguo e ansioso de transição, que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a

promessa de um fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo. As dissonâncias a serem atravessadas apesar das relações de proximidade as disjunções de poder e posições a ser contestadas; os valores éticos e estéticos a serem “traduzidos”, mas que não transcenderão incólumes os processos de transferência (HALL, 2003, p. 75).

As trocas culturais acabam contribuindo para que o hibridismo possa ser um processo de transição em que duas identidades diferentes se encontram, assim o “novo” é uma condição para a existência da diferença.

Canclini (1997) afirma que o hibridismo seria os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Deste modo, as combinações de práticas culturais diferentes geram novas possibilidades.

É possível afirmar que tanto para Bhabha (1998), quanto para Hall (2003), o hibridismo acaba se tornando um processo de reconhecimento da diferença e, ao mesmo tempo, se torna uma negociação para que ambas as identidades possam estabelecer relações:

O hibridismo não tem tal perspectiva de profundidade ou verdade para oferecer: não é um terceiro termo que resolve a tensão entre duas culturas, ou as duas cenas do livro, em um jogo dialético de "reconhecimento". O deslocamento de símbolo a signo cria uma crise para qualquer conceito de autoridade baseado em um sistema de reconhecimento: a especularidade colonial, duplamente inscrita, não produz um espelho onde o eu apreende a si próprio; ela é sempre a tela dividida do eu e de sua duplicação, o híbrido. Este processo parcializador do hibridismo é mais bem descrito como uma metonímia da presença. Ele compartilha da valiosa visão de Sigmund Freud da estratégia da recusa como persistência da demanda narcísica no reconhecimento da diferença (BHABHA, 1998, p. 165-166).

O hibridismo acaba se tornando um espaço para articulação de diferentes concepções, no qual se evidencia a identidade e a diferença. Para Coser (2005, p. 173), é através do hibridismo que as relações e identidades seriam construídas a partir de disputas e negociações.

De forma a complementar, Silva (2000, p. 87-88) nos aponta que o hibridismo seria uma mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, etnias e raças, pois a identidade que se forma, por meio do hibridismo, não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guardem os traços das mesmas, elas terão uma identidade que reúne as diferenças de ambos os grupos, pois o hibridismo está ligado aos movimentos

demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades nos quais podemos destacar as diásporas, os deslocamentos, as viagens e os cruzamentos de fronteiras.

Nessa perspectiva acerca das abordagens sobre o entre-lugar e o hibridismo, é possível perceber que o encontro de diferentes identidades em um determinado espaço acaba contribuindo para que ocorra a articulação e negociação da diferença. Assim, esses processos de “identificar” e “diferenciar” acabam originando o processo de identificação/diferenciação, que será abordado a seguir.

3.1 O Processo de Identificação/ Diferenciação

A conceituação da identidade quase sempre está ligada à existência ou a ideia da diferença, porque essa acaba sendo vista como o que o outro tende a ser. Nesse sentido, identidade e diferença estabelecem relações de dependência, pois a afirmação da identidade só se faz presente a partir do momento em que a diferença é evidenciada.

De acordo com Silva (2000, p. 76), a diferença se torna um derivado da identidade porque essa é a referência, é o ponto original ao qual se define a diferença. Diante disso, abre-se a possibilidade de pensar que as identidades acabam sendo fabricadas a partir da marcação da diferença.

Nesse sentido, Hall (2004) salienta que a identidade não é o oposto da diferença, mas uma se relaciona com a outra. Além do mais é possível corroborar que ela nasce das relações e das trocas sociais, contribuindo para uma identificação e ao mesmo tempo uma diferenciação em relação aos que nos rodeia, originando o processo de identificação/diferenciação.

Todavia, o processo de identificação/diferenciação pode ser definido como o processo de identificação seguido pela diferenciação entre o “eu” e o “outro”. Dessa maneira, a afirmação da identidade e a marcação da diferença acabam fortalecendo a distinção e a separação entre o de dentro e o de fora:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam

uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”) classificar e normalizar (SILVA, 2000, p. 81).

No que tange a ideia de “incluir”, “excluir”, “classificar” e “normalizar” pode-se afirmar que todos esses processos acabam de alguma maneira contribuindo para que possa atribuir outras características à identidade, o que gera um processo onde diferença torna-se uma característica na formação da identidade, ou seja, o processo de identificação/diferenciação.

Assim sendo, no processo de diferenciação, a identidade e a diferença se fazem presentes, no qual a distinção entre o “eu” e o “outro” afirma e reafirma as relações. É importante salientar que essa divisão acaba ordenando as relações que são estabelecidas em um determinado grupo social.

De acordo com Hall (2004, p. 38-39), nos processos de identificação/diferenciação a identidade deve sempre ser pensada como movimento e processo e não assentada sobre essencialismos ou substantivismos, pois, tanto as identidades, quanto a diferença, são constantemente: criadas e recriadas, pois as características e os valores de um determinado grupo social mudam na medida em que as relações sociais são estabelecidas por indivíduos díspares em tempos diferentes.

Ao analisarmos o processo de identificação/diferenciação na migração é perceptível que as novas relações definem situações e condições de “sínteses” sempre inacabadas entre os lugares de origem e o de destino. Nesse sentido, Laclau (1990, p. 40), aponta que o deslocamento tem características positivas, já que desarticula as identidades estáveis do passado, mas ao mesmo tempo abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos.

Destarte, é perceptível que as identidades são caracterizadas pela diferença, nesse caso ao analisarmos a identidade de um migrante é possível evidenciar que ao passar por diferentes divisões e grupos, o mesmo acaba produzindo diferentes “posições de sujeito”, que de acordo com Hall (2004, p. 17), está ligado à ideia de que a identidade pode assumir diferentes elementos, formando o referencial identitário.

No processo de identificação/diferenciação que acompanha os migrantes brasileiros que vivem na Colônia *Nueva Esperanza*, a perspectiva identitária é construída a partir das relações estabelecidas com outros sujeitos que podem ser paraguaios ou brasileiros que vivem na colônia ou ainda os brasileiros do Brasil.

À medida que esses migrantes mantêm contato com o “outro” eles percebem a diferença quando afirmam sua identidade nacional, que lhes proporciona a condição de membro de um Estado-Nação político, pois as culturas nacionais a partir do momento em que produzem sentidos sobre a Nação, sentidos esses com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

Dessa forma, é compreensível que o processo de identificação/diferenciação acaba acompanhando os migrantes brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza*, porque eles não apenas reproduzem sua identidade em território paraguaio, mas a diferença encontrada pelos mesmos na convivência com o outro, acaba caracterizando a identidade desses, resultando na construção de novas relações.

Contudo, é importante ressaltar de que maneira as relações que esses migrantes passaram a estabelecer em território paraguaio influenciou a construção identitária do mesmo, levando em consideração os referenciais territoriais, dentro de uma relação de apropriação contribuindo para a formação da identidade territorial.

3.2 A Construção da Identidade Territorial

Em uma primeira aproximação do conceito de identidade foi possível perceber que a mesma seria uma característica de referência, que está ligada à diferença, produzindo o processo de diferenciação pelo qual a afirmação da identidade e a marcação da diferença acabam influenciando a construção dos referenciais identitários.

A construção e a reconstrução de identidade acabam se tornando um processo acompanhado de contradições, ambiguidades e complexidades que podem ser influenciadas pelas condições sociais em que são estabelecidas. De tal modo, Machado (2005) afirma que à presença de “marcos” ou referenciais históricos e geográficos podem ser um fator decisivo no que se refere à formação identitária.

Logo, a ideia de identidade tanto pode ser utilizada como uma valoração simbólica quanto um processo de identificação num espaço geográfico. Desse modo, na análise acerca das relações estabelecidas entre brasileiros e paraguaios na Colônia *Nueva Esperanza*, a noção de identidade a ser utilizada será o de identidade territorial, ou seja, aquela definida a partir das relações que são construídas em um determinado território.

Nessa perspectiva, Haesbaert (1999, p. 172) salienta que a identidade territorial é um tipo de identidade que se expressa na relação de pertencimento de um grupo a partir da delimitação de uma escala territorial de referência identitária. Dessa forma, a mesma é

carregada de subjetividade e objetividade tendo um espaço como estruturador da identidade.

A identidade territorial é definida através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação, que pode ser percebida tanto no campo de ideias como também na realidade concreta, no espaço geográfico:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. De forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Nessa perspectiva, a apropriação e a ocupação do território por um grupo social pode gerar “raízes e identidade” pelas relações que serão estabelecidas coletivamente. Portanto, para analisarmos as relações que são estabelecidas num território faz-se necessário levarmos em consideração os processos de identificação e valoração simbólica do grupo social que habita o mesmo:

Uma das características mais importantes da identidade territorial, correspondendo ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade, é que ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência “condense” a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente nos chamados monumentos históricos nacionais. A (re) construção imaginária da identidade envolve, portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade (HAESBAERT, 1999, p. 180).

A identidade territorial encara a identidade como movimento, ou seja, ela se “reinventa” e passa por uma “adaptação” na medida em que as relações são construídas por novos discursos e diferentes sujeitos. Nesse sentido, ela pode tanto envolver referenciais identitários dos lugares do passado como também do presente.

Todavia é possível intuir que o território pode ser visto como um produtor de identidades, pois o mesmo acaba englobando a construção da vida social, no qual os referenciais identitários e os modos de vida dos indivíduos se entrecruzam, pois “o território compõe também o ‘ser’ de cada grupo social” (HAESBAERT, 1999, p. 186).

Nesse sentido, Bonnemaïson (2002, p. 90), afirma que a identidade territorial leva os

indivíduos a desenvolverem um forte apego com o território, pois o mesmo se sente parte integrante e atuante, no qual é capaz de exprimir e representar a sua concepção de mundo. Isso pode ser evidenciado na migração, pois a partir do momento em que o migrante tenta re (criar) os mesmos símbolos e organização socioespacial de seu território de origem, ele passa a criar “elos” entre o seu território e o grupo social do território da chegada.

Pode-se afirmar que os migrantes (re) criam algumas características de seu território nacional e ao mesmo tempo inserem características do novo território em suas práticas e na organização socioespacial. Deste modo, o migrante busca recriar o seu território e manter e/ou reproduzir seus referenciais identitários.

Para Haesbaert (1999), alguns grupos de migrantes podem tanto entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levar sua territorialidade quando se deslocam, tentando reproduzi-las nas áreas para onde se dirigem.

Nessa perspectiva, ao analisarmos os brasileiros que vivem no Paraguai, mais especificadamente na Colônia *Nueva Esperanza*, é possível afirmar que os primeiros migrantes procuram manter seus referenciais identitários e nessa década do século XXI as relações estabelecidas com os paraguaios acabou contribuindo para que a organização socioespacial deles reproduzisse algumas características da identidade paraguaia.

Por mais que os brasileiros passem a reproduzir características da identidade brasileira como a língua, a comida, o modo de vestir de produzir em seu lote, apreende-se que essas práticas acabam se modificando, porque os antigos e novos referenciais identitários se encontram em um mesmo território.

Assim sendo, a identidade territorial na migração pode ser definida a partir do momento em que ao chegar a um determinado território as relações estabelecidas passam a ser influenciadas pelas escalas territoriais e valorações simbólicas, pois:

O deslocamento de sentido nunca pode ser total, e o símbolo necessita sempre de algum referente concreto para se realizar. Este referente pode ser, por exemplo, um recorte ou uma característica espacial, geográfica, e neste caso podemos ter a construção de uma identidade pelo/com o território (HAESBAERT, 1999, p. 178).

Nota-se que ao chegar a outro território o migrante permanece mantendo laços com o território de origem, e ao mesmo tempo ele passa a construir relações com o território da chegada, o que acaba influenciando a construção da sua identidade, onde a mesma é pautada nas vivências e experiências com o território, o que nos permite evidenciar que é através da

identidade territorial que os migrantes passam a reproduzir e ao mesmo tempo recriar seus referenciais identitários.

3.3 As relações entre brasileiros e paraguaios na Colônia *Nueva Esperanza*

As relações entre brasileiros e paraguaios vêm produzindo novas formas de identificação, no qual algumas características acabam se articulando com antigos referenciais identitários, pois as diferenças sociais advindas dessas relações permitem redefinir as relações de produção, de comércio, valores e costumes. Com efeito, as articulações dessas diferenças tornam-se visíveis nas inúmeras colônias de brasileiros que foram formadas no país, como exemplo a Colônia *Nueva Esperanza*.

Ao chegar ao território paraguaio, o migrante brasileiro deparou-se com a figura do “outro”, ou seja, o paraguaio, sendo que as primeiras relações estabelecidas pelos mesmos foram de compra/venda, o que podem ser considerada relações tranquilas. Quando esses migrantes adquiriram suas terras na região que, posteriormente, seria a colônia não havia muitos paraguaios morando ali, porque as terras estavam localizadas distantes do centro urbano da época, ou seja, da cidade de Horqueta.

No entanto, as primeiras dificuldades começaram a surgir a partir do momento em que os migrantes passaram a estabelecer relações com os paraguaios que vieram morar na região e que, em seguida, foram trabalhar nas terras dos colonos. O grande desafio estava ligado à questão da comunicação entre os mesmos, pois os brasileiros não sabiam falar o espanhol/guarani, o que dificultava a comunicação e o acesso às necessidades básicas para garantir a sua sobrevivência:

A relação com os paraguaios era meio difícil a gente não entendia muito o guarani, e o castelhano falava pouco entendia bem pouco a gente ficava mais na roça ninguém quase saía, só trabalhava não tinha esse negócio de passeio. Aqui teve um tempo que os brasileiros eram muito humilhados pelos paraguaios porque era o tempo da ditadura, então os brasileiros eram muito humilhados. Agora não, estamos na democracia agora modificou, mas antes brasileiro era muito humilhado aqui (Entrevistado IX, Colônia *Nueva Esperanza*, 22/04/2011).

Muitos brasileiros não dominavam os idiomas necessários para se comunicarem com os paraguaios, o que contribuiu para que esses acabassem estreitando as relações apenas com os próprios brasileiros que formavam a colônia. Dessa forma, torna-se evidente que no

começo a língua foi uma das características que dificultou as relações entre brasileiros e paraguaios.

Alguns paraguaios que viviam próximo à colônia ou que tinham relações comerciais e de produção com os migrantes, acabaram aprendendo o português com uma maior facilidade se comparado aos brasileiros, como a exemplo os corretores de imóveis que auxiliavam no processo de legalização de terras e na documentação de migrante:

Nosotros se adaptamos a los brasileños procuramos no les obligar a los brasileños que hablen nuestro idioma porque algunos se quejan y sin embargo, yo no me quejo yo estoy creyendo que ellos están a me enseñar otro idioma. Yo voy contar una historia de un paraguayito que ahora está viviendo en Estados Unidos en norte América. El habla castellano, habla el guaraní, habla el portugués y ahora habla el inglés y está actualmente en Estados Unidos. Y ello me dice yo antes despresaba la lengua de los brasileños. ¿Y yo le pregunté porque? Porque ellos cuando nosotros tratábamos de hablar en el guaraní ellos decían “trata de falar como a gente” y eso me incomodaba pero ellos estaban me enseñando un idioma más y yo como paraguayito estoy en Estados Unidos y hablo el portugués, hablo el guaraní, castellano y ahora el inglés cuatro idiomas y este norte-americano hablan solo uno. Yo no tomo a mal que los brasileños vienen acá y hablen, ellos están enseñando otro idioma a los paraguayos y eso es muy importante (Sr. Nimio Claudio Almirón Yanes, Yby Yau, 11/10/2010).

A trajetória dos brasileiros que formaram a colônia contribuiu para que esses levassem mais tempo para aprenderem o espanhol e o guarani, pois eles migraram em grupos que poderiam variar de duas a oito famílias e como a convivência era com os próprios brasileiros a comunicação era feita em português, sendo que em muitas famílias apenas um ou outro aprendia o espanhol ou o guarani, nesse caso podemos destacar os descendentes desses migrantes que nasceram no país.

Muitos migrantes não gostavam de conversar com os paraguaios porque não entendiam o idioma. Por meio das entrevistas realizadas foi possível identificar que alguns se irritavam quando tentavam conversar com os paraguaios porque não entendiam nada. Já por parte dos paraguaios havia um interesse maior em aprender o português.

No que tange às diferenças em relação à língua, Albuquerque (2010, p. 223), aponta que os sentimentos que os brasileiros e paraguaios constroem em relação à língua portuguesa e guarani simboliza relações de poder entre os países. Assim, as línguas dos países dominantes geralmente exercem fascínio e poder em amplos setores da população das nações subordinadas, podendo inferir que o desejo de alguns paraguaios em aprender o português e o desprezo de alguns migrantes em relação ao guarani, pode ser considerado uma consequência

das relações de poder existentes entre ambos os países.

Nesse sentido, percebe-se que a presença dos migrantes brasileiros acabou introduzindo uma terceira língua no país, ou seja, o português, pois os paraguaios moradores das proximidades das colônias por conviverem com os brasileiros aprenderam o idioma.

Para Fiorentin (2010, p. 16), a presença dos migrantes brasileiros alcançou seu ápice em meados dos anos 70, e modificou profundamente a economia, a cultura e até a própria geografia do Paraguai. Ao mesmo tempo, a língua portuguesa, bem como o italiano e o alemão trazido por alguns descendentes de imigrantes europeus, passou a se misturar com o espanhol e o guarani.

É importante salientar que alguns migrantes de origem sulista falavam mais o alemão ou o italiano que o português, principalmente os que vieram de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, justificando a dificuldade de comunicação com os paraguaios, no qual “alguns migrantes brasileiros no Paraguai viviam isolados e não tinham condições de se misturarem com os paraguaios, pois falavam exclusivamente o português (ou o alemão, o italiano e o polonês), sintonizam rádios brasileiras e tinham mais contato com o Brasil do que com o Paraguai” (ZAMBERLAM, 2007, p. 29).

É possível afirmar que os paraguaios acabaram aprendendo o português com mais facilidade, porque quando os brasileiros começaram a desenvolver o cultivo na colônia eles contratavam os paraguaios para auxiliarem na agricultura, e dessa forma os mesmos acabavam aprendendo o português pela necessidade de se relacionarem com os brasileiros.

Observa-se que na medida em que brasileiros e paraguaios passaram a estabelecer relações, ocorre a inserção de novos elementos nos referenciais identitários, como por exemplo, outra língua, costumes ou valores:

O que separa o grupo de referência dos grupos que ele define em relação a si mesmo como estrangeiro, não é “pura e simplesmente”, nem uma diferença de substância produzida por difusões sociais, nem mesmo alguma heterogeneidade preestabelecida em natureza (com o risco de que as difusões em questão tenham por efeito acentuá-la) e que, impondo-se como dados de fato, bastariam para demarcar as fronteiras entre identidades distintas. Na realidade, as diferenças *pertinentes*, aquelas sobre cuja base se cristalizam os verdadeiros sentimentos identitários, nunca são inteiramente traçadas por antecipação: elas só existem na medida em que os sujeitos as constroem e sob a forma que lhes dão. Antes disso, entre as identidades em formação, há apenas puras diferenças *posicionais*, quase indeterminadas quanto aos conteúdos das unidades que elas opõem (LANDOWSKI, 2002, p.12).

Embora os brasileiros tentem reproduzir os referenciais identitários que estavam acostumados a vivenciarem em sua terra natal, são as relações que eles estabeleceram com os paraguaios que articularam as diferenças existentes entre os mesmos, para que ambas as identidades pudessem ser caracterizadas tanto pela existência de novas relações como também por um novo território.

Para Albuquerque (2010, p. 216), nas relações estabelecidas entre brasileiros e paraguaios é visível que a identidade paraguaia e a identidade brasileira acabam sendo afirmadas, contribuindo para que o reconhecimento da diferença se torne mais evidente, pois a identidade paraguaia ou estrangeira é definida na relação com o outro.

Nesse aspecto, Elias (1994) aponta que a identidade de um indivíduo tem duas faces que se inter-relacionam: a identidade-eu e identidade-nós, na qual a identidade-eu focaliza a pessoa e a diferença, enquanto que a identidade-nós caracteriza o indivíduo pertencente a um grupo. Ambas as identidades não se estabelecem de uma vez por todas, mas estão sujeitas a transformações que ocorrem na medida em que as relações são estabelecidas e passam a ser caracterizadas pela diferença entre o “eu” e o “outro”.

Logo, ao analisarmos como esses migrantes foram recebidos quando chegaram ao Paraguai é possível perceber que inicialmente muitos acabavam se relacionando apenas com os próprios brasileiros, pois temiam a figura do “outro”, ou seja, o paraguaio e a questão que esses poderiam tomar suas terras, além do fato de estarem em um “novo” território onde duas identidades distintas estavam estabelecendo relações:

No começo as relações com os paraguaios eram meio enroscadas, mas agora é tranquilo. É porque antes eles achavam que a gente estava tomando o que é deles, achavam que a gente estava tirando par de terras deles agora não, agora eles agradecem pelos brasileiros, alemães e toda nação que entrou para ajudar eles (Entrevistado V, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Quando nós estávamos lá no Paraná, o meu marido ficava lá no Paraguai com o patrão para derrubar o mato, para depois trazer nós. Aí todo mundo falava “Nossa vocês tem coragem de ir para lá, eu morro de medo”. E nós ficávamos com aquilo na cabeça, ficava com medo, eu às vezes sonhava que estava no meio deles. Mas foi tudo mentira porque os paraguaios são bons demais, nunca tivemos problemas com eles (Entrevistada XII, Colônia *Nueva Esperanza*, 28/10/2011).

Havia certo receio por parte dos brasileiros acerca das relações que iriam estabelecer com os paraguaios, ocasionado não apenas pela diferença no referencial identitário de ambos,

mas também porque o território e as relações sociais eram distintos, evidenciando o processo de identificação/diferenciação que distingue o “eu” e o “outro”.

As relações entre brasileiros e paraguaios pode ser vista por duas perspectivas diferentes, no qual alguns migrantes afirmam que nunca tiveram problemas com os paraguaios, e que as relações entre os mesmos sempre foram tranquilas, e a outra é que eles já se sentem paraguaios por terem vivido mais tempo no país do que no Brasil.

Há outros que asseguram terem dificuldades em se relacionar com os paraguaios, pois assim que chegaram ao país vizinho havia um esforço por parte de alguns em afirmar que as terras que os brasileiros haviam adquirido não tinha validade legal e as escrituras eram falsas, o que prejudicava aqueles que adquiriram terras de outras pessoas e não se preocuparam em legalizar a documentação.

Na análise de alguns entrevistados foi possível perceber que muitos brasileiros criavam uma imagem negativa dos paraguaios associada às dificuldades que vivenciavam, bem como por esses terem uma cultura distinta:

Quando a gente chegou aqui não tinha muito paraguaio onde nós trabalhávamos. Aqui era uma colônia só de brasileiro, até tinha uns paraguaios, mas eles não faziam nada contra a gente não. Mas os paraguaios, eles nunca gostaram dos brasileiros até hoje eles não são aquelas pessoas que você vai confiar. É cada um para si e Deus por todos. Mais o paraguaio mesmo aquele que entende ele dá valor aos brasileiros, agora tem uns que não gostam dos brasileiros, mas muitos paraguaios falam que depois que veio os brasileiros desenvolveu o país. Os paraguaios que entendem eles falam mesmo que o brasileiro ajudou a desenvolver o país, mas já os paraguaios mais pobres não gostam eles falam que acabaram com os matos que os brasileiros derrubaram tudo os montes, que acabou com tudo, mais o paraguaio que entende ele reconhece que o brasileiro produziu dentro do Paraguai. Porque quem desenvolveu o país foram os brasileiros, porque isso aqui há trinta anos nunca ia para frente não. E até os próprios paraguaios, muitos desenvolveram aqui por causa dos brasileiros que deu muito trabalho, que deu muita ajuda e tinha muito paraguaio aí que não tinha nem do que viver, e vieram viver aqui na colônia com os brasileiros (Entrevistado VII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Os paraguaios nunca foram dificuldade nenhuma não. O bom é que eles trabalhavam para nós, por exemplo, teve época que eu trabalhava com 20 paraguaios, então eles sempre gostaram de nós. Os paraguaios gostam de brasileiros porque a gente trabalha (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

À medida que os migrantes brasileiros passaram a expandir as atividades agrícolas que desenvolviam, os mesmos começaram a empregar paraguaios para auxiliarem no cultivo, acarretando o surgimento de um discurso em que os brasileiros contribuíram para o desenvolvimento da região da colônia e dos paraguaios que vivem nas proximidades, tanto por serem trabalhadores como também por oferecerem trabalho aos paraguaios.

Porém, é importante ressaltar que essa imagem foi construída pelas várias relações de poder que são estabelecidas, no qual está presentes a desigualdade econômica, a distinção de nacionalidade bem como o tempo de moradia na terra.

Nessa perspectiva, alguns brasileiros visualizam os paraguaios como inferiores que não conseguem terras e não sabem produzir, o que lhes proporciona um sentimento de superioridade, contribuindo para que muitas vezes as relações se tornassem conflituosas:

Aqui estão presentes as diferenças de poder entre os países, as desigualdades econômicas entre imigrantes ricos e os setores pobres da sociedade paraguaia, as distinções de etnias, nacionalidades e de tempo de moradia nessas regiões. Alguns grupos de imigrantes congregam algumas destas variáveis na construção de uma autoimagem de superioridades em relação à população local. Por sua vez, os camponeses paraguaios fazem parte geralmente do polo dominado da figuração do poder, pois são pobres, mestiços e muitos chegaram nessas regiões depois dos “pioneiros” brasileiros. A figuração “trabalhadores” e “preguiçosos” é permeada por relações de poder entre os grupos sociais pode ser visualizada em diferentes contextos sociais, históricos e geográficos. No contexto específico entre brasileiros e paraguaios, a autoimagem dos imigrantes como “trabalhadores” em oposição à representação dos paraguaios como “preguiçosos” começou a ser construída desde o período que se intensificou a frente de expansão capitalista no Leste do Paraguai na década de 1970 (ALBUQUERQUE, 2010, p. 175-176).

Todavia, a migração de brasileiros acaba se destacando no processo de colonização do território paraguaio, no qual muitos paraguaios acabaram se sentindo inferiorizados frente a esses migrantes, que em sua maioria chegaram ao país com um capital que lhes proporcionou comprar terras e produzir. Dessa forma, alguns paraguaios se tornaram mão de obra para o cultivo.

No entanto, como resposta à suposta superioridade brasileira muitos políticos e autoridades paraguaias passaram a reproduzir um discurso onde os migrantes brasileiros que se instalaram na Região Oriental, contribuíram para o processo de desmatamento de algumas áreas florestais da mesma.

Além da questão do desmatamento que ao longo dos anos vem sendo levantada por

muitos políticos paraguaios, aonde os migrantes vêm aumentando sua produção, ou seja, adquirindo mais terras para desenvolverem a agricultura ou a pecuária sem levar em consideração os danos advindos do desmatamento descontrolado. No entanto, os brasileiros acabam recebendo esse discurso com um olhar de reprovação, como é possível identificar nas palavras de uma migrante:

Os paraguaios têm uma inveja da gente quando tem alguma coisa na vida, eles acham que era para eles estarem aqui. Óh, aqui mesmo em Assunção foi falado mesmo que os brasileiros vieram aqui devorar, vieram aqui acabar com o país, que o brasileiro quando entra derruba tudo, que acaba com as matas, tem essa fama lá em Assunção dos brasileiros (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Acerca das diferenças existentes entre brasileiros e paraguaios sobre a questão do desmatamento, é importante salientar que os migrantes possuem uma visão distinta sobre o uso da terra se comparado aos paraguaios, contribuindo para que as diferenças entre as relações se tornem mais evidentes:

Eu acho pelo tempo que estou aqui no Paraguai que o povo aqui não tem aquele espírito de luta de conquista, aqui a gente quase não vê gente que abre as coisas para vender que vai a luta ao trabalho. E aqui no Paraguai eles vivem muito mais do hoje, eles vivem da terra, ou seja, aquilo que a terra produziu hoje, eles não tem aquele costume de plantar igual à gente (Entrevistada XV, Colônia *Nueva Esperanza* 23/04/2011).

La agricultura de autoconsumo paraguayá se ejerce sobre parcelas de una superficie a menudo inferior a cinco has. De esta superficie total, solamente dos a tres hectáreas son cultivadas, a veces incluso menos, el resto es consagrado a un barbecho de arbustos cuya función es regenerar los suelos, a una magra ganadería complementaria y a una vivienda. Los rubros son principalmente la mandioca, el maíz y, eventualmente el poroto y la batata (SOUCHAUD, 2007, p.223).

Desse modo, torna-se evidente a diferença existente no modo de produzir entre ambos os sujeitos, pois enquanto os brasileiros se preocupavam em organizar seu lote de forma a diversificar sua produção para produzirem e venderem seus produtos, o cultivo das propriedades dos paraguaios é voltado mais para a subsistência sendo que apenas uma parte é comercializada no mercado local para complementar a renda.

Percebe-se que brasileiros e paraguaios têm uma relação diferente com a terra. Aqui

é possível considerar que nos lotes de agricultores paraguaios as pequenas matas e florestas são preservadas e o que eles plantam é apenas para complementar o seu sustento e sua renda. Já nos lotes de migrantes brasileiros a quantidade de hectares cultivados são maiores e quase não há matas nas proximidades. Por essa razão, alguns paraguaios acabaram associando ao cultivo dos brasileiros alguns problemas ambientais que começaram a aparecer na Região Fronteiriça Oriental:

Para os brasileiros o desmatamento era visto como um fenômeno natural e representava uma conquista para as famílias, o que se aconselhava é que o desmatamento fosse apenas de 50% da área. Os colonos não davam atenção ao alerta e, hoje, como consequência, a região vive o drama do assoreamento, da contaminação dos rios, falta de reservas florestais e dos desequilíbrios climáticos (ZAMBERLAM, 2007, p. 49).

Quando os migrantes compraram suas terras não havia nenhuma lei ou regra que regulamentasse a forma de produzir, e por esse motivo muitos a cada ano compravam mais hectares para aumentarem sua produção, desmatando as matas e florestas em grandes quantidades.

Somado a questão do desmatamento, existe outro fator que influenciou as relações entre brasileiros e paraguaios, a questão da soberania nacional, porque existem colônias de migrantes brasileiros como a *Nueva Esperanza* no qual o número de habitantes é maior que algumas cidades paraguaias e, muitas vezes, esses migrantes passam a reproduzir a identidade brasileira seja por meio da língua, valores e costumes ocasionando um desconforto para os paraguaios:

Los políticos de la oposición han subrayado la amenaza a la soberanía nacional planteada por su abrumadora presencia en la Región Fronteriza Oriental (RFO), que culturalmente ya es una extensión del Brasil. La prensa diaria paraguaya también ha cuestionado la prudencia de un programa de inmigración incontrolado desde el Brasil, a través de una serie de reportajes desde la RFO. El descontento también se ha manifestado ente la minoría paraguaya que actualmente vive en la RFO. Además de la amenaza que plantea a la soberanía nacional, la migración de colonos brasileiros a la RFO constituye el principal medio para la expansión de la agricultura capitalista en el Paraguay. Como tal, tendrá un profundo efecto en la estructura de la sociedad paraguaya. Este proceso expansionista ya está transformando a la sociedad rural en la RFO mediante la quiebra de las formas de producción agrícola de semi subsistencia, asociadas con el programa de colonización del IBR. El auge del capitalismo en el agro, asociado con la colonización brasileira por encima de la agricultura de semi subsistencia, se manifiesta

tanto por medio de la compra de tierra como por el desalojo de ocupantes (NICKSON, 2005, p. 238).

Portanto, é possível identificar que em todo momento a identidade de brasileiro e a identidade de paraguaio ainda é muito evidente nas relações estabelecidas por eles, porque mesmo que esses migrantes tentem articularem ambas as identidades, sempre em algum momento dependendo das ações praticadas pelos sujeitos de identidades distintas, serão evidenciadas as diferenças existentes entre o “eu” e o “outro”:

A gente nunca viveu muito perto dos paraguaios porque aqui sempre foi colônia de brasileiros, e quando vive assim muito perto deles, eles são muito invejosos, principalmente se a mulher é trabalhadora se o homem é trabalhador, porque os paraguaios não faziam nada, eles nunca abriram nada, o país está aberto hoje por causa do Brasil, dos brasileiros que foram entrando aqui, homem brasileiro, mulher brasileira, porque o brasileiro trabalhou aqui, e aí muitos aprenderam a trabalhar junto com os brasileiros (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

O relato acima demonstra o discurso utilizado por muitos brasileiros que afirmam serem mais trabalhadores que os paraguaios ou que trouxeram o desenvolvimento para o país, contribuindo para que os paraguaios visualizem essa situação como um desrespeito à soberania paraguaia. O que se tem observado é que no encontro entre as duas identidades são os paraguaios quem mais modificaram seus costumes e valores nas relações estabelecidas.

Há que se observar, de acordo com Bárbara (2005), que ao analisarmos os grupos de migrantes brasileiros que vivem no Paraguai, é possível perceber que não existe objetivamente uma identidade brasileira ou uma identidade paraguaia válida para todos os contextos espaço-temporais, mas sim que esses traços identitários passam a ser reconstruídos no Paraguai como “um caso particular do possível”, em que os sujeitos acabam mobilizando os recursos simbólicos que estão ao seu alcance e de acordo com contextos políticos e estratégias específicas.

Nesse contexto, é possível exemplificar essa situação através de um fato ocorrido na Colônia *Nueva Esperanza*, no ano de 2010, durante a realização da “Copa do Mundo”, no qual muitos paraguaios acabaram afirmando que os brasileiros que formam a colônia desrespeitaram a soberania do território paraguaio hasteando a bandeira brasileira acima da bandeira paraguaia, como pode ser visualizado na foto 49:

La sorpresa del día para nosotros fue cuando recibimos una llamada telefónica contándonos que en la Colonia Brasileira Nueva Esperanza, a 7 km de Yby Yau los pobladores de nacionalidad brasileña, mayoría en esa colonia, izaron la bandera brasileña encima de la bandera paraguaya. A muchas personas les molesto esto por la razón de que los brasileños en una ocasión ya quemaron la bandera paraguaya en el mismo cruce Yby Yau, ahora la soberanía paraguaya fue pisoteada de nuevo, el señor Miguel Deleon llamo a la Radio Esperanza Fm felicitando a los que se manifestaron en contra de esto y exhorto a las autoridades que tomen cartas en este asunto, porque esta muy mal que la soberanía paraguaya sea pisoteada. (GALEANO, 2010, p.01).



FOTO 49: Bandeiras do Brasil e Paraguai hasteadas em torre de um lote da colônia
Fonte: Trabalho de Campo (2011)

Esse acontecimento foi visto pelos paraguaios que moram nas proximidades ou até na própria colônia, por estarem casados com brasileiros (as), como uma afronta a nacionalidade paraguaiá, o que gerou uma situação desconfortável entre ambas as nacionalidades. Muitos paraguaios alegam que alguns brasileiros acabam pensando que a região é uma pequena extensão do Brasil.

Toda essa situação não gerou apenas desconforto entre os paraguaios, mais entre os filhos dos migrantes que nasceram no país e possuem as duas nacionalidades, pois essa atitude apenas contribuiu para que as diferenças identitárias entre os mesmos fossem afloradas:

Ao envolver um processo de classificação e/ou de distinção, a identificação social legitima um existir social onde a percepção das diferenças é fundamental para a afirmação do grupo cultural. Uma das principais questões ligadas à identidade, contudo, é a dificuldade de “reconhecer o Outro”, tendendo-se sempre, por meio de um processo classificatório, a padronizar, criar um parâmetro único de comparação, hierarquizando ou “desigualando” aquilo que deveria ser visto apenas como diferente. A diferença identitária, cultural, portanto, tende a diluir-se na desigualdade, e o extremo desta transformação é dado pelo racismo- nele, a diferença do Outro se transforma na sua estigmatização, no seu “rebaixamento”, na sua depreciação (HAESBAERT, 1999, p. 176).

A diferença de referenciais identitários existente entre os brasileiros e paraguaios contribuiu para a formação de um processo classificatório, no qual a diferença em relação ao outro, transforma-se na sua estigmatização, ou até no seu rebaixamento, como pode ser percebido no momento em que um proprietário de um lote da colônia sobrepõe a bandeira brasileira à paraguaia.

Mesmo existindo algumas pequenas diferenças nas relações entre brasileiros e paraguaios, essas podem ser consideradas tranquilas porque, no passado quando os primeiros migrantes chegaram às relações eram mais difíceis, pois havia dificuldade em relação à língua, aos valores culturais e identitários.

Não obstante, cabe destacar que muitas vezes a visão negativa criada pelos brasileiros acerca dos paraguaios é justificada pelas dificuldades que eles enfrentaram ao tentarem regularizar sua situação no país, ou ainda quando as autoridades locais passam a impor regras e deveres que antes não eram exigidos:

Creo que hay muchos brasileños que conocen el Paraguay y saben que es un espacio de crecimiento, es un espacio de oportunidad e etc. Pero quizás algunos han tenidos mal experiencia, desarrollaran eso y ya instalaran una visión un poco negativa del país, puedo llamar atención porque esa visión negativa de los brasileños hacia al Paraguay puede surgir cuando el Estado paraguayo le dice: Señor hay reglas tienes que cumplir por los mismos motivos que salieran entre comillas del Brasil buscando una liberad jurídica se paraguaizaran, dicen: - Ah! No. ¿Cuando venimos del Brasil, impuestos no había, reglas no tenía, ahora hay reglas por qué? (Entrevista Fabrício Vázquez, Assunção, 14/09/2010).

Alguns dos migrantes que adquiriram terras em território paraguaio, por serem de outra nacionalidade, desconheciam os deveres e as regras impostas pelas leis paraguaias, e muitas vezes por descumprirem as regras acabavam tendo prejuízos, contribuindo para que os

mesmos criassem uma imagem negativa acerca das instituições públicas do país, sendo que eles avaliam que a grande dificuldade nas relações com o país vizinho está relacionado a burocracia e a dificuldade ao acesso e atendimento das necessidades básicas.

Além disso, somado ao processo burocrático muitas vezes as relações entre brasileiros e paraguaios acabam não sendo muito amistosas, porque alguns migrantes ao se instalarem em território paraguaio passam a reproduzir apenas seus referências identitários, e não percebem que a convivência com os paraguaios já não lhes permite viver sem levar em consideração a figura do outro, ou seja, as diferenças existentes entre as duas identidades nacionais:

O grande problema é que nós brasileiros temos uma cultura e muitas vezes nós queremos desenculturar os paraguaios e na verdade nós que temos que nos adaptar a essa cultura, porque saímos de um meio e estamos em outro. Eu vejo assim, se não tivesse a Colônia Brasileira aqui nessa região do Paraguai como seria esse pedaço de chão? Seria posse de alguns (Entrevistada XV, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Infelizmente, sérios transtornos ocorreram que causaram grandes sofrimentos. Mesmo assim a Igreja continuou a acompanhar a questão da documentação como também a dar atendimento imediato à saúde dos imigrantes. Há, contudo, os problemas culturais, que não foram enfrentados conscientemente. Chegando os brasileiros em grupos numerosos e ocupando o mesmo território, eles não possuíam clareza de que estavam morando em outro país. Tinham a impressão de estar num paraíso terrestre, rico de caça, pesca e frutas, onde o único compromisso era o trabalho. Mas o Paraguai era outra nação, tinha outra cultura e encarava a vida de outro ponto de vista (ZAMBERLAM, 2007, p.45).

O relato de uma migrante e o apontamento de Zamberlam (2007) nos apresenta uma realidade perceptível na Colônia *Nueva Esperanza* em que muitas famílias que migraram para a região não conseguiram se adaptar com as diferenças existentes e acabaram vendendo suas terras, ou em alguns casos arrendando para brasileiros que ficaram na região.

Concordamos com Albuquerque (2010), ao afirmar que os estigmas produzidos na relação entre os brasileiros e o povo paraguaio estão geralmente associados ao diferencial de poder entre o Brasil e o Paraguai, e ao choque entre uma cultura ocidental de mentalidade capitalista, e as culturas camponesas e indígenas locais.

Portanto, os migrantes brasileiros se depararam com um novo lugar e uma nova sociedade, cujos valores e identidades são distintos ao modelo em que eles estavam

acostumados a viver. As relações entre brasileiros e paraguaios na Colônia *Nueva Esperanza* foram se tornando cada vez mais frequentes, porque muitos filhos dos primeiros migrantes nasceram no Paraguai, o que lhes proporcionou a nacionalidade paraguaia, além de outros acabarem se casando com paraguaios (as).

As relações entre brasileiros e paraguaios acabaram contribuindo para a existência de uma complexa mistura, oriunda da integração e dos valores culturais vivenciados por ambas as identidades nacionais dentro do mesmo território, pois a partir do momento em que brasileiros e paraguaios começaram a viver com maior proximidade, os referenciais identitários passaram por mudanças.

Assim, ao analisarmos os paraguaios que vivem próximos à Colônia *Nueva Esperanza*, ou até dentro da mesma, observa-se que eles já se acostumaram com as manifestações culturais dos brasileiros, até porque por muitos anos dentro da colônia se falava exclusivamente o português, e os paraguaios que trabalhavam com os brasileiros aprendia o idioma porque prestavam serviços para esses migrantes.

Outro fator que colaborou para que os paraguaios se adaptassem rapidamente com os costumes e valores da identidade brasileira, foi o grande número de brasileiros que vieram viver na região onde se localiza a colônia o que contribuiu para a predominância dos valores culturais destes como a comida, o idioma e a música:

Los brasileños que viven aquí no pierden su identidad siempre nosotros valoramos también ellos, porque ellos a pesar de que muchas veces están ya viviendo en otro lugar fuera de su país siempre mantienen sus costumbres el idioma, muy pocos son los brasileños que realmente hablan en castellano, hablan en guaraní, porque ellos siempre mantienen su idioma pero si entienden es verdad, comprende todo, pero se aferran al idioma se aferran a los costumbres propios del país de cual vienen (Pedro Amarilla- Locutor Radio *Esperanza* FM, Yby Yaú, 21/04/2011).

Embora os referenciais identitários dos brasileiros se destaquem frente aos paraguaios nota-se que na medida em que os filhos desses foram nascendo e passaram a conviver com paraguaios por meio das atividades escolares, através das igrejas ou dos trabalhos comunitários, as manifestações culturais passaram a apresentar características de ambas as identidades, porque o contato diário entre brasileiros e paraguaios contribuiu para as trocas culturais e as relações do cotidiano.

Muitos filhos e netos dos primeiros migrantes que chegaram à colônia afirmam que as relações entre ambas as nacionalidades são mais tranquilas se comparadas há anos atrás,

graças ao processo de integração que foi ocorrendo ao longo dos anos. Cabe salientar que os primeiros migrantes ainda mantem muito forte a cultura brasileira dentro da colônia, tanto que ainda tratam os paraguaios com um ar de superioridade e preconceito, em que os paraguaios sempre serão os “outros”.

Há relatos que versam que alguns migrantes proibiam suas filhas de se casarem com paraguaios alegando que “eles não gostavam de trabalhar”, e para os seus filhos alegavam que as mulheres paraguaias eram “bugronas” e “sujas” e que não gostavam de cuidar da casa.

Na realidade esse tipo de discurso utilizado pelos migrantes brasileiros era uma forma de manter a afirmação da identidade brasileira, pois a partir do momento em que um de seus filhos se casasse com um paraguaio, os descendentes da família já não iriam reproduzir exclusivamente os referenciais da identidade brasileira. Dessa forma, esse discurso era utilizado para ressaltar as diferenças existentes entre os estilos de vida e as relações sociais de ambas as nacionalidades.

Já no que diz respeito às novas gerações essas acabam se aproximando da cultura paraguaia com maior frequência se comparado aos primeiros migrantes, o que nos permite afirmar que dentro da colônia, por mais que a identidade brasileira seja predominante, a mesma ao longo dos anos vem adquirindo aspectos e características da identidade paraguaia:

O meu filho ele é praticamente daqui, tem uns oito anos que a gente fala de ir embora ele não vai, ele gosta daqui, e também para ele na cidade já é mais difícil porque aqui ele se acostumou, ele cresceu aqui. O serviço daqui ele entende tudo, até para conversar para ele já é mais fácil aqui do que lá, porque ele não estudou português, ele nem sabe falar direito o português, ele fala mais fala errado, tudo errado. Ele é mais paraguaio do que brasileiro porque quando chegamos aqui era só mato muito pouco ele vai ao Brasil. E quando ele vai lá ele prefere voltar logo, ele estudou e aprendeu o castelhano aqui, então para mim ele é mais paraguaio que brasileiro (Entrevistado V, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2011).

A migração de brasileiros para a região da Colônia *Nueva Esperanza* contribuiu para a redefinição de novas práticas culturais, políticas e sociais resultantes das relações entre brasileiros e paraguaios, na qual as afirmações, diferenças e estranhamentos criaram um território onde à integração e a mistura de referenciais identitários tornou-se perceptível. Isso se torna evidente nas palavras de um migrante ao afirmar: “hoje aqui na colônia nós consideramos igual no Brasil porque tudo que tem lá tem aqui também”.

O que podemos inferir é que durante a formação da colônia as relações entre brasileiros e paraguaios eram mais tensas se comparadas aos dias atuais. Na medida em que

os filhos dos migrantes passaram a frequentar alguns espaços que reproduzem a cultura paraguaia como a escola e a igreja, essas relações foram se estreitando contribuindo para a formação de um novo referencial identitário, em que o “ser brasileiro” e o “ser paraguaio” acabaram em muitos aspectos se complementando.

3.4 Ser Brasileiro, *Brasiguai* ou *Paraleño*: a multiterritorialidade como multiplicidade geracional

Ao analisarmos a migração de brasileiros para o Paraguai bem como a formação da Colônia *Nueva Esperanza* é possível perceber que esses migrantes tiveram a experiência de vivenciar múltiplos territórios, ou seja, carregam consigo as experiências territoriais de outros lugares que se manifestam no novo território ocasionando a multiterritorialidade.

A experiência da multiterritorialidade é um fenômeno característico dos tempos atuais, no qual a mesma é a forma dominante e contemporânea ou “pós-moderna”, da reterritorialização, onde graças às redes que constituem os territórios é possível passar de um território para o outro:

Graças à fluidez crescente nos/dos espaços e à dominância do elemento rede na constituição de territórios, conectados suas parcelas descontínuas, temos o fortalecimento não mais de um mosaico padrão de unidades territoriais em área, vistas muitas vezes de maneira exclusiva entre si e às quais denominamos territórios-zona, mas uma miríade de território-rede marcada pela descontinuidade e pela fragmentação (articulada) que possibilita a passagem constante de um território a outro, num jogo que denominaremos aqui, muito mais do que desterritorialização ou de declínio dos territórios, da sua explosão ou, em termos mais consistentes de uma multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004, p. 179).

A concepção de multiterritorialidade abrange a territorialidade e ao mesmo tempo as relações do território de chegada com o território de origem. Ademais, ela possibilita conectar no mesmo local, e ao mesmo tempo diversos territórios, que podem ser tanto num sentido mais concreto através da mobilidade física, como informacional no qual é possível acionar territorialidades diferentes sem o deslocamento. Aliás, a multiterritorialidade não implica no desaparecimento de antigas formas territoriais, ela apenas utiliza as mesmas para formar novas organizações espaciais:

Mais do que território unitário como estado ou condição clara e estaticamente definida, devemos priorizar assim a dinâmica combinada de múltiplos territórios ou multiterritorialidade, melhor expressa pelas concepções de territorialização e desterritorialização, principalmente agora que a (s) mobilidade (s) domina (m) nossas relações com o espaço. Essas dinâmicas se desdobram num *continuum* que vai do caráter mais concreto ao mais simbólico, sem que um esteja dicotomicamente separado do outro. No caso de um indivíduo e/ou grupo social mais coeso, podemos dizer que eles constroem seus (multi) territórios integrando, de alguma forma, num mesmo conjunto sua experiência cultural, econômica e política em relação ao espaço. Esta multiplicidade e/ou diversidade territorial em termos de dimensões sociais, dinâmica (ritmos) e escalas resulta na justaposição ou convivência, lado a lado, de tipos territoriais distintos, o que será como múltiplos territórios ou múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2010, p. 341).

Nesse sentido, torna-se evidente que a diversidade territorial expressa uma multiterritorialidade em dinâmicas, ritmos e escalas de distintos territórios, no qual as múltiplas experiências de vida e as várias relações são mediadas sobre o espaço.

De acordo com Haesbaert (2010, p. 345), a experiência múltipla dos territórios está ligada tanto à escala do indivíduo, quanto as relações sociais, que possibilita ao mesmo produzir e habitar mais de um território. Além do mais, a multiterritorialidade através das relações de poder que acaba promovendo uma experiência, em que é possível uma integração ou controle que não ocorre apenas num local, mas em múltiplos territórios.

Dessa forma, é possível observar que as novas articulações territoriais advindas da multiplicidade de territórios acabam criando novas territorialidades, ou seja, novos laços e referenciais com o território. Além disso, Haesbaert (2010, p. 356), afirma que a territorialidade na migração não está vinculada apenas a uma geografia imaginária ou a uma identidade cultural sem referencial espacial, mas há sempre algum vínculo com o território deixado, com a pátria de origem:

Mesmo que tenhamos apenas a sobrevivência de referências territoriais puramente simbólicas, e ção ou a região de origem), mas aos múltiplos territórios ou à própria dispersão (territórios dispersos) que compõem o grande que estas se reportem não a territórios particulares (como o Estado na território-rede da diáspora, ainda assim devemos falar num tipo muito próprio de reterritorialização, uma territorialização múltipla, na dispersão, articulada em rede, “com ou no movimento” (inerente à diáspora) e altamente simbólica – em outras palavras, uma multiterritorialidade em sentido estrito (HAESBAERT, 2010, p. 356).

Nota-se que os migrantes vivenciam relações entre os territórios de origem e de destino, ou seja, tanto no momento em que ocorre a trajetória migratória como também quando eles se reterritorializam. Nesse sentido, é possível observar que a construção do território na migração acaba envolvendo vínculos e contatos, no qual os mesmos acabam se articulando em redes através das múltiplas relações.

Dessa forma, é possível perceber que ao relacionarmos o conceito de territorialidade com a multiterritorialidade é possível tratar de múltiplos sentimentos de identidade territorial, de pertencimento tanto com o território de origem, quanto o território da chegada, utilizado tanto pelo indivíduo quanto por seus descendentes.

Ao analisarmos a multiterritorialidade na migração observa-se que o indivíduo ao chegar a um novo território passa a se relacionar com outras territorialidades, que originarão novos referenciais identitários. Esse processo não descarta os laços com o território de origem, pois o indivíduo tenta restabelecer os seus referenciais no novo território, aonde esse processo não ocorre de maneira ordenada e organizada, contribuindo para a manifestação da multiterritorialidade.

Nesse sentido, ao observarmos os migrantes brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* bem como seus descendentes percebe-se que os mesmos vivenciam múltiplas relações, sentimentos de pertencimento e a multiplicidade geracional que foram sendo criadas tais como: ser Brasileiro, ser *Brasiguai* e ser *Paraleño*.

Partindo dessa análise, nosso objetivo será compreender a multiterritorialidade do migrante brasileiro no Paraguai, englobando uma territorialidade que mescla aspectos e características tanto do território de origem quanto da chegada, onde as experiências territoriais acabaram produzindo novas possibilidades de reterritorialização, bem como o surgimento de novas identificações.

3.4.1 Os “Brasileiros”: a geração migrante

Os primeiros migrantes que chegaram à região onde se localiza a colônia não tinham muito contato com os paraguaios que viviam mais nas proximidades das cidades. Muitos desses levavam consigo a ideia de que jamais iriam se acostumar com a cultura paraguaia, tanto que em todas as etapas de sua instalação em território paraguaio, apenas reproduziam o estilo de vida vivenciada no Brasil.

Muitos desses brasileiros se apropriaram de um sentimento de superioridade frente

aos paraguaios, por terem conquistado alguns bens no país através de seu trabalho, como por ter contribuído para o desenvolvimento da região:

Esse discurso é bastante revelador da construção da autoimagem de superioridade dos “pioneiros” e da imagem que fazem dos paraguaios como inferiores. Primeiro, apresentam-se como os escolhidos pelo presidente Stroessner, principalmente os descendentes de alemães. Segundo eles já dominavam uma tecnologia agrícola no Brasil e entraram no Paraguai já “sabendo de tudo” relacionado com a produção de uma agricultura moderna (ALBUQUERQUE, 2010, p. 178).

Parte dos primeiros migrantes, principalmente os de origem sulistas, que por sua vez são descendentes de alemães, italianos e poloneses se consideram como os propulsores do desenvolvimento no país. Além disso, alegam que ensinaram muitos paraguaios a trabalharem com a agricultura e a pecuária.

Nesse sentido, cabe salientar que eles ao se relacionarem com os paraguaios procuravam deixar evidente a afirmação de sua identidade, ou seja, falavam somente o português e no contato com o “outro” procuravam evidenciar seus referenciais identitários de brasileiro.

Uma das características comuns entre os primeiros brasileiros é afirmar que mesmo depois de muitos anos vivendo no país vizinho e tendo filhos e netos que são paraguaios, esses ainda hoje procuram valorizar mais a cultura brasileira que a paraguaia nas práticas culturais como a comida, as roupas, as músicas e os canais de televisão, onde eles fazem questão de terem uma antena parabólica para assistirem os noticiários do Brasil:

Os brasileiros que vivem hoje em território paraguaio, passados quase 30 anos das primeiras emigrações massivas, parecem não ter aprendido a respeitar o povo e a cultura paraguaia. Sequer parecem dar-se conta que o Paraguai é a terra natal de seus filhos e netos. O desconhecimento sobre o Paraguai parece mesmo estender-se à opinião pública brasileira como um todo (SPRANDEL, 1998, p. 132-133).

Para esses primeiros migrantes o Paraguai era visto como um país que lhes proporcionou adquirir terras para produzir e garantir o seu próprio sustento e o de sua família, no entanto, adaptar-se aos “novos” valores culturais e práticas sociais tornava-se um desafio. Muitos reprovavam os costumes e a cultura paraguaia, tanto que quando chegaram ao país

eles não gostavam de escutar as conversas em guarani, e reprovavam a música e a comida.

Diante das dificuldades e diferenças encontradas por parte dos primeiros migrantes que chegaram à Colônia *Nueva Esperanza*, observa-se que houve uma diminuição do número de brasileiros na colônia, porque alguns morreram outros por problemas financeiros, de saúde ou adaptação optaram em voltar ao Brasil.

Já ao analisarmos os brasileiros que permanecem na colônia até o ano de 2011, ou seja, um total de 160 famílias²⁷ nota-se que para eles existe uma necessidade de afirmar-se brasileiro frente ao paraguaio, pois “as diferenças que cristalizam os verdadeiros sentimentos identitários, nunca são inteiramente traçados por antecipação: elas só existem na medida em que os sujeitos as constroem e sob as formas que lhes dão” (LANDOWSKI, 2002, p. 12).

Dessa maneira, os primeiros migrantes ainda mantêm muito vivo a identidade de brasileiro, que está altamente visível na organização do território, na comida, nas atividades culturais como, por exemplo, a “*Fiesta Patronal*” que ocorre todos os anos no dia 12 de outubro, na qual os migrantes fazem uma festa no salão comunitário da Igreja Católica, reúnem-se e celebra o dia de Nossa Senhora Aparecida tornando presente a comida e a cultura brasileira; uma festa que acaba aproximando antiga e nova geração.

Mesmo que ocorram dentro da colônia algumas atividades nas quais a tentativa de integração entre brasileiros e paraguaios se faça presente, os primeiros migrantes ainda possuem um ar de superioridade e preconceito perante os paraguaios, além da desconfiança que esses produziram ao longo dos anos, pois no início quando chegaram ao país as relações eram muito distintas se comparadas aos dias atuais.

É possível evidenciar que esses migrantes sempre acabam associando com certa frequência o passado ao presente através de referenciais e características, ou seja, eles mantêm vivo pequenos hábitos que tinham no Brasil como, por exemplo, tomar o mate (bebida típica de algumas cidades do sul do Brasil), e falar alguns idiomas como o alemão, o polonês e o russo, a comida e os estilos musicais.

De acordo com Hall (2004), uma situação de migração faz com que os indivíduos venham a pertencer a dois mundos ao mesmo tempo, e que procurem manter, mesmo que conflituosamente, suas raízes, suas tradições e a memória que os ligam a um território de origem. É esse pertencimento a dois mundos identitários que leva a uma condição de hibridismo cultural, produto de várias histórias interconectadas.

As experiências vivenciadas por muitos migrantes durante as trajetórias migratórias acabaram contribuindo para que esses recriassem no Paraguai os símbolos e valores do

²⁷ Dados obtidos pelo Censo Comunitário realizado pelas Irmãs da divina Providência no ano de 2010.

território deixado. Além do mais, os primeiros migrantes não aceitam serem chamados de outro termo que não seja o de “brasileiro”, pois eles afirmam que são brasileiros só que pelas dificuldades que estavam enfrentando no Brasil entre os anos de 1960 a 1970 a única opção que lhes restou foi migrar ao país vizinho em busca de novas oportunidades.

Assim, esses migrantes mantêm viva a identidade brasileira na colônia até os dias atuais, e mesmo que grande parte já tenha conseguido adquirir o visto de permanência, ou seja, a “migrante”, que lhes garante exercer alguns direitos parciais dentro do país como votar nas eleições e ter acesso as necessidades básicas como saúde e educação, eles apenas utilizam os documentos feitos no Paraguai quando lhes convêm, até porque viver legalmente no país diminui os riscos e as dificuldades da condição de estrangeiro.

Nesse sentido, esses migrantes acabam tendo uma vida dupla onde vivem e trabalham no Paraguai, porém quando necessitam de atendimento médico ou de algum produto que não tenha na região retornam ao Brasil para adquirir. Vale ressaltar que a grande maioria ao completar 65 anos retorna ao Brasil para ter direito à aposentadoria, já que muitos viveram na informalidade ao longo dos anos:

A aposentadoria dos idosos se constitui também num jogo estratégico entre os dois países. Na nação vizinha há aposentadoria somente para aqueles que trabalharam e contribuíram para o Instituto de Obra Social. Os imigrantes brasileiros geralmente trabalharam na informalidade e não contribuem para a previdência social no Paraguai, não tendo, portanto direito à aposentadoria vêm então se cadastrar no Brasil com endereços de parentes, já que o benefício só será pago para aqueles que residem no país (ALBUQUERQUE, 2010, p. 214).

A questão de retornar ao Brasil para conseguir se aposentar torna-se uma estratégia de sobrevivência para muitos migrantes, pois a maioria alega que não vale à pena vender o que tem no Paraguai e retornar para o Brasil, porque a moeda paraguaia, o guarani, é desvalorizada se comparado ao real (moeda brasileira), e o dinheiro que conseguiriam com a venda dos bens não daria para reconstruir a vida no Brasil.

Foi possível perceber no diálogo com os migrantes que alguns ainda carregam o desejo de retornar para o Brasil, no entanto, são desestimulados quando tomam consciência de que não conseguiriam manter o mesmo padrão de vida que levam no Paraguai, sendo assim muitos voltam apenas para dar entrada ao processo de aposentadoria e quando conseguem o benefício continuam vivendo no país vizinho:

Bom, a gente pensa em voltar para o Brasil, mas pra ir de qualquer jeito é melhor ficarmos, nós não temos vontade não, mas só vamos se o dinheiro daqui der para comprar lá um localzinho ou um endereço no Brasil. Mas para dizer vamos vender tudo e vamos embora não. Aqui eu me sinto feliz e para que vamos voltar sendo que foi aqui que nós construímos tudo o que temos. E meus filhos também não têm vontade assim de que nós vendemos e vamos embora para o Brasil. Todos os meses eu vou ao Brasil porque consegui me aposentar lá (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Olha, eu acho que não volto para o Brasil não porque aqui quando nós chegamos compramos seis hectares e hoje eu tenho 50 hectares. Eu vim só com um pouco de dinheiro aí comecei a trabalhar e hoje tenho a minha terra aqui. E aqui tem grande diferença do Brasil a economia, o custo de vida, tudo é barato. Aqui eu tenho três motos e se eu vendesse as três eu não conseguia comprar nenhuma no Brasil (Entrevistado XIII, Colônia *Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Oh, eu estou com vontade de voltar para o Brasil porque eu já estou ficando de idade, então aqui no Paraguai como eu já falei é difícil para tratar de doença. Então eu gostaria de ir ao Brasil por causa disso, para fazer uns exames lá porque ao menos eu faço tudo lá na casa da minha filha que mora no Brasil, então para mim eu gostaria de ir porque a gente já vai ficando de idade tem que ter um pouco mais de recurso e tem que se aposentar quando a gente precisar (Entrevistada VI, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2011).

É possível evidenciar que esses primeiros migrantes mesmo que tenham reconstruído suas vidas em território paraguaio avaliam que só retornariam ao Brasil para fazerem um tratamento de saúde, ou para dar os encaminhamentos a fim de receber a aposentadoria.

Aliás, existe uma tendência em reproduzir as mesmas práticas que eles desenvolviam em sua cidade natal, muitos afirmam que sentem a colônia como uma extensão do Brasil, pois o modo de vida que eles levam é muito semelhante ao que viviam em sua cidade de origem.

Nota-se também que o “ser brasileiro” para esses migrantes significa certa superioridade frente aos paraguaios, e por mais que ao longo desses 45 anos que os mesmos vivem na colônia as relações estabelecidas com os paraguaios está pautada no processo de identificação/diferenciação entre o “eu” e o “outro” a identidade brasileira é mantida e reproduzida por esses migrantes com certa frequência. Isso pode ser perceptível nas palavras de uma migrante ao afirmar: “Eu me sinto brasileira aqui porque eu nasci no Brasil, e vou morrer brasileira, Paraguai eu só moro aqui, estou convivendo aqui com os paraguaios porque construí minha vida aqui”.

Esse sentimento já é identificado de maneira diferente nos filhos desses migrantes, que formam a segunda geração na colônia, sendo que eles continuam ligados aos referenciais de seus pais e familiares, no entanto, são mais suscetíveis a adaptações na convivência com os paraguaios.

Hall (2003) ao analisar a migração de negros caribenhos para o Reino Unido nos anos de 1948 ao ressaltar a importância das questões geradas pela diáspora, afirma que alguns representantes da segunda geração de imigrantes permanecem basicamente integrados em seu grupo originário, o grupo de seus pais e parentes. O desligamento da segunda ou terceira gerações do grupo originário é difícil, pois é limitada a rapidez e até a capacidade de aceitação deles pelos membros do país anfitrião, e esse será a terra natal da segunda e terceira gerações de imigrantes.

E é justamente esse processo que ocorre com os filhos dos primeiros migrantes, onde mesmo que eles passem a estabelecer relações com os paraguaios, eles não se distanciaram totalmente da identidade do grupo originário que são seus pais e familiares, ou seja, eles ainda reproduzem algumas características da identidade brasileira.

Portanto, observa-se que os primeiros migrantes que chegaram ao território paraguaio mantêm até os dias atuais a afirmação de sua identidade brasileira, reproduzindo no território da chegada os mesmos referenciais do território de origem, o que já não será tão evidente nas próximas gerações.

3.4.2 Os “*Brasiguaios*”: a segunda geração

No que se refere à segunda geração de brasileiros na Colônia *Nueva Esperanza* é possível evidenciar que eles são diferentes dos primeiros migrantes, pois muitos nasceram no Brasil apenas para poderem possuir a nacionalidade brasileira e, além disso, também têm a nacionalidade paraguaia. Dessa forma, esses filhos de migrantes acabam possuindo a dupla nacionalidade e na colônia os mesmos são conhecidos como *Brasiguaios*.

Em aproximação com Albuquerque (2010), é possível afirmar que a questão de esses migrantes possuírem a dupla nacionalidade acaba sendo uma estratégia de seus pais, no intuito de que enfrentem menos burocracia para exercerem seus direitos de cidadão caso necessitem, pois o processo para eles se naturalizarem como brasileiro só pode ser iniciado ao completar 18 anos, e ainda terão que enfrentar as burocracias dos consulados.

Com a dupla nacionalidade eles têm direito ao atendimento médico no Brasil, bem como não terão dificuldades quando quiserem ir visitar seus familiares no país. Ao possuírem

a nacionalidade paraguaia eles garantem o direito da propriedade da terra, caso seus pais enfrentem problemas com a documentação por serem estrangeiros.

Na Colônia *Nueva Esperanza* muitos filhos dos primeiros migrantes foram registrados em ambos os países para ter a dupla nacionalidade. É importante salientar que esses migrantes conseguiram registrar seus filhos nos dois países por possuírem parentes no Brasil, no qual acabavam utilizando-se do endereço brasileiro para facilitar os encaminhamentos, bem como registravam no Paraguai por possuírem terras no país.

A dupla nacionalidade para os filhos desses migrantes representa ter acesso aos direitos de ambos os países, pois possuir apenas a nacionalidade brasileira pode tornar-se uma dificuldade se, posteriormente, eles quiserem se naturalizar como paraguaios, pelos trâmites burocráticos que envolvem o processo de naturalização de estrangeiros no Paraguai:

Artículo 148 - Los extranjeros podrán obtener la nacionalidad paraguaya por naturalización si reúnen los siguientes requisitos:

1. Mayoría de edad;
2. Radicación mínima de tres años en territorio nacional;
3. Ejercicio en el país de alguna profesión, oficio, ciencia, arte o industria, y
4. Buena conducta, definida en la ley (PARAGUAY, 1992, p. 76).

Assim, de maneira estratégica, tornava-se mais vantajoso para muitos migrantes que seus filhos logo ao nascerem fossem registrados no Paraguai, para ter direito à nacionalidade do que posteriormente naturalizarem-se. Dessa forma, os filhos dos primeiros migrantes, integrantes da segunda geração em sua maioria tinham a dupla nacionalidade, e ficaram conhecidos como *Brasiguaios*.

Vale ressaltar que o termo *Brasiguai* pode ser visto com certa dualidade, pois no Brasil o termo é utilizado para denominar os brasileiros que migraram para o Paraguai em busca de terras e ascensão financeira, e não obtendo o êxito esperado retornaram:

O termo foi criado em 1985, no período do retorno para o Brasil do primeiro grupo organizado de imigrantes brasileiros que vivia no Paraguai. Os *brasiguaios* teriam sido “expulsos” daquele país por causa da concentração de terra, da mecanização da agricultura, do fim dos contratos de arrendamento e dos créditos agrícolas durante a década de 1980. A esperança na realização da Reforma Agrária no Brasil favoreceu a volta desses imigrantes pobres que passaram a se organizar e lutar pelo direito à terra e a cidadania brasileira. Naquele período, Sérgio Cruz (PT), deputado federal pelo Mato Grosso do Sul, usou o termo *brasiguai* durante uma manifestação de imigrantes na cidade fronteira de Mundo Novo (MS). Os grupos religiosos, a imprensa e os próprios “colonos” começaram a construir

a identificação de brasiguaios como “vítima” de um duplo processo de “expulsão” nacional (ALBUQUERQUE, 2010, p. 228-229).

Nota-se que o termo *Brasiguai* foi construído para associar o pequeno produtor que no Paraguai estava desprovido de posses, com o objetivo de restabelecer os vínculos da nacionalidade brasileira aos mesmos.

Diferentemente do Brasil no Paraguai, o termo refere-se aos brasileiros que vivem no território paraguaio, independentemente que seja nas cidades fronteiriças ou em Assunção, no qual a denominação englobaria os primeiros migrantes. Para os pesquisadores Vázquez (2010) e Glauser (2009), a partir do momento em que os brasileiros chegaram ao país eles passaram a conviver com um processo de adaptação, onde duas culturas distintas ocuparam o mesmo território, o que acaba originando um espaço de trocas:

Lo termo Brasiguayo surgió de un deputado brasileño en el Mundo Novo, el Brasiguayo es aquello que fracaso. Sí eres aquello que veo al Paraguay y tuve que volver. En Paraguay Brasiguayo es el brasileño que está en Paraguay. Entonces tenemos dos visiones diferentes, el Brasiguayo es aquello que habla el portugués, como también el español (Entrevista Fabricio Vázquez, Assunção, 14/09/2010).

Portanto, o termo *Brasiguai* pode ter significados diferentes de acordo com a localidade em que é utilizado. Logo, essa designação na maioria das vezes está ligada a uma ideia de um símbolo da nacionalidade brasileira ou na construção de uma nacionalidade política. No Paraguai o termo *Brasiguai* é utilizado para denominar os brasileiros que ainda vivem no país bem como seus respectivos filhos, de forma que esse termo é aceito com mais frequência por parte dos filhos do que pelos primeiros migrantes.

No que tange a utilização do termo *Brasiguai* na Colônia *Nueva Esperanza*, é possível afirmar que esse é utilizado para denominar os filhos dos primeiros migrantes, ou seja, aqueles que nasceram no Brasil para conseguir a nacionalidade brasileira, mas que também possuem a nacionalidade paraguaia.

Possuir a nacionalidade brasileira acabava facilitando a vida dos mesmos, porque esses brasileiros não tinham acesso ao atendimento de saúde, então quando as mulheres migrantes ficavam grávidas elas acabavam retornando a algumas cidades do Paraná e de Mato Grosso do Sul para poderem ter seus filhos e também para fazerem algum tratamento de saúde caso necessitassem.

Os próprios filhos desses migrantes se consideram *Brasiguaios* por viverem em um constante processo de adaptação, ou seja, quando pequenos aprenderam o português, no entanto quando chegaram à idade escolar foram estudar em escolas paraguaias nas quais tiveram que aprender o espanhol e o guarani.

Um lugar que acaba sendo um espaço de aproximação entre brasileiros e paraguaios, são as igrejas existentes na colônia, nesse sentido podemos destacar a Igreja Nossa Senhora Aparecida, na qual as missas são realizadas em espanhol com o consenso dos próprios migrantes que afirmam que dessa maneira podem aprender mais rapidamente o idioma:

La misa de nuestra iglesia es hecha en español, pero a veces hay persona que se quedan a preguntar algunas cosas que no entienden en portugués, me parece que entienden más ligero cuando se habla en portugués yo nunca tuve problema con el idioma y generalmente se celebra la misa en castellano y si responden algunos en portugués o simplemente siguen en castellano. Hasta incluso una vez en la propia colonia me pidieran para celebra la misa en guaraní porque la gente y los niños ya mezclaban mucho y también como hay paraguayos en la zona también me pidieran para así hacer. Yo tengo hecho y la mayoría tiene aceptado (Padre Eustaquio Augusti Galeano, Yby Yaú, 23/04/2011).

Outro ambiente no qual esses *Brasiguaios* acabam vivenciando dentro da colônia que se torna um espaço de aproximação entre culturas diferentes é o espaço político, onde eles têm o direito de votar nos dois países e, no Paraguai, ainda podem se candidatar a um cargo político por possuírem terras no país, bem como a nacionalidade paraguaia. Aqui podemos destacar que no ano de 2011, os moradores da colônia conseguiram eleger um brasileiro como vereador da cidade de Yby Yaú, o que foi visto pela maioria como algo positivo, porque o mesmo pode ajudar a defender os interesses dos migrantes.

Aliás, podemos evidenciar em concordância com Albuquerque (2010) que os filhos de migrantes ao se envolverem com a política, ou trabalharem em cargos públicos, acabam assumindo a identidade paraguaia, até para não se opor aos partidos políticos e setores da população que os classificam como brasileiros e/ou *Brasiguaios*. Assim, a identidade brasileira ou paraguaia torna-se uma identificação situacional conforme os jogos de interesses que eles venham vivenciar.

Hall (2004) nos aponta que a identidade é formada através dos processos inconscientes, e que o sujeito não nasce com ela, mas com o passar do tempo acaba formando-a. Nessa perspectiva, a identidade pode ser vista como um processo de identificação que está em movimento. E é justamente esse processo que vivencia o *Brasiguai*

na Colônia *Nueva Esperanza*, pois ele convive com duas identidades distintas, ou seja, a identidade brasileira e a paraguaia, que podem ser assumidas ou negadas pelo mesmo a qualquer momento de acordo com a situação vivenciada.

Por conseguinte, o fato dos *Brasiguaios* assumirem tanto a identidade paraguaia quanto a brasileira acaba contribuindo para o surgimento de uma disputa pelos espaços simbólicos de reconhecimento da identidade paraguaia, uma vez que os paraguaios afirmam que esses migrantes assumem a identidade paraguaia apenas para poderem exercer os direitos de cidadão, ou quando lhes convêm:

No contexto atual, os imigrantes assumem mais intensamente a identificação paraguaia e disputam com os “paraguaios legítimos” o direito de serem reconhecidos como cidadãos daquele país. A identificação nacional, para esse imigrante, não estaria determinada nem pelo local de nascimento (*jus solis*), nem pela herança biológica de seus progenitores (*jus sanguinis*), mas por sua escolha pessoal, fundamentada no tempo de moradia e no processo de socialização naquela nação. Os processos de afirmação de novas identidades são complexos e ambivalentes. A utilização dos pronomes “nós” e “eles” são reveladores da maneira como são afirmadas e negadas algumas identificações coletivas. Muitos imigrantes e membros da segunda geração, mesmo quando estão assumindo a identificação paraguaia, continuam classificando os paraguaios como “eles” e os estrangeiros como “nós”. Nesse contexto de disputa de identidades, novos adjetivos são criados para estabelecer novas fronteiras entre “nós” e “eles”. Nesse sentido, os paraguaios se definem como “legítimos” ou “puros” e classificam os descendentes de imigrantes de “não legítimos”. Por sua vez, esses respondem que são “paraguaios legítimos”, pois já nasceram no Paraguai (ALBUQUERQUE, 2010, p. 216-217).

Mesmo que os *Brasiguaios* afirmem serem paraguaios, a influência dos referências da identidade brasileira ainda são muito fortes, porque os seus pais são brasileiros e fazem questão de manter as práticas culturais vivas, ainda que estejam em outro país. Além disso, como salientado por Albuquerque (2010), muitos *Brasiguaios* ao dialogarem com brasileiros utilizam o termo “nós” para se referirem aos brasileiros e “eles” para os paraguaios.

O que se percebe é que o *Brasiguai* da Colônia *Nueva Esperanza* construiu a sua identidade pautada nas diferenças entre os dois países, pois a maioria fala o português, o espanhol e/ou guarani, e alguns por terem descendência europeia acabam dominando outro idioma no qual se destaca o alemão, o polonês ou o russo.

Ao mesmo tempo, eles acabam vivenciando situações distintas dentro da colônia como, por exemplo, o processo de conflito que muitas vezes é desencadeado pelos primeiros migrantes, que reproduzem um discurso de superioridade frente os paraguaios, e ao mesmo

tempo um processo de integração a partir do momento em que passam a conviver e estabelecer laços de amizade com os paraguaios por meio dos espaços de sociabilidade como a escola, as igrejas e o comércio.

Para Sprandel (1998), muitos dos chamados *Brasiguaios* que vivem no Paraguai atualmente se mobilizam para permanecerem no Paraguai, e essa situação pode ser observada na colônia a partir do momento em que os pais dos mesmos afirmam o interesse em voltar para o Brasil, e eles salientam que não conseguiriam adaptar-se a vida no país porque já se acostumaram com a cultura e os valores do Paraguai:

Eu sou meio a meio, mas sabe eu sou mais paraguaio do que brasileiro porque eu só nasci no Brasil e vivi aqui toda a minha vida, eu vou muito pouco ao Brasil e sabe quando eu vou eu prefiro voltar logo, porque eu estudei aqui na colônia e aprendi o castelhano tenho dificuldade porque falo o português errado, e também eu só sei trabalhar na terra, no Brasil eu não iria conseguir trabalho e eu já casei com uma paraguaia e tenho uma filha que nasceu aqui (Entrevistado XIV, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2011).

Os meus dois filhos estudaram aqui e hoje eles tem uma mistura porque eles sabem falar o português, o espanhol e o alemão que a mãe deles ensinou, e tem uma filha minha que acabou de casar com um paraguaio e eles gostam dos dois países nenhum país é melhor do que o outro, eles nunca conheceram o Brasil foram só até a divisa (Entrevistado I, Colônia *Nueva Esperanza*, 14/09/2010).

É possível evidenciar que os *Brasiguaios* seriam aqueles que assumem características da identidade paraguaia, mas ao mesmo tempo não se separam da identidade brasileira vivida e transmitida por seus pais. Ao mesmo tempo, eles acabam se diferenciando dos primeiros migrantes porque alguns nem chegaram a conhecer o Brasil, e o que sabem do país aprenderam com seus familiares, porque sua vida está voltada para a dinâmica do território paraguaio. Sendo assim, o mesmo pode ser considerado como um meio-termo, ou seja, “o entre-lugar entre uma identidade brasileira “perdida” e uma nacionalidade paraguaia” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 233).

Bárbara (2005) nos aponta que a ativação da identidade *Brasiguaiia* envolve um jogo de aceitação e rejeição que podem ser verificadas em grupos ou em situações que são vivenciadas de um extremo ao outro da hierarquia social existente entre os migrantes brasileiros e seus descendentes.

Dessa maneira, podemos destacar que na colônia muitos *Brasiguaios* assumem a

identidade de brasileiro ou paraguaio de acordo com o que lhes convêm, revelando a condição de ambivalência que esse indivíduo vivencia, porque ele pode transitar por dois territórios nacionais diferentes no qual o “ser brasileiro” ou o “ser paraguaio” pode ser ativado a qualquer momento, de acordo com as dinâmicas e as possibilidades que estão em jogo.

A figura do *Brasiguai* na *Colônia Nueva Esperanza* está representada nos filhos dos primeiros migrantes que possuem tanto a nacionalidade brasileira como a paraguaia, do mesmo modo que levam consigo ambas as identidades nacionais que podem ser ativadas de acordo com os contextos espaço-temporais. Assim, esses indivíduos na colônia podem assumir a figura do “eu” e do “outro” conforme as relações estabelecidas, pois ele tanto pode ser brasileiro como paraguaio.

Vale ressaltar que muitos *Brasiguaios* se casaram com paraguaios (as) o que acabou influenciando a opção por reproduzir a identidade paraguaia, porque eles se adaptaram com as práticas e valores do país vizinho.

Nesse sentido, na medida em que o tempo foi passando e esses *Brasiguaios* passaram a construir uma vida diferente se comparados aos primeiros migrantes, pois os mesmos construíram uma identidade pautada nos referenciais que se encontravam na base territorial que poderia ser tanto brasileiro quanto paraguaio. Isto posto, a identidade desses indivíduos é formada em um território no qual antigas e novas formas de identificação são encontradas.

A identidade *Brasiguai* na *Colônia Nueva Esperanza*, está pautada nos referenciais de duas identidades distintas, a brasileira e a paraguaia. A partir do momento em que esses indivíduos passaram a construir uma realidade distinta à de seus pais, ou seja, passaram a trabalhar e a constituir uma família com outras características, percebe-se que esse processo contribuiu para o surgimento de outra identidade dentro da colônia, trata-se da terceira geração dos migrantes, ou seja, os netos dos primeiros migrantes, filhos dos *Brasiguaios*.

3.4.3 Os “*Paraleños*”: a terceira geração

Os chamados filhos dos *Brasiguaios* fazem parte de uma geração que já nasceu no Paraguai, em sua maioria são filhos de mãe ou pai paraguaio e/ ou brasileiro, e em muitos casos possuem apenas a nacionalidade paraguaia, e seus pais, filhos dos primeiros migrantes já não possuem tantos vínculos com o Brasil, ou seja, já se “*paraguaizaran*”²⁸.

Conforme informações coletadas nos trabalhos de campo, a terceira geração dos

²⁸ De acordo com a Entrevista de Fabricio Vázquez, realizada em 14 de setembro de 2010, muitos filhos dos migrantes se *paraguaizaran*, ou seja, já se sentem paraguaios.

migrantes já está mais acostumada ao Paraguai, tanto que muitos nem conhecem o Brasil, e também não demonstram ter interesse em voltar com seus pais ou avós para o país, porque eles avaliam muito difícil se adaptarem a viver no mesmo.

Os filhos dos *Brasiguaios* fazem parte de uma geração em que a identidade paraguaia é mais evidente que a brasileira, porque eles já nasceram em um território em que o número de paraguaios que viviam na região é maior se comparado a épocas anteriores, além de que as relações com os mesmos são estabelecidas com maior frequência e intensidade, pois esses indivíduos possuem a cidadania paraguaia.

É importante destacar que a Constituição Paraguaia em seu Artigo Nº 146 garante que “*son de nacionalidad paraguaya natural las personas nacidas en el territorio de la República*”. Assim, os membros da terceira geração são considerados paraguaios legítimos e brasileiros por aproximação, ou seja, eles se sentem paraguaios, mais ao mesmo tempo convivem com os costumes e valores da identidade brasileira.

Dessa forma, a terceira geração apresenta-se como uma mistura de paraguaios com brasileiros, distinto da figura do *Brasiguai*, que são os filhos dos primeiros migrantes que nasceram no Paraguai ou no Brasil e possuem a nacionalidade dos dois países. Esses indivíduos já convivem com uma mescla de culturas e identidade, em que a identidade paraguaia se destaca frente à brasileira.

Nota-se que existe uma resistência por parte desses indivíduos em ir ao Brasil para estudar ou trabalhar, pois a maioria prefere permanecer no Paraguai em virtude de que seus pais e familiares construíram uma vida no país, e se forem construir uma nova vida no Brasil não conseguiria viver do mesmo modo que vivem em território paraguaio.

Ainda que os primeiros migrantes continuem transmitindo aos filhos *Brasiguaios* os valores e padrões culturais da identidade brasileira, é importante ressaltar que a terceira geração assume a identidade paraguaia com mais intensidade, porque eles estão mais próximos dos valores e práticas da cultura do país vizinho e na maioria dos casos um de seus pais possui nacionalidade paraguaia.

Aliás, mesmo que essa nova geração que ainda é pequena dentro da colônia, conviva com duas identidades distintas, eles ainda vivenciam uma pequena tensão na qual o processo de socialização é resultante da junção de duas identidades. Nesse sentido, podemos afirmar que essa geração “vivencia com maior intensidade a tensão permanente entre afirmar uma identidade nacional exclusiva e viver a sensação do duplo estranhamento nacional” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 218).

De acordo com Fabricio Vázquez (2010)²⁹, os indivíduos dessa terceira geração apresentam uma característica distinta a dos *Brasiguaios* porque na figuração desses a identidade brasileira acaba se sobressaindo a identidade paraguaia pelos valores e costumes que lhes foram ensinados, uma vez que, no geral, são filhos de migrantes brasileiros que nasceram no Paraguai. Já os membros dessa terceira geração, nasceram da integração de brasileiros e paraguaios, que são filhos de identidades distintas, no qual a proximidade das relações com os paraguaios acabaram assumindo a identidade paraguaia.

Ao analisarmos o fenômeno migratório de brasileiros para o Paraguai é possível perceber, que ao longo dos anos os termos utilizados, para identificar esses migrantes se modificaram, à medida que foram nascendo os descendentes dos mesmos, no qual se destaca a figura do *Brasiguai* (segunda geração) e posteriormente surgiu a figura do *Paraleño* (terceira geração).

O termo *Paraleño* apareceu na pesquisa quando estávamos tentando compreender o que significava o termo *Brasiguai* tanto para os pesquisadores que abordam a dinâmica migratória de brasileiros para o Paraguai como Vázquez (2010), Glauser (2009) e Nickson (2005), quanto para os próprios migrantes que formam a Colônia *Nueva Esperanza*, cuja dúvida era se os filhos dos *Brasiguaios* seriam conseqüentemente denominados *Brasiguaios*.

Sendo que a primeira vez que o termo apareceu na pesquisa foi na entrevista feita com Fabricio Vázquez no ano de 2010, no qual o mesmo afirmava que ao observarmos a migração de brasileiros para o Paraguai, a mesma já se encontra na terceira geração, e seriam respectivamente os Brasileiros, os *Brasiguaios* e os *Paraleños*:

En algunas zonas del Paraguay hay una integración creciente en que ya no hay solo brasileños no Paraguay, hay descendientes de brasileños también. Los primeros que llegaron eran brasileños, los hijos son Brasiguayos y los nietos son Paraleños porque son más paraguayos que brasileños. Y no son paraguayos totalmente es por un proceso de integración. Hay una integración creciente entre ya no hay brasileños no Paraguay hay descendientes de brasileños que nacieron en Paraguay y tienen la cédula paraguaya, pero también tienen la brasileña (Fabrício Vázquez, geógrafo paraguaio, 14/09/2010).

Dessa forma, ao analisarmos os migrantes que formam a Colônia *Nueva Esperanza*, essas construções identitárias também se formaram ao longo do tempo, onde os “Brasileiros” são os primeiros migrantes que chegaram ao Paraguai e enfrentaram dificuldades e desafios

²⁹ Entrevista de Fabricio Vázquez concedida em um trabalho de campo no dia 14 de setembro de 2010, em Asunción/ Paraguai.

para reconstruírem suas vidas. Já os “*Brasiguaios*” são os filhos dos primeiros migrantes que chegaram ao país muito novo e ainda possui fortes vínculos com a identidade brasileira, e finalmente o “*Paraleño*” que seria os netos desses migrantes, ou seja, a geração que nasceu no Paraguai, resultado de casamentos entre brasileiros e paraguaios.

Na colônia foi possível perceber que alguns migrantes utilizam o termo *Paraleño* para referir-se aos seus netos, e alegam que em Assunção e Concepción o termo é utilizado com frequência para denominar a geração que nasceu no Paraguai, cujos pais são respectivamente brasileiros e paraguaios:

Olha a minha filha que vive aqui no Paraguai ela já é *Brasiguaia* porque ela não quer mais nem saber do Brasil, ela casou com um paraguaio, e ela parece que já é uma paraguaia porque ela se acostumou aqui, ela já sabe tudo daqui, e ela vive muito próxima da família do marido dela. E eu tenho duas netas e elas já são *Paraleñas*, elas são mais paraguaias do que brasileiras, o pessoal fala que os nossos netos são *Paraleños* porque nasceram aqui, estudam aqui, elas só lembram-se do Brasil quando vem aqui em casa e para te dizer a verdade elas nem sabem do Brasil (Entrevistada XIV, *Colônia Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Hoy en día muchos de nuestros alumnos son *Paraleños*, porque ya son los nietos de los primeros inmigrantes, y ellos ya tienen muy viva la identidad paraguaya, porque ya hablan el español y en guaraní porque ya son hijos de paraguayos y no solo de brasileños (Entrevistada XI, *Colônia Nueva Esperanza* 21/04/ 2011).

A ideia de utilizar o termo *Paraleño* para denominar os indivíduos participantes da terceira geração dos migrantes brasileiros no Paraguai justifica-se, porque os mesmos possuem a identidade paraguaia mais afluída que a brasileira, já que um de seus pais é de nacionalidade paraguaia e acabam reproduzindo os costumes e valores paraguaios com maior evidência. Aliado a isso há a questão de que essa geração possui fortes vínculos familiares e de amizade com paraguaios, e passa a ser comum a esses indivíduos identificar-se como paraguaio e não brasileiro.

Nesse sentido, o termo *Paraleño* é utilizado para denominar os netos dos primeiros brasileiros, que na construção de sua identidade acabam criando laços fortes com os referenciais da identidade paraguaia. O termo significa a junção das identidades nacionais de *Paraguayo* (paraguaio) com *Brasileño* (brasileiro), onde os referenciais da identidade paraguaia estão mais evidentes que a brasileira.

A diferença desses indivíduos em relação ao *Brasiguai*, de acordo com Vázquez

(2010)³⁰, deve-se a questão de que mesmo que o *Brasiguai* esteja vivendo em um novo território a identidade brasileira ainda é muito forte, porque desde criança seus pais sempre se preocuparam em reproduzir os valores e práticas culturais do Brasil, assim a identidade brasileira é uma característica muito forte. Já o *Paraleño* é aquele que nasceu no Paraguai e se sente mais paraguaio do que brasileiro e mesmo estabelecendo relações com os brasileiros que vivem na colônia e seus amigos e familiares do Brasil, se sentem mais paraguaio do que brasileiro.

Ainda que os primeiros migrantes acabem reproduzindo a cultura nacional em território paraguaio, a construção identitária de seus filhos e netos acabou incorporando novos valores e costumes do país de destino, principalmente pelas novas gerações nas relações estabelecidas, bem como nos choques culturais:

O olhar sobre as novas gerações dos imigrantes tem a possibilidade de captar, no aspecto da construção da identidade, a imagem simbólica de mundo e de sociedade que estes sujeitos possuem. Com certeza essa construção identitária ou da identidade é permeada por conflitos e contradições em que o outro (cultura paraguaia) está próximo e é familiar, mas não necessariamente objeto ou desejo de conhecimento e de convivência, tendo em vista as diferenças econômicas e os novos contatos estabelecidos entre brasileiros imigrantes e paraguaios (FIORENTIN, 2010, p. 111).

Por meio das entrevistas realizadas com os filhos e netos dos respectivos migrantes que formaram a Colônia *Nueva Esperanza*, evidenciamos que o “ser brasileiro” e o “ser paraguaio” acabam sendo negociados a partir das relações que esses estabelecem. O *Paraleño* é aquele que mais se identifica com a identidade paraguaia, porque sempre estudou em escolas paraguaias, além de possuir uma relação muito frequente com os mesmos por meio dos laços familiares e de amizade.

Todavia, é preciso salientar que todos esses termos que foram criados para denominar os brasileiros e seus descendentes que vivem em território paraguaio, são resultados de uma mistura de elementos culturais, econômicos e políticos que contribuíram na construção de novas identidades em território paraguaio.

Dessa maneira, é possível afirmar que tanto a identidade *Brasiguai* quanto a identidade *Paraleña* foram construídas pautadas na identidade territorial, na qual esses

³⁰ Entrevista de Fabricio Vázquez concedida em um trabalho de no dia 14 de setembro de 2010, em Asunción/Paraguai.

tiveram que adaptarem-se a um jogo de identidades e valores, tratando de optar por um caminho intermediário em que são levados em consideração os referenciais identitários e os símbolos:

A minha filha que vive aqui ela nasceu no Brasil mais sempre viveu aqui no Paraguai ela já é paraguaia ela gosta daqui, ela estudou aqui na escola da colônia e fez faculdade em Pedro Juan, e ela nunca pensou em ir embora daqui. Nós já falamos com ela se quisesse ir para o Brasil estudar lá ela poderia, mais ela não quis, e preferiu estudar aqui junto com os amigos dela, e os documentos dela é tudo daqui, então eu falo que ela já é *Brasiguiaia* mesmo (Entrevistada VI, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2011).

Contudo, ainda que os primeiros migrantes tentem reproduzir a identidade brasileira em território paraguaio, percebe-se que com o passar do tempo e com a chegada das novas gerações a identidade brasileira acaba convivendo com a identidade paraguaia, permitindo os indivíduos das gerações seguintes passem a incorporar em sua construção identitária características de ambas as nacionalidades.

Mas, não se pode afirmar que a identidade brasileira é deixada de lado por esses indivíduos das gerações seguintes porque os mesmos ainda convivem com ela que é reproduzida por seus pais e avós, no entanto, o que se verifica é um processo de adaptação no qual a intensidade das relações estabelecidas com brasileiros ou paraguaios acaba influenciando no referencial identitário.

Enfim, nota-se que na medida em que o tempo passou e os migrantes que formaram a colônia foram construindo suas famílias e se reproduzindo, outras identidades foram sendo construídas, onde o que estava em jogo era a afirmação identitária, ou seja, o “ser brasileiro” e o “ser paraguaio”, que pode ser assumido de acordo com a situação e as condições vivenciadas pelos migrantes e seus descendentes seja com os paraguaios, ou até mesmo com os brasileiros do Brasil.

3.5 As Relações com os Brasileiros do Brasil

Tanto os primeiros migrantes brasileiros quanto a segunda e terceira geração que formam a Colônia *Nueva Esperanza* ainda estabelecem até os dias atuais relações com amigos e familiares que vivem no Brasil, seja porque eles vão até o país para visitarem ou porque mantêm contato através dos meios de comunicação como telefone, internet, cartas ou em alguns casos seus familiares vêm até o Paraguai.

A opção de migrar para o Paraguai e reconstruir uma vida acabaram criando por parte dos familiares desses migrantes, uma imagem de que o país seria “um lugar de oportunidades”, no entanto, essa visão entrava em contraste a partir do momento em que os familiares tomavam conhecimento das dificuldades vivenciadas pelos migrantes quando chegaram ao país, porque alguns levaram muito tempo para se restabelecerem, além de viverem situações em que não tinham acesso às necessidades básicas:

Os meus parentes uns falam bem outros falam mal nem todos falam bem uns falam “aquele lugar é isso e tal, é lugar de bandido”, não moram aqui então falam mal, mas os que já moraram aqui e foram embora falam bem. Sabe os dois lados são iguais, para mim é um lugar só tanto no Paraguai ou no Brasil para mim é uma coisa só. Mais eu só gosto de ir ao Brasil só se for para passear, mas para viver lá eu não vou não, eu estou vivendo aqui, tenho minhas coisas aqui, eu tenho que falar bem daqui (Entrevistado IV, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2011).

Há que se destacar que muitos familiares dos migrantes temiam pela segurança dos mesmos quando eles chegaram à área que é a colônia, porque eles não conheciam as realidades do território paraguaio e os jornais e noticiários brasileiros publicavam notícias de violência e desordem, transmitindo a ideia de que no Paraguai havia um ambiente de insegurança, onde muitas pessoas procuradas tanto pela justiça brasileira quanto pela paraguaia se escondiam no país contribuindo para a construção de uma ideia utilizada por um longo período de tempo no qual o país era “um país de bandido”.

A figuração criada de que o Paraguai era um país de bandido foi utilizada por muitos anos tanto que em 2003, o jornalista Carlos Wagner publicou o Livro intitulado “O país Bandido: crime tipo exportação”, retratando algumas atividades que contribuía para denegrir a imagem do país como o contrabando, a pirataria, o plantio e a exportação da maconha, os roubos de carro o comércio ilegal de cigarros e o tráfico de armas, para Wagner o país bandido tratava-se da seguinte área:

É o 13º da América do Sul, um pedaço de terra espremido entre Brasil, Argentina e Paraguai equivalente a metade do território e da população do Rio Grande do Sul. Disputas de fronteira, conflitos armados e a ação de uma das mais longas e corruptas ditaduras militares sul-americanas, a do General Alfredo Stroessner, que reinou no Paraguai durante 35 anos, criaram o terreno para a prosperidade de organizações criminosas neste denominado país-bandido. Seu território tem cerca de 1,2 mil quilômetros de

comprimento e outros 250 quilômetros de largura no ponto mais extenso (WAGNER, 2003, p. 17).

Nota-se que essa área do país bandido em grande parte trata-se da fronteira Brasil-Paraguai, no qual inúmeros estigmas foram sendo criados pelas atividades que são desenvolvidas na mesma, e contribui para que não apenas essa área de fronteira seja visualizada com temor, mas grande parte do Paraguai.

Há que se destacar que os familiares que percebem o país com reprovação, no geral são pessoas que não visitaram a colônia, ou em muitos casos vieram quando os migrantes ainda estavam reconstruindo suas vidas, e por presenciarem situações adversas construíram uma visão negativa acerca do país bem como dos paraguaios, por não falarem o guarani e pelas diferenças identitárias entre os mesmos.

Muitos migrantes acabaram reconstruindo suas vidas passando a ter melhores condições financeiras, o que contribuiu para que alguns de seus familiares do Brasil passassem a ter outra visão acerca do Paraguai, principalmente quando eles chegavam à colônia e percebiam que os colonos conseguiram ampliar suas terras e expandir sua produção:

Eu tenho um irmão em São Paulo que ele veio me visitar e ele adorou aqui, mas no começo ele não gostou da ideia ele falava que eu tinha que ir embora, aí eu falava que não ia porque gostava muito daqui que adorava. Aí ele veio me visitar olhou a chácara e aí ele falou você está certo aqui é bom demais, aí ele concordou, mas no começo ele queria levar a gente embora. É que no começo era muito difícil eles achavam que a gente estava sofrendo aqui, então aí ele se conformou e falou não você está certo (Entrevistado VIII, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Muitos brasileiros quando vem à colônia e tomam conhecimento da maneira como seus familiares vivem, percebem que esses já construíram outra realidade em território paraguaio, e que em muitos casos estão vivendo melhor no país vizinho se comparado ao período em que viviam no Brasil.

Ao analisarmos os brasileiros que vêm até a colônia nota-se que eles não estabelecem relações com os paraguaios que vivem nas proximidades, porque existe a dificuldade em relação à língua, e eles reproduzem um sentimento de superioridade frente à cultura paraguaia, ao ponto de muitos discordarem que alguns filhos de migrantes se casem com paraguaio:

O meu filho se casou com uma paraguaia e meus parentes não gostaram muito não. Eles acham que ele deveria ter casado com uma brasileira da colônia ou ter ido para o Brasil para casar com alguém lá, mais ele não quis. O meu filho esta aqui desde pequeno ele na escola aprendeu falar mais o espanhol que o português, porque ele foi alfabetizado em espanhol, e ele sempre teve amigos paraguaios acho que por isso que ele se casou com uma paraguaia (Entrevistada VI, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2011).

Outro elemento que merece destaque é que muitos familiares dos migrantes aproveitam as datas comemorativas do Brasil como Carnaval, Páscoa, Natal para irem à colônia. Todos os anos no dia 12 de Outubro, onde no Brasil se comemora o dia de Nossa Senhora Aparecida, os migrantes realizam a “*Fiesta Patronal*” em parceria com a Igreja Católica, trata-se de uma festa com comidas típicas e baile, e muitos familiares desses migrantes veem para participar da festa religiosa que acaba sendo uma festa comunitária, onde Brasileiros, *Brasiguaios* e *Paraleños* se encontram.

De acordo com alguns relatos existem familiares de migrantes que organizam excursão para a colônia, em que na maioria das vezes os integrantes são pessoas que já viveram por um período de tempo na colônia e retornaram para o Brasil, ou um número considerável de seus familiares está vivendo em território paraguaio:

Cada duas vezes ao ano vêm um ônibus de Santa Catarina para a colônia, e eles vem visitar os parentes e eles acham muito bonito. Eles entendem que a vinda aqui é positiva só que hoje eles não têm mais coragem de vim morar aqui no Paraguai, eles só vem para passear. Inclusive minhas duas irmãs que moram em Santa Catarina também vem (Entrevistado I, Colônia *Nueva Esperanza*, 14/09/2010).

O contato entre os primeiros migrantes e os brasileiros do Brasil pode ser considerado frequente, pois além de receberem a visita dos mesmos eles acabam indo todos os anos à casa de seus familiares no Brasil quando necessitam de algum atendimento médico ou resolver algum outro problema de ordem burocrática, como também para visitarem seus parentes e amigos.

É importante salientar que ao longo dos anos os brasileiros que não se adaptaram com a vida no Paraguai acabaram retornando para a casa de seus familiares no Brasil, sendo que esses sempre vêm com frequência à região, seja para visitar os colonos ou para ajudá-los em épocas de produção da agricultura fortalecendo a identidade brasileira dos primeiros migrantes, pois “o contato com o Brasil amplia-se o universo cultural, o que acaba mantendo

fortes laços com a identidade brasileira” (FIORENTIN, 2010, p. 107).

Todavia, é evidente que ao longo dos anos muitos migrantes conseguiram regularizar sua situação no país e passaram a construir uma realidade distinta se comparada ao período que chegaram a território paraguaio, o que contribuiu para muitos familiares desses migrantes mudarem sua opinião acerca do Paraguai.

De acordo com Vázquez (2010)³¹, existem muitos brasileiros que não conhecem o Paraguai e acabam reproduzindo uma imagem negativa do país influenciado por notícias, que aparecem nos meios de comunicação, e por esse motivo não sabem que o país é um espaço de crescimento, ou seja, um espaço de oportunidade. Aliás, algumas pessoas tiveram umas experiências no país, que contribuiu para a construção de uma visão de reprovação em relação ao Paraguai:

Uma cunhada minha a única vez que veio aqui ficou revoltada, porque quando ela veio aqui ela passou em Cidade do Leste e fez uma compra, levou fora da cota, e aí na estrada tomaram, mas aí que nem a gente falou para ela não foram os paraguaios, foi do lado brasileiro, foi na fronteira porque ela comprou fora da cota, aí já tomaram e ela ficou revoltada por causa disso, porque tomaram as coisas dela ventilador e tudo o que ela ia levando, e ela falou que nunca mais queria saber do Paraguai, mas aí eu falei: É comadre foi a senhora que disparou na medida e também nem foram os paraguaios, foi o povo lá da fiscalização, porque se você passou da cota eles toma mesmo (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Muitos migrantes desde que estão na colônia, poucas vezes receberam a visita de seus familiares do Brasil, mas mesmo assim para não perderem o contato com eles, acabam indo com mais frequência ao Brasil, porque afirmam que não é interessante perder os laços com sua terra natal, pois quando necessitarem resolver algum problema em território brasileiro ter familiares morando nos estados que fazem fronteira com o Paraguai como o Paraná e o Mato Grosso do Sul facilita o processo, porque eles utilizam o endereço desses familiares para comprovar residência no Brasil:

Quando nós viemos para o Paraguai só veio meu pai e minhas três irmãs solteiras o resto não quis nem saber de vim para cá, e até hoje ninguém quer saber. De vez enquanto aparece um ou outro mais é muito difícil eles não gostam muito daqui não. Eles falam para gente ir embora daqui, mas não é fácil para gente ir embora daqui já tem tudo aqui. É porque lá do Brasil naquela época o pessoal pensava que aqui era o fim do mundo porque faz

³¹ Entrevista de Fabricio Vázquez concedida em um trabalho de campo no dia 14 de setembro de 2010, em Assunção/ Paraguai.

muitos anos, há 38 anos então o povo pensava que aqui era o fim do mundo o povo lá se assustava quando falava que ia vir para o Paraguai, mas a gente vinha para trabalhar e ficamos até agora (Entrevistado IX, Colônia *Nueva Esperanza*, 22/04/2011).

Torna-se evidente que por muitos anos perdurou um olhar de alteridade por parte dos brasileiros do Brasil frente ao território paraguaio, pelas inúmeras diferenças existentes entre os mesmos. Dessa forma, ao analisarmos as relações entre os migrantes e os brasileiros do Brasil torna-se perceptível que eles ainda mantêm relações porque parte principalmente dos primeiros migrantes ainda vão muito ao Brasil para terem acesso à saúde, para darem entrada aos processos de aposentadoria quando completam a idade e para votarem nas eleições.

O fato de manterem vínculos com os brasileiros permite a esses fortalecerem os referenciais da identidade brasileira, pois ainda que eles “transportem” as culturas nacionais para outros destinos, e mesmo que acabem reproduzindo-as em outro território as próximas gerações acabaram incorporando ao seu referencial identitário novos valores e costumes. Muitos brasileiros acabam percebendo que seus filhos e netos já possuem uma mistura de identidade, pois “os migrantes transportam as culturas nacionais para diferentes destinos e as nações se tornam portáteis”, (ANDERSON, 1993, p. 23).

Sendo assim, o contato com os brasileiros do Brasil contribui para o fortalecimento da identidade brasileira e também permite transmitir às novas gerações os valores e costumes, o que acaba resultando em uma mistura dos referenciais identitários no qual podemos destacar a figura dos *Brasiguaios* e os *Paraleños*.

É importante ressaltar que além das relações estabelecidas com os brasileiros do Brasil, quase todos os moradores da colônia optam por assistir os canais de televisão brasileira, bem como escutar as rádios das cidades fronteiriças, o que permite a esses migrantes sempre estarem informados sobre as notícias que acontecem no Brasil, bem como sobre os assuntos que lhes interessam:

As imagens diárias dos canais brasileiros chegam aos lares dos imigrantes e também dos paraguaios, já que os sinais das televisões paraguaias costumam ser fracos nessas localidades, a recepção das imagens e mensagens dos veículos de comunicação fortalece os laços de uma “comunicação brasileira” e dá uma sensação de que os imigrantes continuam no Brasil (ALBUQUERQUE, 2010, p. 208).

Desse modo, é possível considerar que as relações entre os primeiros migrantes brasileiros, os *Brasiguaios* e amigos/familiares do Brasil acaba contribuindo para que a identidade brasileira seja mantida em território paraguaio, pois mesmo que eles estabeleçam relações com os brasileiros da colônia e com os paraguaios, o fato de se comunicarem com seus familiares ou em alguns casos retornar ao Brasil lhes permite vivenciar as mesmas práticas culturais e fortalecer os referenciais da identidade brasileira, o que já pode ser observado de maneira distinta ao analisarmos os membros da terceira geração, ou seja, os *Paraleños*.

3.6 A vida no Paraguai: as conquistas e os sonhos realizados e o retorno de alguns

Ao longo dos seus quarenta e cinco anos de existência, a Colônia *Nueva Esperanza* foi formada em sua maioria por migrantes brasileiros e seus descendentes, que se deslocaram até o país vizinho com o intuito de construir uma realidade distinta a que os mesmos vivenciavam no Brasil.

Em uma primeira análise acerca da trajetória desses migrantes em território paraguaio, nota-se que eles enfrentaram alguns desafios como o período de geadas entre os anos de 1975 a 1980, no qual alguns tiveram perdas consideráveis no cultivo do café, além das dificuldades em relação à língua e a falta de acesso às necessidades básicas para a sobrevivência.

Atrelado a essas dificuldades é possível observar os desafios que esses brasileiros enfrentaram para regularizarem sua situação de migrante em território paraguaio, pois mesmo que muitos já tenham conseguido adquirir “a migrante”, ainda é possível encontrar aqueles que vivem de maneira ilegal, porque quando chegaram ao país por falta de maiores informação recorreram às autoridades erradas o que tardou ou em alguns casos impossibilitou regularização de sua situação de migrante.

Durante a realização dos trabalhos de campo evidenciamos que mesmo com todas essas dificuldades os migrantes que vivem na colônia afirmam que a vinda ao Paraguai foi boa, porque a grande maioria conseguiu adquirir uma situação financeira estável, no qual muitos já expandiram suas terras, ou seja, à medida que alguns brasileiros optavam retornar para o Brasil, os próprios colonos acabavam comprando essas terras o que permitiu a alguns formar grandes lotes na colônia.

Outros migrantes acabaram adquirindo terras na cidade de Horqueta e alguns no

Chaco Paraguai. Ao compararmos a visão que esses migrantes construíram tanto sobre o Paraguai quanto do Brasil, é possível evidenciar:

Eu falo para todo mundo que graças a Deus valeu a pena a gente vim pra cá! Porque para nós de onde a gente veio com dois filhos, uma com três aninhos quase com quatro e a outra com dois anos, e eu esperando o primeiro filho homem e até hoje nós estamos aqui, para nós graças a Deus valeu a pena, porque a gente veio para o que é dos outros e hoje a gente vive bem no que é nosso. Nós viemos para o Paraguai para procurar uma vida melhor. Olha já foi muita gente embora. Vieram para cá do Brasil no tempo mais difícil, e no tempo melhor foram embora e lá no Brasil vivem trabalhando na cidade grande de empregado, tem uma vida sofrida, outros estão no movimento sem-terra, procurando terra sendo que aqui tinha tudo de graça baratinho naquela época (Entrevistada III, Colônia *Nueva Esperanza* 11/10/2011).

Afirmar que conseguiram adquirir terras e uma situação financeira estável em território paraguaio é um sentimento encontrado em muitos migrantes da colônia, é como se a recompensa da migração fosse ter adquirido terras de boa produção tanto na agricultura quanto na pecuária. Outra característica que chama atenção nos relatos dos migrantes é o fato de compararem o que eles conseguiram conquistar no Paraguai com as dificuldades que vivenciavam no Brasil no período em que decidiram migrar:

Eu já cheguei sabendo que iria ser difícil, mas depois a gente foi trabalhando dando duro, até que agora graças a Deus a gente não está rico mais está dando para viver bem. Eu moro aqui porque aqui estão as coisas que eu gosto, tenho minhas criações cuido do meu gado eu gosto daqui por causa disso. Agora se eu for para o Brasil no momento eu não posso fazer o que estou fazendo aqui. E para mim valeu a pena mudar porque nós não tínhamos futuro nenhum, não tinha nada lá, e é difícil para comprar terras, e aqui eu tenho minha terra e não dependo de ninguém. Quando a gente veio para cá compramos nossa terra e lá a gente trabalhava de empregado, então valeu apenas (Entrevistado VIII, Colônia *Nueva Esperanza*, 23/04/2011).

Para mim valeu a pena pela questão econômica e pelo jeito da gente viver aqui. Porque quando eu vivia no Brasil eu ficava cinco meses sem saber o que é comer um pedaço de carne lá no Paraná, depois que eu vim pra cá, eu como carne toda hora e todo dia. Hoje a gente se sente bem feliz, aqui a gente tem o que é da gente (Entrevistado V, Colônia *Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

O discurso construído pela maioria dos migrantes é que a vinda para o Paraguai foi produtiva, principalmente pela qualidade de vida que alcançaram. Grande parte desses

brasileiros possui uma vida já estruturada com seu lote, a casa e um meio de locomoção como um carro e/ou uma moto.

Os migrantes que permanecem na colônia afirmam que mesmo passando por diversas dificuldades valeu a pena migrar. Ainda que muitos dos primeiros migrantes tenham retornado para o Brasil por problemas de saúde ou por não se adaptarem ao país percebe-se que os brasileiros que ficaram conseguiram construir uma realidade distinta do momento em que chegaram ao território paraguaio:

Quando eu vim para o Paraguai eu trouxe muitos sonhos, e o que poderia ter me ajudado quando eu cheguei e não ajudou muito foi a falta de chuva. Mas valeu a pena mudar e hoje aqui a colônia tem muita mistura de pessoas, tem brasileiro e tem paraguaio também, e eu gosto daqui, gosto da festa que a gente faz em outubro (Entrevistado I, Colônia *Nueva Esperanza* 14/09/2010).

Embora a identidade brasileira continue sendo reproduzida na Colônia *Nueva Esperanza*, é possível evidenciar que as novas gerações acabam incorporando características tanto da identidade brasileira quanto da identidade paraguaia, no qual podemos observar que “mesmo que as identidades sejam construídas em épocas e lugares diferentes elas sempre serão influenciadas pelo movimento da identidade nacional” (ANDERSON, 1993, p. 23).

Ao analisarmos os brasileiros e seus descendentes torna-se perceptível que a identidade individual acaba se apoiando na nacional. E o “ser brasileiro” ou “ser paraguaio” são identidades que acabam sendo assumidas conforme as situações vivenciadas por esses migrantes, bem como de acordo com as relações estabelecidas, ou seja, podem ser negociados como uma forma de afirmação pelo próprio indivíduo:

O “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Assim, a identidade nacional não foi apenas gerada através do nascimento dos indivíduos, mas ela é constituída a partir das experiências humana que o indivíduo constrói com o território. Nesse sentido, muitos migrantes da colônia mesmo reproduzindo a

identidade brasileira percebem que seus descendentes já não fazem parte da mesma construção identitária, pois sua identidade acaba apresentando outras características:

Hoje eu já me acostumei viver aqui no Paraguai, na colônia e também eu já tenho dois filhos paraguaios, que estão bem aqui eles nem conhecem o Brasil. Eles estudaram em escolas paraguaias e eles não tiveram dificuldade, hoje meus filhos falam o português, o espanhol e o alemão. Eu tenho alguns parentes do Brasil que não conhecem meus filhos, só viram por foto, então eu já construí minha vida aqui (Entrevistado I, Colônia *Nueva Esperanza* 14/09/2010).

Levando-se em consideração a maneira como os migrantes brasileiros vivem na Colônia *Nueva Esperanza*, é possível afirmar que não existem muitos conflitos entre brasileiros e paraguaios, pois eles aprenderam a conviver com as diferenças identitárias, e tanto a segunda quanto a terceira geração passaram a conviver com os paraguaios nos espaços de aproximação, com destaque para igrejas, escola e o centro da colônia.

Cada uma das famílias que formam a colônia ao longo de sua trajetória vivenciaram experiências e situações díspares, no qual as mudanças foram marcadas pelo tempo e pela produção de um novo território, que contribuiu para a criação de uma identidade pautada em dinâmicas específicas.

Ao mesmo tempo, foi possível perceber que ao reconstruírem uma nova realidade em território paraguaio, o padrão de vida desses migrantes tornou-se superior a que era vivenciada por eles no Brasil. Aliado a isso, os referências da identidade brasileira sempre são alocados para a manutenção do “ser brasileiro”, principalmente pelos primeiros migrantes que trazem não apenas na memória, mais na prática os valores de sua identidade.

Existem muitos paraguaios vivendo na colônia seja por terem se casado com os filhos dos primeiros migrantes ou porque trabalham na agricultura. É importante salientar que com o passar do tempo na medida em que a colônia foi crescendo as relações estabelecidas com os paraguaios passaram a ser mais frequentes, até porque eles sempre vão à cidade de Yby Yaú.

No que tange a ideia de retornar para o Brasil percebe-se que esse sentimento é mais intenso por parte dos primeiros migrantes, que acabaram retornando por problemas de saúde ou para se aposentar, além de alguns *Brasiguaios* que ainda possuem laços muito fortes com a identidade brasileira:

A maioria dos primeiros migrantes veio tudo do sul. O Arquelino era gaúcho o primeiro que veio para cá, e o Noberto era catarinense, e os mais velhos os que vieram primeiro eram do sul. A maioria dos que chegaram aqui já faleceram o mais velho que vive aqui é o Dito Fidelis os outros já morreram tudo. Outros foram embora, dos que foram embora a maioria já morreu. Os mais velhos já voltaram e já morreram tudo que é o Zé Pereira, o compadre Márcio, o Angelo, Arquelino, Antonio da Silva, o Lorindo, o Elias eram os mais velhos que foram para o Brasil e já morreram tudo. Eles voltaram para o Brasil para se aposentar e porque também não estavam bem de saúde (Entrevistado VII, *Colônia Nueva Esperanza*, 21/04/2011).

Retornar hoje para o Brasil na maioria dos casos está ligado ao acesso à saúde como também para darem início ao processo de aposentadoria, porque a maioria dos migrantes está satisfeito com a situação financeira que conseguiram construir ao longo dos anos, além da questão de que se venderem seus bens não conseguirão reconstruir o mesmo padrão de vida em território brasileiro.

Durante as entrevistas evidenciamos que a vontade em retornar para o Brasil é um sentimento presente na maioria das mulheres companheiras dos primeiros migrantes, porque elas expressam sentir saudade de seus familiares no Brasil, mais ao mesmo tempo em que possuem esse desejo ele é ofuscado, pois seus filhos já não querem retornar para o Brasil:

Meu lugar é aqui mesmo já morei no Brasil e na colônia então hoje o meu lugar é aqui mesmo eu gosto muito de ficar junto do pessoal, porque aqui a gente convive com todo mundo, aonde a gente vai é bem recebido, então a gente gosta. Eu não tenho o que reclamar daqui, eu vivo bem com os brasileiros e com os paraguaios eles são nossos vizinhos e então hoje aqui não tem problema (Entrevistada VI. *Colônia Nueva Esperanza*, 11/10/2010).

Vale ressaltar que a convivência entre brasileiros e paraguaios dentro da colônia nos dias atuais pode ser considerada tranquila, se comparado ao período quando esses migrantes chegaram ao país, no entanto a diferença entre “eu” e o “outro” se faz presente até porque é uma forma de afirmação do referencial identitário.

Por fim, migrar-se para o Paraguai e reconstruir uma vida foi uma alternativa encontrada por muitos migrantes brasileiros, que graças ao seu esforço e trabalho conseguiram construir uma nova realidade em território paraguaio. Muitos dos migrantes entrevistados, ao se relacionarem com as diferenças advindas da trajetória migratória, acabaram reconstruindo suas vidas, suas histórias e novas identidades, fruto dos referenciais territoriais que se formaram ao longo dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado ao longo deste trabalho a Colônia *Nueva Esperanza* foi formada em meados de 1966 em sua maioria por migrantes brasileiros, que com o objetivo de adquirirem terras para produzirem, migraram para o Paraguai, como desdobramento de alguns processos dos quais podemos destacar a mecanização da agricultura, projetos de infraestrutura, bem como a expansão da fronteira agrícola tanto no Brasil quanto no Paraguai por meio das respectivas “*Marcha al Leste*” no Paraguai, e “*Marcha para o Oeste*” no Brasil.

Analisando a formação e a organização territorial desta colônia que possui uma extensão de 20.000 hectares, onde 160 famílias vivem em lotes de diferentes extensões desenvolvendo vários cultivos aliado a pecuária, observa-se que a vida na mesma sempre foi enfrentada com grandes dificuldades, pois esses migrantes, ao se instalarem no país vizinho, tiveram que aprender a conviver com língua, cultura, valores e símbolos distintos aos que os mesmos estavam acostumados a vivenciar.

Assim, a análise que realizamos buscou compreender através das trajetórias migratórias de brasileiros para o Paraguai, mais precisamente para a parte norte da Região Oriental no departamento de Concepción, retratando como esses migrantes construíram um “novo” território e uma nova identidade a partir da chegada.

Com base nos principais pensadores que se dedicaram a abordar como ocorreram as migrações de brasileiros para o Paraguai, nosso principal objetivo foi compreender como o referencial “ser brasileiro” e “ser paraguaio” acabaram oferecendo características para a construção identitária desses migrantes, mostrando através de relatos adquiridos durante os trabalhos de campo, as primeiras dificuldades enfrentadas ao se instalarem em território paraguaio, a afirmação ou negação identitária e as relações estabelecidas pelos migrantes tanto de forma interna (com paraguaios e brasileiros da colônia) como externa (com brasileiros do Brasil).

Durante a análise da trajetória migratória desses brasileiros identificamos que grande parte dos mesmos são oriundos de cidades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e as motivações e/ou interesses que despertaram a mobilidade está ligado ao baixo valor agregado as terras, bem como aos incentivos oferecidos pelo governo paraguaio.

Nesse sentido, para compreendermos a dinâmica migratória dos brasileiros para o Paraguai, bem como de que maneira foi possível construir uma “nova” identidade e produzir um “novo” território, foi necessário a realização de uma discussão acerca de alguns elementos

que contribuíram para essa abordagem dos quais é possível destacar: a migração, o território, a territorialidade e a identidade.

Assim sendo, nosso primeiro esforço foi problematizar e articular três conceitos em torno da trajetória migratória desses brasileiros para o Paraguai: a migração, o território e a territorialidade, no qual evidenciamos como a experiência espacial proporcionou aos mesmos construir uma nova realidade no país vizinho.

A condição do migrante brasileiro foi definida ao longo de nossa análise como o sujeito que parte e que chega no movimento da migração, ou seja, ele pode estar em um lugar e pertencer a outro ao mesmo tempo, porque, ao chegarem no Paraguai, esses migrantes inicialmente se encarregaram de reproduzir as mesmas práticas de sua terra natal, por ainda estarem muito ligados ao seu país de origem, bem como pelo contato com os paraguaios não ser muito frequente em meados de 1960-70.

A medida que esses migrantes começaram a reconstruir suas vidas as relações com os paraguaios passaram a ocorrer com maior intensidade ao longo dos anos, o que contribuiu para que os mesmos vivenciassem uma situação em que eles tiveram que habituar-se a uma condição onde reproduziam as práticas de sua cultura nacional, mas ao mesmo tempo aprenderam a conviver e afeiçoar-se a uma cultura distinta.

Na discussão feita acerca do conceito do território foi necessário relacionar o mesmo com o espaço, pois ao analisarmos as relações que podem ser de poder, afetivas e de identidade entre um grupo e seu espaço, é possível compreender e identificar os elementos e características que acabam participando do processo de formação do território.

Nessa perspectiva, foi possível evidenciar que é por meio do território que o indivíduo pode delimitar e estabelecer relações, pois no momento em que ele chega a um determinado espaço, o mesmo começa a modificar algumas ações encontradas passando a organizar a sua vida. E a partir das relações que começam a ser estabelecidas com esse espaço e com os indivíduos forma-se o território. Desse modo, muito além de observar o território a partir das relações de poder, foi necessário relacioná-lo com as relações estabelecidas entre os sujeitos.

Dessa forma, nos pautamos em analisar o território a partir de uma perspectiva integradora, onde foi levada em consideração a interação das múltiplas relações de poder com a sociedade, a política, a economia e a cultura.

Ao observarmos as relações que são estabelecidas dentro do território é preciso destacar a territorialidade que em nossa abordagem foi definida como os laços que o indivíduo constrói com o mesmo, dessa maneira podemos elencar a ação de um grupo em

controlar, ocupar, identificar o território em que vivem.

Além do mais, é importante salientar que a territorialidade pode ser pensada como a relação entre os sujeitos e o território, no qual a mesma pode ser marcada pelos elementos de mudanças e pelos processos no movimento do território como é o caso do migrante brasileiro, pois a partir do momento em que constrói uma nova realidade em um território distinto ao que o mesmo vivia, ele acaba levando em consideração os novos elementos que passam a fazer parte de sua realidade.

Ao chegar ao Paraguai o migrante brasileiro deparou-se com um espaço distinto ao seu, no qual ele teve que reconstruir sua vida utilizando algumas dinâmicas e relações que acabaram originando um “novo” território onde as “novas” e antigas práticas culturais e identitárias passaram a conviver juntas.

Nesse sentido, mediante as dinâmicas que esses migrantes vivenciaram nota-se que eles passaram por um processo de desterritorialização seguido pela reterritorialização, em que muitos deixaram seu território nacional e reconstruíram sua vida em um “novo” território, em que o espaço e os sujeitos não eram mais os mesmos.

Na abordagem feita acerca da desterritorialização buscamos associar esse processo à migração cujo principal objetivo foi analisar os motivos pelos quais os migrantes brasileiros saíram de seu território de origem, observando as relações e situações que foram deixadas, e ao mesmo tempo levando em consideração o processo de reterritorialização no território de chegada, em que é possível compreender como os migrantes brasileiros construíram um “novo” território a partir do deslocamento, da chegada e da mudança.

Aliado a esse processo, percebe-se que ao chegarem a território paraguaio esses migrantes levaram suas práticas culturais, bem como sua identidade nacional para serem reproduzidas. No entanto, as diversas situações de sínteses vivenciadas pelos mesmos acabaram contribuindo para que a identidade desses migrantes estivesse em constante movimento de acordo com as situações vivenciadas.

Logo, um dos conceitos abordados para evidenciar essa dinâmica, e que merece destaque é a identidade, que em nossa discussão foi conceituada como um movimento de identificação, ou seja, ela sempre está em um processo/relação, no qual ela não é uma, mas é múltipla. Dessa forma, a identidade se define no contato com outras identidades numa relação de escalas territoriais e valorações que podem ser positivas ou negativas, e se manifestam em função das condições espaço-temporal vivenciada no grupo em que o indivíduo está inserido.

A identidade pode se tornar um processo de classificação e distinção, ao dialogar com a diferença, e esse processo pode ser observado na Colônia *Nueva Esperanza*, a partir do

momento em que a afirmação em “ser brasileiro” ou “ser paraguaio” passa a ser reproduzida tanto pelos migrantes quanto por seus descendentes.

Assim, tanto a afirmação quanto a diferenciação são processos que acabam participando da formação identitária do migrante brasileiro na colônia, pois definem uma separação identitária entre “nós” e “eles”, no qual esse acaba construindo uma pretensa superioridade frente ao paraguaio graças à dinâmica territorial que o mesmo construiu em território paraguaio.

Nessa perspectiva, a figura do paraguaio está associada ao “outro” e ao mesmo tempo ao estrangeiro por sua dessemelhança, já que na colônia muitos dos primeiros migrantes se dedicaram a reproduzir sua identidade nacional, e a partir do momento em que depara-se com as diferenças da identidade paraguaia, deram origem ao processo de identificação/diferenciação.

Frente a esse cenário em que as identidades e diferenças se cruzam, o processo de identificação/diferenciação passa a se tornar evidente, sendo marcado por duas características principais que são: a afirmação da identidade e a marcação da diferença que acabam fortalecendo a distinção e a separação entre o de dentro e o de fora.

Assim sendo, ao analisarmos os migrantes brasileiros que vivem na colônia percebe-se que ao chegar no Paraguai eles construíram uma nova identidade fruto das dinâmicas territoriais, ou seja uma identidade territorial, que em nossa abordagem foi definida como um tipo de identidade que se expressa na relação de pertencimento de um grupo, a partir da delimitação de uma escala territorial de referência identitária.

Além do mais, mesmo que os primeiros migrantes que chegaram à colônia e reconstruíram suas vidas passassem a reproduzir os referenciais da identidade brasileira no Paraguai, as dinâmicas do território e as relações estabelecidas eram diferentes, o que acabou influenciando na construção identitária das gerações seguintes.

Diante disso, foi possível perceber que à medida que o tempo foi passando tanto o “ser brasileiro” quanto o “ser paraguaio” passaram a ser negociados pelas gerações seguintes. Para os primeiros migrantes os laços que são mantidos com o Brasil lhes permitem ter acesso à saúde, bem como o direito à aposentadoria, e conseguir a nacionalidade paraguaia lhe garantiria o direito à propriedade das terras.

É importante salientar que quando os descendentes dos primeiros migrantes nasceram houve um esforço por parte dos mesmos em registrar seus filhos em ambos os países, como uma estratégia para que eles tivessem acesso à saúde e aos direitos da cidadania brasileira, bem como por meio da nacionalidade paraguaia de seus filhos terem garantido a

posse da terra, já que as autoridades paraguaias não poderiam tomar suas terras se alguém de sua família tivesse a nacionalidade paraguaia.

O que nos chamou a atenção ao longo dessa pesquisa foi às diversas denominações que os principais pesquisadores que se dedicaram a estudar o tema utilizam para denominar os migrantes brasileiros que vivem no Paraguai, como também os termos que os próprios brasileiros criaram para se autodenominarem. Deste modo, ao analisarmos a construção identitária dos migrantes que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* evidenciamos três termos que merecem destaque: Brasileiros, *Brasiguaios* e *Paraleños*.

A figura do Brasileiro na colônia está associada aos primeiros migrantes que adquiriram suas terras e reconstruíram suas vidas no país vizinho, sem abandonar os seus referenciais identitários de brasileiro. Muitos desses migrantes não aceitam serem chamados de outro termo que não seja o de “Brasileiro”, o que significa a afirmação da identidade brasileira e ao mesmo tempo uma diferenciação frente ao paraguaio.

Já o termo *Brasiguai* é utilizado para denominar os filhos dos primeiros migrantes que possuem em sua maioria tanto a nacionalidade brasileira quanto a nacionalidade paraguaia, e o mesmo tempo, ele tem a possibilidades de assumir ambas as identidades, de acordo com a situação vivenciada. O que se percebe é que o *Brasiguai* da Colônia *Nueva Esperanza* construiu a sua identidade pautada nas diferenças entre os dois países.

Com o passar do tempo, e à medida que esses migrantes se organizaram e reconstruíam suas vidas, o número de brasileiros e descendentes no Paraguai foi crescendo e os primeiros migrantes já passaram a ter netos que em grande parte nasceram da união entre os *Brasiguaios* e paraguaios, surgindo assim o *Paraleño*, que seria uma mistura de *paraguayo* com *brasileño*, para referir-se à terceira geração.

A figura do *Paraleño* é associada aos indivíduos que possuem a identidade paraguaia mais afluída que a brasileira, porque um de seus pais é de nacionalidade paraguaia e acabam reproduzindo os costumes e valores paraguaios com maior evidência. Além disso, essa geração possui fortes vínculos familiares e de amizade com paraguaios, e para eles é comum identificar-se como paraguaio e não brasileiro.

Dessa forma, podemos evidenciar que na Colônia *Nueva Esperanza* brasileiros são os primeiros migrantes que chegaram ao Paraguai e enfrentaram grandes dificuldades e desafios para reconstruírem suas vidas, entretanto é necessário enfatizar que esses de forma alguma aceitam serem chamados de *Brasiguaios*, pois esses seriam os seus respectivos filhos que chegaram ao país vizinho e em sua maioria possui a nacionalidades brasileira e paraguaia, e *Paraleño* seria os netos dos primeiros migrantes filhos dos *Brasiguaios*.

Todavia, é preciso salientar que a investigação sobre o significado de cada termo foi feito por meio de bibliografias, bem como nas entrevistas que foram realizadas durante os trabalhos de campo. A análise que realizamos buscou identificar como se formou a identidade dos migrantes brasileiros que vivem em território paraguaio, onde foi possível observar que a mesma foi construída de acordo com as dinâmicas territoriais vivenciadas por esses migrantes nas relações estabelecidas com os próprios brasileiros, mas também com os paraguaios.

Nota-se que a colônia não é formada apenas por brasileiros, e que as gerações seguintes construíram uma identidade levando em consideração as diferenciações entre brasileiros e paraguaios, sendo que esse processo acabou contribuindo para que a definição do “ser brasileiro” e “ser paraguaio” se tornassem uma necessidade de reconhecimento, no qual é construído um conjunto de representação nacional.

A discussão feita aqui mostrou que a identidade desses migrantes é uma identidade em movimento que se formou a partir das relações que este mantém com os paraguaios e com os brasileiros tanto da colônia como os do Brasil. A partir do momento em que esse migrante afirma sua nacionalidade colocando em prática características identitárias e culturais de brasileiro, ele se diferencia dos paraguaios, pois as relações que são estabelecidas proporcionam ao mesmo vivenciar um conjunto diferenciado de possibilidades, que lhes permite ativar sua identidade de acordo com as relações que estão sendo realizadas no momento.

A nova identidade dos migrantes brasileiros que vivem na Colônia *Nueva Esperanza* buscou referenciais em uma base territorial num processo de intercâmbio de identidades, em que ele não deixou suas práticas culturais e foi inserindo novas, mas a partir do contato que teve com outros grupos sociais ocorreu um processo em que novas e antigas formas de identificação passaram a conviver no mesmo território.

Durante as conversas realizadas com os *Brasiguaios* foi possível perceber que ao mesmo tempo em que eles se sentem brasileiros, muitos se consideram paraguaios também, o que nos permite afirmar que a identidade foi construída a partir das relações que estabeleceu-se no território, e ao mesmo tempo levando em consideração as diferenças existentes entre ambas as identidades nacionais.

No que tange à figura do *Paraleño* por viverem e terem fortes laços com o território paraguaio eles acabam assumindo a identidade paraguaia, já que muitos acabaram estudando nas escolas paraguaias, bem como desenvolvendo atividades onde o contato com os mesmos foi se tornando frequente.

Cabe destacar que a maioria dos *Paraleños* possui apenas a nacionalidade paraguaia,

por terem nascido no país. O que nos chamou a atenção é que mesmo que os primeiros migrantes tentem reproduzir junto aos *Paraleños* a identidade brasileira, percebe-se que muitos até aprendem a falar o português, mais na maioria das vezes por estarem acostumados a estabelecerem relações com os paraguaios acabam reproduzindo mais as características da identidade paraguaia.

Dessa forma é possível afirmar que na Colônia *Nueva Esperanza* tanto a identidade brasileira quanto a paraguaia vivem em intenso intercâmbio, pois tanto a segunda quanto a terceira geração dos migrantes brasileiros construíram uma identidade pautada nas dinâmicas territoriais, ou seja, a identidade territorial, no qual o território acaba servindo de referência para a reconstrução da identidade envolvendo os eventos e as particularidades do passado e do presente.

A partir da discussão acerca da identidade territorial ressaltamos que o território passa a ser visto como um meio de identificação, que acaba reformulando os sentidos e valores de uma determinada identidade. Dessa maneira tanto a identidade dos *Brasiguaios* quanto dos *Paraleños* foram construídas a partir da dinâmica vivenciada no território paraguaio como também pelas relações estabelecidas.

Mesmo que no início as relações estabelecidas entre brasileiros e paraguaios fossem um pouco tensas, graças às diferenças e os problemas existentes, nota-se que na colônia houve um processo de integração entre ambas as identidades até porque a proximidade com os paraguaios tornou-se maior, à medida que os migrantes passaram a necessitar de mão de obra para lhes auxiliarem no cultivo, como também na medida em que esses migrantes passaram a vivenciar o processo de sociabilidade.

Vale ressaltar que tanto o processo de sociabilidade quanto o de socialização contribuíram para a análise que realizamos, levando em consideração como esses migrantes construíram uma nova realidade em território paraguaio, pois através da sociabilidade foi possível compreender os processos que esses migrantes tiveram que enfrentar para terem acesso às necessidades básicas, e por meio da socialização a construção de uma identidade pautada nas diferenças existentes entre brasileiros e paraguaios.

Ao longo das conversas realizadas com os migrantes brasileiros percebe-se que mesmo vivendo em outro país, grande parte dos primeiros migrantes afirmam estarem satisfeitos com a vida que conseguiram construir em território paraguaio, e que só retornariam ao Brasil para conseguirem se aposentar ou para fazer algum tratamento de saúde. Já muitos dos chamados *Brasiguaios* afirmam que só retornariam ao Brasil se conseguissem ter lá o mesmo estilo de vida que seus pais lhes proporcionaram no Paraguai.

Portanto, o desenvolvimento desse trabalho possibilitou identificar que a identidade dos migrantes brasileiros e seus descendentes, que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* onde se construiu levando em consideração as diferenças, uma vez que essas identidades são redefinidas e reelaboradas a partir das relações políticas, econômicas, culturais e simbólicas que eles mantêm tanto com os paraguaios, quanto com os brasileiros da colônia e do Brasil.

O referencial de análise aqui adotado teve o intuito de analisar as trajetórias migratórias dos brasileiros que formaram a colônia, bem como a construção identitária desses migrantes e seus descendentes, onde a multiterritorialidade, ou seja, as experiências advindas tanto do território de origem, quanto do território da chegada contribuíram para uma multiplicidade geracional, em que as identidades brasileira e paraguaia ao se integrarem formaram a figura do *Brasiguai* e do *Paraleño*.

Por fim, mesmo que novas identidades tenham sido construídas em território paraguaio, a identidade brasileira se faz presente até os dias atuais sendo reproduzida pelos primeiros migrantes que mesmo vivendo em um novo território ainda mantêm fortes laços com o Brasil, em que os referenciais dos territórios da chegada e da partida convivem. Esse aspecto nos aproxima de Carlos Drummond de Andrade (2002) que ao abordar a ligação de migrantes com o mundo provinciano de onde provinham, e o lugar adotado como lar, manifesta poeticamente a relação umbilical entre saída e chegada, lugar de partida e lugar de novas relações, em que o *antes* e o *depois* para sempre estarão misturados:

Quando vim da minha terra, não vim, perdi-me no
espaço, na ilusão de ter saído. Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras, por baixo de lavras de
ouro, por baixo de gerações, por baixo, eu sei, de
mim mesmo, este vivente enganado, enganoso.

SOBRE FONTES ORAIS

Entrevistado I: homem, 53 anos, agricultor, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 30 anos.

Entrevistado II: homem, 40 anos, agricultor, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 20 anos.

Entrevistada III: mulher, 61 anos, do lar, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 39 anos.

Entrevistado IV: homem, 69 anos, agricultor, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 35 anos.

Entrevistado V: homem, 66 anos, agricultor, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 30 anos.

Entrevistada VI: mulher, 62 anos, do lar, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 30 anos.

Entrevistado VII: homem, 68 anos, agricultor, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 39 anos.

Entrevistado VIII: homem, 71 anos, agricultor, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 34 anos.

Entrevistada XIV: mulher, 66 anos, do lar, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 35 anos.

Entrevistado IX: homem, 58 anos, agricultor, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 40 anos.

Entrevistada X: mulher, 71 anos, do lar, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 28 anos.

Entrevistada XI: mulher, paraguaia, professora da Educação Básica da Escola Pedro Juan Caballero- Colônia *Nueva Esperanza*.

Entrevistada XII: mulher, 73 anos, do lar, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 34 anos.

Entrevistado XIII: homem, 58 anos, comerciante, vive na Colônia *Nueva Esperanza* há 30 anos.

Entrevistado XIV: homem 25 anos nasceu e sempre viveu na Colônia *Nueva Esperanza*.

Entrevistada XV: mulher, Irmã da Divina Providência, chegou na colônia em 1993, participante da Fundação Divina Providência, Zona Pedro Juan Caballero- Yby Yaú, Colônia *Nueva Esperanza*.

Entrevistada XVI- mulher, Irmã da Divina Providência, chegou na colônia em 1990 participante da Fundação Divina Providência, Zona Pedro Juan Caballero- Yby Yaú, Colônia *Nueva Esperanza*, 23 de Abril de 2011.

OUTROS ENTREVISTADOS

Eustaquio Augusti Galeano. Padre Igreja San Juan Baptista- Yby Yaú, 23 de abril de 2011.

Fabrcio Vázquez. Assunção, ADEPO, 14 de setembro de 2010.

Nimio Claudio Almirón Yanes. Yby Yaú, 21 de abril de 2011.

Pedro Amarilla. Radio Esperanza FM- Yby Yaú, 21 de abril de 2011.

REFERÊNCIAS

ABC DIGITAL. *Cédula de compatriotas en el extranjero debe ser prioridad, según ministro*. 3 de novembro de 2011. Disponível em: < <http://www.abc.com.py/nota/cedula-de-identidad-de-compatriotas-en-el-extranjero-debe-ser-prioridad-segun-ministro/>. Acesso em 11 de Fevereiro de 2012 às 17h43min.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. Campesinos paraguayos y “brasiguayos” en la frontera este del Paraguay. In FOGEL, R e RIQUELME, M. *Enclave Sojero*, merma de soberanía y pobreza. Asunción: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguai: territórios e jogos de identidade. In: PÓVOA NETO, Helion & FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). *Cruzando fronteiras disciplinares*. 1º Ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERNALT, Mario; PIRIS, Eladio Soria e AÑEZ, Silvia Ortíz. *La Gestión Territorial en la Frontera Seca*. TOMO I Bases Políticas y Socio-ambientales para el Ordenamiento Territorial. Asunción: AGR, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

BICHIR, Renata; MARQUES, Eduardo Cesar. *Estado e Espaço Urbano: Revisitando Criticamente as Explicações sobre Políticas Urbanas*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, Nº 16, V. 1, p. 09-21, jun. 2001.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.83-121, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Ao leitor. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRUM, Argemiro J. *Modernização da Agricultura Trigo e Soja*. Teresópolis: Ed Vozes, 1988.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997, p.283-350.

CARTILHA DO CIDADÃO DO MERCOSUL. *Copilação de Normas relacionadas com o cidadão do MERCOSUL*. Edição 2010. Comissão de Representantes Permanentes do MERCOSUL, 2010.

CHIAVENATO, Júlio José. *Stroessner: Retrato de uma Ditadura*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHOMA, Daniel. Entre a Luz da matéria e a intangível memória: ações de preservação e difusão do acervo fotográfico de Armínio Kaiser. *Outros Tempos – Dossiê História e Memória da UDESC*, Florianópolis, v. 6, n. 7, p. 111-120, julho, 2009.

COSER, Stelamaris. Híbrido, hibridismo e hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF/UFF, 2005.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*, São Paulo: Moderna, 2000.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICAS, ENCUESTAS Y CENSOS- DGEEC. *Atlas Censal del Paraguay*. Asunción 2002. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/Atlas%20Censal%20del%20Paraguay/4%20Atlas%20Concepcion%20censo.pdf>>. Acesso em 31 de março de 2011 às 17h54min.

DIRECCIÓN GENERAL DE MIGRACIONES. *La Institución*. Disponível em:<<http://www.migraciones.gov.py/secciones-2-la-institucion.html>>. Acesso em 02 de Fevereiro de 2012 às 18h40min.

DIRECCIONES GENERAL DE MIGRACIONES. *Revista Migración e Integración*. Ministerio del Interior. Año 1 N°1. Diciembre 2009.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FIORENTIN, Marta Izabel. *A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)*. Dissertação (Mestrado). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010.

GALEANO, Enrique Ramón. *Yby Yauenses molestos por atropello a la soberania*. Hola Vecino. Disponível em: < <http://ybyyau.blogspot.com/2010/06/yby-yauenses-molestos-por-atropello-la.html>>. Acesso em 09 de março de 2012 às 19h08min.

GLAUSER, Marcos. *Extranjerización del Territorio Paraguayo*. 1ªEd. Asunción: BASE IS, 2009.

GOETTERT, Jones Dari. Paradoxos do Lugar Mundo: Brasileiros e Identidades. In: SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro de (Orgs.). 1ªEd. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migração no Oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HAESBAERT, Rogério. *A noção de rede regional: reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil*. Revista Território, Ano III, Nº 04, jan/jul. 1998.

_____. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. *Territórios Alternativos*. Niterói: EdUFF, 2002.

_____. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy. *Por uma nova regionalização?* São Paulo: Max Limonad, 2004.

_____. Migração e Desterritorialização. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste*. Niterói: EdUFF, 2007.

_____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LACLAU, E. *New Reflections on the Resolution of our Time*. Londres: Verso, 1990.

- LAINO, D. *Paraguai: fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global, 1979.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MACHADO, Lia; HAESBAERT, Rogério *et al.* O desenvolvimento da Faixa de Fronteira – uma proposta conceitual metodológica. IN: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). *Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2005.
- MARTINS, José de Souza. *Não há terra para se plantar neste verão*. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- MENEZES, Marilda Aparecida. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. João Pessoa, PB: EDUEPB, 2002.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Programa de Regularização Migratória Brasil-Paraguai*. Nota Nº 540. Disponível em: < <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/programa-de-regularizacao-migratoria-brasil-paraguai> >. Acesso em 02 de Fevereiro de 2012 às 19h27min.
- MINISTERIO DEL INTERIOR. *Mision Institucional*. Disponível em: < http://www.mdi.gov.py/mdi_v1/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=102&Itemid=3 >. Acesso em 02 de Fevereiro de 2012 às 18h25min.
- MONDARDO, Marcos Leandro. *Os períodos das migrações: territórios e identidades em Francisco Beltrão/PR*. Dissertação de Mestrado. Dourados: PPGG-UFGD, 2009.
- MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- MOREIRA, Ruy. *Sociabilidade e Espaço: (As formas de organização geográfica das sociedades na era da Terceira Revolução Industrial- um estudo de tendências)*. Revista AGRÁRIA, São Paulo, Nº 2, pp. 93-108, 2005.
- MÜLLER, Geraldo. *Complexo agroindustrial e modernização agrária*. São Paulo: Hucitec; EdUSP, 1989.

NICKSON, Andrew. Colonización Brasileira en la Región oriental del Paraguay. In: FOGEL, R; RIQUELME, M. *Enclave Sojero*, merma de soberanía y pobreza. Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005.

_____. *El Régimen de Stroessner*. In: TELESCA, Ignacio. Historia del Paraguay. Asunción: Taurus Historia, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Modo capitalista de produção e agricultura*. 4º ed. São Paulo: Ática, 1995.

PARAGUAY. *Constitución Nacional de la República del Paraguay*, Asunción 20 de junho de 1992.

_____. Ley N°978 de 11 de noviembre de 1996. Sobre la Inmigración. *Digesto Normativo de Migraciones*. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/64089828/digesto-migraciones-2010>> Acesso em 14 de Fevereiro de 2012 às 14h09min.

PETER, L. Berger, e BRIGITTE, Berger. *Sociology. A Biographical Approach*, 2ª Ed. Basic Books, Inc. Nova York, p. 49-69. Tradução de Richard Paul Neto, 1975.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIQUELME, Marcial Antonio. Migrações Brasileiras no Paraguai. In OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: EdUFMS, 2005.

RIPPEL, R. *Aceleração e esgotamento da ocupação populacional de uma fronteira: o caso do oeste do Paraná uma análise de 1940 a 2000*. (Apresentação oral). 2005. UNIOESTE/Paraná. Disponível em:< <http://www.sober.org.br/palestra/6/511.pdf>>. Acesso em 03 de Abril de 2011 às 22h54min.

ROGGIO PARAGUAY. Comunicación Vial. *Recapado de la Ruta N° 5 “Gral. Bernardino Caballero” Tramo: Yby Yajú, km. 179*. Disponível em:< http://www.roggio.com.py/areas/a_comunicacion_esp.php>. Acesso em 06de junho de 2011 às 09h16min.

SACK, R. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. 2ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1980.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida; SILVEIRA, Maria Laura (org.) *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico - científico - informacional*. 4ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. O dinheiro e o território. In SANTOS, Milton ; BECKER, Berta *et al.* *Território, Territórios - Ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. Entender a produção do espaço geográfico para compreender o território. In: SPOSITO, E (org.). *Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática*. Presidente Prudente/ SP: FCT/UNESP/ GAsPERR, 2005.

_____. Estudos Territoriais: os conceitos de território e territorialidade como orientação para uma pesquisa científica. In: FRAGA, Nilson Cesar. *Territórios e Fronteiras – (re) arranjos e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SECRETARIA DE DESARROLLO PARA REPATRIADOS Y REFUGIADOS CONNACIONALES. *Ley N° 978/06 de Migraciones*. Disponível em: <http://www.repatriados.gov.py/files/ley_n_978.pdf> Acesso em: 04 de Abril de 2011 às 23h30min.

SILVA, José Graziano da. *A Modernização Dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

SOUCHAUD, Sylvain. Dinámica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: una organización del territorio al estilo brasileño. In: FOGEL, R; RIQUELME, M. *Enclave Sojero, merma de soberanía y pobreza*. Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005.

_____. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción: UNFPA/ ADEPO, 2007.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da C. e CORRÊA, Roberto L. (Org.). *Geografia: Conceitos e Temas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SPRANDEL, Márcia Anita. Brasileiros de além-fronteira: Paraguai. In: *O fenômeno migratório no terceiro milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VÁZQUEZ, Fabricio. *Territorio e Población: Nuevas Dinámicas Regionales en el Paraguay*. 1º Ed. Asunción: ADEPO, 2006.

_____. Las nuevas regiones. In: TELESCA, Ignacio. *Historia del Paraguay*. Asunción: Taurus Historia, 2010.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: Homens sem Pátria*. 1º Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *O país-bandido: crime tipo exportação*. Porto Alegre: RBN, 2003.

ZAAR, Miriam H. A migração Rural no Oeste Paranaense/ Brasil: A trajetória dos Brasiguaios. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, Nº 94(88), 1 de agosto de 2001.

ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO Giovanni (Orgs.). *Emigrantes brasileiros no Paraguai – presença scalabriana*. Porto Alegre: Solidus, 2007.

ANEXO**Ley N° 1100/1984****“Que dispõe da criação da cidade de Yby Yauú”****“Cincuentenario de la Defensa del Chaco”****PODER LEGISLATIVO****LEY N° 1100/1984****QUE CREA EL DISTRITO DE YBY-YAU, DEL DEPARTAMENTO DE CONCEPCIÓN Y UNA MUNICIPALIDAD DE TERCERA CATEGORÍA****EL CONGRESO DE LA NACIÓN PARAGUAYA SANCIONA CON FUERZA DE****LEY:****Art. 1º.-** Créase el Distrito de Yby-Yau, del Departamento de Concepción, con los siguientes límites:

LIMITE NORTE: Línea 1-2: El Río Aquidabán desde la confluencia con el Arroyo Negla, punto donde se halla ubicado el mojón N° 1, hasta la desembocadura del Arroyo Yby-Yau. En este último lugar se encuentra ubicado el mojón N° 2, mide en línea recta 14.500 mts.

El Río Aquidabán es el límite natural entre el Dpto. de Concepción distrito al cual pertenece y el Dpto. de Amambay.

Línea 2-3: El Río Aquidabán, desde el mojón N° 2, hasta el mojón n| 3, ubicado en la desembocadura del Arroyo Tranquerita.

En línea recta mide entre estos dos puntos 16.700 mts.

Línea 3-4: El río Aquidabán, desde el mojón N° 3 hasta el N° 4, ubicado este último en la desembocadura el Arroyo Guazú. Mide en línea 22.250 mts.

LINEA ESTE: Línea 4-5: Una línea imaginaria que parte desde la desembocadura del Arroyo Guazú, en el Río Aquidabán, hasta el Río Ypané. Esta Línea sigue un rumbo magnético S-15° 05' 00" E, mide 44.500 mts.

Esta línea separa el al Dpto. de Concepción del Dpto. de Amambay.

Línea 5-6: El Río Ypané, desde el mojón N° 4 hasta la desembocadura del Arroyo Mbocayá, lugar en donde está ubicado el mojón n° 6. En línea recta mide 27.500 mts.

El Río Ypané es el límite natural entre los Dptos. de Concepción y Amambay.

LIMITE SUR: Línea 6-7: Desde la desembocadura del Arroyo Mbocayá hasta su nacimiento, lugar en que está ubicado el mojón N° 7. el límite natural entre los distritos de Horqueta e Yby-Yaú es el nombrado Arroyo. Mide en línea recta, desde el mojón N° 6 al mojón N° 7, 7.500 mts.

Línea 7-8: Una línea imaginaria con rumbo magnético N-80° 00'00" W., mide 11.200 mts. Esta línea parte de la nacimiento del Arroyo Mbocayá, hasta la nacimiento del Arroyo Guaireño, lugar en que está ubicado el mojón N° 8. Esta línea limita a Horqueta de Yby-Yaú y mide en línea recta 11.200 mts.

Línea 8-9: El Arroyo Guaireño desde su nacimiento hasta el cruce de la Ruta N° 3. Lugar en donde está ubicado el mojón N° 9. Mide en línea recta 5.700 mts.

LIMITE OESTE: Línea 9-10: La Ruta 3 desde el lugar por donde cruza el Arroyo Guaireño, hasta el cruce del Arroyo Pasito, punto Este, en donde está ubicado el mojón N° 10. Mide en línea recta 14.600 mts.

Línea 10-11: El Arroyo Pasito, desde el cruce con la ruta N° 3 hasta su desembocadura en el Arroyo Caagatá. Mide en línea recta 3.400 mts.

Línea 11-12: El Arroyo Caagatá, desde la confluencia con el Arroyo Pasito, hasta un recodo, por donde cruza un camino vecinal

que parte hacia la compañía Tapytanguá. Mide en línea recta 2.000 mts.

Línea 12-13: Una línea imaginaria con rumbo magnético N-27° 03' 00'' W, mide en línea recta 7.800 mts. Esta línea parte del mojón N° 12, hasta terminar en la naciente del Arroyo Tapytanguá. Lugar en que está ubicado el mojón N° 13.

Línea 13-14: El Arroyo Tapytanguá, desde su naciente hasta su desembocadura de un arroyito intermitente. Lugar en donde está ubicado el mojón N° 14. Mide en línea recta 9.000 mts. El Arroyo Tapytanguá es el límite natural entre los distritos de Yby-Yaú y Horqueta.

Línea 14-15: El Arroyo Tapytanguá, desde el mojón N° 14 hasta su confluencia con el Arroyo de Oro, lugar en donde está ubicado el mojón N° 15. Mide en línea recta 2.000 mts.

Línea 15-16: El Arroyo de Oro, desde su confluencia con el Arroyo Tapytanguá, hasta su desembocadura en el Río Aquidabán. Mide en línea recta 2.850 mts

Línea 16-1: El Río Ypané desde la desembocadura del Arroyo de Oro, hasta la desembocadura del Arroyo Negla. Lugar en donde está ubicado el mojón N° 1.

SUPERFICIE: Según cálculo planimétrico el distrito de Yby-Yaú tiene una superficie de 259.716 Has. El Distrito de Horqueta, del cual se desprende queda con una superficie de 295.024 Has. Diferencia a favor de Horqueta de 35.308 Has.

Art. 2°.- Créase una Municipalidad de Tercera Categoría en el Distrito creado por el Art. 1° de esta Ley.

Art. 3°.- Comuníquese al Poder Ejecutivo.

DADA EN LA SALA DE SESIONES DEL CONGRESO NACIONAL A LOS CATORCE DIAS DEL MES DE DICIEMBRE DEL AÑO UN MIL NOVECIENTOS OCHENTA Y CUATRO.

**J. AUGUSTO SALDIVAR
CHAVES**
PRESIDENTE CAMARA DE DIPUTADOS
SENADORES

JUAN RAMON
PRESIDENTE CÁMARA DE

**RUBEN O. FANEGO
MASULLI G.**
SECRETARIO PARLAMENTARIO

JUAN CARLOS
SECRETARIO

Asunción, 20 de Diciembre de 1984

**TENGASE POR LEY DE LA REPUBLICA, PUBLIQUESE E INSERTESE EN EL
REGISTRO OFICIAL.**

**SABINO A. MONTANARO
STROESSNER**
MINISTRO DEL INTERIOR

GRAL. DE EJERCITO ALFREDO
PRESIDENTE DE LA REPUBLICA